

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

CAIO BRUNO SILVA DO CARMO

UMA TRAVESSIA DA EXPERIÊNCIA ALTER.NATIVA EM TERESINA

TERESINA
2017

CAIO BRUNO SILVA DO CARMO

UMA TRAVESSIA DA EXPERIÊNCIA ALTER.NATIVA EM TERESINA

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Piauí como requisito para obtenção do diploma de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPG-ANT).

Orientação: Prof. Dr. Alejandro Raul Gonzalez Labale.

TERESINA
2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

C287t Carmo, Caio Bruno Silva do.
A travessia da experiência alter.nativa em Teresina / Caio Bruno Silva do Carmo. – 2018.
235 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Alejandro Raul Gonzalez Labale.

CAIO BRUNO SILVA DO CARMO

A TRAVESSIA DA EXPERIÊNCIA ALTER.NATIVA EM TERESINA

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Piauí como requisito para obtenção do diploma de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt).

Orientação: Prof. Dr. Alejandro Raul Gonzalez Labale.

Aprovada em: 07/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alejandro Raul Gonzalez Labale
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Presidente

Prof.ª Dr.ª Márcia Leila de Castro Pereira
Universidade Federal do Piauí – UFPI/PPGAnt
Membro Interno

Prof. Dr. João Batista de Menezes Bittencourt
Universidade Federal de Alagoas – UFAL/ICS
Membro Externo

Ao Deus Macaco.

I'm in savage mode (woah).
21 Savage

Escrever é um ato de coragem e humildade.
João Antônio

AGRADECIMENTOS

Agradeço muitíssimo a todos aqueles que ajudaram, aos que foram compreensivos e aos que não atrapalharam. Um forte abraço.

RESUMO

O presente trabalho é um experimento e tem como objetivo etnografar a experiência e as diferenças dos sujeitos actantes da cena alternativa da cidade de Teresina. Usando a antropologia simétrica e o pós-estruturalismo como bases teóricas, a pesquisa se localiza dentro de um universo contemporâneo dos estudos urbanos em cidades modernas, onde as diferenças, os afetos, as singularidades e os processos de subjetivação (e dessubjetivação) são geracionais na constituição de qualquer que seja a manifestação social analisada. Como metodologia o trabalho se valerá do uso da própria posição do pesquisador que é também um observado e usará de recursos audiovisuais estéticos como ferramentas de produção de biopolítica e sensações.

Palavras-chave: Antropologia contemporânea. Cidade. Modernidade. Subjetividade. Diferença.

ABSTRACT

The present work is an experiment and aims to ethnography the experience and the differences of the active subjects in the alternative scene in the city of Teresina. Using the symmetrical anthropology and the post-structuralism as theoretical basis, the research is located inside a contemporary universe of urban studies in modern cities, where the differences, the affects, the singularities and the processes of subjectivation (and desubjectivation) are generational in the constitution of whatever is the social expression analyzed. As working methodology, will be used the researcher's position who is also an observer and will use aesthetic audiovisual aids as production tools of biopolitics and feelings.

Keywords: Contemporary anthropology. City. Modernity. Subjectivity. Difference.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – THE EXPLANATION..... 9
1 UM EXPERIMENTO E UM OUTRO: A TRAVESSIA ETNOGRÁFICA INTERIOR..... 20
1.1 O alternativo e a antropologia..... 23
1.2 O outro: o nativo na modernidade antropológica..... 29
1.3 O conceito de alternatividade hoje (e ontem)..... 39
1.4 A cidade, as cenas e a diferença..... 43
1.5 Diferentes alternativos: uma etnografia da subjetividade e da experiência..... 54
2 ESTRANHOS NO PARAÍSO, SAMURAIS DO GUETO, VAMPIROS BECKTTIANOS E POETAS QUE DIRIGEM ÔNIBUS: INTERLÚDIO DE UMA VIDA ALTERNATIVA..... 62
2.1 A alternatividade em Jim Jarmusch..... 70
2.2 Notas musicais sobre o alternativo..... 76
2.3 Notas históricas sobre os tipos alternativos..... 82
3 A ALTERNATIVIDADE DE TEREHELL ETNOGRAFADA AQUI (E AGORA)..... 86
3.1 Algumas notas sobre o percurso etnográfico..... 95
3.2 Terehell, a cidade na perspectiva alternativa..... 103
3.3 Mais algumas notas sobre o percurso etnográfico..... 110
3.4 Uma etnografia da alternatividade que se repete..... 114
3.5 Os encontros, os lugares, a experiência biopolítica e o corpo alternativo..... 175
3.6 Um fim e a continuação de tudo..... 207
4 O RITUAL DO DESCANSO: A DEFESA DA DISSERTAÇÃO……...
…….214
CONSIDERAÇÕES INICIAIS……...225
REFERÊNCIAS ALTERNATIVAS..... 229
REFERÊNCIAS..... 230

INTRODUÇÃO – THE EXPLANATION

Esta introdução foi a parte mais difícil de escrever de todas as 160 páginas. O trecho que mais demorou para ser escrito. Uma introdução é o pedaço mais formal de qualquer trabalho acadêmico, onde se precisa apresentar e explicar detalhadamente os motivos e as justificativas (que muitas vezes chegam ao final provocando mais dúvidas do que certezas sobre tais variáveis) a respeito da sua pesquisa. O que para mim sempre constituiu uma dificuldade: ser claro demais, direto. Além disso, tampouco me lembro de introduções que foram marcantes para mim enquanto leituras. Geralmente elas são dolorosas. Muitas vezes eu as pulo. Ainda hoje. Continuo na busca por ler alguma introdução que me atravesse a ponto de modificar meu corpo e minhas convicções, a ponto de me sentir arrebatado de alguma forma. A maioria dos livros não as tem, começam de forma direta. Sem rodeios, sem pedir licença. Pelo menos os que até agora foram marcantes para mim.

Ainda assim, seguindo o protocolo, já que estou falando aqui de um documento formal, institucional, sou obrigado a fazê-la. Sem dramas maiores. E admito seu valor informativo. É extremamente necessária. Mas não foi fácil. Escrevi, reescrevi e apaguei várias vezes. Para mim nunca foi fácil falar de forma introdutória sobre o que estava pesquisando. Nunca foi fácil falar de qualquer forma que seja. Além disso, a falta de referências já dita foi crucial. Sem ter no que me espelhar, me inspirar, sem ter o que admirar, escrever esta se tornou um desafio. Daí toda a angústia. Acabou que tive de procurar tal referência em outro universo que não o dos textos acadêmicos. Essa, por sinal, é uma prática recorrente neste texto. E parti de questões básicas. Como as pessoas explicam o que criam? Como apresentar uma criação? Um texto sobre algo? Estas foram as perguntas que habitaram minha cabeça por um tempo, enquanto pensava em como começar.

A reposta obtive via música (que aliás é uma constante durante todo o trabalho, eu o enxergo como um trabalho musical, com cadência, silêncio, harmonia e ruído). Mais especificamente no rap (que também tem uma participação ativa na construção do trabalho). Em agosto de 2017, um rapper americano de 19 anos chamado XXXTentacion lançou um disco, seu disco de estreia. Já era um debut esperado (intitulado *17*) pelos fãs e por parte da crítica especializada, uma vez que Tentacion tem certo nome da mídia, não só com relação à sua atuação artística como também por causa de uma série de graves problemas com a justiça norte-americana. Quando o disco saiu, uma surpresa: não era exatamente um álbum de rap. Tratava-se de uma obra complexa, apesar de curta (apenas 30 minutos). Pequenas canções em que Tentacion performa como um cantor de folk, às vezes no piano, às vezes no violão. Às

vezes as faixas se parecem um beat de rap. Além da forma sonora dissidente, as letras também fogem do esteriótipo gangster comum no gênero do rapper. Sem falar exatamente de dinheiro, de ambição ou luta pela vida, o jovem da Flórida foca a lírica no seu eu mais frágil, deixando à mostra todos os seus problemas e muitos de seus descompassos mentais. Tudo como se ele estivesse fazendo uma confissão sussurrada e solitária. Chocante e bonito. Simples e singular.

Mas o que me chamou atenção mesmo foi a primeira faixa do disco: "The Explanation". Nela, como o nome já sugere, XXX, em trinta segundos de áudio, curto e grosso, expõe os motivos que o levaram a escrever e produzir um disco de estreia na forma que escolheu. Ele começa falando a respeito do nome do disco: "17 / minha coleção de pesadelos, pensamentos e situações reais que vivi / 17 é o número tatuado no lado direito da minha cabeça / meu próprio número pessoal / futuramente a ser explicado em entrevistas e outras situações" (tradução minha). Ele continua com uma mensagem direta ao ouvinte do disco: "Ao ouvir este álbum, você está literalmente, e não posso enfatizar isso o suficiente, entrando em minha mente / E se você não está disposto a aceitar minha emoção e ouvir minhas palavras completamente, não escute / eu não valorizo seu dinheiro, eu valorizo sua aceitação e lealdade" (tradução minha). E aí ele finaliza a introdução explanando motivos que o fazem criar música: "Aqui está minha dor e pensamentos colocados em palavras / Coloco tudo de mim nisso, na esperança de que ajude a curar ou, pelo menos, adormecer sua depressão / eu te amo / obrigado por ouvir / aprecie".

Quando ouvi essas palavras pela primeira vez, tive o estalo. O que precisava fazer para escrever a minha introdução era tratá-la como XXXTentation fez ao optar por colocar "The Explanation" no começo do disco. E é exatamente por isso que comecei falando da dificuldade compulsória que me acompanhou na tentativa de escrevê-la. Colocar um tom pessoal, admitir muitas fraquezas, algumas potências e escrever tendo a intensidade como mote, mesmo que algumas vezes a lentidão seja inevitável. Assim aprendi com Deleuze e Guattari na abertura d'*O Anti-Édipo*: "É em intensidade que é preciso interpretar tudo". Não consigo pensar de outra forma senão na velocidade que Tentacion imprimiu aos seus pensamentos, à sua música. Acredito que uma espécie de juventude selvagem rapper também acompanha todo o texto. Aliás, essa é talvez a principal característica da minha pesquisa. E de onde saem os principais defeitos e qualidades. Esta introdução é a minha "The Explanation". É de peito (e crânio) aberto que confesso que o texto inteiro tem uma força juvenil, presente em muitos trabalhos acadêmicos de primeira viagem. Uma sede por singularidade. E não sei as consequências disso, inclusive. É uma travessia, assim como *17* do Tentacion também é.

Só hoje, após escrevê-lo por “completo”, deixando a introdução como parte derradeira no processo, é que consigo enxergar dessa forma. Um estado d’arte. Considero que mais do que dar chance de fala (um dos principais objetivos da atividade antropológica) a infinitos estilos de vida possíveis, esta dissertação de mestrado se dirige diretamente (e principalmente) a meus pares de academia científica. Uma vez que a intensidade não parece ser uma das principais características do universo acadêmico hoje. Sentimento que me perfurou muitas vezes durante minha travessia. Não à toa, minhas principais inspirações para redigir foram os livros *A África fantasma* de Michel Lleris e *A queda do céu* de David Kopenawa. Resguardada as diferenças, cada um à sua forma, ambos livros torcem numa direção indistinta os conceitos mais padronizados de experiência antropológica e crítica etnográfica. Lleris no contato com a literatura e Kopenawa na cosmologia outra, de fora, no duro relato de um nativo. É um risco assumido, eu sei. Mas prefiro assim.

Mas antes de falar da pesquisa em si, contudo, é preciso falar, assim como o próprio XXXTentacion optou e fez, de um pouco da minha trajetória e o que me fez escolher sobre o que escrevo agora. É preciso falar sobre como todas as ideias surgiram e tomaram consistência, sobre como meu problema de pesquisa emergiu, como lidei previamente com meu campo, qual caminho epistemológico segui, até tomar a decisão de criar esta dissertação experimental, tendo a intensidade como chave de leitura.

Olhar. Observar. Olhar, observar. Analisar. Essas variáveis são uma constante na minha vida. Desde muito cedo, ainda quando criança (tenho vinte e oito anos hoje, o que poderíamos chamar de jovem adulto). Na época eu passava mais tempo sentado escrevendo o que via num diário pessoal do que jogando bola, por exemplo. Muito por causa dos repetidos problemas de saúde que tinha. Na adolescência, descobri o mundo da literatura, do cinema e dos videogames. Das memórias mais fortes desse período são sobre os repetitivos finais de semana indo à locadora de vídeo alugar todos os filmes possíveis. Aluga dois e leva o terceiro de brinde, uma felicidade. Me impressionava a capacidade que todos aqueles “autores” (na época para mim apenas “fazedores de filmes”) tinham de observar e apreender o mundo ao redor deles. Era mágica, acreditava. A curiosidade pelo conhecimento e o desejo de observar me levaram, agora já na universidade, a seguir pelo caminho da pesquisa e das ciências sociais aplicadas. Primeiro na Comunicação Social, curso de graduação que escolhi meio às cegas, mas que logo me vi tranquilizado ao participar de pesquisas de iniciação científica a partir do terceiro período. Lá, escrevi uma etnografia como trabalho de conclusão de curso sobre as bandas de heavy metal e os *headbangers* da cidade de Teresina. Agora, já na

antropologia (disciplina na qual finalizo o mestrado), a mais "radical" das práticas de observação, eu diria, me apaixonei prontamente pelo estudo de outras culturas, de pessoas totalmente diferentes de nós mesmos (às vezes nós mesmos). Olhá-las. Observá-las. Olhá-las, observá-las. Analisá-las. Entendê-las. Ou não. Franz Boas, importante antropólogo pioneiro, conhecido por defender acima de tudo o respeito entre os povos, tem uma bonita fala sobre suas primeiras expedições e tentativas de contato com pessoas totalmente diferentes dele próprio:

> Frequentemente me pergunto que vantagens nossa 'boa sociedade' possui sobre aquela dos 'selvagens' e descubro, quanto mais vejo de seus costumes, que não temos o direito de olhá-los de cima para baixo. Onde nosso povo poderia encontrar hospitalidade tão verdadeira quanto aqui? ...Nós, 'pessoas altamente educadas', somos muito piores relativamente falando. Creio que, se esta viagem tem para mim (como ser pensante) uma influência valiosa, ela reside no fortalecimento do ponto de vista da relatividade de toda formação, e que maldade, nem como valor de uma pessoa, residem na formação do coração, que eu encontro, ou não, tanto aqui quanto entre nós

Acontece que ainda assim, esse binômio eu-outro, e a própria necessidade de observação constante, me pareceram confusos e insatisfatórios. Hoje já sei que a própria antropologia problematiza tais pontos quase que permanentemente (esta dissertação é fruto de tal tensão, inclusive). Atravessado por essas linhas de vontade e sentimento, entre a ânsia constante de contar minha própria história e observar aquilo denominado outro, nasceu o meu projeto aprovado para o mestrado em antropologia na Universidade Federal do Piauí. Quando comecei a escrevê-lo, mesmo sendo de uma área que não as ciências sociais/antropologia, já tinha uma noção rasa das várias questões que pairavam sobre a história das atividades científicas ocidentais no mundo. Devido meu desejo de fazer etnografia enquanto graduando em comunicação social, já conhecia algum ou outro texto sobre o culturalismo de Boas e a cultura semiótica de Geertz, por exemplo.

Antes de ser aprovado na seleção do mestrado, havia cursado uma disciplina de Antropologia Contemporânea do PPG em caráter especial. Na ocasião, li e discuti livremente (fato muito importante) sobre a atividade antropológica nos dias de hoje. Foi uma viagem sem roteiro prévio. Passamos por ideias clássicas de sociedade em Durkheim, conhecemos a bonita antropologia da invenção de Roy Wagner, nos debruçamos na filosofia proto-linguística de Giorgio Agamben e desembocamos nos conceitos de antropologia reflexiva de Christian Ghasarian. Então, quando comecei a pensar em um problema de pesquisa, levei comigo toda essa carga biográfica, afetiva e autorreflexiva que carrego desde tempos de locação de VHS nos finais de semana.

De todas as experiências e inquietudes produzidas no decorrer da disciplina de antropologia contemporânea, uma me marcou de modo crucial. Bruno Latour, antropólogo e filósofo francês, falando sobre o Brasil, dizendo que nós brasileiros devíamos nos estudar insistentemente, criar nossas próprias categorias de análise e conceitos explicativos. Éramos singulares, ele defendia em entrevista, e essa singularidade deveria desembocar na construção de uma ciência nossa. Essa ideia predominou, fixou-se em mim, e dela surgiu minha proposta inicial de projeto de mestrado. O problema era simples. Uma pergunta curta: "Afinal, o que é ser alternativo em Teresina?".

É uma pergunta que envolve a princípio uma inquietação pessoal. Como já disse alguns parágrafos atrás, ainda adolescente adquiri gostos por artes e entretenimento em geral. O caminho natural foi aprender a tocar instrumentos musicais, fotografar e estar presente nas rodinhas juvenis artísticas da cidade. Comecei tocando contrabaixo em uma banda de heavy metal. Aprendi a fotografar já na faculdade e participei de exposições em alguns coletivos artísticos. Hoje toco numa banda de rock instrumental experimental (de pós-rock) com "relativa atividade", faço discotecagem de *black music* e organizo bailes independentes. Por causa dessa trajetória, ganhei a alcunha de "alternativo", em Teresina.

De fato, não só eu, todo um grupo de pessoas que compartilham uma série de hábitos e gostos em comum, semelhantes aos meus, compunham o que passei a chamar de cena alternativa local. Tudo que aparentemente passa ao largo do que é produzido em grande escala, do que é normatizado ou colocado como comum. Discurso esse muito vivo nas próprias palavras dos interlocutores da dita cena, mesmo que de forma contraditória e não tão fechada como aparenta ser. Assim me disse uma vez Fernando Castelo Branco numa das nossas conversas sobre a tal cena:

> Por 'cena musical independente/alternativa' sempre entendi como uma coisa que passa ao largo de massificação, algo com mais qualidade que propriamente com massificação de imagem de 'produto'. Algo que pudesse existir por seus próprios meios (produção, divulgação, circulação, ocupação, etc) sem estar atrelado a suprir uma necessidade de mercado, isso dependendo de colocar a mão na massa você mesmo na maioria das vezes.

Trata-se de uma categoria nativa, invisível, descontínua e que foi o ponto de partida para construção do meu projeto de pesquisa inicial.

A princípio, o objetivo era fazer um estudo "padrão" sobre tal cena. Ainda que os questionamentos iniciais tenham sido de cunho pessoal, parti do pressuposto de que aquele grupo urbano tinha uma lógica razoável a ser entendida, com caracteres identitários semidefinidos e com uma atividade geograficamente fixa. Acontece que depois das primeiras

idas a campo como pesquisador (esse momento é uma espécie de rito de passagem para os antropólogos, comigo não foi diferente), a situação mudou quase que completamente de figura. Apesar da minha experiência dentro da cena alternativa como "actante" (termo de Bruno Latour que significa um corpo social além da dimensão humana) anterior à formalização da pesquisa de campo, o que me apareceu como dado etnográfico foi algo para além do minimamente esperado. Fato que causou desconforto latente.

A primeira das pequenas conclusões que mudaram o rumo da pesquisa foi o fato de que o grupo alternativo tal qual eu imaginava não existia enquanto organismo palpável, facilmente etiquetável. Não é possível definir uma cena alternativa única porque ela opera como uma besta voadora indomável, uma nuvem sem fronteiras definidas que paira sobre as pessoas, precipita vez ou outra e logo se dispersa. É por isso que ir de encontro ao encontro, no coletivo, se tornou a minha principal prática metodológica. E também por isso que a experiência emergiu como a minha possibilidade etnográfica. No caso, era necessário pensar o alternativo apenas enquanto processo, não dialético e experimental.

Aquela cena tal qual imaginava não se resumia a pessoas que gostavam de um só gênero musical, por exemplo, era algo muito mais difuso do que pensava, embora a consistência existisse. Uma dupla chave. Comecei a considerar que o grupo alternativo só existe enquanto coletivo, quando as pessoas se encontram (numa festa, numa ocupação urbana, em um bar ou em protestos), dividem afetos, manifestações estéticas e políticas e aí... se esvaem. Passei a pensar que o importante para entender esse universo alternativo contingencialmente atualizável é o fato de que todo o poderio da pesquisa se dava na possibilidade de entender tudo enquanto processo de subjetivação constante e variável, sem inícios e nem fins. Uma experiência. Ser alternativo é como ser tocado temporariamente por um dispositivo que te transforma numa espécie de estado da arte, processo.

Os próprios ditos "integrantes" do meio não se identificam entre si ou pouco se auto intitulam como tal, eles apenas existem, ainda que a categoria esteja presente pela perspectiva do senso comum de forma razoavelmente homogênea. Aliás, outro dado importante reside no fato de que o que une esses mesmos membros é a diferença e não a semelhança, contrariando toda uma tradição de estudos antropológicos sobre a cidade e os coletivos urbanos. A máquina alternativa urbana teresinense "funciona" da seguinte forma: as engrenagens são diferentes, dentadas de formas desigual, mas em determinado momento do giro elas coincidem, se encaixam, produzem energia e, logo, desfazem. E assim sucessivamente. A diferença e a multiplicidade então ocupam um lugar de extrema importância teórica e etnográfica dentro da

pesquisa. Tomo como exemplo uma das várias ocupações/festas/manifestações que acontecem na cidade atualmente. É praticamente impossível definir um público de um acontecimento desses. A maioria dos "entendidos" (termo usado por Nestor Perlongher em 1987) chama a organização de "alternativos". Mas mesmo essa denominação é por demais genérica e não revela muito sobre as pessoas que frequentam as ocupações. Numa caminhada rápida pelo local, é possível perceber como o público é formado por várias pequenas outras tribos (punks, travestis, ravers e hipsters, por exemplo) e mais um mar de gente que não se enquadra em nada, ou se enquadra em dois dos grupos pequenos ou se enquadra em todos. E isso se repete, gerando diferença.

O interessante é que ainda assim, naquele momento, naquele acontecimento, o coletivo funciona e todos vivem como se fossem um grupo só. Arrisco dizer que se existe uma noção próxima do conceito de alteridade, um acontecimento desses esteja perto do imaginado. A diferença, ainda que o coletivo pareça bastante homogêneo, é o que funciona como motor geracional. É por isso que acabei optando por não fazer, por exemplo, nenhum recorte empírico mais delimitado ou específico. Arrisquei colocar como objeto a cidade como um todo, necessidade que surgiu aos poucos, tendo apenas a minha experiência (e subjetividade) como fino fio condutor. Por último, não menos importante e de forma totalmente consequente, posso concluir que as manifestações estéticas, corporais, políticas dessa cena são caracterizadas por dois pontos específicos.

O primeiro é que todo o universo é indissociável. Separar em categorias não contempla a complexidade do fenômeno. Tento evitar isso ao máximo no decorrer do texto. Não é possível falar dos aspectos festivos de entretenimento, sem falar da preocupação com artes, por exemplo, das intenções políticas sem citar economia criativa e ou/ falar de imagem sem falar de som. Muito por isso o pensamento infinitesimal monadológico de Gabriel Tarde é tão importante para a pesquisa. É uma forma de enxergar o todo social de modo distinto do padrão sociológico estabelecido até os dias atuais. Assim, diante de tantos achados inesperados, como falar de todo esse mundo difuso, dinâmico e ágil, voltado para a diferença, apenas com as palavras tradicionais de uma dissertação de mestrado?

Foi nesse momento que, parafraseando de novo Deleuze e Guattari, a "dobra" da pesquisa aconteceu. A saída mais sensata foi fazer da própria dissertação um objeto alternativo. Se a "experiência" (aqui *A experiência interior* de Georges Bataille me é muito importante) é a principal variável etnográfica de um tipo de agrupamento urbano, nada mais justo do que fazer da própria dissertação sobre eles uma experiência propositalmente

alternativa, agenciando diferença, política, intensidade, resistência, insistência, arte e multiplicidade estético-política. A saída encontrada por mim foi então me vestir do máximo de referências e inspirações possíveis para criar esta dissertação de caráter experimental, fazendo-a um próprio objetivo alternativo, principalmente para os meus pares de academia científica. Vale lembrar e ressaltar insistentemente que se trata de uma escolha, uma alternatividade é uma escolha possível, dentre muitas virtualidades atualizáveis. Optar pelo modelo estético-político que vou explicar logo em seguida é uma escolha, poderia sim ser diferente, toda alternatividade é possível. E real. Claro, como toda preocupação possível, sem cair nas espirais de ego que todo subjetivismo pode causar.

Como você verá, a dissertação é dividida esteticamente em três partes distintas (que vou chamar também de trilhas, pois funcionam como faixas de música, de um disco, com caminhos traçados sem início, nem fim e diferentes entre si): uma trilha de texto, outra de imagem e uma de som (assim como o tríptico guattariano). O leitor poderá optar por qualquer uma das trilhas ou as três ao mesmo tempo. A trilha de imagem é totalmente independente do texto, embora seja indissociável do mesmo. Ao contrário da grande maioria dos textos acadêmicos onde a imagem funciona apenas para representar algo dito no texto, a trilha de imagem terá sua narrativa própria, poderá ser lida sozinha. Ela também não tem nenhuma relação com a existência de significados formais ou imediatos. Ela traz algumas imagens minhas e de artistas visuais que foram interlocutores da pesquisa. Optei por seguir a lógica da colagem, do zine, subvertendo semióticas, tornando-as heterogêneas, tendo como principal (porém não única) inspiração a bricolagem lévi-straussiana. A intenção primeira (não é uma presunção) é produzir presença, sensibilidade e a afetação que os espaços alternativos também produzem. É impossível pensá-los sem considerar os aspectos estéticos visuais, e o universo das imagens é indomável, recortado, muitas vezes não significando coisa alguma, embora estejam lá presentes.

Junto da dissertação física vem a trilha sonora (que também será disponibilizada livremente para download assim como os pdfs do texto/imagem). O som é o aspecto mais agregador de qualquer cena ou tribo urbana. É uma forma de expressão imediata. Não existe uma festa ou ritual sem manifestação sonora. A trilha se faz necessária, ela é a atmosfera, o ar que circula na nuvem alternativa. Mesmo uma manifestação de rua é envolta por uma trilha sonora. A trilha é um *continuum* e resolvi seguir a pragmática do DJ (que é também uma atividade minha, uma vez que toda a etnografia da alternatividade é atravessada também pela minha experiência de pesquisador/alternativo), que toca sem intervalos, com efeitos,

misturando estilos, procurando mover corpos e suspender a ordem. Ela também foi produzida para ser "lida/ouvida" ao prazer de quem a consome, independente ou não da imagem e do texto. Resolvi optar por um set musical que envolve só música *black music*. O motivo é presentista. Como trabalho com uma ideia de presente etnográfico, hoje a cultura *black* e os signos do movimento juvenil contemporâneo se mostram globalmente como os principais agenciadores dos fluxos de capital e afetos das culturas juvenis, alternativas e urbanas. Guattari, como um mago do mundo, já tinha previsto este acontecimento, inclusive.

Por último, vem a trilha de texto. Serão três capítulos, seguindo um padrão comum didático, muito usado nos textos acadêmicos: propósito teórico, contextualização histórica e análise dos resultados (a etnografia sobre a alternatividade teresinense). Embora os três funcionem exatamente como faixas de um disco, com suas características independentes e interligados entre si. O Capítulo 1 (Um experimento e um outro: a travessia etnográfica interior), a faixa de abertura será um ensaio revisional bibliográfico sobre os desdobramentos teóricos trazidos pelas questões da pesquisa. O tomo possui dois eixos principiais com vários desdobramentos cada. O primeiro eixo discute a existência de uma antropologia da diferença/singularidade, imanência, criando a possibilidade de pensar ontologias variáveis e contingenciais. Tal posicionamento estratégico se opõe ao modo como a antropologia "standard" se legitimou e, de certa forma, opera até hoje: assimétrica, via semelhanças, isolando organizações sociais, acreditando identificar uma sociedade totalmente apreensível e criando uma distância analítica chamada "o outro".

O segundo ponto do capítulo um é consequente e complementar ao primeiro, relatando uma particularidade da própria pesquisa: o fato de que sou meu próprio "objeto" de pesquisa, eliminando assim a tão discutida fronteira do "outro". Essa é a particularidade política da minha proposta alternativa. Obviamente, essa não é uma questão inédita, uma boa pesquisa bibliográfica revelará certamente muito a respeito. No entanto, seguindo a insistência latouriana já colocada aqui antes, acredito sempre na vontade de si estudar (invocando Foucault falando do cuidado de si) e de criar categorias próprias. O objetivo da simetria é falar tanto do suposto objeto (os alternativos) quanto da própria antropologia (e de quem a produz), uma categoria questionando a outra. É por isso que o texto funciona como se houvessem duas vozes que às vezes falam de forma independente e às vezes falam intercruzadas: a voz alternativa e a voz pesquisadora. Este é o meu lugar de pesquisa, não falar dele configura antes de tudo um posicionamento de desonestidade intelectual, acredito. É dessa condição que vem o formato etnográfico adotado no capítulo 3.

O Capítulo 2 (Interlúdio: estranhos no paraíso, samurais do gueto, vampiros beckttianos e poetas que dirigem ônibus: crônica de uma vida alternativa) é um interlúdio, curto, uma passagem entre uma faixa e outra. Trata-se de uma crônica que coloca a modernidade como sendo inventora de uma alternatividade que aparece com força no início do século XX e permanece até os dias atuais no século XXI. Afinal, quem são os tais alternativos na história do mundo? Não se trata de um mapeamento, no entanto. Uma tentativa dessas, inclusive, além de trazer um conceito fechado, também se revela uma impossibilidade pois não há como nomear todos os movimentos que de alguma forma desafiaram algum sistema cultural majoritário. Mesmo assim, os movimentos alternativos são parte crucial da cultura pop contemporânea. Aparecem com força no cinema, na literatura, na música, nas infinitas formas de entretenimento e no cotidiano sobretudo juvenil. O Capítulo 2 é uma forma de contextualizar e tornar imanente uma questão que estou tratando de forma teórica no Capítulo 1 e de forma etnográfica no Capítulo 3. Por isso é necessário, apesar de ser apenas uma crônica parcial, um interlúdio musical. Uma pequena faixa instrumental com menos de um minuto. Acredito, inclusive, ser o ponto mais frágil e menos intenso do texto.

O terceiro e último capítulo (Criaturas que acontecem aqui e agora: o alternativo etnografado em Terehell), é uma etnografia, no sentido estrito, clássico sobre minha experiência de campo com a cena alternativa de Teresina. Descreve algumas das inúmeras participações em festas, ocupações, encontros, reuniões e manifestos, como organizador e espectador. Coloco conversas formais e informais que tive com dezenas de membros dessa nuvem de alternatividade. Falo também da forma como tudo se precipita na cidade. Não se trata mais uma vez de um mapeamento fechado sobre cada figura, até porque não acredito em sociedade dada como prévia, mas sim uma espécie de relato da experiência, dos acontecimentos. Uma tentativa de descrever um agenciamento maquínico que se materializa contingencialmente em uma malha expondo as próprias veias (rizoma) estéticas, políticas, sensoriais, afetivas, biopolíticas e relacionais diversas. Repetindo e diferindo. A ausência de conclusão diz respeito a uma das principais características da alternatividade: trata-se de uma experiência que é sempre incompleta, nunca se encerra e se reinventa. A vida ordinária não cessa. Não é possível concluir uma experiência, assim como o presente texto também é: incompleto.

Vale recobrar que todo esse trajeto etnográfico experimental também se encontra indissociável da minha condição – a humanidade é uma condição nas palavras de Eduardo Viveiros de Castro – anterior de indivíduo nativo. Esta dissertação é também o registro da voz

de um nativo. E isso significa que rigor e cuidado acadêmicos não são exclusividade de quem ostenta uma posição de afastamento dos fenômenos do mundo. Ao contrário, afirmo que por causa dessa condição, a preocupação com o processo de pesquisa é ainda maior e mais trabalhosa. Eis um risco que assumo sem nenhuma hesitação paralisante. Acredito que com toda essa experimentação etnográfica, também é possível criar uma antropologia inventiva, como Roy Wagner defende, mesmo que ela seja apenas alguma antropologia, para usar as palavras de Goldman. O conceito de cultura – a obsessão eterna da modernidade científica – articulado aqui faz emergir a importância do processo e da singularidade como variável passível de estudo antropológico: "Uma cultura não é um sistema de crenças, mas antes um conjunto de estruturações potenciais da experiência, capaz de suportar conteúdos tradicionais variados e de absorver novos: ela é um dispositivo culturante ou constituinte de processamento de crenças", escreveu Viveiros de Castro.

Espero assim que esse experimento não se encerre aqui. Numa época em que o contexto político-social no mundo é grotesco, em que a sede pela padronização e pelo fascismo cotidiano se espalha com rapidez e estupidez assustadoras sobre todas as instâncias da vida, pensar diferente talvez ocupe um importante lugar de resistência e de criação de possíveis mais brandos, menos desiguais. Que seja uma alternatividade presente, que provoque discussões múltiplas e sirva de inspiração para muitos outros desejos possíveis, principalmente dentro do universo acadêmico, que parece não buscar uma reinvenção qualquer. Que seja só um começo. E só o começo, com toda sua força e grande chance de falha. Afinal, como felizmente disse Walter Benjamin: "A obra é a máscara mortuária do processo".

Obrigado.

Enjoy!

1 UM EXPERIMENTO E UM OUTRO: A TRAVESSIA ETNOGRÁFICA INTERIOR

Este trabalho é um experimento. No sentido acadêmico, de uma pesquisa submetida a avaliação em condições específicas, para verificar sua consistência. Afinal, isto é o que chamam de relatório de pesquisa científica. No caso, uma dissertação de mestrado. Mas não só. Falo principalmente de experimento, sobretudo, na sua forma processual: uma experimentação. Um estado d'arte que contemple a formação (e a desintegração) da subjetividade de quem toca o experimento: o pesquisador, o próprio realizador, criador. Uma travessia. O objetivo é experimentar o experimental como provocou Hélio Oiticica. Aqui, etnografar a experiência. E colocar o ato experimental no seu desenho mais simples, ao caminhar por uma estranha e aconchegante terra sem saber exatamente de onde se partiu e onde se vai chegar, se isso importa e se/ou mesmo acontece. Em outras palavras: nomadizar a experiência, fazer dela um encontro com o presente.

Experimentar, nesse sentido, significa processo, a parte do meio da jornada. Entre lugares, eliminam-se os extremos. Não se trata de um tateio absoluto, movido pelo desespero da cegueira repentina, tal qual mostrou Saramago com sua cegueira branca. É mais como Lispector, quando narra o percurso do perseguido no curral onde tatilmente (re)conhece a maçã no escuro. Experimentação, como vital avidez é puro trajeto, somente. Apenas ente que vive e/na caminhada. Assim penso este trabalho: uma pesquisa assumidamente experimental.

Tal como a dança de Tatsumi Hijikata. Um corpo se move buscando liberdade, confrontando a morte, mesmo sendo um zumbi. Mexe aqui, puxa ali, move daqui, corpo livre. Como poesia capaz de limitar os limites, lançando a metáfora à procura de significante (NODARI, 2016). Conhecimento também é mexer com certos limites da significação. É com tal preocupação que gostaria de apresentar formalmente este trabalho, ainda que continue se enquadrando na categoria de relatório de pesquisa, forma que aliás não estou negando de forma alguma.

Foi Georges Bataille que, ampliando o pensamento para além das esferas do jurídico, da ciência, da economia e da arte, em suas reflexões sobre uma possível ética singular e (des)humana, traduz com precisão esta busca, nomeando-a "experiência interior":

> Entendo por experiência interior […] os estados de êxtase, de arrebatamento ou ao menos de emoção mediada. Mas penso menos na experiência confessional […] do que numa experiência nua, livre de amarras, e mesmo de origem, que a prendam a qualquer confissão que seja (BATAILLE, 2016, p. 33).

Nesta abertura de capítulo, meu desejo visa (re)definir pontualmente a atitude

científica, o "modo" relatório, a purificação de conceitos que tentam apressar, significar existência ou valores sobre a/da vida, tornando-os às vezes unicamente representação.

> Chamo de experiência uma viagem ao extremo do possível do homem. Cada qual pode não fazer essa viagem, mas, se faz, isso supõe que foram negadas as autoridades, os valores existentes, que limitam o possível. Pelo fato de ser a negação de outros valores, de outras autoridades, a experiência que tem a existência positiva torna-se ela própria, positivamente, o valor e a autoridade (BATAILLE, 2016, p. 37).

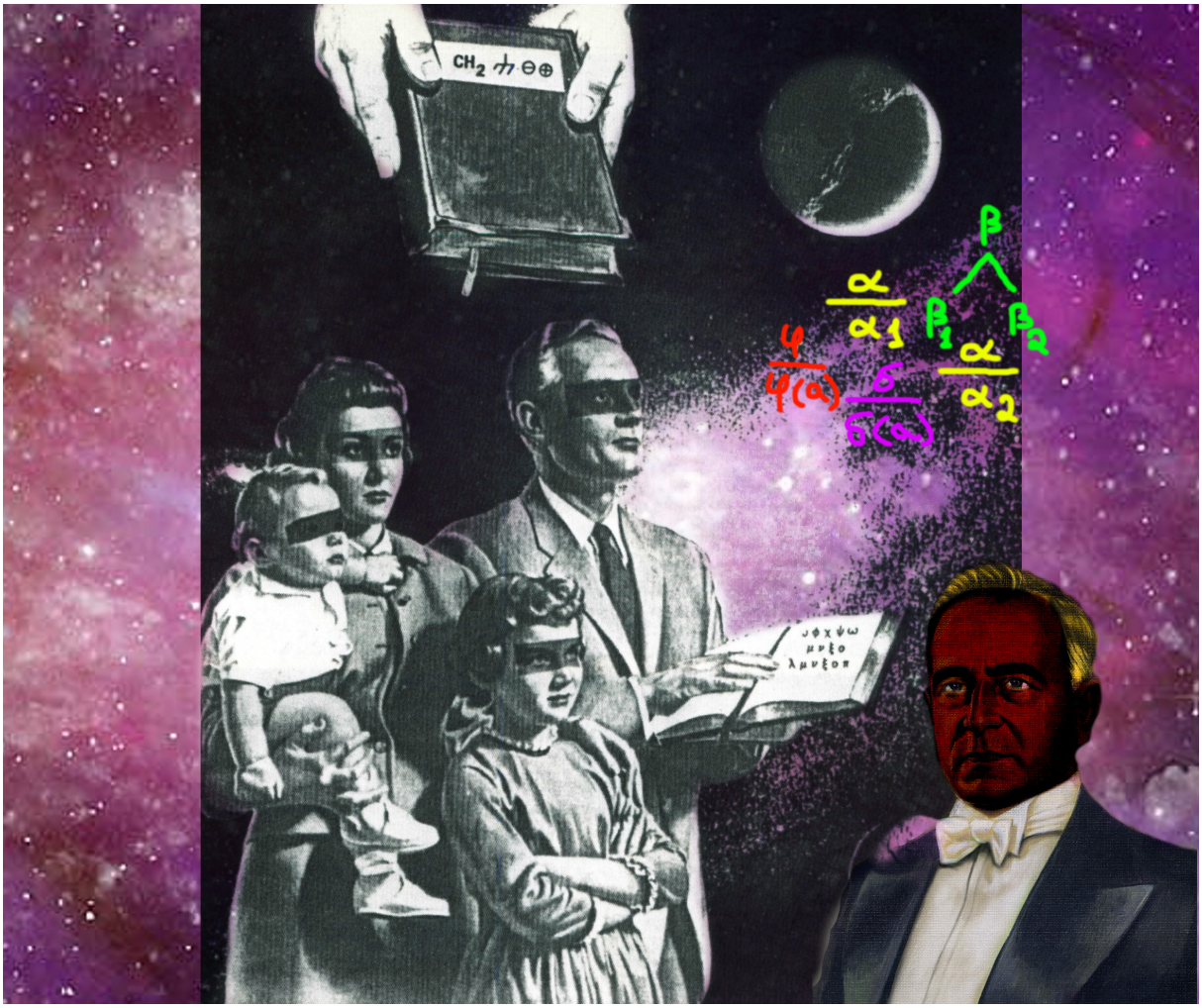
Quando comecei esta pesquisa (detalharei esse percurso logo mais), o universo de significados e significantes era diferente do atual. A forma de pensar com relação a cada etapa do processo de pesquisa e as ideias que serviam de base eram outras. Hoje, bem diferente e apesar da preocupação constante com a postura do pesquisador (parece e é um clichê), é certo que ao término desse relato, esse mesmo universo significante esteja mudado, atestando sua força declaradamente experimental, interior.

Antes de partir para o que trata a pesquisa em si, contudo, é importante ressaltar algumas características imanentes à prática experimental. Todo experimento seja ele científico, artístico ou social é, antes de tudo, um híbrido (LATOUR, 2011). Talvez o mais famoso híbrido seja o formulado por Michel Foucault (2008): saber-poder, gênese dos intrincados caminhos que adquiriu o antes pacífico campo da reflexão epistemológica. Uma vez que tirava de seu impoluto pedestal atemporal e omnisciente a prática científica. O experimento apresentado como um agregado, mistura de sentidos, bagagem intelectual prévia, instinto, percepção, convicções estéticas e políticas (mutáveis, bom frisar) e, o principal tempero, o acaso. Tecnicamente impossível quantificar todas as variáveis, determiná-las como responsáveis pelos resultados e consequências. Assim também é a vida, sugeriu Deleuze (2017) em seu texto "Imanência, uma vida".

Longe estamos da tranquilidade que brinda a nomeação ou sua melhor criação: a coisa. Mesmo que um desses resultados seja uma dita lei universal, como no mito da ciência clássica. É como invocar a antropofagia de Oswald de Andrade: "A experiência […] não reduz o mundo apenas pelos instrumentos econômico-científico-jurídico-metafísicos de medição e limitação" (NODARI, 2016, p. 15). Por ser praticamente sinônimo da ideia de trajetória, falar das variáveis de um experimento de forma isolada é pouco eficaz para entendermos qualquer que seja o fenômeno estudado.

Camada atrás camada, dobra atrás dobra, a experiência à procura do método vai sendo depurada, purificada, segundo a fórmula de Bruno Latour (2011). Um exemplo: Hempel (1996), ao descrever a experiência do Dr. Semmelweis nas enfermarias do Hospital Geral de

Viena, transcreve os relatórios de suas pesquisas e experiências, relatórios minuciosamente detalhados para ressaltar os exitosos resultados e o faz depurando-os de toda referência contextual, dissociando as variáveis, já que a verificação da hipótese é o motor (negativo) do avanço da ciência. Ele depura, sobretudo, o fato dos próprios experimentos estarem destinados a serem encaminhados à apreciação dos Círculos Científicos de Paris e Londres, na procura de credibilidade e reconhecimento. Tais círculos que seus próprios colegas negavam apesar dos bons resultados, conta Céline (1998), seguindo uma metodologia diferente de Hempel. Ele próprio híbrido de cientista e literato, e quem abordou a vida de Semmelweis em sua tese de doutoramento na Soborne.



Tanto que no texto de Hempel (1996), dedicado à verificação de hipóteses como núcleo duro do método, a experiência já codificada e organizada significativamente pelo próprio Semmelweis é suprimida e adquire outro nível de abstração ao se converterem em silogismos. Os que por sua vez, trazem à tona as formas de raciocínio mais indicadas para bem pensar logicamente o método. Da riqueza dos detalhes do acontecido, passando pela sua

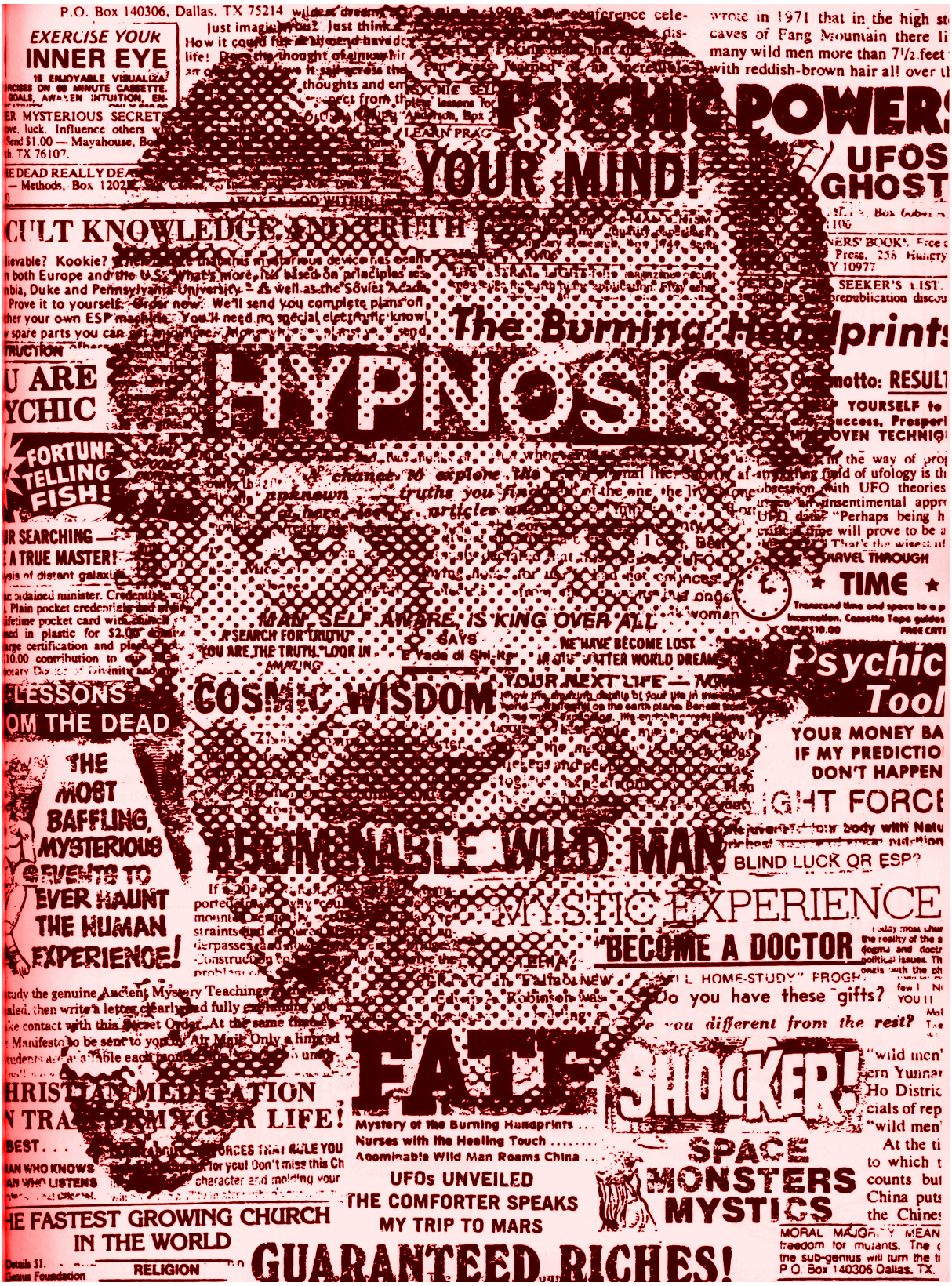
quantificação, classificação e abstração, chegamos a plasmar uma fórmula lógica, que alicerça o método, a mais elaborada forma abstrata e significação última da prática científica. Uma prática despojada de toda experiência (tudo que desejo evitar), puro osso sem nenhuma carne que o vista e ancore à realidade de algum corpo, diferentemente do que faz o outro literato/pesquisador (Céline) que também se debruça sobre o mesmo trabalho de Semmelwies.A operação aqui é mais simples, porém não menos rigorosa. Posso dizer que o relato do "híbrido" Céline é atravessado pela sensação interior da qual fala Bataille e me serve como exemplo pontual. Só é possível assim a experimentação, na descrição de seus rastros, suas pegadas, sua trajetória, espaçada e contingente, tudo rodeado pelo acaso. Acredito que não é possível falar do ato de experimentar de outra forma, senão descrevendo os rastros que ela deixa. É exatamente esse o objetivo da presente dissertação de mestrado: a descrição de alguns rastros da própria experiência (LATOUR, 2007) que nossa pesquisa de caráter experimental deixou ao experimentar. Eis a travessia etnográfica.

1.1 O alternativo e a antropologia

"Tudo começa" em março de 2015. Na ocasião, eu (gostaria de frisar que este trabalho é escrito por várias mãos, vários braços, uma Shiva dos membros azuis) já no mestrado, tinha em mãos meu projeto de pesquisa inicial, aprovado na seleção, que parecia simples. Recheado da vontade de entender o funcionamento antropológico dos fenômenos sociais e, principalmente, das lógicas coletivas de certos grupos e organizações urbanas. Esse era seu principal objetivo e a minha vontade básica naquele momento primordial. Na época da composição do projeto, tinha partido de uma afetação absolutamente íntima e pessoal, principalmente com relação à escolha do objeto de estudo. Escolhi algo autobiográfico e quase que introspectivo, que tanto o senso comum quanto eu denominávamos "cena alternativa da cidade". Uma espécie de categoria "nativa", operação essa de onde inclusive partem a maioria dos insights iniciais que visam alguma consistência etnográfica, principalmente entre os marinheiros de pesquisa de primeira viagem.

A cena, como o nome já sugere, é uma imagem fílmica, com personagens, cenário, figurino, roteiro e direção. É um termo bastante usado para descrever fenômenos contraculturais, mesmo que muitas vezes seu sentido seja esvaziado, usado de forma totalmente ocasional e comum. Inclusive na escolha do meu próprio "objeto" inicial. Deriva igualmente do senso comum e a palavra cena é usada em diversas situações por motivos

igualmente distintos, sem uma lógica mais visível por trás. Já os alternativos (meus supostos nativos, o meu outro apreensível), partindo de pressupostos corriqueiros, aqueles que compunham minha concepção, correspondiam a um grupo de pessoas que, por definição, não se identificavam com as expressões culturais majoritárias da cidade, ou seja, com a maioria, com a predominância cultural de determinado ambiente. Tratava-se de uma categoria que existia em oposição visível ao instituído predominante, marcada e identitária, muito embora estivesse totalmente desprovida de profundidade histórica e consistência sociológica. Tratava-se, hoje sei, de uma categoria contextual anacrônica e mutante. A figura do alternativo tem vários nomes possíveis: desviante, marginal, ovelha negra, do contra, de borda, outro, diferente, outsider, bicha, roqueiro, hipster, maconheiro, bailarino, literato, anarquista, pichador, músico, artista. São infinitas nomenclaturas, que se repetem anacronicamente; jamais conseguirei aqui mapear todas. Esses personagens conceituais (DELEUZE; GUATTARI, 2014) são materializados em muitos movimentos modernos que colocam a contracultura, a transgressão (seja ela qual for) ou a simples diferença como base existencial e institucional: roqueiros, *beats*, gays, hippies, punks, *straightedges*, hare-khrisnas, performers, *blacks*, gangues e centenas de outros amontoados de indivíduos. Isso fora um sem número de virtualidades atualizáveis que reforçam sempre tal operação em torno de uma singularização possível. Minha escolha por esse objeto advinha de atravessamentos típicos de quem inicia formalmente a vida como pesquisador. Na minha cabeça, os alternativos teresinenses estavam ali, prontos para serem etnografados.



A princípio, com minha bagagem cognitiva de até então, era fácil perceber como se formava a tal cena alternativa. Não era um grupo de difícil apreensão, tanto em termos visuais como de comportamento. Parecia razoável estudar um grupo urbano assim, singular e

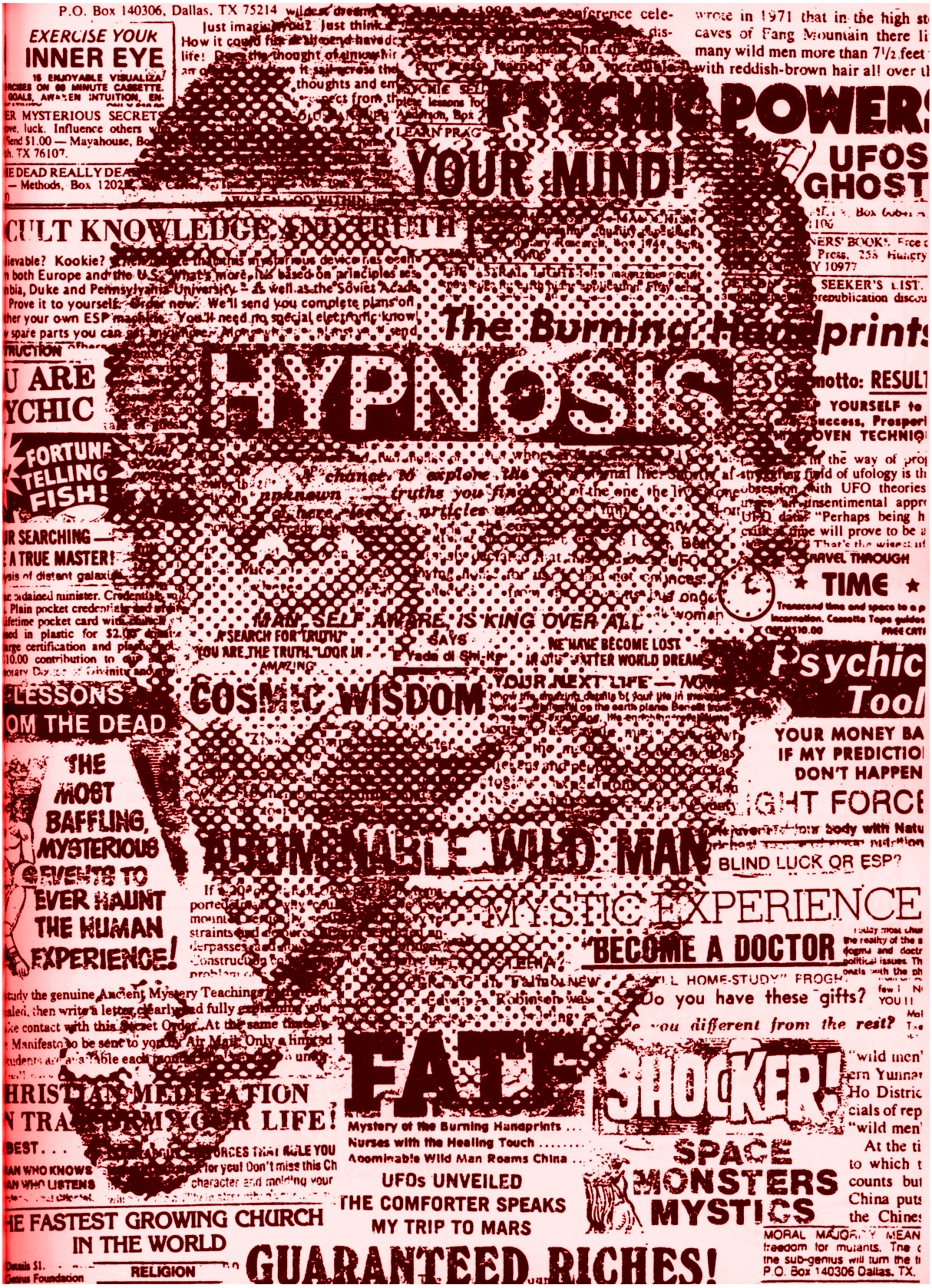
destacável, para uma pesquisa de mestrado. A inocência me fez até esquecer a própria origem do termo alternativo, negando toda e qualquer arquegenealogia que existe antes de qualquer trajetória a ser seguida. Outro atravessamento era de cunho pessoal e afetivo, algo também típico dos pesquisadores iniciantes. Eu próprio era considerado um alternativo, em casa, na família, no colégio ou em alguns círculos de amizades (vindo a antropologia a dar velocidade absoluta de profissionalização ao que até então parecia divertimento ou, no pior dos casos, hobbies).

Assim, esses atravessamentos me fizeram ser escolhido pelo objeto que abracei. A ideia, a princípio, era fazer uma etnografia "padrão/standard" (MENDES DE ALMEIDA, 2016) do que considerava como sendo um tal agrupamento alternativo. Ou seja, estudar seus comportamentos, características, gêneros, faixa etária, símbolos e gostos. Mas, nada foi tão simples assim. Eis onde começou a entrar o caráter experimental (autoalternativo, alternativo) do processo. A partir do momento em que comecei a relacionar melhor teoria antropológica (e filosofia) com uma perspectiva (olhar) do campo, da empiria e da contingência incontrolável dos fenômenos sociais, todo isso começou a mudar consideravelmente a minha trajetória.

Até então, não tinha percebido, mas minha proposta de pesquisa envolvia um questionamento importante dentro da própria formatação das ciências, sobretudo nas humanidades. Eu era, ao mesmo tempo, pesquisador e pesquisado. Antes mesmo de ingressar como aluno no mestrado, já tinha uma atuação ativa dentro da cena alternativa teresinense, inclusive como observador tal qual um antropólogo o faz. Até hoje ainda toco em bandas "alternativas", organizo festas e me relaciono com muitas pessoas que são figuras ativas da tal cena. É parte da minha história, indissociável do resto, inclusive da minha atuação acadêmica. Tal condição, obviamente, não é nenhuma novidade enquanto problematização dentro do seio científico. Para mim (e para este trabalho), no entanto, ela não me apareceu imediatamente, foi uma consequência do aprofundamento teórico e em campo. Essa "descoberta" foi fundamental para o desenvolvimento desse trabalho, tanto em seu conteúdo, como em sua forma e sua pegada experimental. Estou em busca da criação de uma singularidade qualquer, afinal, essa é o impulso primeiro das entidades alternativas.

O ponto de mutação (CAPRA, 1982) aconteceu quando intensifiquei minha ida ao tal campo, já com as "vestes" do pesquisador. O método que adotei a princípio foi ir nos lugares onde os alternativos circulavam e ocupavam. Bares, praças, eventos culturais, happenings, manifestações, ruas, calçadas e, principalmente, festas. Algo que já fazia anteriormente,

inclusive, não só como entusiasta e consumidor, mas também como organizador e articulador. Mas acontece que a partir do momento em que comecei a ir a campo para tentar me relacionar e observar de forma mais sistemática – inclusive no desgaste e na solidão antropológica apontados por Wagner (2012) –, muitas das minhas certezas prévias (hoje eu diria que todas) começaram a ruir numa velocidade impressionante.



Eu tinha escrito um projeto e ido a campo com uma hipótese em que os “alternativos” eram um grupo urbano de fácil apreensão, tanto enquanto modalidade identitária quanto em

abrangência geográfica delimitada. O que me aconteceu em campo foi algo totalmente além do esperado (a experiência interior, como no caso de Céline e de Bataille). Ainda que já estivesse, ali, dentro da cena alternativa em vários outros momentos, enquadrar os alternativos como um só grupo se tornou uma tarefa impossível. Ainda que algum ou outro dado etnográfico coincidisse, fosse comum, o que percebi era que tanto os indivíduos como os subgrupos que compunham a cena diferiam muito entre si. Na verdade, era a diferença que os regia e não a semelhança como supunha antes. Esse dado me levou a destruir hipóteses e certezas prévias. Não havia, por exemplo, um lugar onde eu pudesse identificar como sendo típico ou majoritariamente dos alternativos. Não havia também um comportamento facilmente mapeável. Em última instância, quiçá existia uma cena alternativa, principalmente se eu a pensava baseada em uma imagem fixa.

As pessoas eram diferentes, as festas eram outras, os lugares absolutamente transitórios, as fronteiras espaçadas, os gestos singulares, os comportamentos múltiplos e a vida momentânea, contingente. Por isso a ideia de presente me é tão importante. E este acontecimento passou a reger diretamente minha pesquisa. A partir de então, desisti da ideia de um "ser alternativo", e adotei o conceito de "alternatividade" como central do trabalho (detalharei o conceito posteriormente). Ele é a chave de leitura principal da pesquisa. Passei a considerar a pesquisa sobre a cena alternativa enquanto processo, enquanto uma experiência singular, presentista e variável. Só "assim" (AGAMBEN, 2013) é possível pensar tal figura conceitual. E trata-se de um conceito que vai diretamente contra a lógica mais formal do fazer etnográfico, com duas consequências claras dentro do saber que estou desenvolvendo aqui: *uma com relação ao próprio estatuto do fazer antropológico* e um segundo desembocar, mais direto, *relacionado à teoria que falava dos grupos urbanos* (grifos meus). A partir daí, enquanto pesquisador e alternativo, comecei a fazer uma revisão de tudo que me guiava até então. O "resultado" disso é este relatório de pesquisa, que tem como intenção primal se fazer como a própria experiência alternativa é. Por isso o seu caráter experimental.

1.2 O outro: o nativo na modernidade antropológica

A unidade máxima do maquinário etnográfico é a noção de outro. Pelo menos se estivermos falando da Antropologia enquanto ciência, como saber autenticado, real, único, transcendente. Ou seja, enquanto invenção da modernidade, sobretudo ocidental. É Raúl Antelo (1998, p. 1), em seu ensaio chamado *Poética do Saber e Arqueologia do Cotidiano*,

que diz: “O objetivo da experiência modernista é o Outro, constructo utópico que encerra infinitas versões da análise da nossa experiência”. A ideia de Outro, persegue o imaginário moderno com infinita sede de caça. Falar de algo “alternativo” como estamos querendo falar, mesmo que seja hoje, envolve necessariamente a problematização de como esse constructo se alicerçou com base tão forte, a ponto de se ramificar e criar várias operações e nomenclaturas possíveis. Uma dessas possibilidades se materializa no conceito antropológico moderno de nativo.



De fato, o nativo (assim como o outro, assim como o alternativo) sempre foi uma obsessão da modernidade. Principalmente nos círculos de produção de conhecimento científico. A começar por sua própria etimologia, nativo vem da palavra nativus, um advérbio de primeira classe, vinculado ao verbo nascer, que significa “nascido, natural, inato”. Historicamente, a noção de nativo ganhou força especial na literatura quando o continente europeu se lançou oceanos afora e descobriu a existência de vários outros povos que em quase nada compartilhavam costumes com os próprios europeus. O nativo era tido como qualquer povo que não europeu, o outro. A antropologia surgiu exatamente nesse ponto da história, com intuito primeiro de estudar e entender o que eram esses nativos. Assim, ela foi, de certa forma, responsável justamente por disseminar e reforçar uma das maiores dissociações já produzidas

no horizonte da história moderna: o binômio Eu e Outro, que aqui é o equivalente do binômio alter.nativo. Por anos, sobretudo no seu período de gênese, a antropologia serviu para extrair os "povos nativos" do mundo em viviam para nomeá-los, analisá-los e categorizá-los. Por séculos foi assim e talvez até hoje ainda exista resquício de tal mentalidade.Obviamente, não se trata de enxergar a disciplina como apenas uma via de mão única usada para sustentar um discurso fechado baseado no etnocentrismo. Inclusive, cada vez mais a disciplina logo foi tomando uma cara de defesa dos povos e comunidades tradicionais, anteriormente chamadas de primitivas. A existência de uma ciência antropológica fez emergir a percepção desse binômio como intensidade considerável. Em um processo gradual, lento e eficaz que naturalizou essa dualidade. O que significa a criação de uma ciência que se propõe especificamente a estudar outras organizações humanas? Por que, a antropologia, em sua gênese, isolou todos esses povos do mundo?

Segundo Eduardo Viveiros de Castro (2015), a existência de uma ciência das relações humanas de outrem sugere um forte elemento narcísico na sociedade que criou a pesquisa antropológica. Ou seja, a sociedade europeia moderna dos séculos XIX e XX, sobretudo. O autor relata que ainda que a disciplina tenha se ramificado pelo resto do mundo e assumido importante papel contemporâneo na defesa das comunidades tradicionais que foram dizimadas em todo processo moderno, a afirmação de uma operação metodológica antropológica termina apenas por ressaltar uma obsessão europeia pela imagem de si mesma.

> À força de ver sempre o Mesmo no Outro – de dizer que sob a máscara do outro somos 'nós' que estamos olhando para nós mesmos –, acabamos por tomar o atalho que nos leva ao que realmente, no fim e no fundo, nos interessa, a saber: nós mesmos (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 21)

É importante pensar o lugar político que o antropólogo ocupa ao pensar a própria antropologia, propondo um "modelo" próprio de pesquisar e de se enxergar. Pensando de uma forma mais filosófica, principalmente sobre a formação de um universo da (não) significação humana, Viveiros de Castro (2015) tenta tensionar o curso natural do rio do conhecimento europeu ao perguntar: "o que deve conceitualmente a antropologia aos povos que estuda?".

Não cabe aqui discutir como Viveiros de Castro chegou a essa vontade de reversão da teoria antropológica e da produção de etnografias, responsáveis pela solidificação do binômio eu-outro (europeu-nativo), mas de afirmar a necessidade dessa reversão e de percebê-la como um importante caminho a ser seguido enquanto percurso de potência do pensamento, seja ele qual for. Para o autor, trata-se de uma questão metafísica (e para além dela) a ser escavada e trabalhada:

> Quantos aos humanos não-ocidentais, é se discretamente levado a suspeitar que, em matéria de mundo, eles são, na melhor das hipóteses, apenas modestamente aquinhoados. Nós, só nós, os europeus, somos humanos completos e acabados, ou melhor, grandiosamente inacabados, os exploradores destemidos de mundos desconhecidos (plus ultra!), os acumuladores de mundos, os milionários em mundo, os 'configuradores de mundos'. Como se vê, a metafísica ocidental é a fons et origo de toda espécie de colonialismo – interno (interespecífico), externo (entre-específico), e se pudesse, eterno (intertemporal). Mas o vento vira, as coisas mudam, e a alteridade sempre termina por corroer e fazer desmoronar as mais sólidas muralhas da identidade (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 27).

É por causa dessa configuração do saber antropológico que colocamos a disciplina como um forte vetor de solidificação da distinção eu-outro tão comum na sociedade ocidental moderna. A preocupação, no entanto, não é nova. E as nomenclaturas mais uma vez tendem a empobrecer a multiplicidade, dos acontecimentos, das coisas e dos corpos envolvidos. Alguns outros antropólogos pontuais já discutiram conceitualmente a disciplina antropologia e seus desdobramentos, em caminhos semelhantes e em momentos diferentes da história. Roy Wagner foi responsável por produzir uma importante monografia reflexiva chamada *A invenção da cultura* (2012). Nela, ele traz uma série de colocações e perguntas que atentam para o principal conceito criado pela disciplina: cultura. Wagner (2012) diz que, na verdade, a ideia de cultura é uma "invenção" da própria antropologia para se certificar de si. A cultura do outro, então, seria então a cultura de si. Ou mesmo a própria cultura como forma de se pensar o mundo relacional: "No ato de inventar outra cultura, o antropólogo inventa a sua própria e acaba por reinventar a própria noção de cultura" (2012, p. 24).



A lógica cultural, então, tão importante para o desenvolvimento da antropologia enquanto disciplina, poderia ser enxergada apenas como um processo, nunca como uma entidade fixa e identitária como sugere o pensamento europeu "kantiano" (FOUCAULT, 2008) criticado anteriormente, mesmo que essa ainda seja uma mentalidade que ainda prevalece dentro das próprias escolas de antropologia. A cultura, ferramenta do antropólogo, só se justificaria como um movimento de eterna invenção – e des-invenção. Isso poderia explicar, por exemplo, a existência de vários paradigmas de conhecimento antropológico ao mesmo tempo (alternativas) e sem necessariamente se negarem por incomensurabilidade entre si em outros campos científicos.

> Se a cultura fosse uma 'coisa' absoluta, objetiva, 'apreender' uma cultura se daria da mesma forma para todas as pessoas, tanto nativos como forasteiros, tanto adultos como crianças. Mas as pessoas têm todo tipo de predisposições e inclinações, e a noção de cultura como uma entidade objetiva, inflexível, só pode ser útil como uma espécie de 'muleta' para auxiliar o antropólogo em sua invenção e entendimento (WAGNER, 2012, p. 52).

Bruno Latour é outro que discute a própria estruturação das ciências e, sobretudo, da ciência antropológica. O autor afirma que a sociedade moderna tenta se diferenciar das demais pela criação da ciência. E a ciência opera de forma a separar as instâncias, tentando torná-las puras e únicas. Por exemplo: natureza e cultura, vivo e morto, humano e animal

(DESCOLA, 2016). Ele diz que a época moderna foi a responsável por construir e impor tal mentalidade. Esse processo foi nomeado de Grande Divisão:

> Mas não é separadamente que devemos considerar estas duas garantias constitucionais, a primeira assegurando a não-humanidade da natureza e a segunda, a humanidade do social. Elas foram criadas juntas. Sustentam-se mutuamente. A primeira e a segunda garantias servem de contrapeso mútuo, de checksand balances. Elas são apenas dois ramos do mesmo governo (LATOUR, 2011, p. 36).

Assim a antropologia e todas as outras ciências sociais aplicadas não estariam isentas de tal grande divisão moderna. Em todo o universo rico, complexo, relacional, contraditório e indissociável a ciência foi lá e se articulou de forma a separar a natureza da cultura e nós dos outros: "A antropologia foi toda feita com base na ciência, ou com base na sociedade, ou com base na linguagem, alternando sempre universalismo e relativismo cultural, e no fim das contas nos dizia bem pouco tanto sobre 'Eles' quanto sobre 'Nós'" (LATOUR, 2011, p. 128).

Acontece que, no "fim" – ou na "real" –, esse era apenas o método operatório das ciências e da lógica moderna. As instâncias puras são apenas construções discursivas que não contemplam o social em sua complexidade. Na vida, uma máquina de funcionamento implacável e contingente, as variáveis puras e de fácil isolamento como queriam as ciências naturais jamais existiram. Humanos são entidades absolutamente híbridas e só atuam em rede, nunca em comunidades fechadas.

Já no início do século XX, alguns pensadores se mostraram atentos com tal formatação. Gabriel Tarde foi um deles. Ele mostrou uma declarada preocupação com a tendência isolacionista que os estudos sobre as relações humanas estavam tomando, muito antes de Viveiros de Castro, Latour e Wagner. Gabriel Tarde foi professor do dito pai da Sociologia, Émile Durkheim, e diferia radicalmente da institucionalização unilateral defendida por seu aluno às ciências sociais.

> Aqueles que gostam de fazer remontar uma disciplina a um ancestral venerável precisam levar em conta que essa distinção entre duas maneiras diversas de entender os deveres da ciência social não é absolutamente nova. Já estava a postos durante o nascimento da disciplina (pelo menos na França), quando ocorreu a disputa entre o velho Gabriel Tarde e Émile Durkheim, o vencedor. Tarde sempre se queixou de que Durkheim abandonasse a tarefa de explicar a sociedade ao confundir causa e efeito, substituindo a compreensão do vínculo social por um projeto político voltado para a engenharia social. Contra seu jovem adversário, ele sustentou veementemente que o social não era um domínio especial da realidade, e sim um princípio de conexões; que não havia motivo para separar o 'social' de outras associações como os organismos biológicos ou mesmo os átomos; que nenhuma ruptura com a filosofia, sobretudo metafísica, era necessária para uma disciplina se tornar ciência social; que a sociologia não passava de uma espécie de interpsicologia; que o estudo da inovação, especialmente ciência e tecnologia, constituía a área de expansão da teoria social; e que a economia precisava ser refeita de ponta a ponta, em vez de ser usada como metáfora vaga para descrever o cálculo dos juros. Acima de tudo, ele

> considerava o social como um fluido circulante que devia ser seguido pelos novos métodos, e não um tipo específico de organismo (LATOUR, 2012, p. 33-34).

O projeto de ciência social proposto por Tarde era praticamente oposto ao que se solidificou como ideal da disciplina. Ele acreditava que a sociedade não existia prontamente e a priori, para que o pesquisador/cientista apenas analisasse e daí tirasse as conclusões únicas daquele objeto social. Para Tarde (2007), uma relação social era tão complexa que beirava o infinitesimal. Sempre em movimento, qualquer ideia de sociedade como algo semelhante a uma imagem fixa jamais conseguiria explicar minimamente a complexidade do mundo. Logo, pensar na existência de um outro, para Tarde, parecia uma tentativa equivocada, uma vez que a diferença era algo comum a todos do corpo social. É justamente essa noção de sociedade como sendo algo passível de total apreensão e explicação, contudo, que quase sempre predomina até hoje.

> Essa posição padrão tornou-se senso comum não apenas para os cientistas sociais, mas também para quem atua em jornais, educação superior, partidos políticos, conversas de bar, histórias de amor, revistas de moda etc. As ciências sociais disseminaram sua definição de sociedade com a mesma eficiência com a qual as empresas de utilidade pública prestam seus serviços de eletricidade e telefone. Comentar a inevitável ‘dimensão social’ daquilo que nós e os outros fazemos ‘em sociedade’ tornou-se tão corriqueiro quanto usar um celular, pedir uma cerveja ou discorrer sobre o complexo de Édipo – pelo menos no mundo desenvolvido (LATOUR, 2012, p. 21).



Tarde (2007) tinha uma proposta de ciência social que era ao mesmo tempo mais humilde e mais arrojada. Humilde no sentindo de entender que nenhuma realidade é totalmente capaz de análise, explicação e apreensão. E arrojada por perceber que apenas uma ciência social jamais seria suficiente para entender as sociedades, era necessário pensar em conjunto com a psicologia, as ciências biológicas, a filosofia, a química e a física. Ou seja, pulverizar o outro enquanto instância epistemológica.

A noção tardiana não enxerga o mundo do outro como passível de fácil explicação. Ou se tenta explicar tudo com a certeza de que não será suficiente, ou toda tentativa desembocará num institucionalismo bobo e raso.

> Com certeza, se o preconceito de nos acreditarmos sempre superiores a tudo não nos cegasse, a comparação não penderia a nosso favor. É esse preconceito, no fundo, que nos impede de crer nas mônadas. Em seu secular esforço para interpretar mecanicamente tudo o que está fora de nós, mesmo o que mais brilha em traços de gênio acumulados, as obras vivas, nosso espírito sopra, de certo modo, apagando todas as luzes do mundo em benefício de sua solitária fagulha (TARDE, 2007, p. 74).

Toda essa crítica com relação a forma como os prolíficos cientistas sociais se portavam no exercício de suas atividades se dava também porque Tarde enxergava o próprio ser de forma distinta do que se era propagado. Em estrito diálogo com a filosofia, o pensamento tardiano se estruturava em dois princípios básicos. Para ele, a diferença é a base das relações, ao contrário da ideia de qualquer situação de contato que se dava por semelhança e

proximidade. “Existir é diferir; na verdade, a diferença é, em um certo o lado substancial das coisas, o que elas têm de mais próprio e de mais comum” (TARDE, 2007, p. 98).

O outro princípio se mostrava ainda mais filosófico e falava do próprio conceito de ser. O pensador francês acreditava que crer em um ser reduzia em muito as possibilidades de ação humana individual e coletiva. Totalmente distante de qualquer noção referente à essência, Tarde enxergava o ser humano apenas como uma eterna rotatividade processual, sempre se refazendo, mudando, construindo, desmoronando e renascendo. Assim, o conceito de ser não fazia sentindo nenhum. O autor achava que talvez o “haver” fosse um termo mais feliz e suficiente que “ser”, principalmente se analisado socialmente.

> Toda a filosofia fundou-se até agora no verbo Ser cuja definição parecia a pedra filosofal a descobrir. Pode-se afirmar que, se tivesse sido fundada no verbo Haver, muitos debates estéreis, muitos passos do espírito no mesmo lugar teriam sido evitados. Deste princípio, eu sou, é impossível deduzir, mesmo com toda a sutileza do mundo, qualquer outra existência além da minha; daí a negação da realidade exterior. [...] Se o haver parece implicar o ser, o ser seguramente implica o haver. Esta abstração vazia, o ser, jamais é concebida senão como a propriedade de alguma coisa, de um outro ser, ele próprio composto de propriedades, e assim por diante indefinidamente. No fundo, todo o conteúdo da noção de ser é a noção de haver. Mas a recíproca não é verdadeira: o ser não é todo o conteúdo da ideia de propriedade (TARDE, 2007, p. 113).

É interessante ressaltar que, apesar de toda a sua característica contemporânea, o pensamento de Gabriel Tarde ficou no limbo intelectual e acadêmico por aproximadamente cinquenta anos. Ele começou a ser redescoberto e repaginado quando alguns pensadores pós-1968 começaram a criar todo um universo de conceitos próprios e a rejeitar boa parte de toda a lógica de pensamento ocidental majoritário que dominou a era moderna até então. No entanto, de uma forma geral, a antropologia terminou por se estabelecer mesmo dentro da escola disseminada por Durkheim. Se ramificou, sim, mas manteve uma lógica operacional científica que era repetida na maioria dos polos de produção do saber, mesmo aqueles que estavam localizados fora do polo originário da modernidade, a Europa.

Toda essa realidade contextualizada se estendeu ao nosso universo, dos estudos contemporâneos, nas urbes, junto a fenômenos como a cena alternativa teresinense. Na antropologia urbana também é comum a tal “nativização” das organizações sociais, continuando por reforçar mais uma vez a obsessão moderna com o binômio eu-outro. O próprio Bruno Latour (2010), um dos responsáveis pelo resgate de Tarde como autor relevante, já dirigiu severas críticas a esse caráter isolacionista do exercício antropológico. Para ele, mesmo quando nós nos preocupamos em si estudar, sobretudo nas grandes metrópoles, tendemos a buscar manifestações e organizações facilmente estereotipadas como

grupos alternativos diversos. Não deixa de ser uma tentativa política de se criar um Outro.

A percepção provocativa de Latour funciona como uma consequência (ou resumo) de uma virada "para dentro", reflexiva como coloca Ghasarian (2002) que a antropologia vem fazendo sobre si mesma, pelo menos desde os anos 1980. Principalmente com relação à produção de etnografias, categoria na qual este trabalho se enquadra. É como se a máquina antropológica (AGAMBEN, 2010) passasse a ter uma câmera frontal na sua tela touch para que assim conseguisse fazer um retrato de si mesma, um self. Sendo majoritariamente uma prática moderna (SAHLINS, 2003), um saber/poder/ser foucaulteano a respeito foi sendo instituído e naturalizado. É esse saber-poder que ainda, por exemplo, é usado e vendido como a forma de se "fazer" ciência antropologia, mesmo que nas últimas décadas uma preocupação crítica (diríamos até que uma obrigação ética) tenha se instalado entre os acadêmicos das ciências sociais e afins: a antropologia standard.



Como alertado por Latour, apesar da ramificação inconteste da máquina antropológica por todo o globo terrestre, possibilitando os mais variados estudos sobre as mais variadas formas de existência humanas e não humanas (LATOUR, 2012), certo ranço formal "clássico", moderno, ainda paira sob os ombros do gigante social. É exatamente nesse contexto que podemos considerar a criação e consolidação de um "ser alternativo". Pensar

nele é considerar a existência de um outro dado, algo que nossa experiência etnográfica tenta evitar a todo custo. Para singularizar nossa experiência, criei o conceito de alternatividade para falar dessa pesquisa. É ele que vai servir como chave de leitura para cada etapa desse relatório. E ao falarmos dele, também temos que falar de como a modernidade, que como vimos inventou o conceito de outro, também inventou a noção de uma cultura alternativa.

1.3 O conceito de alternatividade hoje (e ontem)

E do que trata a "alternatividade"? Primeiro é preciso admitir que se trata de um conceito operatório, criado pelas vozes de Shiva que constituem este relatório, em decorrência das ânsias teóricas que as experiências tiraram das sombras. Através dele posso construir uma chave de leitura que nos permite falar de forma consistente não só sobre o "objeto" imediato, a tal da cena alternativa de Teresina, como também sobre o que significa "ser alternativo" no âmbito cultural. Aliás, as aspas aqui são deliberadamente propositais e fundamentais, uma vez que os argumentos tratam a existência de um "ser alternativo" como uma impossibilidade. E, sendo assim, por que falar de uma cena alternativa, então? Como descrever um grupo que não é grupo, num ambiente onde qualquer tentativa de nomenclatura ou enquadre tira toda sua complexidade narrativa, subjetiva e etnográfica? A saída sugerida por mim foi justamente fazer do alternativo uma experimentação, um acontecimento, e não um ser dado. Ou seja, só é possível encarar etnograficamente a experiência alternativa enquanto algo estritamente relacional e não identitário.

> Somos nós que fazemos a experiência; mas a experiência não diz nada sobre nós, ela fala das coisas que colocamos em relação […]. Aqui trata-se de um horizonte percorrido unicamente por relações e povoado por termos relativos. Há relações na medida em que se trata, justamente, de um campo de experiências que se cruzam, que se prolongam indefinidamente, se colidem, se interpenetram, às vezes sem nenhum limite demarcado. As únicas unidades 'experienciais' ou 'materiais' são retalhos, fragmentos ou porções de experiência, ou seja, ainda relações (LAPOUJADE, 2017, p. 28).

A alternatividade só pode ser tratada enquanto relação. Ela é a forma como a experiência alternativa se precipita, toma forma (pelo menos etnograficamente). Trata-se de uma gradação, tal como fala Pelbart (2017). Entre o fenômeno cultural majoritário identitário que a alternatividade visa se distanciar e a figura alternativa que esperei encontrar previamente, existem infinitas camadas de existências, onde aí sim a experiência alternativa acontece. A tensão literal desse entre espaço é o que pontuei como conceito central: a alternatividade. As gradações entre o ser e o não ser, no fora (SALEM, 2011), o devir

alternativo. A alternatividade enquanto modo de existência possível e mapeável, mapeável apenas em alguns aspectos, que são finitos e geradores de diferença como fator cultural básico, primeiro. O conceito é uma lança de vento que atinge os indivíduos parcialmente, troca-os de lugar, às vezes revira-os de ponta-cabeça, mas não os machuca mortalmente. A alternatividade é como o universo descrito por Lapoujade ao invocar William James.

> O mundo é percorrido por um novelo de linhas entrelaçadas de tal maneira que elas 'não deixam escapar nenhuma parte individual do universo', mas sem com isso fechar o universo sobre si mesmo. Ele é constituído de vastas redes, ora condutoras, ora não condutoras, que recobrem parcialmente, se prolongam em todos os sentidos, como se fossem meios de transporte. As unidades são incessantemente desunidas por processos disjuntivos que seguem os pontos de crescimento ou de bifurcação do universo. É por isso que elas nunca podem ser globais nem totalizantes. O universo é um sistema de relançamento perpétuo: as linhas conjuntivas integram certos processos disjuntivos que lhes escapam, e assim por diante, de modo ilimitado, como se as conjunções estivessem perseguindo as disjunções. O mundo surge, então, sob uma forma essencialmente descontínua, apesar de ser sustentado por continuidades. De fato, cada nova situação o conjunto de relações é redistribuído sem que haja um modo de totalizá-la ou unificá-las (LAPOUJADE, 2017, p. 72).

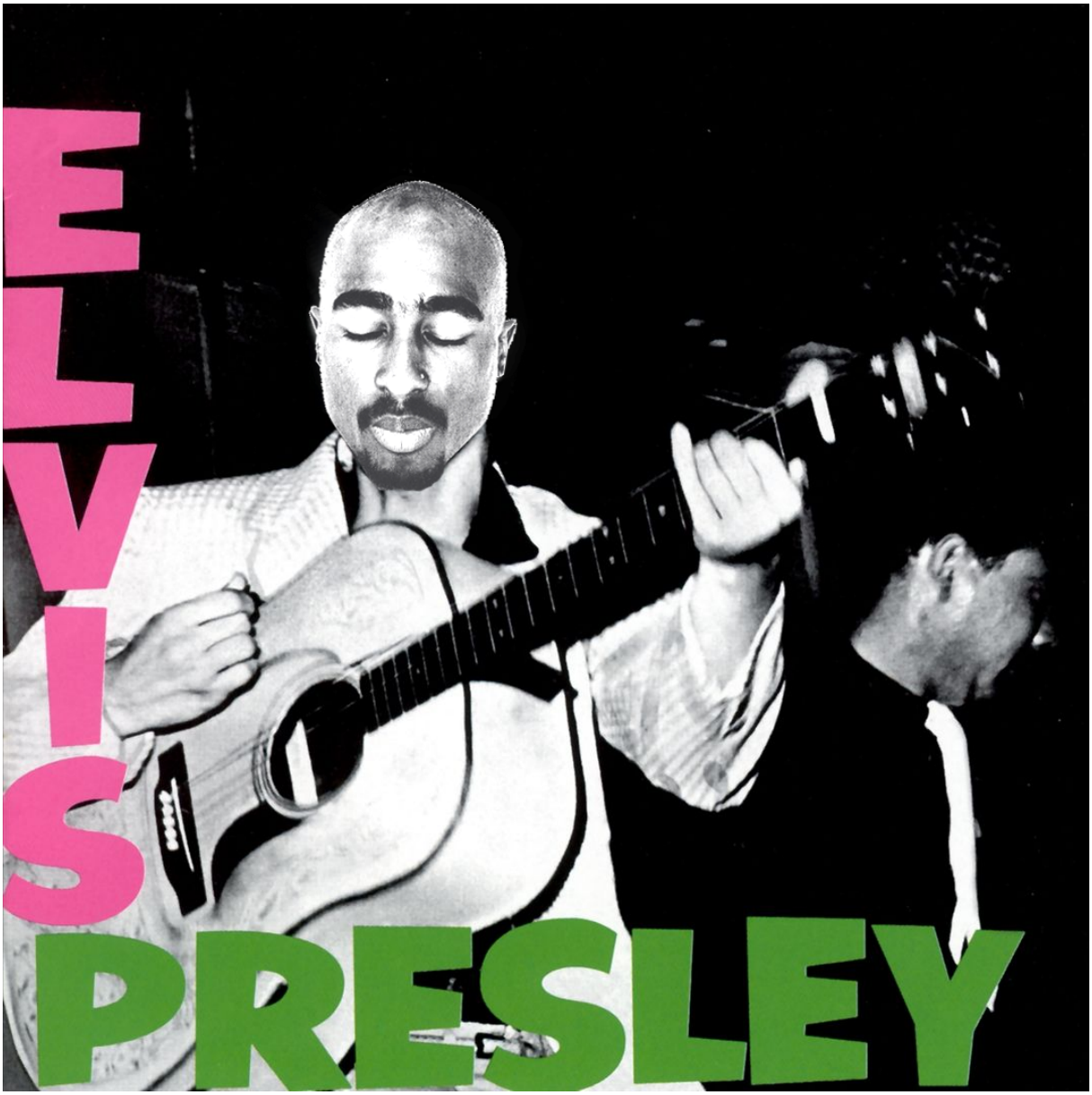
Acontece que nem sempre enxerguei o mundo assim. A história me engessou outras "certezas". A ideia de uma cultura alternativa não é de forma alguma nova. Desde que a modernidade se estabeleceu como período histórico, existe uma mentalidade que visa certificar de uma (ou umas) cultura(s) alternativa(s). Basicamente, na modernidade se fundou uma preocupação em fixar uma força específica, de sentido, de significado (seja ela com relação ao tempo, ao espaço etc.), e também o seu contrassenso, uma contraforça. Se o moderno é novo, ele pode estacionar e se tornar obsoleto, criando a necessidade de uma reação, ou seja, o novo do novo. Essa resposta que a própria modernidade cria de si enquanto novidade é o que chamamos de alternativo: "A transgressão não consiste em um processo generalizado de negação; antes, porém, ela se apresenta como uma filosofia de afirmação não positiva, em ruptura com todo tipo de transitividade" (ANTELO, 1998, p. 37).

Segundo Eugênio (2009), a fincada de raiz de tal forma de pensamento foi primeiramente sentido e estudado no campo cultural. Esse fenômeno foi chamado de vanguarda:

> A ideia de 'vanguarda' é intrínseca à de modernidade. Paralelismo e emparelhamento, assim, dão o tom desta relação, estabelecida no formato de um embate entre forças e contraforças que, de modo mais amplo, constitui justamente a maneira pela qual a 'consciência moderna' primeiro se pensou, enquanto horizonte distinto de sentido (EUGENIO, 2009, p. 417).

Existe um senso comum que se dissemina a respeito da ideia de vanguarda que o relaciona diretamente com o universo da arte. Parte dessa correlação é historicamente

consistente, mas não suficiente se imaginarmos uma pequena arque-genealogia do termo. A expressão vem do francês *avant-guarde*, de um vocabulário de guerra que já existia na Idade Média. O termo, que já tinha denotação ligada à novidade, mesmo que fosse uma estratégia militar, só começa a tomar outras proporções na virada de século XVIII para XIX, junto com as revoluções civis urbanas na Europa. Segundo Calinescu (1999), na ocasião, o termo vanguarda passou a ter cunho político, sendo usado para identificar grupos e organizações que tinham uma postura política outra se comparados com o resto. O autor sublinha que na busca por incrementar um projeto político, as vanguardas marxistas-leninistas, por exemplo, foram buscar nas artes a influência necessária para se destacar politicamente.



Foi desse momento em diante que começou a se desenhar a noção de vanguarda como

se conhece em parte até hoje. Logo os grupos de artistas e intelectuais passaram a romper também com as instâncias políticas e a sentirem a sede pelo novo vanguardista dentro dos ambientes artísticos. Se a modernidade era inevitável como previam, ela trazia junto a formatação de uma cena artística que criticava condutas antiquadas, ditas do passado. Nesse processo criou-se uma infinitude de (sub)culturas que se colocavam como alternativas a tudo que surgia ou já era estabelecido até então. Se posso traçar um ponto de partida histórico da alternatividade, é justamente no estabelecimento da modernidade. Segundo Eugênio (2009), a mentalidade moderna fez por nascer a existência de variados estilos de arte e múltiplas formas de viver. Ocorreu uma espécie de estetização da vida cotidiana, surgindo personagens como o boêmio, o decadente, o flaneur e o dândi. Cada um desses personagens conceituais tinha fundamentos definidos, embora nenhum vivesse isoladamente sem contato com outro tipo. O ponto comum forte era apenas o desejo por disseminar o ideal moderno.

> Somos nós, os artistas, que serviremos com a vossa vanguarda; o poder das artes é de facto o mais imediato e mais rápido. Nós temos armas de todo tipo: quando nós queremos difundir novas idéias entre o povo, nós esculpimo-las em mármore ou pintamo-las em telas; nós popularizamo-las por meio da poesia e da música; alternadamente nós recorremos à lira ou à flauta, à ode ou à canção, história ou novela; o palco de teatro está aberto para nós, e é quase sempre a partir daí que a nossa influência se exerce electricamente, vitoriosamente. Nós dirigimo-nos à imaginação e aos sentimentos das pessoas; nós devemos, por conseguinte, alcançar a mais viva e decisiva espécie de acção; e se hoje parece que nós não desempenhamos qualquer papel, ou no melhor um papel muito secundário, isso foi o resultado de as artes não possuírem uma exigência comum e uma idéia geral, que são essenciais para a sua energia e sucesso (CALINESCU apud EUGENIO, 2009, p. 420).

Acontece que a linha da história é uma não-linha, além de ter uma textura borrada. Nada aconteceu de forma tão coerente e resumida como conto aqui. Se a modernidade obrigava a essa conduta de mobilização permanente (SLOTERDIJK, 2012), a produção de desvios, de dissidências (o novo do novo, a transgressão positiva) também é permanente. Os acontecimentos não se resumiram ao estabelecimento da vanguarda enquanto variável moderna, nem ficaram restritos espacialmente ao contexto europeu. Para citar alguns exemplos a título de ilustração (vamos detalhar ainda mais esse ponto posteriormente no Capítulo 2): Charles Baudelaire, considerado por maioria dos guias históricos como um dos pontos inventores do ideal moderno, era crítico feroz da própria realidade a qual fazia parte e disseminava. “A profunda inteligência de Baudelaire estava impressionada pelo paradoxo da vanguarda: não-conformismo reduzido a uma espécie de disciplina militar, a um conformismo de rebanho” (CALINESCU apud EUGENIO, 2009, p. 422).

Fora do contexto europeu, posso citar a escola moderna literária americana que,

influenciada pela filosofia empirista de William James (LAPOUJADE, 2017), defendia conceitos de autor, sujeito e narrativa com características distintas de seus contemporâneos europeus. Já aqui na América do Sul, alguns anos depois, a Semana de Arte Moderna de 1922 deu uma roupagem ameríndia, selvagem, canibal, antropofágica ao constructo da modernidade (isso só para ficarmos nas duas primeiras décadas de modernidade efetiva, que aconteceu no século XX).

O espectro moderno possui muitas particularidades operacionais e discursivas. E, como já disse, não ficou restrito ao universo das vanguardas artísticas. A ciência, a antropologia (a clássica e a urbana), a filosofia e as formas de pensar também absorveram essa característica de fixar um valor e contestá-lo paralelamente. Por isso, não faz sentido para nós considerar a cena alternativa de Teresina como sendo fruto de uma representação por total. Dessa impossibilidade surgiu nosso conceito. Dele derivam todas as outras possibilidades do rizoma alternativo. No campo da produção de etnografias, que é onde este relatório se situa, podemos dizer que nosso conceito gerou autorreflexão em dois subcampos diferentes, embora não exatamente distintos. Um diz respeito aos signos que envolvem a prática etnográfica. E o outro se refere a uma especificidade da própria pesquisa: as etnografias contemporâneas urbanas. Se a modernidade tem a vanguarda como algo que certifica a existência de uma alternatividade da cultura dentro do universo artístico, no gênero etnográfico não é diferente, principalmente com relação as cidades e as metrópoles. Ler esse fenômeno pela ótica da alternatividade é essencial para o andamento do presente trabalho.

1.4 A cidade, as cenas e a diferença

A produção de etnografias urbanas tem um marco histórico e pedagógico: a ascensão das cidades americanas na virada do século XIX para o século XX (mais uma vez com o estabelecimento da modernidade). John D. Rockefeller, multimilionário americano, dono da Standard Oil, empresa pioneira na extração e comercialização de petróleo, destinou um montante de suas riquezas à criação e construção da Universidade de Chicago em 1895. Com o tamanho crescimento do país, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, quando as fábricas

triplicaram de tamanho para exportar produtos, as cidades americanas cresceram substancialmente. Daí surgiu o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, representado inicialmente nas figuras de Albion Small, o primeiro chefe do departamento, e

de William Thomas, um dos primeiros professores contratados (BECKER,1996).



Entender o crescimento desenfreado das cidades (Chicago, no caso) era uma das principais preocupações desses pesquisadores. O número de imigrantes, a maioria fugindo da guerra, era grande a ponto de formar bairros e guetos inteiros dentro das metrópoles. O surgimento sistemático da criminalidade, a densidade demográfica excessiva, a formação de bairros sem planejamento, a constatação de que as relações pessoais na cidade eram efêmeras, a profissionalização dos papeis sociais: todas essas características faziam da cidade um objeto único, vivo, digno de ser considerado como uma importante problematização científica. Todos esses problemas se intensificaram quando uma crise de superprodução bateu na porta da nação americana. Com o inchaço das indústrias, logo a demanda europeia por comida no pós-guerra diminuiu e o que antes era fartura capital e riqueza virou excesso de desemprego. A quebra da economia do país logo após seu apogeu foi apelidada de Grande Depressão. O aumento da pobreza, o encolhimento dos espaços rurais e a solidificação de um estilo de vida próprio das urbes emergiram de forma definitiva como problemas sociais a serem "solucionados" pelos sociólogos americanos da época. Assim, o que a sociologia da escola pioneira de estudos urbanos fazia era, de certa forma, transferir as preocupações da antropologia de raiz do final do século XIX para as cidades e seus problemas. Em termos gerais, a antropologia tinha apenas se descolado dos povos tradicionais para a cidade. A metodologia analítica, basicamente a mesma, continuava presente.

Esse cenário permaneceu e permanece até hoje. Muitos departamentos ainda produzem etnografias com a mesma pegada e intuitos de fazerem uma descrição estrita das

cidades e seus problemas, inclusive no Brasil. Por aqui, no entanto, Perlongher (1984) foi um dos que acelerou e trouxe interessantes saídas e linhas de fuga para os infinitos becos da antropologia urbana. Na ocasião, sua pesquisa se efetuou em uma zona no centro da cidade de São Paulo que nos anos 1980 era conhecida como uma área ocupada pelos grupos gays e por homens que praticavam prostituição masculina. A antropólogo argentino focou seu olhar e suas análises na figura do michê, o profissional de prostituição masculina. O ponto de partida dele foi uma antropologia na cidade. Ou seja, como já colocamos algumas vezes aqui, "nativizar" os michês, torná-los um povo só, único, simples, passível de apreensão total. A princípio, ele apenas transferiu o modo operatório da etnografia standard.

Acontece que nas suas profundas imersões de campo, a figura do michê foi se revelando esguia e veloz como uma moreia marinha. Os michês não estavam na zona moral somente interessados em dinheiro, e nem sempre eram tão viris, machos e masculinos como o senso comum indicava. Ainda que os michês fossem um "grupo", a diferença reinava entre eles. Nas dezenas de conversas e contatos que foi realizando em seu campo, Perlongher (1987) foi percebendo que muitos michês se tornavam passivos de seus clientes, se apaixonavam. Muitos faziam programas por prazer e não apenas por dinheiro, se distanciando totalmente da imagem padrão do michê: jovem, viril, heterossexual, ativo e profissional, muito embora outro tanto de michês continuasse seguindo a identidade com rigor.

Este acidente (no bom sentido) fez Perlongher rever e autorrefletir sobre o que seria antropologia urbana. É claro que o primeiro passo foi fugir totalmente da ideia de uma antropologia na cidade e buscar/atribuir a complexidade dos fenômenos com michês às particularidades da modernidade e da urbe. Depois, no final de sua obra, O Negócio do Michê, ele abertamente conecta a singularidade dos michês a uma possibilidade metafísica (logo filosófica). Segundo Eugênio (2006), Perlongher se coloca fora do binômio "na cidade X da cidade", fazendo uma defesa da não setorização dessas perspectivas e ressaltando a importância de se considerar também os processos de subjetivação e singularização nos estudos das ciências sociais, que metodologicamente une esses dois universos teóricos sobre as urbes. Cada experiência é única, inclusive a do contato do antropólogo com seu campo, o que deve gerar automaticamente muito cuidado, percepção e preocupação de quem produz aquele saber. No caso, os antropólogos.

Perlongher é um ponto de partida fora da curva com considerável respeito e legitimidade. As potências – no sentido proposto por Nietzsche (2009): positivo, referente a uma força criadora independente e com vida própria – subjetivas das experiências de contato

e do campo de pesquisa, no nosso caso as des-organizações urbanas, muitas vezes fazem os antropólogos reverem seus conceitos e suas próprias ideias sobre antropologia. A empiria (e detalharemos esse ponto posteriormente) é literalmente uma força natural capaz de dobrar conceitos e formas de pensar. Como Perlongher adiantou, trata-se de um debate que perfura o universo da filosofia e da história do pensamento.

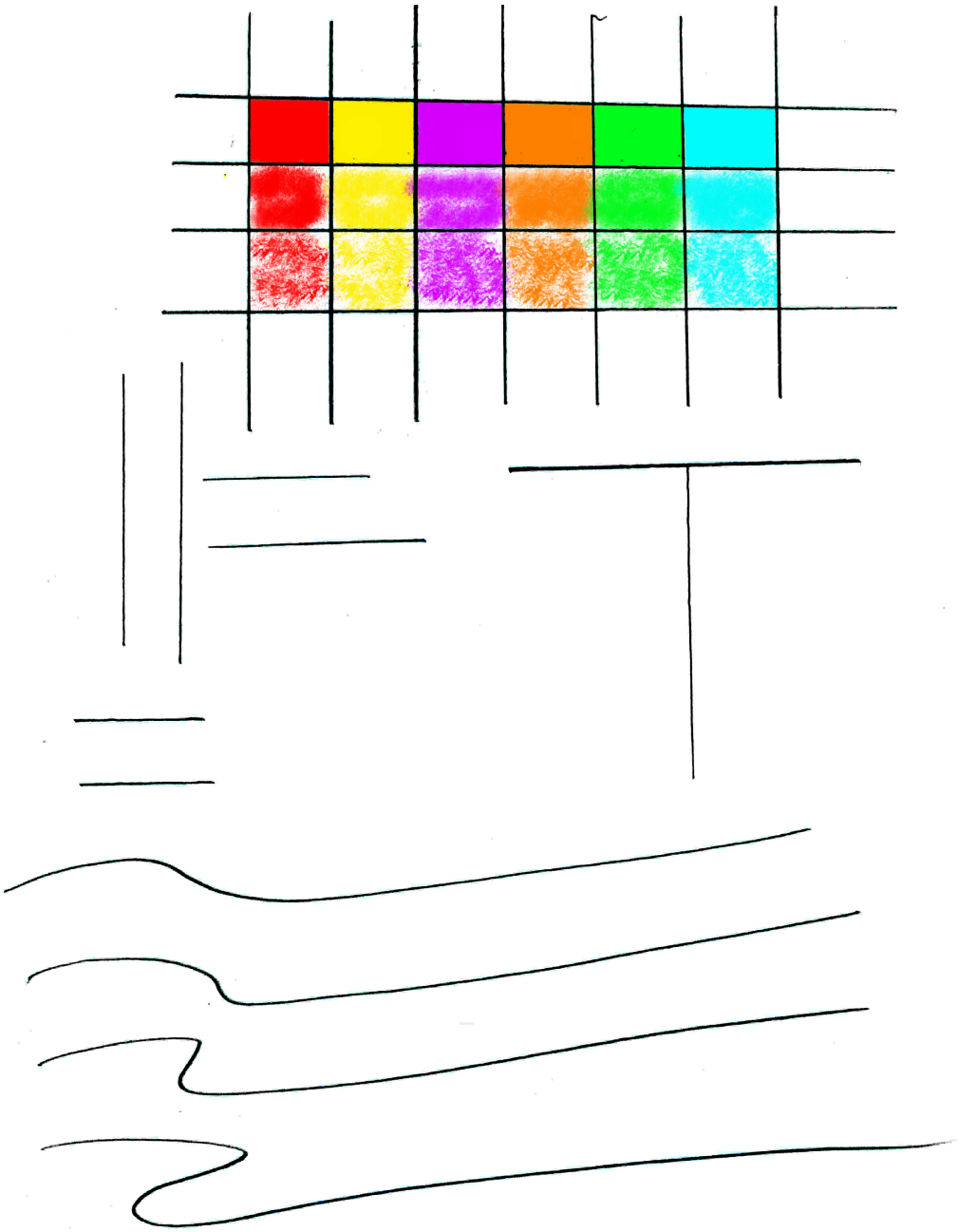
Na diversificada antropologia brasileira temos alguns exemplos claros e pontuais de tal operação, inclusive na nossa área específica. Um desses, do qual me distancio não por negação, mas por uma consistente incompatibilidade teórica, é referente aos conceitos que Magnani (2014) criou, desenvolveu e modificou por anos frente às pesquisas na Universidade de São Paulo.

Magnani (1984) "inicia" seu debate sobre a urbe com uma pesquisa na periferia de São Paulo. É bom ressaltar que a realidade urbana de cara apresentada já em nada se assemelha com as estruturas e a forma metodológica da etnografia standard. A periferia paulista não se apresenta como:

> [...] comunidades isoladas, relativamente fechadas sobre si mesmas, como um corpo de rituais e com uma explicação da natureza e de seus próprios processos sociais contida num conjunto mais ou menos estável de mitos, como os povos primitivos estudados pela antropologia clássica (MAGNANI, 1984, p. 21).

Porém, apesar de tamanha preocupação e avanço epistemológico, o conceito criado pelo autor para falar dos grupos de trabalhadores, das festas e das formas de lazer periféricas na década de 1980 em São Paulo não é suficiente: pedaço. Ainda que o pedaço se refira às infinitas relações que acontecem entre os "atores" sociais, ele fica restrito ao espaço físico, à periferia em si. O pedaço tem endereço geográfico, identificável, todos os acontecimentos daquele contexto social ocorrem lá. Tal noção não me é válida, uma vez que a cena alternativa tem as características organizacionais e físicas exatamente contrárias ao pedaço.

Ao pesquisar com os ditos alternativos em Teresina, logo percebi que eles não possuíam vínculo nenhum com qualquer espaço geográfico previamente estabelecido. Mesmo os lugares mais tradicionais são mutáveis. Nas universidades, por exemplo, com sua imposição discursiva dura, quase como um lugar neutro, a rotatividade de pessoas e sociabilidades é muito grande. Os bares fecham e abrem-se novos em questão de dias, as festas mudam de nomes e os pontos de encontro também variam constantemente. Acontece que na história dos estudos urbanos de Magnani (2005), tal realidade variável foi se impondo logo que as pesquisas se ramificaram por diversos tipos de manifestações metropolitanas, sobretudo em São Paulo.



Percebendo o caráter extensivo de vários grupos da cidade, Magnani (2014) cria o conceito de “mancha”. Como a imagem já sugere, mancha é uma gota de aquarela social que se espalha com intensidades e cores várias. Para o autor, diversos grupos sociais urbanos se

espalham pela cidade exatamente como uma mancha e estabelecem sua rede de interações para além de sua origem, para além do pedaço. Mas todo manchar tem um limite e, assim como o "pedaço", o limite da mancha também é geográfico. Logo, a mancha também não é suficiente. Uma vez que a mancha tem limitação geográfica e apresenta um tipo de absorção que é definitiva. Depois de estabelecida, manchada, não muda mais.

A figura mais apropriada para a cena alternativa é a de uma nuvem. Nuvens não têm formas definitivas, podem ser estratificadas ou pesadas, finas ou concentradas. Depois de formadas, precipitam, acontecem, e aí eventualmente vão se formar de um jeito totalmente diferente outra vez. A cena teresinense é exatamente assim. A nuvem é uma metáfora da alternatividade, que não tem uma gota de partida como a mancha, se forma de maneira única e repetidamente sob a cidade. Às vezes a alternatividade acontece estratificada pelo centro, às vezes se concentra rapidamente em alguma zona específica ou bairro. E então ela se precipita, acontece, some e vai aparecer de outra forma em algum outro momento, com características semelhantes às anteriores ou não. A alternatividade é coexiste com ela mesma.

Só que mais uma vez Magnani (2014) revê essa variabilidade intensiva dos fenômenos das cidades modernas, já que assim como a nossa cena alternativa, as dezenas de pesquisas feitas pelo departamento de antropologia urbana da USP revelavam fenômenos dos mais improváveis e contingentes. Para além da mancha, a dinâmica da e na urbe exigia mais uma "dobra" (DELEUZE, 2010) etnográfica. E ela veio através de um conceito chamado "circuito":

> O circuito passa, assim, a abrigar diversas classes de atores, inclui os espaços onde ocorrem suas práticas e se pauta pelo calendário de sua realização. Não se trata apenas de identificar pessoas, objetos, locais, estilos e marcas que estão em relação por compartilharem determinados interesses, valores, práticas: o que torna vivo o circuito é a movimentação dos atores, que pode ser apreciada, por exemplo, nos eventos, celebrações, rituais coletivos etc. Um evento local mobilizará pessoas, objetos, etc., de forma diferente de um evento de âmbito nacional (MAGNANI, 2014, p. 15).

O circuito é bastante próximo a como o campo alternativo se apresenta, mas não o contempla por inteiro. Tudo porque a cena alternativa teresinense não funciona de modo permanente como o circuito. Nosso campo é uma cadeia de acontecimentos contingenciais. São pequenos circuitos independentes sem início e nem fim. Apenas fenômenos de passagem que às vezes são planejados e às vezes são totalmente acidentais. Sim, ela envolve um vasto universo de rituais, estilos de vida, intenções políticas, eventos, expressões estéticas, valores e práticas. Mas a máquina alternativa não se prende a essa conceituação. Suas fronteiras são quase indiscerníveis, não há como delimitar, por exemplo, todas as diferenças entre

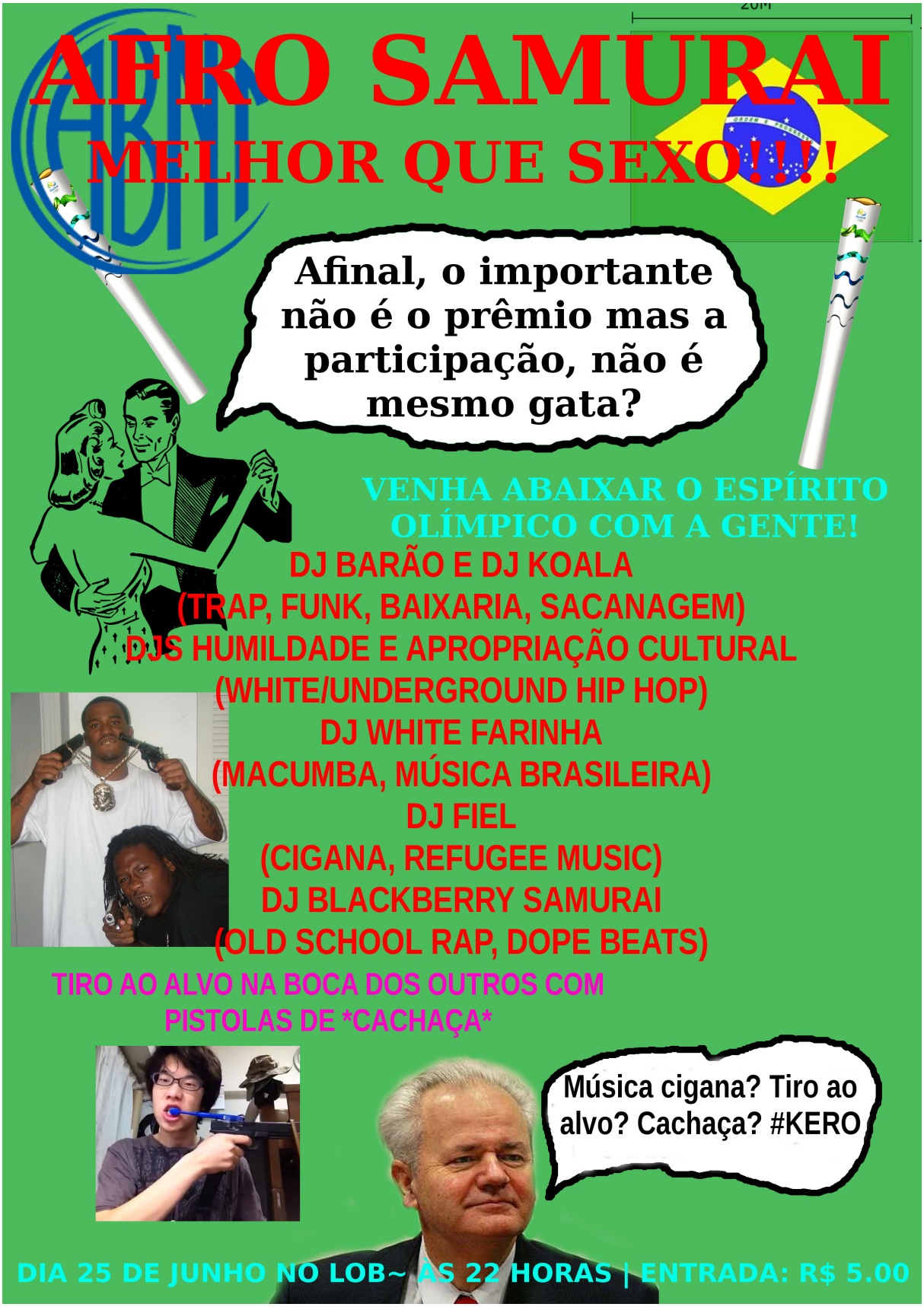
“alternativo” e “padrão”, entre outro e nativo ou observador e observado. E tudo isso ocorre por um segundo, no acontecimento, no coletivo, no momento em que uma subjetividade alternativa possível se efetua, com toda sua rapidez, contradições e reinvenções.

Logo, como dito antes, por causa da experiência de campo relatada aqui, não é auspicioso usar somente categorias de classificação standard ou de Magnani (este, apenas um dos exemplos conhecidos e poderosos), por exemplo, para falar do que seria essa cena alternativa. Não se trata, obviamente, de sugerir uma “melhor” ou “mais apropriada” forma de fazer antropologia e ciência social. A ideia é mais simples (embora não menos vertiginosa), é pensar na viabilização prática de uma outra antropologia possível. Ou como definiu Goldman (1999), “alguma antropologia”, uma etnografia alternativa.

Aqui, vale colocar o poder do campo como ferramenta de construção de saber. E ressalta-se que essa deve ser necessariamente uma preocupação simétrica (LATOUR, 2011). Ao mesmo tempo em que se pensa e se pergunta sobre as formas de des-organização social existentes, se deve perguntar também para a própria antropologia, a própria ciência. Certificar-se que formas de pensar são múltiplas e infinitas, reforçando o argumento de que qualquer ontologia só pode existir de forma variável e plural. Quem faz emergir tal possibilidade é justamente a experiência afetiva de contato e registro etnográfico do pesquisador com o seu campo (exatamente como a cena alternativa nos modificou enquanto alternativos e enquanto antropólogos). Talvez seja essa a intenção que nos aproxima daquilo que Viveiros de Castro (2015) chamou de “antropologia pós-estrutural” e Márcio Goldman (2012) nomeou de “antropologia pós-social”. Uma antropologia que defenda a existência de modos de pensar distintos e singulares, propondo (contra) ontologias da diferença. No meu caso, uma (contra) ontologia alter-nativa. Sem paredes que separam eu e outro, observador e observado.

Não se trata de uma invenção da roda. E ainda bem. Dentro do contexto brasileiro, para além do próprio Perlongher, algumas outras pesquisas são cruciais para entender a antropologia pós-estrutural. Dos anos oitenta até hoje, trabalhos pontuais vêm certificando essa alguma antropologia, a antropologia da alternatividade, ocupando um lugar epistemopolítico dentro do incessante jogo dos saberes (ou não) sobre o social. Sobretudo no mundo contemporâneo, onde as fronteiras geográficas foram reduzidas substancialmente pela realidade cibernética, as transformações científicas são cada vez mais intensas, os desequilíbrios ecológicos irremediáveis e os extremismos sociais mais comuns (GUATTARI, 2012). Parece razoável considerar a importância e o poderio teórico de uma abordagem que

entorte a lógica científica mais comum e busque pensar de forma ontológica a diferença e as multiplicidades enquanto processos.



Em uma interessante etnografia sobre o contexto punk carioca ainda nos anos 1980, a antropóloga Janice Caiafa chega a uma conclusão curiosa: “E sempre algo me escapou, e talvez também a eles – em que toda experiência é um segredo. Não porque esconda alguma coisa, mas porque se produz em múltiplas direções, transversalidades, por já se dar não-toda, por ter infinitos lugares” (CAIAFA, 1985, p. 23). Alguns estudos contemporâneos, principalmente com agrupamentos urbanos de grandes metrópoles como os punks, costumam ter características contrárias ao insight da pesquisadora carioca. Assim como em outras áreas de atuação, a antropologia continua, de certa forma, por homogeneizar as engrenagens e os seres que fazem parte desses grupos, como se todos compartilhassem as mesmas práticas e a mesma subjetividade.

O antropólogo João Batista de Menezes Bittencourt, em um atual estudo sobre as formas de sociabilidades dos grupos *straightedges* (punks que não consomem álcool e nem carne) em São Paulo, diz:

> Para o pesquisador acostumado com as terminologias sociológicas que são frequentemente utilizadas nos estudos sobre agrupamentos juvenis urbanos, como ‘subcultura’, ‘tribo’ e ‘movimento’, a ideia de escolha pessoal não possui tanta relevância, pois o que se busca em alguns é a unidade de grupo e não a diferenciação. [...] Diferentemente dos demais agrupamentos juvenis urbanos como os punks, os skinheads e os emos, entre outros, os straightedges não se encaixam numa perspectiva de grupo com características específicas. O que estou querendo dizer é que não existem práticas que possam classificar os indivíduos como adeptos ou não desse estilo de vida (BITTENCOURT, 2015, p. 5).

Vale lembrar que os grupos *straightedges* são muitas vezes tratados como unidades fechadas e datadas, uma vez que a ética deles possui um conjunto de regras rígidas. Ao conviver com eles durante quase quatro anos, o antropólogo percebeu que é na diferença que os membros dessa filosofia se identificam enquanto coletividade, contrariando o que se habitualmente se conclui sobre as coletividades urbanas: “Além desse desejo de não ser enquadrado numa identidade específica, a ideia de escolha pessoal assumida por esse jovem também o coloca como responsável por suas ações, o criador de suas leis” (BITTENCOURT, 2015, p. 53).

A princípio a cena alternativa teresinense é um universo de sociabilidades difusas onde se enquadram a maiorias das pessoas que não querem seguir ou compartilhar discursos e atividades da lógica hegemônica capitalista. Mas não se resume a isso, as portas estão abertas o tempo inteiro. Outras sociabilidades também permutam com a sociabilidade alternativa. Trata-se de um conceito mutante, uma vez que por se tratar de uma perspectiva, a constituição da cena alternativa depende do contexto onde está enquadrada. As margens se atraem. É sobre

vivência. A cena da Noruega pode ter semelhanças com a cena local, mas ainda assim existirão muitas outras diferenças decorrentes do contexto hegemônico de cada lugar. Em Teresina, uma das principais características é justamente essa: capacidade de absorver o diferente.

Assim, usar os posicionamentos defendidos pelo projeto de antropologia pós-estrutural parece um desembocar óbvio da minha atividade de campo. Aliás, a própria experiência etnográfica foi tomando uma sensível e singular forma.

> Tomar a experiência de campo como agenciamento é um caminho interessante para retornar os problemas que apontamos acima. O que está em jogo são multiplicidades de ações e paixões de um lado, de enunciados do outro, indissociavelmente ligados e sem relação de determinação. Nessas multiplicidades os componentes são heterogêneos e estão em regime de co-funcionamento ou simpatia (CAIAFA, 2007, p. 153).



No intenso jogo dos saberes e das formas de se (não) fazer etnografia, uma pesquisa é essencial para este insight desenvolvido aqui, pela preocupação com a experiência de campo e pela proximidade com a vontade de criar e falar sobre formas singulares de pensamento. O trabalho de Eugênio (2006), pesquisando com os sujeitos que ocupam e consomem a noite da música eletrônica do Rio de Janeiro. Na ocasião, a autora usa a palavra cena para descrever o fenômeno assim como a pesquisa com os alternativos locais. O que rege a cena carioca é a dificuldade de enquadre dela com alguma organização que seja, ainda que se considere equivocadamente que a cena eletrônica carioca é criada apenas por um só grupo.

> É sintomático que meu ‘grupo-que-não-é-um-grupo’ tampouco ostente uma identidade de ‘vivas arestas’ [...]. A cena carioca, ao contrário, aparece como fenômeno precisamente em sua imprecisão, ou no tensionar de seus próprios limites (limites-tensão), apresentando-se antes em diagrama do que em contorno; como ‘resultado’ ocasional e contingente do desdobramento em deriva de seus agentes, eles próprios dados por suas relações – ou, mais simetricamente, eles próprios relações. É sintomático, dizia. Isto porque a noção de ‘sociedade’, com a qual a de ‘grupo’ partilha a mesma coluna classificatória, decerto não agoniza sozinha (EUGÊNIO, 2006, p. 49).

A noção de cena (eletrônica carioca) é então a mais próxima possível da cena (alternativa teresinense). Inclusive, a própria definição foi fruto da profunda experiência de campo, contato e afeto junto aos “grupos” da *night* eletrônica carioca. Para Mendes de Almeida e Almeida Tracy (2003) essa é uma característica necessária para muitas pesquisas das ciências sociais contemporâneas. É preciso pensá-las não somente pelo viés científico, mas em confluência com o contexto histórico atual e, principalmente, com a necessidade de fazer autorreflexões. Na ocasião, as autoras fazem a defesa de um universo teórico diferente, voltado para as experiências junto a jovens adolescentes também frequentadores da noite carioca.

> Em primeiro lugar, é importante assinalar que a perspectiva analítica empreendida neste estudo procurou se distanciar da atmosfera do mal-estar e do ‘pânico moral’, geralmente implícita nas análises que vêm mapeando a pós-modernidade e seu impacto sobre o inevitável desamparo e a perda de condição crítica dos sujeitos. Nossa proposta, ao contrário, deixou-se embaçar pela obstinação em perseguir o traçado do novo, sem a contaminação da nostalgia, da aura do horror e do trágico, da decomposição dos valores, e do obscurantismo. [...] Acima de tudo, acreditamos que o limiar de significativas transformações da subjetividade contemporânea está em curso, produzindo efeitos e gerando impasses e perplexidades para todos nós (MENDES DE ALMEIDA; ALMEIDA TRACY, 2003, p. 24-25).

O que as autoras nos trazem de forma praticamente explícita (assim como todos os outros já colocados aqui como Perlongher, Caiafa e Bittencourt) é a possibilidade de perceber as ciências sociais, a antropologia sobretudo, para além delas mesmas, e colocando a variável subjetiva da experiência como dado etnográfico possível, encarando os grupos enquanto instâncias processuais e gradativas. Agora, a discussão trabalhada aqui acende uma questão metodológica pontual: como etnografar o que se apresenta como não etnografável? Uma saída possível, e proposta aqui, é colocar o subjetivo, a sutileza social e as subjetividades como passível de mapeamento de uma etnografia da experiência.

1.5 Diferentes alternativos: uma etnografia da subjetividade e da experiência

Se não é possível etnografar a cena alternativa de Teresina enquanto universo totalizante, como é possível falar das suas variáveis sem cair em uma análise individual e nem em um psicologismo de grupo? A resposta obviamente não é simples e nem única. Também não cabe aqui discutir todos os desdobramentos e virtualidades possíveis. No entanto, proponho para a pesquisa em questão uma chave específica de leitura: tratar a subjetividade e a experiência como dados etnográficos palpáveis. Ou seja, escrever uma etnografia pela ótica da (des)subjetivação.

Falarei em como cheguei a tal decisão metodológica. No entanto, é crucial, a princípio, discutir a amplitude dos conceitos usados e, mais uma vez, trazer junto a experiência interior de si, não na forma de relato individual mas como um possível etnografável. Das muitas reflexões que fiz de mim mesmo no decorrer do processo de pesquisa, duas foram inevitáveis (e complementares): Por que me consideram um alternativo? E por que eu também me considerava um alternativo? Como toda pergunta de cunho genérico existencial, as reflexões a respeito são longas e inconclusivas, mas me servem como ponto de partida da estratégia metodológica adotada. Paciente e calmo, fui trabalhando a questão de forma silenciosa, em paralelo com outras demandas da pesquisa. Sem nenhuma obrigação de solução no horizonte. Aos poucos fui percebendo que uma explicação razoável passava não apenas por uma reflexão do presente. O "pulo do gato" estava dar um passo para trás, fazendo um mapeamento histórico das sensações, da experiência, da minha trajetória.

A chave de leitura base foi um acontecimento dentro do próprio ambiente acadêmico, quando me graduei em Comunicação Social, num momento ainda bem distante do atual. Na ocasião, escrevi uma etnografia como Trabalho de Conclusão de Curso. Era uma etnografia da organização *straightedges* de Teresina. A figura do metaleiro era importante para mim. Foi no heavy metal que tive meu primeiro contato com arte e cultura. Por causa do heavy metal que aprendi a tocar vários instrumentos musicais, tive bandas e fiz show com então 15 anos. A escolha do tema na monografia foi totalmente passional e pessoal, admito (assim como a escolha dessa dissertação). Só que na época em que optei por isso, por escolher tal "objeto", eu já estava completamente distante do mesmo. A identificação pessoal era pequena, não só em termos de atuação dentro do suposto agrupamento *straightedges*, mas também como figura de desejo, na vontade de compartilhar.



Na época (me graduei com vinte anos), eu já não tocava mais em uma banda de metal e até mesmo consumia pouca música ou produtos do universo heavy metal, muito embora não tivesse esquecido de nada. Perceber a distância e as mudanças, mesmo que o laço afetivo ainda existisse, se concretizando, me fez repetir o processo em vários momentos da minha vida. Constatei então que, enquanto alternativo, já nos dias de hoje, nenhuma ferramenta identitária e representativa me era suficiente. Eu tinha passado por vários agrupamentos urbanos diferentes, sem ficar fixo a nenhum. Dos indies aos straightedges, passando pela galera da música eletrônica e do hip hop. A dinâmica urbana contra essa corrente operacional, inclusive. Era possível sim essas tribos variadas se desenhando, mas nenhuma delas fazendo valer por completo a lógica das representações. Quando isso ocorria, era certamente num ponto de exceção do processo. Muitos dos meus amigos e pessoas dos círculos sociais mais próximos estavam numa situação de nomadismo cultural semelhante, ainda que resguardada

as devidas singularidades de cada. Tal percepção me fez voltar para pergunta inicial, incrementá-la, aperfeiçoá-la.

Foi aí que emergiu a variável subjetividade. Diante de toda essa caminhada autorreflexiva, eu estava por falar da minha própria experiência interior. O que me constituía como "ser", várias camadas de relação e a relação entre as próprias relações. A lógica da identidade, do uniforme não eram suficientes, e forçavam a ver a diferença como fator constitutivo primal. A subjetividade era chave de interpretação necessária, onde o ato de diferir encontrava aconchego teórico que precisava e que emergia como dado etnográfico para mim.

Falar ou definir subjetividade é, de certa forma, se misturar à história do pensamento, numa arqueogenealogia da ideia de "ser" (as aspas aqui são essenciais). A história do pensamento mais conhecida, mais íntima, que chamarei aqui de ocidental, é recheada de blocos de pensar com variadas características e reflexões sobre o que constitui o ser e suas implicações, variadas ontologias (GUATTARI, 2016). Do cuidado estoico, ao existir racional iluminista europeu, passando pela negação cínica, pelo crente no transcendente católico, até o indivíduo moderno permanentemente mobilizado (FOUCAULT, 2008; SLOTERDIJK, 2012), a ideia de sujeito, anacrônica, funciona como uma cola lubrificante que faz funcionar toda essa máquina arquegenealógica do pensamento e das ontologias variadas. Como disse Guattari (2016), uma máquina "metamodalizadora".

Dessas todas as formas de encarar o sujeito, de existir, uma me é crucial, a que encara o sujeito como processo, correlacionando experiência singular e o ato de viver. A princípio, essa noção surgiu para confrontar um suposto sujeito soberano, dono de si, único, fruto principalmente do racionalismo transcendental do Iluminismo e da Idade Moderna. Foucault, no entanto, argumenta que a própria modernidade rejeita o sujeito soberano, pois ele só existe no âmbito do discurso.

> Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção do sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural (FOUCAULT, 2012, p. 284).

De fato, como sugeriu Foucault, quando comecei a agir como actante (LATOUR, 2012) ainda no meio cultural *straightedges*, existia toda uma série de discursos que forçavam o sujeito metaleiro a ser soberano. Se vestir de preto, usando acessórios estéticos específicos,

tocar algum instrumento com técnica apurada, frequentar alguns lugares específicos da cidade, entre outras "obrigações". Um discurso sobre a verdade, de sujeição, era autenticado pela forma sobre como seria o ideal de *straightedges* "real". Essa lógica, aliás, é uma constante maioria dos grupos culturais que tive contato.

Acontece que, como relatei, o contato com universo *straightedges* e toda a estruturação dos discursos sobre um lugar de verdade e o "metaleiro real" não foram suficientes para domar a minha subjetividade. A experiência não cessa. Só hoje é que percebo como tudo se formatou, apesar de que todas as mudanças e atravessamentos tenham ocorrido de forma muito natural e imperceptível. Quando comecei a oficializar uma pesquisa sobre um suposto grupo alternativo em Teresina, essa tendência ainda era muito forte em mim, mesmo com todas as mudanças de gosto e de desejo ocorrendo de forma permanente, intensiva e invisível.

Deleuze é um dos pensadores que melhor articulou um conceito de sujeito de acordo com a intenção do presente trabalho. Ele emula David Hume para tratar do conceito no livro Empirismo e Subjetividade. Para isso, Deleuze o conecta a um tríptico (GUATTARI, 2012) conceitual e operacional, onde cada variável se relaciona entre si. Primeiro ele fala da subjetivação enquanto instância in natura do pensamento. Fugindo das ideias de real e de verdade, ele compõe o tão problematizado sujeito (nas filosofias e nas ciências) como uma variável complexa e fugidia e mesmo assim conectada à vida.

> O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é o sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é o duplo movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete […] Em resumo, crer e inventar, eis o que faz o sujeito como sujeito (DELEUZE, 2012, p. 99).

Se o sujeito se caracteriza por esse devir outro, duas outras variáveis se desdobram e se relacionam indissociáveis da sua própria imagem, uma operacional e outra consequente. Se o sujeito é movimento de crer e inventar, a forma como ele operacionaliza tal processo é chamado de empirismo. A palavra empiria é recorrente no universo das ciências e das técnicas de sistematização de pensamento. De forma geral, as ciências costumam separar teoria e empiria, uma correspondendo à ação (ato de experienciar) e outra à formulação (no sentido de se criar uma fórmula literal) de tal experiência. Deleuze vai na direção oposta. Para tentar dar consistência ao conceito de subjetivação, ele coloca que o empirismo, como operação metodológica, não faz tal distinção entre experienciar e sistematizar. São dois processos paralelos e concomitantes.

> O empirismo parte dessa experiência de uma coleção, de uma sucessão movimentada de percepções distintas. Ele parte delas, na medida em que são distintas, na medida em que são independentes. Com efeito, seu princípio, isto é, o princípio constitutivo que dá um estatuto à experiência, não é de modo algum aquele segundo o qual 'toda ideia deriva de uma impressão', cujo sentido é apenas regulador, mas é, isto sim, aquele segundo o qual 'tudo o que é separável é discernível e tudo o que é discernível é diferente'. É esse o princípio da diferença (DELEUZE, 2012, p. 101).

É importante notar que, já aí, o filósofo coloca a diferença como sendo uma entidade geracional no correr das coisas e do mundo. Se o sujeito é crer e inventar, o empirismo é a forma como isso se efetua e a experiência é a consequência relacional de todo o processo. Nela, a ideia de diferença é a base para um conceito consistente de subjetivação.

> Assim, a experiência é a sucessão, o movimento das ideias separáveis na medida em que são diferentes, e diferentes à medida que são separáveis. É preciso partir dessa experiência, porque ela é a experiência. Ela não supõe coisa alguma, nada a precede. Ela não implica sujeito algum da qual ela seria a afecção, substância alguma da qual ela seria a modificação, o modo (DELEUZE, 2012, p. 102).

É claro que a articulação deleuziana atua principalmente no campo metafísico (posso dizer até no meta-metafísico). A metafísica não me é estranha, é ao contrário parte importante da composição do presente trabalho. No entanto, para chegarmos onde queremos, que é perceber como a subjetividade pode atuar como um dado etnográfico, é preciso fazer uma dobra no já pertinente pensamento de Deleuze. Já se sabe que a subjetivação é esse inter-relacionar não hierárquico entre as variáveis: sujeito, empirismo e experiência. Como materializar então a subjetividade enquanto operador etnográfico?



A saída (ou entrada) pode estar curiosamente no parceiro de escritura de anos do próprio Deleuze. Guattari diz que parte das suas investigações consistiam não só em articular no âmbito teórico esse complexo painel no qual os sujeitos, as subjetividades e as subjetivações se instalam. Ele diz que certa altura do processo é preciso não só indagar o sujeito sobre como sua subjetividade "funciona". É preciso que o sujeito analisado diga como funciona nossa própria subjetividade (a dos interlocutores), é necessário simetrizar (LATOUR, 2011) as subjetivações:

> Ao contrário, nós perguntamos: 'Senhor presidente Schreber, o senhor quer, não apenas nos dizer como funciona sua subjetividade, mas fazer funcionar a nossa?' Isso me parece uma reviravolta essencial. Quem são hoje em dia os grandes inventores, os grandes criadores de subjetividade? São essas pessoas (GUATTARI, 2016, p. 61).

No caso dessa pesquisa, o interlocutor sou eu, o pesquisador, antropólogo, produzindo uma etnografia. Quando estive em campo (e o conceito de campo aqui é elástico, pois não é possível determinar nem o início exato e nem o final da atividade de campo), essa experiência (interior) veio à tona seguidas vezes, de variadas formas. Ao questionar os alternativos sobre sua suposta alternatividade, as respostas eram inconclusas e diferentes, distantes de um "ideal". Esse aspecto fugidio era inclusive o que me vinha à tona sempre que eu próprio me fazia essa pergunta. Tal incômodo me fazia questionar meu próprio sujeito e o funcionamento da minha subjetividade, assim como sugeriu Guattari (2016). Meu "objeto" estava criando, vivendo empiricamente e gerando uma experiência alternativa. E eu igualmente, só que enquanto pesquisador. Os indivíduos alternativos só conseguiam se expressar e falar sobre sua experiência, singular e diferente, fugindo das ideias de representação e identidade alternativa que julguei existir previamente. E isso faz minha própria subjetividade operar, tensionando o papel do pesquisador que nos era carimbado também previamente. Alter.nativos diferentes, pesquisadores diferentes, alter.nativos pesquisadores diferentes, pesquisadores alter.nativos diferentes.

Tal lógica é invariavelmente ligada às noções mais básicas e simples (embora igualmente complexas) de antropologia:

> Um antropólogo é alguém que procura fazer o inventário das diferentes formas de viver, formas que existem em grande número e que são muito diferentes entre si. E depois, com base nesse inventário, o antropólogo tenta elucidar os princípios que permitem dar conta dessas diversidades de costumes, de usos, de visões de mundo (DESCOLA, 2017, p. 31).

É justamente no âmbito do subjetivo, da subjetividade e subjetivação que essa diferença se efetua, emerge: “Não há novo modo de existência que não seja fruto de uma mutação subjetiva, de uma ruptura das significações dominantes. O possível deixar de ficar confinado ao domínio da imaginação, ou do sonho, ou da idealidade, se alarga em direção a um campo, o campo de possíveis” (PELBART, 2017, p. 412). É por isso que defendo que a subjetividade pode ser uma poderosa ferramenta etnográfica em qualquer pesquisa. Através dela é que se pode mapear e falar sobre esses infinitos modos de existência (que irei apresentar nos capítulos 2 e 3, agora nas alçadas histórica e etnográfica), que se criam e se reinventam o tempo inteiro. É nesse campo de possíveis que se insere a alternatividade teresinense.


Uma festa, um público, uma experiência única de histeria coletiva!!!
Pistolas de cachaça!
Melhores DJs!
Gente estranha levada a sério!
Gente feita de papelão
Góticos
Ocultistas
Fãs de Cae Tano
Blogueiros
Otakus
Bonecas Infláveis
Gente fantasiada
Trans lacradoras
Todos ama a...
Awkward Friendship Party
Gente bonita por fora e feia por dentro!
DJs IDI & Amim
DJS Felipe Smith & ahjussi gostoso
DJ Barão e DJ Koala
DJ Albert N Crimson
Blaze of The Norten DJS
R$15,00 03/10/2015
(AMANHÃ)
@Coisas De Boteco
TOPTOPTOPTOPTOPTOPTOPTOPTOPTOPTOPTOP
0-18
A
F
P
@persidentObama

2 ESTRANHOS NO PARAÍSO, SAMURAIS DO GUETO, VAMPIROS BECKTTIANOS E POETAS QUE DIRIGEM ÔNIBUS: INTERLÚDIO DE UMA VIDA ALTERNATIVA

Cena 1

Uma garota de cabelo preto e sobretudo igualmente negro está em pé olhando para algo distante. É um aeroporto, um avião está saindo e outro chegando. Ela para por alguns segundos observando o movimento. No chão, ao lado dela, uma mala também preta e uma sacola dessas de boutique. A garota pega a mala e a sacola com as duas mãos e saí do quadro caminhando.

Tela preta.

Um telefone toca. Um rapaz branco magro e esquisito de terno retrô e chapéu de gangster dos anos quarenta abre a porta, vai em direção ao telefone e o atende.

Willie: Sim?

Uma voz de senhora de idade chata e falando um idioma inteligível começa a balbuciar do outro lado da linha.

Willie: Oh, olá, tia Lotte.

Willie: Não me fale em húngaro, por favor.

A tia Lotte continua falando em húngaro.

Willie: Não, não sei nada dele há 10 anos.

Willie: Sim, recebi sua carta.

Willie: Fale inglês, por favor.

Willie: Sim, minha pequena prima Eva.

É impossível entender a tia Lotte.

Willie: Já sei, virá e passará a noite aqui. Quando chega?

Willie: Hoje? Chega hoje de Budapeste?

Willie: Ai, não.

Willie: Eu não topei isso.

Willie: É impossível cuidar dela por 10 dias.

Willie: Transtorna minha vida inteira.

Willie: Nem sequer me considero parte da família. Entende?

Willie: Lamento que tenha que se internar no hospital.

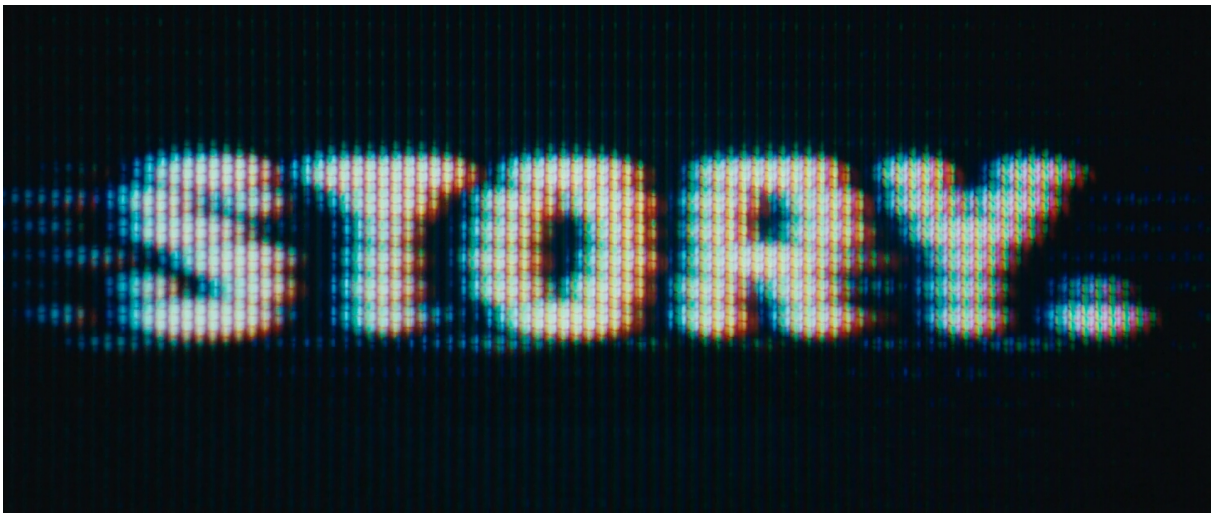
Willie: Sim. Sim. Sim. Ok. De acordo. Adeus.

Willie: (Desliga o telefone) Merda.

Tela preta com os dizeres: o novo mundo.

A mesma garota que observava o aeroporto agora aparece numa rua de uma cidade movimentada. Ela pega um rádio portátil reprodutor de k-7 de dentro da sacola de boutique e aperta o play. Começa a tocar a música “I Put A Spell On You”, na versão soturna de Screamin Jay Hawkins. Agora com trilha sonora, ela vai andando pelas ruas da cidade com as malas na mão. Parece ir para algum lugar. Algumas pessoas caminham nas esquinas. Carros param no sinal. Ela passa por uma oficina com um letreiro dizendo que é possível confiar no trabalho. Caminha mais um pouco e na porta de uma loja fechada aparecem os dizeres num pixo: “Fora de tudo”. É uma cidade grande.

Tela preta.



Cena 2

Um Mercedes prateado anda devagar por uma estrada com muita área verde. De repente quem o dirige avista na estrada dois caçadores com trajes camuflados. O carro para. De dentro desce um cara grande, negro, com traças e um terno azul brilhoso impecável.

Ghost Dog: Uau, que urso enorme vocês mataram.

Caçador 1: Sim, o desgraçado pesa uns 150 kg.

Ghost Dog: É… engraçado que eu nem sabia que a temporada de caça ao urso tinha começado.

Caçador 1: Você é da Polícia Florestal? É agente federal?

Ghost Dog: Não. Não, só estou perguntando.

Caçador 1: Quer saber? Não restam muitos desses merdas pretos enormes por aqui. Por isso, quando você tem um na mira, você atira.

Ghost Dog: Por isso atiram neles? Porque não restam muitos?

Caçador 1: Acho que não entendi sua pergunta.

Caçador 2: Sabe (pegando uma arma), também não tem muitas pessoas de cor por aqui. É melhor entrar no seu carrinho chique e cuidar da sua vida.

Ghost Dog: Sim. Talvez você tenha razão.

Ghost Dog rapidamente saca uma pistola com silenciador de dentro do terno e atira nos dois caçadores. Um já cai morto. O outro agoniza.

Caçador 1: Jesus! Você atirou no meu joelho!

Ghost Dog: Sabia que, nas culturas antigas… ursos eram considerados iguais aos homens?

Caçador 1: Esta não é uma cultura antiga, senhor.

Ghost Dog: Às vezes é.

Ghost Dog se aproxima do caçador moribundo e dá o tiro final.

Tela preta, em seguida aparece um texto.

“‘Nosso corpo recebe a vida no meio do nada’. Existir onde não há nada é o significado da frase. ‘A forma é o vazio’. Todas as coisas serem fornecidas pelo nada é o significado da frase ‘O vazio é a forma’. Não se deve achar que essas são duas coisas separadas.”

Tela preta.



Cena 3

O casal encontra-se deitado num sofá antigo, numa sala com aspecto ainda mais velho, embora a atmosfera seja muito aconchegante. A luz é leve, levemente azulada. Muitos objetos antigos compõem a cena: livros, mobília, luminária, instrumentos musicais. Ela é branca, loira de cabelo quase branco. Ele igualmente translúcido, mas com cabelo totalmente negro e longo. Enquanto se acariciam deitados no sofá, uma música lenta e ruidosa toca ao fundo.

Eve: Adorei a decoração desse lugar. E sua música nova também. Lembrou-me de quando você deu aquele quinteto de cordas ao Schubert, lembra? E ele disse que era dele.

Adam: Sim, mas eu o pedi pra dizer. Mas o dei apenas o Adágio. Apenas para lançar algo.

Eve: É por isso que lançará essas novas?

Adam: Precisava refletir. Para ver se retornaria antes de…

Eve: Antes de quê?

Eve: Oh, Adam. Você sempre culpa os zumbis quando está deprimido. E quanto a todos os seus heróis?

É possível perceber que nos lábios de ambos há marcas de vermelhas, de sangue, provavelmente.

Adam: Não tenho heróis.

Eve: Não? E os seus cientistas abençoados?

Adam: Cientistas? Veja o que fizemos a eles. Pitágoras: assassinado. Galileu: condenado. Copérnico: ridicularizado. O pobre Newton obrigado a praticar alquimia escondido. Tesla destruído. Lindas possibilidades completamente ignoradas. E ainda reclamam de Darwin. Ainda. Tantas coisas aos cientistas. E agora conseguem poluir seus próprios sangues. Sem mencionar a própria água.

Eve: Pois é. Se falarmos sobre todas as atrocidades da história, veremos o sol nascer.

Adam: O sol está nascendo. Deveria te falar sobre a ação fantasmagórica à distância? A teoria de Einstein sobre o Entrelaçamento quântico.

Eve: Adoro o jeito como você conta. Mas agora não. Não queremos ficar acordados o dia todo.

Adam: Eve, poderia me falar a idade desse violão? Acho que é L2, mas nunca precisei a data.

Ele pega a mão dela e põe em cima do violão. Ela desliza os dedos sobre a madeira antiga.

Eve: Ohh... ela é linda. Gibson, 1905.

Adam: Ela é velha.

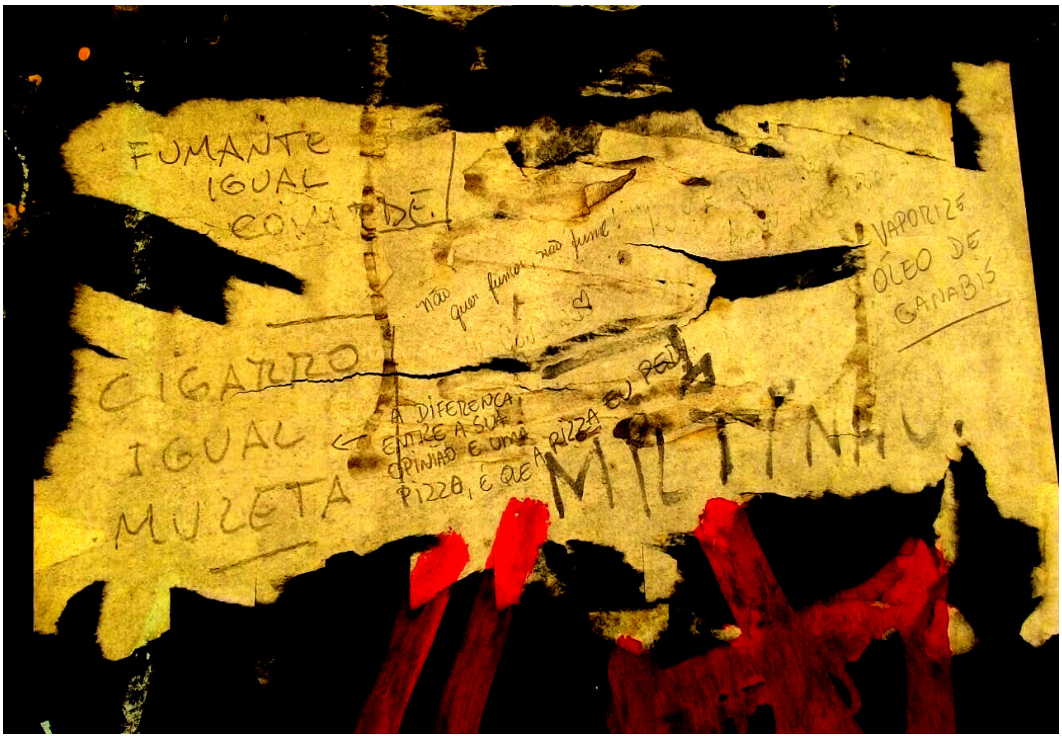
Eve: Sim, meu amado. Mas você sabe que o seu roupão é uns cem anos mais velho.

Adam: É mesmo?

Tela preta.

O casal agora está sentado numa área aberta, numa espécie de antiga edificação turca, sob a luz da lua. Com eles, há um instrumento de corda oriental.

Adam: O sangue humano é composto por 82% de água. A guerra da água já começou? Ou ainda é pelo óleo?



Eve: Sim, estão começando.

Adam: Entenderão apenas quando for tarde demais.

Eve: Quanto do corpo humano é água?

Adam: De 55 a 60 por cento.

Eve: E quanto à superfície da terra?

Adam: Mais ou menos 70% é oceano e ainda existem os lagos e os rios. Droga! Mal estou aqui ainda. Estamos acabados, não estamos?

Eve: Ação fantasmagórica à distância de Einstein. Está relacionada à teoria quântica?

Adam: Não. Não é uma teoria, foi comprovada.

Eve: Conte-me sobre ela novamente.

Adam: Quando você separa uma partícula entrelaçada, e separa ambas as partes. Mesmo em polos distintos do universo, se você muda ou afeta uma das duas, a outra mudará ou ficará alterada também. Assustador.

Eve: Mesmo em polos distintos?

Adam: Sim.

Eve: É o que estamos pensando? Adam, de verdade. Tão maldito século XV. Mas são deliciosamente lindos, não são?

Ambos olham um casal que está postado numa sacada a frente deles, se beijando.

Adam: Que opção temos, de verdade?

Eve: Mas vamos só transformá-los, tudo bem?

Adam: Que romântico da sua parte. Mas ficarei com a garota.

Adam e Eve se levantam e se aproximam do casal.

Eve: Com licença?

Quando o casal que namorava se vira para falar com eles, Adam e Eve atacam com suas presas de vampiro para fora.

Tela preta.

Cena 4

Paterson, vestido com um uniforme de trabalho e com uma lancheira de metal nas mãos, vai caminhando tranquilamente em meio a um prédio.

Paterson: Com licença, está tudo bem? Sozinha aqui?

Garota: Tudo bem, estou esperando minha mãe e minha irmã. Ela está naquele prédio.

Paterson: Se importa se eu sentar aqui até sua mãe chegar?

Garota: Tudo bem.

Paterson: Sim?

Ele senta.

Garota: Sim. Você é motorista de ônibus?

Paterson: Sim.

Garota: Já dirigiu um desses… sanfonados?

Paterson: “Articulados”.

Garota: Articulado.

Paterson: Sanfona.

Eles riem.

Paterson: Não, eu só dirijo os normais.

Garota: Já dirigiu um caminhão de bombeiros?

Paterson: Não, só ônibus e carros. E dirigi um caminhão grande uma vez mas… só isso.

Ele olha o caderno da menina.

Garota: Você gosta de… poesia?

Paterson: Sim, eu meio que sou um poeta.

Garota: Sério?

Paterson: Sim.

Garota: Escrevo poesia. Escrevo tudo nesse caderno. Meu caderno secreto.

Ela mostra o caderno com um cadeado rindo.

Paterson: Você é uma poetisa!

Garota: Sim.

Paterson: Que legal.

Garota: Quer escutar uma?

Paterson: Claro, claro.

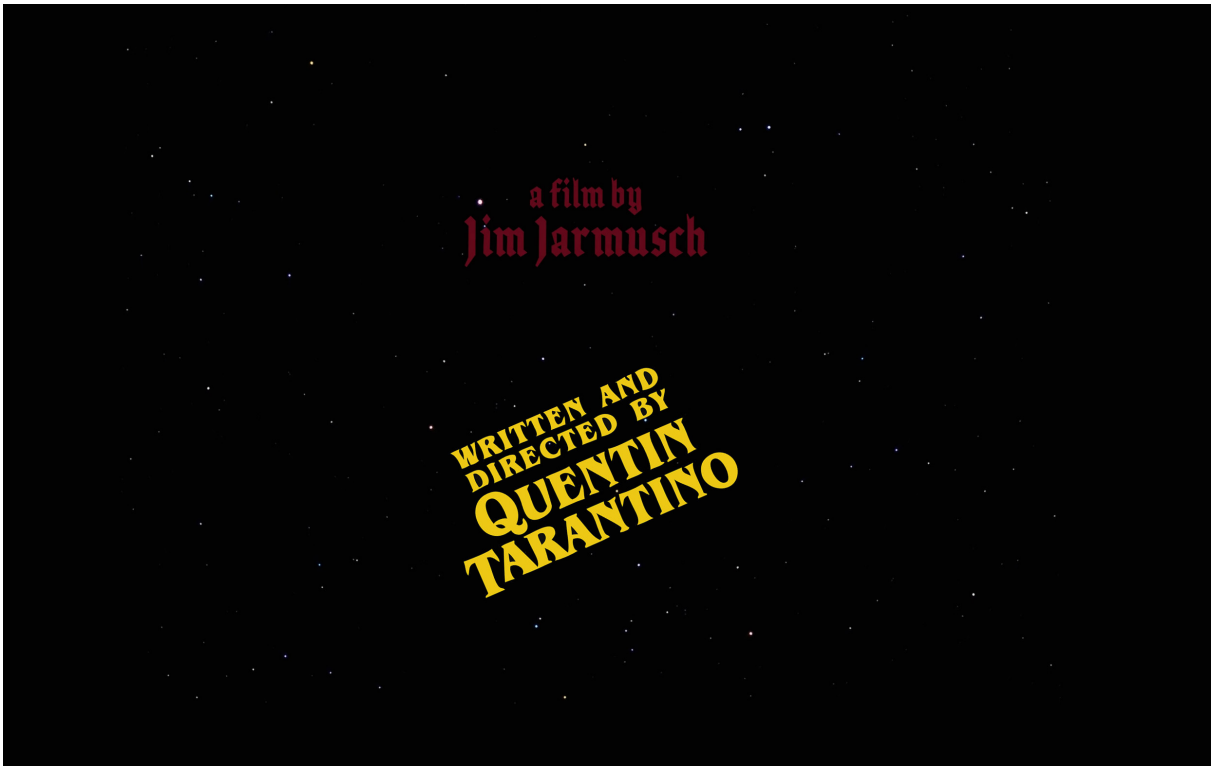
Garota: Mas… ela não rima.

Paterson: Tudo bem, eu prefiro assim.

Garota: Sim, eu também. Esta se chama “Água Cai”. Duas palavras.

Ela mostra no caderno, ele olha com atenção.

Paterson: “Água cai”. Certo.



Garota: Água cai. Água cai pelo ar cristalino. Cai como cabelo. Caindo nos ombros de uma garotinha. Água cai. Formando poças no asfalto. Espelhos sujos com nuvens e prédios por dentro. Cai no teto da minha casa, cai na minha mãe, e no meu cabelo. Muitos chamam de chuva.

Ela ri no término.

Paterson: É um poema bonito.

Garota: Você gostou mesmo?

Paterson: Sim, de verdade. Achei bonito. Água cai. Obrigado.

Garota: Não rima muito.

Paterson: Não, mas as primeiras duas linhas sim. Num jeito legal. E algumas rimas internas também, acho.

Garota: Rima um pouco.

Barulho de um alarme de carro. A garota se assusta levemente.

Garota: Ah, minha mãe chegou.

A mãe aparece junto com outra menina e faz sinal de “vamos”.

Garota: Esta é minha irmã, nós somos gêmeas.

A irmã faz o mesmo gesto da mãe.

Garota: Foi um prazer conhecer você.

Paterson: Foi um prazer conhecer você também, uma poetisa de verdade.

Ela ri, se levanta, caminha um pouco, para no meio do caminho e se volta para ele.

Garota: Você gosta de Emily Dickinson?

Paterson: Eu gosto sim. Ela é uma das minhas preferidas.

Garota: Legal. Um motorista de ônibus que gosta de Emily Dickinson.

Ela se vira e entra no carro da mãe que logo se vai.

Paterson suspira levemente e sussurra algo como que para si mesmo.

Paterson: Água cai pelo ar cristalino.

2.1 A alternatividade em Jim Jarmusch

Todas as cenas descritas acima são oriundas de filmes. Do mesmo diretor: o americano Jim Jarmusch. Ele é conhecido por criar personagens que ultrapassam as barreiras dos conceitos que venho agenciando e tensionando aqui: outsider, underground, alternativo, outro etc. Todos têm alguma conexão com pontos específicos da história da significação e do pensamento, por isso a importância de passar por eles mesmo que minimamente. Mais que um tipo passível de dissecação, o diretor trabalha com uma noção extrema de idiossincrasia, rasgando caracterizações simplistas que normalmente ocupam espaço na mídia e no imaginário comum. Jim é uma figura importante para este trabalho. Parto dele (também por ser um dos meus cineastas preferidos, é sempre importante lembrar e relembrar que pela estratégia metodológica adotada, todas as referências e inspirações citadas aqui passam pela minha própria experiência enquanto nativo alternativo desejante) para criar um interlúdio nômade do universo alternativo nos séculos XX e XXI.

Se no primeiro capítulo falei do que envolve epistemologicamente as noções de outro e de alternativo, neste capítulo traço um rastro instrumental e curto, identificando algumas dessas formas de existência dentro do contexto do trabalho. A história é cheia dessas figuras, algumas absolutamente comuns e conhecidas. Existe uma enciclopédia informal da alternatividade. E, afinal, quem são as criaturas alternativas? O poeta surrealista, o boêmio, o hippie, o rapper, o vagabundo, o ativista, o *beatnik*, Torquato Neto, eu, Andy Warhol, Basquiat, Francisco das Chagas Jr, o próprio Jim Jarmusch? É tecnicamente impossível (e um equívoco do ponto de vista metodológico adotado aqui) listar todos esses tipos, nomes, possibilidades e existências. A intenção não é essa. O objetivo do Capítulo 2 é passar por essas histórias, ideias e fazer perceber que tais figuras consolidadas não são exatamente tão

fechadas como aparentam ser, são fantasmas que povoam a história sem pedir licença. Passagem e interlúdio. Trata-se de fazer saber. E é possível perceber também que os rastros e as variações estão em cada livro, filme, matéria de revista, etc., que se ocupam ano após ano, década após década, na tentativa fracassada (ainda bem) de mapear esses seres vários.

Aí, Jarmusch ocupa lugar importante e funciona como uma estratégia necessária através de seus personagens simetricamente comuns e estranhos. Com suas histórias simples embora singulares. Foi em contato com sua obra, que também ocupa um lugar cinematográfico importante dentro da própria história da sétima arte, que pude começar a pensar numa crônica tipificável possível dessa alternatividade. E é por isso que o escolhi como abertura do presente capítulo.

A Cena 1 é de um dos primeiros filmes de Jarmusch, datado do ano de 1984. *Estranhos no Paraíso* (o nome já sugere uma tensão ambígua) é um road-movie juvenil, conta a história de três jovens que vivem o suposto sonho americano numa cidade grande. Só que, como sugere a pichação de uma das primeiras cenas, no eixo do "fora de tudo". A película acompanha a vida de Willie (só Willie, sem sobrenome), um imigrante húngaro de certa forma já adaptado ao estilo de vida americano e, um dos seus melhores amigos, Eddie. Os dois são típicos vagabundos, levam uma vida de subúrbio, mas controlada. Ganham dinheiro com bicos e trambiques como jogos de azar. Porém, ambos aproveitam a liberdade do tédio metropolitano. Certo dia, uma tia de Willie liga para ele avisando que uma prima de 16 anos, Eva, vai passar alguns dias na casa dele até chegar o dia de ir para a cidade de Cleveland, para onde vai se mudar. Apesar de se mostrar resistente, Willie aceita.

Nas duas semanas em que passam juntos, Eva surpreende com seu comportamento estranho, independente, silencioso, inteligente, tedioso e imprevisível. Sem abrir mão do seu figurino impecavelmente preto, Eva passa os dias à deriva, tendo conversas bobas com ambos, fumando sozinha e vendo TV dentro de casa. A cidade praticamente não é mostrada, o que vai contra o costume dos *road-movies* mais convencionais. Eva não se parece com nenhum tipo urbano, ela passa dias à deriva, alheia ao mundo, embora conectada com o espírito citadino. O que termina por conquistar a simpatia de Willie e de Eddie após duas semanas de convivência. E aí ela vai embora como combinado.

Tempos depois, os dois amigos conseguem uma boa grana num carteado e resolvem comprar um carro para fazer uma viagem qualquer. Ambos vão parar em Cleveland, onde Eva mora com a tia e passa os dias alternando entre ir ao cinema com um namorado e trabalhar numa lanchonete. Na estadia em Cleveland a deriva e a estranheza permanecem, como numa

cena em que os três vão se divertir num dos poucos pontos turísticos da cidade, um lago congelado sem nada nem ninguém, só um amontoado infinito de neve invernal. Os três ficam por lá, contemplando o vazio branco, fumando e conversando trivialidades. Depois de alguns dias, Eva abandona o trabalho, o namorado, a casa da tia e parte com os amigos para Miami, buscando praia e calor. Lá, ela continua andando na praia com seu figurino negro. A deriva permanece, sem o glamour tradicional dos vagabundos e dos *road-movies*, os personagens se ocupam em fumar cigarros e em fazer caminhadas que não levam a lugar nenhum. Uma travessia pelo vazio. Sem festas, sem maiores surpresas. Até que o dinheiro acaba, eles se desentendem e se separam. Willie e Eddie vão em busca de dinheiro em casas de jogo e Eva, chateada, fica no hotel de quinta onde estão hospedados. O filme termina com um total desencontro, seguindo a ideia de deriva ao extremo. Eva acha um dinheiro sem querer, resolve voltar para Hungria, escreve uma carta aos amigos comunicando e vai ao aeroporto. Só que ela desiste de ir. Eles, que ganharam mais uma vez dinheiro no jogo, encontram a carta e acham que ela foi embora. Eddie fica com o carro sozinho e Willie parte para a Hungria atrás da prima (e por vontade própria também).



Na Cena 2, os conceitos de Jarmusch ficam evidentes já na composição dos personagens. Sobretudo no personagem principal do filme *Ghost Dog*: The Way of Samurai. Ghost Dog é o nome de um jovem samurai negro de algum gueto americano de meados dos anos 1990 e o filme é focado na sua história. E quando falo samurai negro dos anos 90 não é

de forma metafórica, é estrita. O personagem vive como guerreiro japonês, lê o Hagakure com disciplina, usa pombos-correio como forma de comunicação, é solitário e segue todo o código de conduta dos samurais. Ele trabalha para a máfia, especificamente para um mafioso que lhe salvou a vida quando jovem. Como manda o código samurai, Ghost Dog executa trabalhos como matador de aluguel a mando de seu mestre, que lhe salvou a vida quando jovem, tudo dentro de uma rígida ética. Acontece que seu chefe é um mafioso de médio escalão e, num erro de cálculo, termina por colocar Ghost Dog na mira da alta cúpula da máfia. O samurai passa a ser caçado impiedosamente pelos mafiosos mais poderosos que seu mestre.

O número de personagens distorcidos na película impressiona, não só Ghost, praticamente todos são existências absolutamente singulares e incomuns (alternativas). Além do próprio, samurai, há um amigo seu, um haitiano vendedor de sorvete que não fala inglês, apenas francês, e ainda assim consegue passar horas e horas dialogando com Ghost. Há também uma pequena garota que conhece Ghost no parque e conversa sobre literatura com ele. Existe a filha do principal mafioso da cidade, que é uma garota culta, calada, com ar perverso e inocente. E há a própria máfia, velha, atrasada, composta de homens velhos e decantes, sem resquício nenhum da ideia de máfia de um clássico como *Poderoso Chefão*, por exemplo. No fim do filme, como todo samurai, Ghost Dog morre, pelas mãos de seu próprio mestre, que foi forçado a matá-lo. Antes, contudo, Ghost mata praticamente toda a cúpula de mafiosos. E, surpreendentemente, a filha do principal mafioso se torna a líder da máfia. Ghost passa o bastão para a garotinha que conversava com ele todos os dias sobre livros na praça. Assim se encerra a travessia do samurai do gueto.

A Cena 3 são trechos do filme *Amantes Eternos*, que conta a história de um casal de vampiros que vive no tempo presente, moribundo e distópico. Eles são Adam e Eve, ela vive na rica Tânger no Marrocos e ele na decadente Detroit nos EUA. O filme começa quando Eve se sente na obrigação de se deslocar para a casa de seu amado do outro lado do oceano, uma vez que ele se encontra em mais um dos seus surtos depressivos. Adam odeia os seres humanos normais, acha que eles são responsáveis por todas as desgraças do mundo, por causa da futilidade, do apego ao dinheiro e de tudo que é irracional, cego e burro. Para ele, os seres humanos normais são os zumbis. Adam é músico, vive de criar músicas sem sua assinatura no decorrer dos séculos. É dele, por exemplo, composições famosas como as de Schubert. O vampiro só se veste de preto. Já Eve, seu oposto complementar, sua síntese disjuntiva, é dotada de uma sensibilidade natural capaz de ler a idade das coisas só com o tocar dos dedos. Eve ama a natureza e a literatura. Quando viaja, só leva na mala livros de todos os séculos e

línguas possíveis. E só se veste de branco. Os dois são amantes há, pelo menos, três séculos.

Chegando em Detroit, os dois se encontram na casa de Adam e passam os dias à deriva na sorumbática cidade. Passeando de carro à noite por lugares abandonados, jogando xadrez, escutando música instrumental e tendo longas conversas sobre ciência, filosofia, natureza e arte. É aí onde reside um principal eixo diferencial do filme. Ao contrário da mitologia vampírica quase que consensual, Adam e Eve não são exatamente duas criaturas de apetite voraz e irracional. Pelo contrário, por viverem muitos anos, eles sabem o valor da vida, do intelecto, das ciências e das artes. Do conhecimento e da sensibilidade. Ambos são cultos, tendo visões de vida complexas acerca do mundo dos humanos. É por isso que decidem viver eternamente isolados e quietos, apenas em contato com tudo aquilo com as coisas boas que os humanos produziram. Eles se alimentam, por exemplo, de sangue de alta qualidade, geralmente comprado em hospitais. E há todo um cuidado, uma vez que o crescimento humano desenfreado tem contaminado os corpos e, óbvio, o sangue dos vivos. Ao tomar sangue, os vampiros sofrem uma espécie de viagem astral, sentindo um prazer vigoroso e calmo.

A narrativa do filme é lenta e vazia. Os personagens, na condição de estranhos que são, vivem também numa deriva diferenciante, para além do outsider comum. Até que a contingência muda o rumo das coisas. Assim fica claro nas conversas de ambos quando relatam acontecimentos passados. Eles vivem sem planos. Como a própria Eve diz: “Eu sou uma sobrevivente”. Ainda assim, a relação deles com o mundo dos objetos e das ideias é bonita e consistente. O que rege a vida, ainda mais se se é um ente imortal como eles são, é a contingência. Sobre ela não há controle, por mais que muitas vezes ela incomode. E assim ocorre no filme. Certo dia a irmã de Eve, Eva, vai visitá-los em Detroit. Algo inesperado, uma vez que Adam vive escondido. Eva é bem mais jovem que ambos, logo não tem a sabedoria acumulada que os dois têm. Isso faz dela um ser inconsequente e atabalhoado. Fato que incomoda sua irmã e, principalmente, Adam. A reviravolta ocorre quando, depois de irem num bar de Detroit, a contragosto do vampiro músico, Eva suga todo o sangue do único amigo humano de Adam, um cara que vendia instrumentos musicais raros para ele. No desespero de serem descobertos, Adam e Eve expulsam Eva de casa, ocultam o corpo e vão embora rumo a casa de Eve, em Tânger no Marrocos. Chegando lá, mais uma contingência: o melhor amigo de Eve, o vampiro e poeta Marlowe, morre após ingerir sangue contaminado. Agora Eve e Adam estão sem ter como conseguir bom sangue clandestino. O filme termina de modo aberto, mais uma vez com os dois conversando sobre a vida. E com fome. Após admirarem

um concerto de uma cantora local, ambos decidem por atacar a própria cantora e seu namorado. Eis a travessia melancólica dos vampiros eternamente amantes que parecem ter saído de uma obra do escritor Samuel Beckett.



A Cena 4 se passa no filme mais recente de Jim, *Paterson*, lançado em 2016. Como praticamente todos os outros filmes dele (inclusive vários não citados aqui), *Paterson* é mais um filme lento, com história aberta e personagens que desafiam os arquétipos mais comuns do cinema, inclusive aqueles que também falam de existências alternativas. Paterson é o nome de um homem de meia idade (e também da cidade onde ele vive), motorista de ônibus e poeta. Ele vive com sua esposa, Laura, e Marvin, o bulldog deles. Paterson leva a vida mais simples possível, regular e repetitiva, beirando o tédio. Ele acorda quase todos os dias no mesmo horário, beija sua esposa, vai para o trabalho, dirige seu ônibus com paciência, ouve de relance as histórias de seus passageiros, janta com sua esposa, leva o cachorro para passear e toma uma cerveja no fim do dia. No intervalo dessas atividades, Paterson, que é apaixonado pelo poeta americano William Carlos Williams, escreve poemas sem rimas sobre esses fatos cotidianos e, assim, vai criando seu livro de poesias, para si, uma vez que ele se recusa sempre

a mostrar ou publicar o que escreve.

Mais uma vez a estranheza se apresenta como o fio condutor de uma narrativa que leva ao nada. Os dias apenas se repetem. Rigorosamente. A esposa de Paterson é o contraponto direto a ele, sendo alguém sonhadora que pensa em ser artista, tocar algo ou fazer pinturas. Ela compra um violão e aprende tocar rapidamente, por exemplo. Ademais, todos os personagens se envolvem com algum tipo de estranheza existencial. Apesar de o filme ser cíclico, repetitivo e quase previsível, os personagens não são assim. Como o chefe de Paterson que reclama da vida, os jovens que conversam sobre anarquismo no carro, a garotinha poeta que gosta de Emily Dickson ou um cara do bar que ameaça se matar por causa da namorada. Todos dilemas comuns da vida, mas que emergem como geradores de diferença. Isso fora o próprio Paterson que é um ótimo poeta desconhecido.

Certo dia, algo banal e inesperado acontece: Marvin, o cachorro, destrói completamente o caderno de poesias de Paterson. O poeta fica sem reação, usa a contingência para tentar colocar as ideias e a frustração no lugar. Num dia de domingo ele sai de casa para caminhar e respirar. Ao ficar sentado no parque, ele se encontra por acaso com um japonês admirador de poesia e da obra de Carlos Williams. Assim como Paterson, o japonês escreve poesias para si. Uma conversa aguda sobre a potência da arte se desdobra nas duas criaturas comuns. No fim, o oriental dá um caderno em branco para Paterson, sem saber que o dele foi destruído na noite anterior. Nele, o personagem principal escreve sua primeira poesia. A segunda-feira recomeça. A travessia do poeta motorista se repete.

2.2 Notas musicais sobre o alternativo

Não à toa, Jim é um dos principais expoentes do cinema independente (*indie*) americano contemporâneo. Produzindo há mais de trinta anos, o cineasta serve como exemplo de uma série de produções que se sustentam numa constante sede por passar ao largo do majoritário e do óbvio. No cinema americano, então, numa resposta ao espectro hollywoodiano. A própria arte moderna tende a se estabelecer seguindo tal lógica. Não se trata de uma operação simples, no entanto. Um jogo complexo de significados possíveis, virtuais e significações envolvem o criar e, logo, o tornar-se singular. Disso, deriva toda a minha discussão acerca da existência de termos como marginal, vanguarda, underground ou alternativo. O próprio Jim Jarmusch já comentou sobre seu processo criativo e a forma como ele estabelece suas principais narrativas e personagens:

> Nada é original. Roube de qualquer lugar que sirva como inspiração ou que alimente sua imaginação. Devorar filmes antigos, novos filmes, música, livros, pinturas, fotografias, poemas, sonhos, conversas aleatórias, arquitetura, pontes, sinais de rua, árvores, nuvens, corpos de água, luz e sombras. Selecione apenas coisas que falam diretamente em sua alma. Se você fizer isso, seu trabalho (e o roubo) será autêntico. A autenticidade é inestimável, a originalidade é inexistente. E não se preocupe em ocultar seu roubo – comemore se você sentir vontade. De qualquer modo, lembre-se sempre o que Jean-Luc Godard disse: 'Não é de onde você tira as coisas – é onde você as leva para' (JARMUSCH, 2004; tradução minha).

O que Jarmusch fala sobre criar (sobretudo cinema, no caso) serve também para os tipos de existência que falo aqui. A preocupação é entender a diferença como geracional em qualquer relação. Nada é original. Toda cópia (de vida) é igualmente singular. Assim que as criações do cineasta se estabeleceram como cabeças de chave do chamado cinema indie/independente. E o contexto histórico estabelecido aqui é crucial. Conceituar a ideia de independente/indie, aliás, é uma das batalhas da crítica artística no decorrer de todo o século XX. E por isso cabe como um exemplo consistente. Um dos usos mais intensos do termo, contudo, vem da música. E um dos melhores insights a respeito foi escrito por um músico.



David Byrne, músico e pesquisador norte-americano (nascido na Escócia), foi protagonista de uma das bandas que melhor tensionou um movimento estético-político de

transgressão subcultural na música pop, durante meados da década de 1970 em diante. A banda Talking Heads capitaneou um movimento musical chamado New Wave. No livro *Como Funciona a Música*, Byrne (2014) narra de forma aguda sua relação com a música, o mercado, com as noções de arte, de entretenimento e o desejo oblíquo por mostrar algo diferente qualquer que fosse. Em um dos capítulos, ele elenca uma série de características do que considera como sendo uma cena independente artística, baseado na sua experiência musical juvenil na fecunda Nova York No Wave da década de 1970.



Elencando ponto por ponto, de forma direta, informal e lúcida, Byrne traça um complexo quadro a respeito de uma cena indie e da formação das subjetividades possíveis no entorno, mesmo que ele esteja falando de uma realidade contextual específica, a dele. O nome do subcapítulo é “Como criar uma cena”. O primeiro ponto falado por Byrne (2014, p. 251) é sobre a importância de um espaço físico minimamente adequado para abrigar o que se pretende mostrar: “É preciso que haja um lugar de tamanho e localização adequados onde apresentar o novo material”. A história de uma alternatividade possível é também a história dos espaços, sempre que se fala de algum movimento contra hegemônico ou contracultural, é inevitável que se fale também dos espaços onde florescem tais possibilidades. No segundo ponto, Byrne (2014, p. 252) diz que “os artistas devem poder tocar seu próprio material”. Aí, o músico ressalta a importância da criação e da vontade de torcer os limites da própria

realidade em que se vive. Byrne (2014) aponta que apesar da aparente obviedade da coisa, não se faz cena sem que se crie algo que acredita ser novo ou autêntico. E é preciso um lugar onde isso possa acontecer.

O terceiro ponto fala sobre a importância de se incentivar a circulação daqueles que estão criando ali naquele espaço. No caso do contexto do músico, Byrne (2014, p. 253) afirma que "os músicos devem ganhar entrada livre nas noites em que não estão tocando (e talvez uma cerveja também)". A informalidade é uma das colas que torna consistente uma cena. Nenhuma cena se forma sem a circulação livre de quem a faz (músicos entrando de graça quando não estão tocando) e sem as atitudes banais das relações (a cerveja). O quarto ponto tem ampla conexão com o terceiro. Byrne (2014, p. 253) afirma que "deve haver um quê de alienação quanto à cena musical dominante". Esse ponto é particularmente importante e vai inclusive contra ao conceito de independência completa. A formação da tão falada "panelinha" é sim importante para a solidificação de uma cena alternativa. Ela não deve ser é o principal pilar. Byrne (2014) diz que muitas vezes se trata de uma questão de conforto, subjetividades que não se sentem confortáveis o suficiente em determinada realidade e por isso resolvem se unir para criar alguma outra possível.

O quinto ponto alerta para uma conexão com a realidade capital, onde as cenas modernas se encontram assentadas. Byrne (2014, p. 256) diz que "o aluguel precisa ser barato – continuar barato". Uma cena independente, mesmo que caia na lógica *mainstream*, ainda é uma cena independente. Os rostos mudam, a sua lógica permanece dentro de um eixo quase fixo. Assim, ter poucos gastos operacionais e logísticos termina sendo determinante para a sobrevivência da mesma. O sexto ponto tem correlação direta com o anterior. Byrne (2014, p. 257) afirma que "as bandas devem receber um pagamento justo". Essa é um dos fatores que matam a grande maioria das manifestações independentes mundo adentro. Uma tecla que não cessa de ser batida, não importando onde se esteja. É preciso ter capital mínimo para atualizar os impulsos criativos. Com estrutura capenga nenhuma cena se sustenta. Pagar para tocar, para se fazer visível, é o primeiro passo para o apocalipse.

O sétimo e penúltimo ponto diz que "a transparência social deve ser encorajada" (BYRNE, 2014, p. 258). Para o autor, é importante que cada artista enxergue os outros dentro daquele espaço. Assim não existirão injustiças ou desonestidade. Trata-se de um ponto inclusive premonitório descrito por Byrne. O ano de 2017 (ano em que se passa este texto) foi recordista de denúncias de assédio sexual e moral envolvendo artistas das mais variadas cenas do mundo. A tal da transparência social é mais que essencial, é vital. O último ponto tem

igualmente conexão com o último, onde Byrne (2014, p. 259) diz que “deve ser possível ignorar a banda quando necessário”. Nesse ponto o autor faz uma crítica inclusive à forma como se enxerga a formação de contextos artísticos alternativos, sempre de modo sisudo, sério, identitário e formal demais. A casualidade é uma linha de acontecimento importante na constituição de qualquer cena, nenhuma delas é só funcional. Os afetos e os encontros são a parte feliz e singular do que falo aqui, por mais profissional e rentável que seja.



Os pontos detalhados por David Byrne retratam uma realidade específica (a do clube CBCG, no subúrbio nova iorquino imerso na New Wave), mas a experiência interior alternativa que ele imprime no relato dá um tom de desdobramento infinito ao problema. Não que todas as cenas sejam assim, mas talvez o processo de subjetivação, seja ele qual for, em algum momento vá ter estritas conexões com os pontos detalhados por ele. Trata-se de um estilo de vida (talvez uma filosofia), ainda que em momentos diferentes do curso histórico. O próprio Byrne traz uma versão de si e do que faz muito semelhante ao que o próprio Jim Jarmusch fala sobre o ato de criar e tornar-se singular, por exemplo.

> Passei toda minha vida adulta envolvido com a música. Não foi algo que eu tenha planejado, nem uma ambição séria a princípio, mas foi o que aconteceu. Na verdade, penso que foi um feliz acaso. No entanto, é um pouco estranho ver o quanto grande parte da minha identidade está ligada a algo tão efêmero. A música é intangível porque só existe enquanto está sendo assimilada, mas, ainda assim, é capaz de

> mudar profundamente a forma como vemos o mundo e o lugar que ocupamos nele. A música pode nos ajudar a superar momentos difíceis na vida, alterando não apenas o modo como nos sentimos sobre nós mesmos, mas também sobre como nos sentimos em relação a tudo à nossa volta. É um negócio poderoso.
> Porém, eu logo percebi que uma mesma música executada num contexto diferente pode ser entendida de outra maneira pelo ouvinte ou até mesmo ganhar um significado totalmente novo. Dependendo de onde você a ouve – em uma casa de shows ou na rua – ou de qual é a sua intenção, uma mesma música pode soar como uma intromissão irritante ácida e agressiva, ou fazer você dançar. Como a música funciona, ou deixa de funcionar, não é algo determinado apenas por aquilo que ela representa de maneira isolada (como se isso fosse possível), mas em grande parte por aquilo que a cerca e por onde e quando você a ouve. Como ela é tocada, comercializada, distribuída e gravada, quem a toca, com quem você a ouve e é claro, em última instância, como ela soa aos seus ouvidos: são esses os fatores que determinam não só se uma música funciona – ou seja, se ela cumpre seu objetivo desejado – mas o que ela é (BYRNE, 2014, p. 9).

O objetivo desse interlúdio não é fazer um mapeamento dos tipos históricos que ficaram datados e com as alcunhas de outsider, underground, alternativo etc. Aqui o que interessa é mais tornar visível, sob a luz negra da experiência, alguns rastros que identificam, sim, tais tipos, mas que sobretudo também mostram (numa operação dupla, tripla, quádrupla) que suas existências são complexas, descontínuas e mais comuns do que se pode imaginar. É a forma que encontrei para introduzir meus dados etnográficos no Capítulo 3. Por isso chamo de interlúdio, é menor e prepara uma atmosfera para a próxima faixa.

2.3 Notas históricas sobre os tipos alternativos

Durante todo o processo de confecção desse texto, uma questão me rondou com uma insistente constância: como eu poderia exemplificar bem aquilo que estava falando? Diversas possibilidades surgiram, a maioria sistemática demais para o pretendido. Nas minhas incursões no mundo alternativo teresinense, então, descobri o cinema de Jim Jarmusch, já com a pesquisa em andamento. A estratégia primeira, assim, foi colocar Jarmusch como um desses poderosos rastros. Depois (a experiência nunca acaba), lembrei-me de um filme (mais um) "biográfico" que conta a história de uma das figuras inquestionáveis da contracultura: Bob Dylan. Em *I'm Not There*, de 2007, o diretor conta a trajetória do artista Bob Dylan usando sete personagens totalmente distintos entre si. Sem praticamente fazer menção ao nome Dylan, a película se dedica a mostrar as infinitas e inconstantes facetas de Robert Allen Zimmerman. Os personagens são desde o garoto negro prodígio Woody, futuro da *folk music*, até ao poeta Arthur Rimbaud. Ao todo são sete personagens que tornam vertiginosa a vida de Dylan não apenas como pessoa, mas como figura que ultrapassa as identidades do que ele significa enquanto figura contracultural.

O filme *I'm Not There* era exatamente o que estava procurando. Trata-se de um exemplo que tinha passado despercebido por mim e que agora funcionava como um ponto de partida crucial para construção do trabalho. Depois de tal estalo, passei a perceber que a história tratava a grande maioria das manifestações alternativas como algo generalizado demais. Os hippies como apenas hippies. Os *beats* como apenas *beats*. Os *blacks* como apenas *blacks*. Os punks como apenas punks. Só para citar alguns dos exemplos mais conhecidos. E os rastros que levavam a questionar tal tendência estavam nas próprias vidas desses tipos existenciais (essa foi a felicidade de Todd Haynes em *I'm Not There*, inclusive). Daí em diante, várias figuras surgiram quase que imediatamente na minha cabeça. David Bowie, Charles Baudelaire, Dorian Gray (personagens fictícios também fazem parte da lista), Yukio Mishima, Edie, Mário de Andrade, Grandmaster Flash, Gil Scott-Heron, Takashi Murakami, Madame Bovary, Maria Bethânia, David Byrne, Yoko Ono, Debbie Harry, Baco Exu do Blues, eu, Jean Michel Basquiat, Patti Smith, Nico, Jim Jarmusch, Salvador Dali, Virginie Despentes, Torquato Neto (só para citar alguns que surgiram rapidamente) são apenas alguns dos infinitos nomes possíveis que me apareceram em alguns minutos de reflexão.

Entretanto, as enciclopédias teimam em enquadrar ao máximo esses tipos, produzindo uma história linear e pouco vertiginosa. Muito embora a própria literatura trate de sacudir essa

linha do tempo, distorcendo identidades e provocando possibilidades. Ainda no Capítulo 1 mostrei que o pensamento de vanguarda foi crucial não só para o estabelecimento de um período denominado modernidade, como também para influenciar diversos movimentos culturais que tinham como proposta fundamental a busca pelo novo e pela superação de si. Dessa fricção, surgiram tipos existenciais que ficaram datados historicamente.



Da virada de século, na Europa, o berço desse período, os mais conhecidos são os *flâneurs* e os dândis. Um complementar ao outro. O *flâneur* com um hedonista das sensações, o caminhante, aquele que aproveita a vida sem uma preocupação burguesa ou aristocrata. O dissidente da revolução. E o dândi como esteta máximo, o cavalheiro que vive dentro e fora da sociedade estabelecida. O vagabundo amável e leviano. Acontece que ambas figuras são bem estabelecidas, mas puras demais. Não cabe a mim aqui desenvolver tal crítica com destreza e profundidade, apenas identificar a pegada que dê apoio argumentativo suficiente. Mas, no caso do exemplo específico citado aqui, a própria literatura trata de torcer tais imagens. Os dândis mais conhecidos talvez sejam o literato Oscar Wilde e, principalmente,

seu personagem mais famoso, Dorian Gray. Nas palavras de um ou de outro, não importa, a figura assumida do dândi superficial, por exemplo, cai em desuso em segundos.

> Só os espíritos superficiais necessitam de anos para se libertarem de uma emoção. O homem que é senhor de si mesmo pode emancipar-se de um pesar tão depressa quanto é capaz de inventar uma distração. Eu não pretendo estar à mercê de minhas emoções. Quero usá-las, aproveitá-las, dominá-las (WILDE, 2005, p. 97).

O mesmo ocorre com a desgastada imagem do *flâneur*. Como já até adiantei no Capítulo 1, a figura máxima da *flânerie*, o poeta francês Charles Baudelaire, tinha uma definição de si mesmo ambígua e crítica. Os próprios movimentos artísticos do início do século XX, como o futurismo, o expressionismo e o surrealismo, nunca foram unanimidades estéticas e conceituais, muito embora as escolas de arte quase sempre cortem as arestas da diferença geracional (EUGÊNIO, 2009).

Avançando um pouco mais no tempo e atravessando o oceano, já na América da década de 1940 em diante, algumas outras figuras estabelecidas da alternatividade também são identidades que clamam por uma perfuração. A Geração Beat, por exemplo, proclamada como uma legião de poetas vagabundos pobres, céticos, *junkies* e viajantes, geralmente focada em Jack Kerouac e sua obra mais conhecida: *On the road*. Entretanto:

> A pluralidade religiosa, política e literária no âmbito da Geração Beat também pode ser associada ao perfil de seus integrantes. Reunir desde o filho de um morador de rua como Neal Cassady até o descendente de uma elite econômica como Burroughs, e do autodidata Corso, que conheceu literatura na cadeia, até Ferlinghetti, doutorado na Sorbonne, a diferencia de movimentos europeus (WILLER, 2014, p. 49).

Talvez a figura contracultural mais conhecida seja historicamente datada como a sucessora da Geração Beat, a Geração Hippie, já na década de 1960 em diante. O ideal de paz, amor e liberdade não se confirmou nem no início das primeiras definições políticas do movimento. O jornalista Hunter Thompson, que na época praticava um tipo de reportagem aguda em que se misturava com todo tipo de manifestação para tornar visíveis as entranhas do que escrevia, fez textos não só revelando a complexidade da cultura *hippie*, como também um lado obscuro e decadente. Algo bem distante da bonita imagem woodstockiana que ainda força sua permanência nos noticiários, por exemplo.

> Agora, em 1967, há pouca dúvida de que Berkeley passou por algum tipo de revolução. Mas o resultado final não é exatamente o que os líderes originais tinham em mente. Muitos que já foram ativistas abandonaram totalmente a política e se voltaram para as drogas. […] Amor é a senha em Haight-Ashbury, mas seu estilo é a paranoia. Ninguém quer ser preso (THOMPSON, 2004, p. 164-165).

A própria imagem do vagabundo, outsider, quase que por completo descolado da

realidade capitalista cotidiana, por exemplo, é passível de questionamento simples. Segundo Willer (2014, p. 55-56), a prosperidade financeira do momento facilitava em muito a existência e manutenção de modos de vida contraculturais: “Isso não desvincula […] do ciclo de prosperidade e do capitalismo pós-guerra. Em períodos de prosperidade é mais viável ser marginal, viver nas sombras do sistema”.

Na realidade brasileira um exemplo contundente vem do próprio Mário de Andrade (2012) escrevendo num texto chamado *O Movimento Modernista*, as impressões da Semana de 22, vinte anos depois do ocorrido. Nele, o poeta repensa vários dos próprios conceitos e convicções. Numa das afirmações mais duras ele afirma que um dos lemas da Semana (“Não há escolas!”) é absolutamente desprezível. Em outro movimento brasileiro, a Tropicália, talvez um dos personagens que mais tensionou a própria história do movimento e de si foi o piauiense Torquato Neto. O poeta e letrista abandonava com facilidade as diretrizes do tropicalismo para fazer afirmações sobre a necessidade de consumo e de venda da arte que ele e seus amigos produziam, por exemplo (BRITO, 2013).

E é aí onde quero chegar, não só pela prática como também pela persona de Torquato Neto, piauiense, alternativo dentro do próprio movimento de vanguarda que ajudou a criar. Poderia continuar elencando uma série de contradições e fricções a respeito das centenas de manifestações contraculturais que pipocam mundo afora. Mas o objetivo desse interlúdio não é esse. O terreno já está preparado. O conceito de alternatividade foi esculpido pela ótica epistemológica e histórica. E ao chegar na figura de Torquato, posso usá-lo como ponte para introduzir o próximo e derradeiro capítulo: a etnografia, agora do presente, sobre dissidências de vida e alternatividade da cidade de Teresina.

3 A ALTERNATIVIDADE DE TEREHELL ETNOGRAFADA AQUI (E AGORA)

De repente, acordo. A luz é negra. Tudo escuro, quase. Ainda assim, é possível ver algo se movendo. Não é exatamente um breu total, tateio por um tempo. O tempo, circular, vai adequando a vista da melhor forma possível. Aos poucos as coisas vão se tornado mais claras. Ou melhor: focadas. Como uma lente de câmera que pouco a pouco um dedo desconhecido vai girando o anel de focagem, a imagem vai se fixando em minha cabeça. Logo consigo perceber que estou em um prédio velho, decrépito. Apesar da escuridão semitotal, já noto flashes fracos coloridos com origem em algo longinquamente posto atrás de mim. A cor é azul, mas um azul fraco, *dark blue*. O som também é distante, acho. O choque sensível do escuro por inteiro me faz ficar concentrado na visão.

Dou um pequeno passo para frente, dois menores, três minúsculos. Chego em uma sala sem porta. A idade do prédio emerge em definitivo. Aquelas paredes grossas e duras falam sua idade centenária. A máquina olho-câmera atinge seu ponto de focagem máxima, 100% aponta

o display. Percebo que por ter atravessado a porta sem porta, um miniportal, estou numa sala de aproximadamente três por dois metros quadrados. Na minha frente é possível ver outra porta sem porta como uma luz esverdeada forte lá dentro. Do lado da porta sem porta na minha frente, vejo algo colado na parede do "portal-sala" onde entrei.

Já com alguma confiança, um passo largo é mais do que suficiente para me aproximar daquilo que está colado ao lado da porta sem porta que leva à sala da luz esverdeada. É um mural. São panfletos colados na parede, exatamente como cartazes que punks usam para alertar sobre as mazelas do mundo e as más intenções dos governos. Esses cartazes também são punks, também tem uma reivindicação política clara. Caso contrário, não estariam assim colados uns sobre os outros, tortos, com marcas do grude usado para fixá-los. Só que eles não falam nem de fome e nem de capitalismo, são cartazes de protesto *queer*. Com várias fotos em preto e branco de transexuais e travestis de múltiplas formas e tipos físicos, tudo xerocado, o texto panfletário alerta para a importância das identidades de gênero: "RESPEITE AS BICHAS TERESINENSES", diz a parte maior do letreiro, também em colagem.

Aquilo me detém por poucos minutos, o que é muito considerando a imprevisibilidade do acontecimento. Então resolvo dar mais um passo e adentrar de vez na outra sala. Para a maior de todas as surpresas, existe uma pessoa lá dentro. É uma moça, que está sentada em um pequeno tamborete com um notebook recostado sobre suas pernas. Uma moça jovem, parecia ter entre 25 e 30 anos. Cabelo curto, piercing no lábio, vestido longo florido e brinco grande de pena em uma das finas orelhas. Ela não olha pra mim. O seu computador se encontra ligado a um projetor de imagens, é daí que vem a luz verde, inclusive. A projeção se estende na parede lateral maior. A luz do projetor faz emergir ainda mais a decrepitude do prédio. As paredes não têm pintura. O chão idem, duro, cimento em estado bruto. Olho para a garota rapidamente e ela acena para mim com um sorriso discreto. Volta a mexer no computador, um filme começa a passar na parede. Um documentário curto de 7 minutos, com falas sobre a Amazônia de uma ambientalista desconhecida por mim e de Chico Mendes. Tudo preenchido por bonitas imagens das nossas florestas. Após assistir o vídeo atentamente, algo inexplicável me prende apesar de toda a rusticidade da projeção, dou um passo rumo à saída mas paro no meio do caminho entre as duas saletas.

Rapidamente indago sobre quanto tempo durou aquele documentário. Uns 7 minutos, suponho. Mais uma vez considero muito tempo, estava em território desconhecido. Tomar precaução é necessário. Imagina só passar todo esse tempo em mundo lovecraftiano ou no universo invertido de *Stranger Things*. Me viro e dou um passo longo rumo a saleta sem porta

que tinha deixado para trás. Quem fica para trás agora é a moça do projetor (será se ela deu tchau?) e o Chico Mendes (esse sim se despediu com um bonito e misterioso cântico sobre a floresta amazônica). Dou três passos rápidos, olho de relance a montagem anarquista em defesas das bichas. Na porta da saleta sem porta, de onde supostamente parti ao acordar (não sei se de sonhos intranquilos), agora vejo as luzes azuis que momentos antes estavam refletindo nas minhas costas.



Mas não só elas. Vejo mais coisas, mais luzes, mais cores, vejo movimento, pessoas, vejo um mini-mundo vivo funcionando. A escuridão age agora como minha parceira. Ela quem torna o mini-mundo vivo, dando nuance a cada pedaço, seja ele azul, amarelo, vermelho ou roxo. Minha visão é total. O prédio continua velho. Só que maior, muito maior. E alto. É um salão de algum edifício antigo. Uma espécie de galeria de recepção. Na verdade, mais que isso, uma galeria de arte dentro de um prédio antigo e abandonado. E ali estão pessoas andando, conversando, sorrindo, circulando e observando todos os elementos que compõem aquele espaço. Dou mais alguns passos pra frente e logo abaixo, no chão, há um tipo de exposição com miniaturas de carros antigos e colecionáveis. Todos do modelo possíveis de Kombi. Vários brinquedinhos de tipos e tonalidades diferentes. Faço uma contagem rápida e

os exemplares passam dos cinquenta. Uma placa no chão diz que são de uma coleção particular. Linda, aliás. O fato de estarem no chão rústico de um prédio abandonado certamente enriquece a experiência. Ter que abaixar, quase beijar a terra, sentir o cheiro do concreto centenário para observar cada detalhe do logo da Volkswagen cravado no meio da kombi hippie.

Outras pessoas estavam fazendo o mesmo. Com minha audição já totalmente recobrada, ouvi-as comentar despretensiosamente (e abaixadas) sobre os brinquedos. Engraçado perceber que as palavras trocadas a respeito sempre giram em torno de qual miniatura preferida de cada um. Preferência essa que nunca coincide. Todo mundo escolhe um exemplar próprio, único. Ainda bem.

Me levanto, olho ao redor mais uma vez. No fundo, reto ao meu olhar, vejo uma porta de onde entram pessoas, de onde saem luzes azuis que sentira o reflexo de outrora. Ainda na minha frente, na diagonal esquerda, há uma grande e bonita instalação com tons esverdeados. Um emaranhado de galhos secos dispostos de cima para baixo com pequenos e coloridos origamis colados nas pontas dos galhos. Os passantes ficam entre os ramos mortos, lentamente, observando e tocando delicadamente as pequenas estátuas de papel penduradas.

Viro minha cabeça, meu olhar, totalmente à esquerda e avisto alguns quadros pendurados na parede. Já adaptado ao ambiente, até o cheiro torna-se agradável: uma mistura de cimento molhado, velhice de centros urbanos e aroma de ervas. Me desloco até a ponta esquerda da exposição, onde vi a outra exposição. Não são quadros, são fotos. Da minha cidade, Teresina. Algumas fotos recentes e outras mais antigas. Pessoas também estão lá, olhando e admirando, comentando. Ouço de um homem o eterno: “Essa é do meu tempo”. Seguido de “era tão bom”. Ele não me parece tão velho assim. Alguém mais jovem, uma garota, sem relação com a criatura nostálgica, comenta “essa tá massa”. É uma foto mais atual, de alguém andando de bicicleta com a Ponte Estaiada de Teresina ao fundo.

Desço meu olhar um pouco e vejo que as imagens são de fotógrafo com certo renome na cidade. Caminho rumo a instalação dos galhos que brota origamis. Confesso que não me agradou a ideia de ter que passar no meio deles. Vou pelos lados, observando o que considerei serem duas adolescentes se perderem parcialmente naquela floresta seca. Uma delas olha para cima, com o pescoço quase inclinado em noventa graus. A outra olha para baixo, passando seu tênis Adidas superstar branco com listras negras nas folhas secas no chão que compõem o cenário esverdeado.

Reparo que do meu lado está postado o portal por onde adentram as pessoas na galeria.

Penso em sair, mas logo vejo que do meu outro lado, mais próximo de mim até, alguns seres estão subindo uma escada rumo a um compartimento superior. O prédio antigo tem dois andares. Subo cerca de seis longos mas não altos degraus até chegar no andar de cima.

É uma sala menor e com obstáculos impenetráveis: pilastras de concreto e pequenas muretas na altura da cintura que estavam simetricamente logo na entrada daquele segundo compartimento. Mais fenômenos ocorrem por lá. E acontecimentos. Primeiro, logo de cara, vejo uns painéis mais ou menos da minha altura (1,78m), com bonitas pinturas em tecido branco. Aquilo me lembra um dos meus artistas preferidos: Jean Michel Basquiat. Fico tão imerso naquelas criações que esqueço completamente de olhar onde estava a referência que identificava o autor. Talvez não exista.



No andar dois, a luz é mais homogênea e sólida, tendendo ao branco. Por ser uma luz de iluminação mais pontal, forte, as sombras dos visitantes formam um intenso balé que se estende pelas paredes e pelo chão duro e poeirento. Hipnotizado pelas sombras, me dirijo para onde elas estão se amontoando num só corpo uniforme, no fundo do recinto. Lá uma sombra solitária reina soberana. Um bailarino executa uma performance, sem camisa e descalço, vestindo apenas uma calça folgada branca. O jovem se contorce em movimentos típicos do estatuto da dança contemporânea, onde o desejo de se movimentar é maior que qualquer técnica. A contorção também sofre influência de movimentos da postura oriental adotada em doutrinas como tai-chi. Faz calor no local. O corpo do bailarino brilha da união entre a luz clara branca e o suor de sua pele. Mesmo aquela forte presença não me tira a atenção de sua sombra inquieta, que sai dele, se estende pelo chão e dobra sobre si na parede com uma janela parcialmente estilhaçada, à minha esquerda.

Ao contrário das exposições, olhando o performer, as pessoas chegam caladas e saem sob judice de um silêncio ainda maior, enquanto o corpo age, contraindo a barriga sem parar. Fico cerca de dez minutos ali, enamorado pela sombra, sobretudo. Até que uma gota de suor da minha testa cai no meu olho. Fecho os olhos rapidamente, arde. Resmungo baixinho: caralho. Arde um tanto mais. Esfrego bem o olho atingido pela bomba de sódio e restabeleço minha visão. Quando me dou conta que um pequeno furdunço ocorre atrás de mim. Os visitantes se amontoam ao redor de um saco preto de lixo postado no chão. Não tenho tempo de me perguntar o porquê. Logo, o saco começa a se mexer. Às vezes aquilo aparenta ser um ovo alien de algum filme do Neil Bloomkamp. Há uma pessoa ali dentro. Trata-se de mais uma performance de dança contemporânea. Dessa vez tem uma placa identificando o nome: Saco. Os humanos se posicionam ao redor do ovo alien, e dessa vez não ocorre nenhum silêncio solene. Os humanos comentam entre si, entre cochichos e risadas tímidas sobre o que seria exatamente aquilo. Uma menina ameaça chegar o mais próximo possível do saco. Um rapaz magro e de barba observa a apresentação com muito comprometimento. A sombra produzida pelo ente saco é bem pequena, sem profundidade. Uma tensão leve se estabelece no espaço, todos querem saber o que vai acontecer ali, qual será o estopim. E eu não espero.

Me dirijo a escada novamente. Na saída, uma novidade: desenhos de super-heróis colados na parede. Eu não havia percebido esses desenhos quando subi. Gosto muito da gravura que está no fim da escada, o Homem Aranha. Tem também desenhos do Wolverine e do Flash. Sem gravura do Batman. Ao descer da escada, vou direto para o portal de entrada. O único local do prédio que ainda não visitei, ainda. Uma moça, com cabelo *black* e óculos

grande vermelho me pede para assinar o caderno de visitas. Me predisponho imediatamente. O som de fora aumenta consideravelmente, uma mistura de música caribenha e motim popular. Volto ao caderno. Muitas assinaturas, de todos os tipos imagináveis. Uma frase de uma música do Caetano. Folheio mais umas páginas e acho uma declaração de amor. Abro um sorriso leve. É minha vez de assinar. Sem pensar muito a respeito, opto por uma rubrica igualmente performática: C A I O B ! 666 !. Com letras de pichação, bom frisar. Entrego a caneta para a moça. Ela mal me olha, está ocupada recepcionando simpaticamente mais indivíduos que querem adentrar naquele prédio velho e escuro. Saio. Um novo mundo se revela a mim. Trata-se de uma extensão e de uma outra coisa com relação ao universo da galeria no prédio, duas instâncias diferentes mas que são a mesma coisa, além de complementares. Estou numa rua, mas não exatamente uma rua qualquer. Ela é coberta por uma abóboda de plástico velho e amarelada. Uma rua fechada em cima. No chão, tijolinho marrom. Muita gente circulando, é noite. Barulho de pessoas papeando mistura-se a um som mecânico. Uma lona preta parece separar parte externa da rua do local exato onde ocorre o evento.

Percebo que estou numa encruzilhada. O prédio antigo se posta exatamente numa esquina, a mística é real. Dobro a esquerda, logo vejo um palco postado na frente, fechando a outra rua aberta e asfaltada que cruza em T a rua da coberta de plástico. Um pouco antes do palco, encostado no muro do prédio de onde eu saí, momentos antes, existe um bar. Pessoas compram fichinhas e recebem a bebida do lado. Um cara de *dread* sem camisa e vestindo uma saia longa entrega a bebida. Duas meninas com cabelo enrolado e curto ajudam o rapaz a pegar as latinhas no interior de um freezer. Parecem gêmeas, mas uma é bem mais alta que a outra. Outra pessoa sob efeito da luz penumbrante faz um drink lá no fundo do bar, ao lado do freezer. No palco, uma pequena movimentação de gente com instrumentos musicais. Apesar disso, o som ainda é o mecânico. A música caribenha que ouvi lá dentro do prédio na verdade é uma música de Dona Onete, uma maravilhosa cantora paraense de carimbó. Um grupo de três meninas ao lado conhece todas as nuances da cantiga, giram e dançam cantando Jabumrana. Mais gente se encosta na parede, parecem esperar a banda começar.

Voltando para a rua coberta, dois acontecimentos me chamam atenção. O primeiro é ver um rapaz de camiseta preta, boné e sandália de couro receber duas latinhas de cerveja por cima da proteção de lona preta que separa parte da rua. Só deu pra ver as mãos do ambulante. O segundo é notar que apesar de toda a diversidade do local (velhos, novos, gente branca, negra, amarela, azul, verde, de *dread*, com calça rasgada, de calção, de camiseta, de *dread*,

careca, tatuadas, com cabelos coloridos, de óculos, de camisa polo, bermuda de tactel, chapéu de vaqueiro, sapato, sandália Havaianas, com colar de ouro, com anel de tucum, barbudos etc. etc. etc.), algumas pessoas estão vestidas como super-heróis ou personagens de desenhos animados. Não se trata de um campeonato de cosplay, não são fantasias literais, o que deixa tudo ainda mais singular. Primeiro vejo um rapaz de estatura baixa e magro vestido de Robin, apesar do All Star verde que dá todo o charme diferencial. Depois aparece o Vingador, o vilão de Caverna do Dragão, tomando um mojito com toda a tranquilidade do universo, enquanto todo mundo que passa tenta pegar em seu chifre solitário.



Caminho para explorar a outra parte da rua, o lado desconhecido, o lado da rua coberta. É uma feirinha. Uma feirinha criativa. Tem brechó, uma banquinha de venda de objetos e *suvenirs* retrôs, um cara tatuado vendendo LP's. Uns meninos de óculos e uma menina com mechas verdes no cabelo trocam cartas de *card games*. Um moço grande e forte vende cachorro quente. Circulação intensa. Duas meninas oferecem uma torta vegana. Ao fundo disso tudo, lojas fechadas do centro comercial que funciona ali nos horários comerciais: duas lanchonetes, uma loja de perfumes, outra de bijuterias, um outro espaço com placa tão desgastada que não consigo identificar e uma banca de revistas. Parte da lona usada para isolar aquele pedaço me impede de ver as outras lojas convencionais do outro lado da rua. Olho pro teto e vejo ventiladores grandes. Estão desligados e decrépitos, como quase toda a estrutura do local. Aquele ambiente sem a matéria viva das pessoas deve ser desolador e

sórdido, penso. Mais à frente, rumo à saída da rua, do lado oposto ao do palco, alguns metros depois de onde está concentrada a maior parte da feirinha, algumas pessoas brincam num joguinho de arco e flecha de plástico. Funciona como um stand de tiro ao alvo de um parque de diversões de bairro: quem acerta, ganha prêmios.

Sigo rumo ao fim da pequena rua (não) climatizada. Sua saída, que na verdade é uma entrada (a experiência das aberturas), para uma praça no ponto mais antigo da cidade. A praça é mais um mundo à parte, mesmo que estritamente conectado a todo o acontecer. Muita gente espalhada pelos bancos, em pé, sentados em um batente de uma cruz de madeira. Tem uma igreja nos fundos da praça. A grande maioria das praças do centro são praças de igreja. Há também ambulantes vendendo o de sempre: bebidas. A lona preta serve para evitar que as transeuntes consumam bebida e comida de "fora". O bar próprio é o meio de vida daquela ocupação. Mesmo assim, encosto numa tia ambulante e poço uma *long neck* de Heineken. Ela diz de forma absolutamente simpática: "Pegue, meu filho. E tá gelada, viu." Respondo: "Opa". E pago os cinco reais. Digo não para o lenço de papel que ela me oferece para segurar a *long neck*. Quero sentir o gelado na mão. Nem é tanto assim.

Enquanto beberico a cerveja, caminho rumo a uma mureta na praça. Encosto perto de uma turma punk que está inteira sentada no chão bebendo uma vodka Slova quente com Sprite ainda mais quente. Logo começamos a conversar. Eles estão em número de cinco, duas meninas e três meninos. Todos não parecem ter mais que dezoito anos. Pergunto de onde eles são. Um branco e magrelo de moicano e uma menina com camisa de Bad Religion são irmãos e moram no Poty Velho. Os outros três são do bairro Vermelha, vieram de lá para o centro caminhando e assim voltarão. Eles relatam que estão ali para assistir ao show da banda oBtus, que deve ocorrer no final da noite. Digo que oBtus é uma das minhas bandas preferidas, "animal demais". "A banda mais rápida do Brasil", digo. Eles dão risada e concordam. O moleque de moicano diz que apesar de ser punk, "curte de tudo". A irmã dele acrescenta que o "movimento é importante". Eu balanço a cabeça afirmando que sim. O papo é gostoso. Enquanto estou ali avisto, para além de todos os tipos possíveis existentes ali, no canto extremo da praça, um grupo de metaleiros, que se posta ao redor de um carro tocando algum *death metal* bem rápido e pesado. Eles têm um isopor cheio de cerveja, também são parte indissociável do ambiente.

Um outro punk que está do meu lado, negro com uma jaqueta jeans e coturno, bola um baseado. O procedimento é rápido. Ele acende e passa para mim. Eu agradeço e recuso. Quando o cheiro da combustão do cigarro começa a subir, me lembro que deveria ter trazido a

minha própria porção de erva que esqueci em casa. Que vacilo. O baseado gira, sem minhas tragadas. O papo continua sobre a atuação política deles. A mina do Bad Religion diz que eles conseguiram ganhar o grêmio no colégio onde estudam. Fora isso, parece que todos são participantes ativos dos protestos sistemáticos que ocorrem em todo o país contra a situação política de merda. O baseado acaba, minha cerveja também, a vodka ainda está na metade. Pergunto que horas eles vão para o palco, o punk moicano diz "já já, só terminar aqui", e aponta para a garrafa de Slova. Ele complementa: "Quero ver o show da Neanderthais, é o primeiro da noite". "Massa", respondo. Me despeço de todos, digo que vou dar mais uma circulada pelo ambiente.



Volto para a rua dos tijolinhos marrons. Um segurança me observa no intuito apenas de saber se tenho alguma bebida, já que o clima é de absoluta paz. Me dirijo para um dos bancos vazios na rua. Um grupo de amigos está em um banco falando sobre o novo disco do Daft Punk. A menina mais falante se veste como uma maga de RPG fashion, com calça rasgada, franja e capa de invisibilidade. Tem um cantinho pra mim. Sento, fico em silêncio sozinho. Observo. Observo tudo uma segunda vez. E uma terceira. De repente, a vida passa.

3.1 Algumas notas sobre o percurso etnográfico

O trecho acima faz parte dos escritos que compõem os meus cadernos de campo produzidos durante a pesquisa sobre a alternatividade teresinense. Na ocasião, este foi escrito



detalhando um coletivo/evento/ocupação da cidade chamado Salve Rainha (irei falar dele detalhadamente depois). Nesses mais de dois anos "em campo", contabilizo a ida em mais de setenta festas/happenings/eventos que de alguma forma tenham ligação com alguma lógica subcultural alternativa e entrevistei dezenas de pessoas formalmente (contabilizando cerca de 60 horas de entrevistas). Isso fora minha atuação como fotógrafo de muitos desses acontecimentos, a minha atuação como músico na banda Wake up, killer (que já se apresentou em muitos desses eventos), como organizador/produtor/DJ das festas Awkward Friendship Party (já encerrada) e Baile Afrosamurai (também vou detalhá-la posteriormente) e, principalmente, as incontáveis de horas conversando sobre em bares, happenings, redes sociais e encontros informais com todo tipo de indivíduo que de uma forma ou outra seja um actante atravessado por essa experiência que denominei alternatividade. Para além dos

números (e nos números), o que esses dados deixam no ar é que, apesar do aparente mau funcionamento de uma cena cultural alternativa da cidade – na verdade, são cenas (EUGÊNIO, 2009) – a intensidade, a complexidade, a contradição, a vertigem e a contingência são características absolutamente presentes no "objeto" adotado para análise. O próprio escrito relato em si, que certamente é uma parcela pequena de tudo o que foi produzido e sentido, contém muitos elementos que reafirmam essas características. Aliás, a escolha desse trecho em especial não foi à toa, ele remonta parte da própria história da pesquisa e de seu desenho. Foi a partir daí que me dei conta da complexidade daquilo que lidava, que não seria possível aplicar os "métodos científicos etnográficos standards" que tinha em mente. Principalmente por causa da minha subjetividade circulante operando como ferramenta de base dentro da lógica da pesquisa. Afinal, aquela experiência já me era conhecida anteriormente. Na ocasião, eu estava tentando produzir um caderno de campo a partir do lugar de estranhamento tão caro ao ofício do antropólogo. O resultado não saiu exatamente como o esperado, nenhum distanciamento total é possível (e nenhuma aproximação também). Mas aquele exercício me mostrou alguns desdobramentos que foram cruciais para a sobrevivência da pesquisa, se tornando pilares de sustentação do que apresento aqui.

Um dos desdobramentos fala sobre a possibilidade de produzir um relato etnográfico baseado na experiência e no sensível, em se deixar atravessar pelas sensações não programadas, uma vez que aquele universo de signos já era conhecido por mim. Fato este que inclusive influenciou diretamente na forma como enxerga a teoria antropológica circundante da pesquisa. Claro, não se trata de um relato exclusivamente subjetivo e pessoal. É Bourdieu quem diz que é necessário fazer uma confissão (não a confissão de cunho religioso, remissiva) para atingir uma objetivação da própria subjetividade. Para ele essa é uma tomada de atitude fundamental e necessária para dar força e potência a seus argumentos, que na ocasião são decorrência de um incômodo a princípio bastante pessoal, mas que, ainda assim, se desdobram em ideias duradouras sobre o que se quer falar: "Portanto, falarei um pouco de mim, desse eu singular, que Pascal considerado 'odioso'. E mesmo falando de mim, trata-se de um eu impessoal sobre qual silenciam as confissões mais pessoais, ou são por elas refugadas por sua própria impessoalidade" (BOURDIEU, 2001, p. 44).

Um outro desdobramento me deu a chance de "simetrizar" (LATOUR, 2007) as relações produzidas em campo. A partir desse relato, e com ajuda de um aparato teórico preciso, pude perceber que é possível indagar à minha figura pesquisadora, enquanto

alternativo, com as mesmas perguntas que faço como pesquisador para os meus nativos/alternativos. Essa possibilidade operatória borra algumas variáveis estabelecidas a respeito do fazer etnográfico. Daí a necessidade de fazer desse relatório de pesquisa uma experiência estética e política, um objeto alternativo, um experimento. Foi daí que partiu a necessidade de se trabalhar com uma etnografia da experiência. Trata-se de um contexto que é imanente, seguindo a definição de Deleuze (2012). Eu não escolhi fazer esse passeio epistemológico, sensível e etnográfico, ele apenas precisou ocorrer assim.

Dito isso, é necessário estabelecer algumas características da alternatividade teresinense. A característica mais imediata e visível é a heterogeneidade dos indivíduos, dos processos e dos acontecimentos. Dela, derivam outras características. Essa heterogeneidade, aliás, é um ponto muito recorrente na fala dos próprios actantes da cena. Não é possível inclusive definir, somente baseado nos relatos e na percepção dos actantes, se existe uma cena ou não.

> Difícil falar de uma 'cena artística', muito menos me localizar dentro ou fora dela. Me parece que, como tudo, não é uma 'cena', e sim muitas, talvez um caleidoscópio artístico. O que percebo com alguma clareza é existência de grupos, muitos, nas diversas manifestações de arte, um pouco desarticulados. O que pode ser bom ou péssimo. Tem gente incrível fazendo música, dança, teatro, artes visuais, fotografia, audiovisual. Não consigo perceber algo que possamos chamar de 'movimento' em uma área específica, mas vejo muita potência. Difícil resolver a equação arte/mercado/subsistência no Piauí, excetuando-se talvez alguns mais ligados a alguma forma elementar de 'mercado'. Gosto de pensar que há um caldeirão cozinhando em fogo lento. O caldo que vai sair disso só vamos saber lá na frente, por enquanto temos pequenas provas para colocarmos um pouco mais de sal, ou menos pimenta, algo assim (PIAUÍ, 2017).

Muitos falam sobre, outros se recusam: "Tou fora dela, que já é estar dentro – de alguma forma" (RAYO, 2017). Alguns preferem falar de uma cena que já existiu e não existe mais: "Não existe cena, a cena morreu há anos em Teresina" (BTMN, 2017). Outros admitem a existência de um universo cultural que é estritamente controlado pelas forças capitais: "A cena alternativa daqui se resume a pessoas querendo matar o mínimo de grana possível fazendo trampo mais porco possível" (WAGNER, 2017). E alguns admitem que existe uma consistente e resistente cena de arte e cultura local:

> E falando em cena, ela é tudo. Ela é os espaços culturais, ela é as pessoas movimentam, que sacodem e fazem de tudo pra ela existir, ela é o público. Eu sou um pouco de cada. Todas as pessoas envolvidas nas movimentações culturais têm responsabilidade por ela existir dependendo de que lado ela esteja. Tem dias que eu sou público, tem dias que eu sou a performer, e isso que é o legal. Vai ter um dia em que eu vou ser a gata da luz, ou fazer a sonoplastia, ou a gata do bar (RIBEIRO, 2017).

A diferença e a controvérsia são a base de qualquer ideia que se tenha a respeito de uma figura da alternatividade na cidade. Até as poucas pesquisas locais que se dedicaram a estudar os fenômenos periféricos na cidade, mesmo que se voltando a contextos ainda mais específicos que o meu, falam disso:

> A primeira característica geral mas marcante da produção fonográfica analisada é o caráter heterogêneo do material, seja no que diz respeito à presença de diversas variantes estéticas roqueiras, ao acabamento técnico, ora muito bem produzido, ora bastante precário, assim como na diversidade dos suportes e formatos utilizados (MENESES ALVES, 2016, p. 143).

Essa fala é voltada para uma pesquisa cujo objetivo foi o mapeamento da produção fonográfica roqueira independente da cidade. Mesmo assim, o resultado atestou uma variedade estética de criações e expressões extensa. Isso falando daquilo que poderia ser enquadrado como rock, que é só uma das várias dimensões do meu campo. O mesmo pode se aplicar ao relato etnográfico de campo transcrito. Na descrição dos tipos, da estética e dos modos de vida existentes, é fácil perceber que a diferença é a principal variável daquele tipo de acontecimento. Em pouco mais de cinco páginas de descrição há a localização de punks, *headbangers*, ativistas dos direitos LGBTQ, fãs de quadrinhos, roqueiros, entusiastas da música pop, artistas contemporâneos, performers, colecionadores, pequenos empresários, jovens, adultos, crianças e idosos.



E é exatamente assim que a alternatividade nos atravessa, somente enquanto processo, apenas como devir, como ato de singularização coletivo e passageiro. Uma batalha do corpo. Mesmo as identidades mais rígidas (como a *headbanger* ou a punk, por exemplo) são intervalares, submetidas a uma gradação dos signos, podendo facilmente perder seus aspectos mais engessados em nome de uma experiência coletiva como é o Salve Rainha. Essa, aliás, é uma das características de quase todo evento cultural de cunho gratuito na cidade. Em Teresina, a lógica dos nichos e da representação não é suficiente para explicar o que acontece, embora a tentativa por se apresentar como diferente esteja sempre presente. O que existe, e é algo que serve inclusive como estratégia metodológica etnográfica do trabalho, são vários fios que, mesmo diferentes, formam uma malha tal qual coloca Descola (2016). Na malha descolaniana (que pode ser também a máquina das engrenagens diferentes ou a nuvem do

primeiro capítulo, é crucial não trabalhar com apenas uma figura conceitual, isso seria a morte do trabalho) o que existem são ecossistemas vivos dentro de ecossistemas vivos, onde a conexão não é só de ajuda mútua como também é de tensão, contradição e contingência. Trata-se de uma movimentação que não segue uma lógica descartiana e nem racional, ela ocorre muitas vezes ao sabor do acaso e pela interferência do fora, que também é considerado como parte da própria malha, da máquina, da nuvem, do rizoma.

No caso de Teresina, a pesquisa identificou vários desses fios característicos, singulares e semi-identitários/representativos. Pequenas cenas, ecossistemas, que carregam alguns elementos da lógica de representação mas que, além de serem diferentes entre si, carregam infinitas virtualidades que podem esmagar os pontos identitários que as sustentam sempre parcialmente, além de nunca existirem sozinhos. De forma geral, em Teresina, posso citar: a cena *headbanger*, a cena LGBTQ, os grupos de cultura e arte popular, a cena rave, os grupos de cultura e arte contemporânea, a cena de música eletrônica, a cena pop, a galera do rock autoral independente, a cena rasta/reggae, a galera do hip hop/*black*, a militância política de minorias, grupos universitários de arte cultura e política. Esses são linhas mais grossas da malha, de influência mais forte, com regras éticas preestabelecidas, mas que estão em constante mudança e diálogo com as outras realidades, com outros fios. Além disso, existem várias outras organizações que existem de forma independente, mas não atingem a influência de um desses pontos. Os punks, por exemplo, existem vários indivíduos que seguem o código punk, mas sua representação não chega a criar um universo como os outros citados. O mesmo exemplo vale para a *fanbase* da cultura japonesa na cidade, só para citar mais um exemplo. Muitos dos actantes também passeiam por vários desses universos, são parte da malha que tensiona a própria malha. Dentro disso tudo (e, como já falei, o dentro também envolve necessariamente o espaço de fora, ele é vital) existem então vários cruzamentos e combinações, uma infinitude de modos de existência. É aí onde reside a alternatividade que tento tratar. E vale lembrar que os exemplos colocados aqui são parciais, não pretendo fazer um inventário, senão descrever a experiência em si. Pela velocidade (que às vezes é pura lentidão) dos acontecimentos, é provável que os exemplos citados aqui já não sirvam mais (ou não).

Além disso, é importante ressaltar mais alguns pontos-chave de leitura. A primeira é sobre a forma como essa alternatividade se organiza, principalmente na figura do acontecimento coletivo, seja ele festa, *happenings*, eventos, festivais, ocupações ou mesmo em encontros casuais em bares e praças. Aliás, só existe alternatividade na acepção

espinosiana (ESPINOSA, 2015) de encontro. É por isso que a metodologia do trabalho basicamente consistiu em ser atravessado por esses encontros, sejam eles de base positiva ou negativa, duradouros ou natimortos, harmoniosos ou contraditórios, fluídos ou duros.



Outra característica é metodológica. Por lidar com um mapeamento de um processo, algo que não é tão facilmente computado, quantificável, a subjetivação (e a desubjetivação) ocupa importância etnográfica de base. É por isso que a maioria dos relatos que exponho aqui são de caráter informal, afetivo, sensível e pessoal. Uma estratégia necessária. Por isso também que pretendo não hierarquizar eventos e nem informantes, uma vez que segundo a lógica da malha, cada variável tem sua variável de ação como sendo vital.

Por último, esta é uma etnografia do presente. Vale relembrar a colocação de Antelo (1996) quando diz que "a antropologia e a poética são arqueologias do presente". O presentismo força necessariamente o relato etnográfico a passar pela minha experiência. E

esse atravessamento é que questiona e (re)etnografa a prática antropológica e a carga conceitual que ambas trazem. Além disso, por se tratar de uma etnografia contemporânea urbana, existe um contexto que é inevitável e crucial: Teresina. Ainda que a base do trabalho seja o devir, é necessário falar do que engloba, envolve e compõe a cidade sob o constructo da alternatividade: sua história e características mais etéreas e cristalizadas. Ponto do próximo subtítulo: a cidade de Teresina.

3.2 Terehell, a cidade na perspectiva alternativa

"Só os fracos vivem e morrem aqui" (CALIXTO, 2016). Quando ouvi isso, estava numa conversa em que o tema tinha descambado para a cidade de Teresina. Era uma conversa fragmentada, sobre os vários aspectos citadinos possíveis, sobre uma ecologia da cidade de Teresina. Na ocasião, estava a falar com Valciãn Calixto sobre toda essa fragmentação e a urbe. Como falar de Teresina? Sobre o quê? A fala era cortante, objetiva e precisa. Aquilo ficou por um bom tempo na minha cabeça. O relato em si não era exatamente uma novidade, já tinha ouvido de certa forma o mesmo conteúdo de formas diferentes. É constante, até. A simplicidade dele, no entanto, me atravessou de modo permanente. Houve um choque inicial que provocou o não dizer, o silêncio. Depois, comecei a conectar essa fala diretamente a outras coisas, outros possíveis, outros impactos que me faziam buscar por uma conexão mínima que fosse.

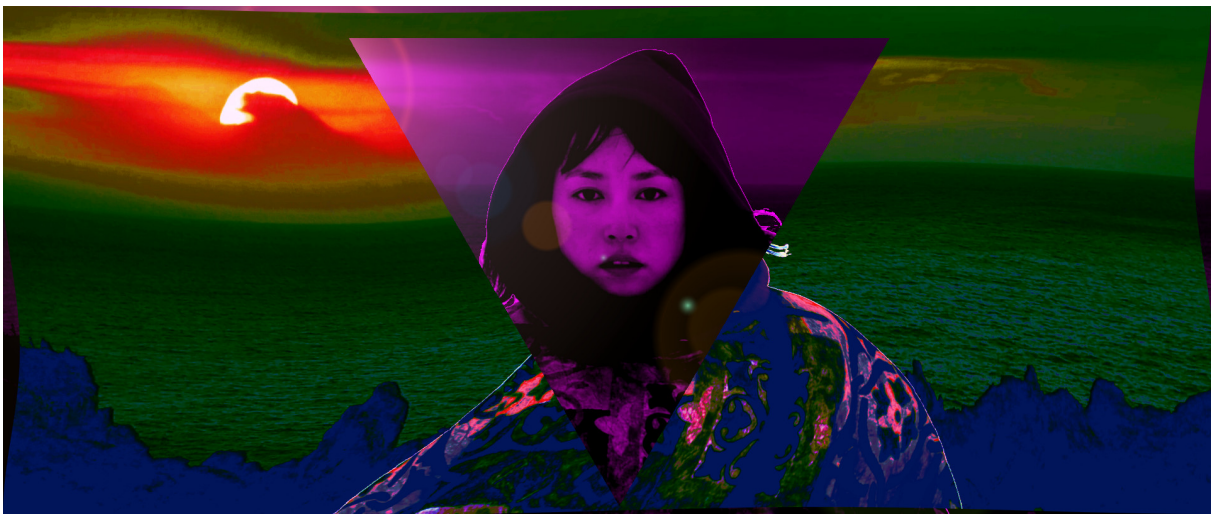
A primeira conexão que fiz foi com duas obras que também me provocaram o silêncio de um choque de contato semelhante ao que senti com a fala dele: o filme *Onde os Fracos Não Têm Vez* e o livro *Meridiano de Sangue* (ambos são obras do escritor americano Cormac McCarthy, mas o filme é dirigido pelos irmãos Joel e Ethan Coen). *Onde Os Fracos Não Têm Vez* conta a história de um xerife no meio dos Estados Unidos que faz uma caçada sem esperança a um cowboy que achou dinheiro de tráfico no deserto e um assassino que o persegue matando tudo e todos que cruzam seu caminho. Não muito diferente, *Meridiano de Sangue* também é um faroeste, só que histórico, de época. Conta a história de uma gangue itinerante de mercenários que vaga pelo interior também americano executando todo tipo de serviço sem escrúpulos e com violência assustadora. Em ambas produções, uma sensação é produzida em comum: aridez (talvez seja isso que tenha provocado o meu silêncio). E foi essa sensação que senti ao ouvir aquelas palavras. É difícil não considerar essa uma das características mais imediatas da cidade. Por "bem" ou por "mal", a começar naquilo que é

um dos assuntos constantes mais óbvios sobre Teresina: o clima.



Assim como em ambas obras, o clima em Teresina é inclemente. Sobretudo a ação do sol sob a cabeça de seus habitantes. “A única capital do nordeste que não tem praia”, esse

dado eu carrego comigo das aulas de geografia do ensino básico. Quem anda de transporte público aqui se depara com uma cena recorrente: pessoas esperando o ônibus se protegendo em fila nas sombras dos postes. É possível ver essa cena dezenas de vezes num dia só. É inacreditável que numa cidade onde a sombra seja tão valiosa, o poder público não tenha se mobilizado para fazer, no mínimo, pontos de ônibus decentes. E ainda continua a derrubar árvores de forma burra e sem planejamento. O mais "engraçado" que esse calor excessivo vem sendo sentido e falado sistematicamente no decorrer da história da própria cidade. Algumas figuras intelectuais já fizeram ponderações sobre o calor. Clodoaldo Freitas, escritor e advogado que viveu nas primeiras décadas do século XX, e Abdias Neves, também da passagem de século XIX-XX foram alguns desses que se deixaram afetar pela sensação de abafamento climático local. Até os jesuítas que passaram por aqui falaram abertamente sobre. "Teresina, que é uma cidade onde a vida já se apresenta trepidante, não tinha até pouco tempo, lugares de refúgio para obreiros […] para as épocas quentes de nossa Capital" (CARVALHO, Miguel, 1038, p. 370).



Como sou músico, costumo brincar com alguns amigos que essa característica climática tem efeitos diretos na produção cultural local. Por algum motivo, as bandas de rock da cidade tocam de forma extremamente rápida, mesmo aquelas que se propõem a tocar algo mais lento. Lembro que quando ainda era adolescente, um fato me impressionou foi a rapidez que tocava a principal banda da cidade, o Narguilê Hidromecânico. Talvez o calor acelere a partículas e as frequências sonoras e torne tudo tão agoniado. Para mim, a banda mais rápida do Brasil é daqui: oBtus. Ninguém faz *hardcore* mais rápido que eles. Basta ver isso: https://www.youtube.com/watch?v=Uk0yDL3_aKQ. Muito por causa disso, os roqueiros

locais apelidaram Teresina de Terehell. Esse apelido vem de algumas rodas punks do início dos anos dois mil. E hoje todo mundo usa, até meu pai.

Só que essa aridez, assim como nos próprios livros e filme de Cormac McCarthy, nem de longe se resume somente aos aspectos geográficos. Esse é aliás apenas um aspecto alegórico. Não se trata de um determinismo. Talvez seja apenas um ponto de partida bobo. A tal ponta do iceberg. Uma impulsividade qualquer, no máximo. O que quero falar é de uma espécie de aridez existencial, que age na vida, colonizando o movimento da mesma. Desde que me entendo por gente, nascendo e crescendo aqui, que sinto uma atmosfera de imposição de costumes e formas específicas de vida na vida. Era exatamente essa a intenção de Calixto com a frase que coloquei aqui no início. Logo relacionei a uma fala de Torquato Neto (2004, p. 284), talvez a figura cultural mais icônica (a contragosto do próprio, claro, reforçando a tendência impositiva), dizendo que se trata de um lugar onde "não acontece nada, onde nunca passou um filme de Godard e onde cabeludo não entra na escola nem nas casas de família".

Talvez muitos lugares no mundo sejam assim. Talvez todos. Talvez nem seja uma questão de local, mas de tempo, de vida capital. Mas é difícil ficar inerte a algo que muita gente sente brutalmente. Trata-se de um sentimento que toca muitos indivíduos que habitam aqui. Os rastros, os indícios, as pegadas, estão até hoje por aí, estabelecidas ou vagando. Não é raro andar em alguma rodinha cultural e/ou alternativa hoje e ver alguém chamando a cidade de "fazendinha" ou de "feudo", por exemplo. Às vezes os termos são mais agressivos. É recorrente. Aqui o número de carros 4x4 (geralmente Toyota Hilux) é obsceno. Carro 4x4 para andar só na cidade. E além de tudo, eles são desrespeitosos, passando por cima das calçadas, estacionando em locais proibidos e fechando os veículos menores. Também não é incomum ver pessoas falando que Teresina é a "capital da Hilux". Entre os mais jovens é bem comum ouvir reclamações ou colocações sobre a "tara" de grande parte das famílias teresinenses em ter filhos que estudem ou medicina ou direito, somente. Como se não houvessem alternativas viáveis. Isso sem tanta exclusividade de classe, do pobre ao rico. Eu mesmo escolho me graduar em Jornalismo por falta de opção. Queria Cinema ou algo parecido, não tinha. Desejei História mas logo a pressão social me jogou para longe. Ser professor não está entre os planos dos jovens por aqui, é preciso coragem. A árvore genealógica política do estado como um todo é dar inveja aos Buendía, simplesmente todo político de escalão médio/alto é parente de algum outro político. É Severo Eulálio Neto, Flávio Nogueira Júnior, B. Sá Filho e afins.

Mas não é só isso. Acontece que, assim como em *Onde os Fracos Não Têm Vez*, onde a dureza da terra e a morte de nome Chigurh tende a devastar tudo, a vida continua, ainda

mais implacável. Em *Meridiano de Sangue*, as lindas paisagens resistem aos seguidos banhos de sangue e a carnificina humana da gangue d'O Juiz Holden e seu comparsa Glanton. Com a aridez (*Aridez* inclusive é o nome de um documentário que conta a história da cena *headbanger* da cidade) teresinense não é diferente. Ela não existe sozinha. Existe um número incontável de respostas, resistências e insistências. Talvez essa seja a história alternativa da cidade. Uma insistência que se repete nas próprias histórias de vida das pessoas que se criaram por aqui.

> Primeiro de quatro irmãos, minha mãe foi lavandeira, manicure, sacoleira; meu pai foi alfaiate, eletricista, etc. Nasci em 1973, tímido, mas gostava de brigar na rua, nasci na Vila Operária quando ainda era periferia, aprendi a andar de bicicleta na rua do Bariri entre as poças de lama da rua sem calçamento, meus pais sempre gostaram de música mas nunca tive um músico na família, discos de vinil na minha eram um luxo que se estabeleceu e que com certo sacrifício se obtinha sempre, muitos! (CRAZY, 2016).

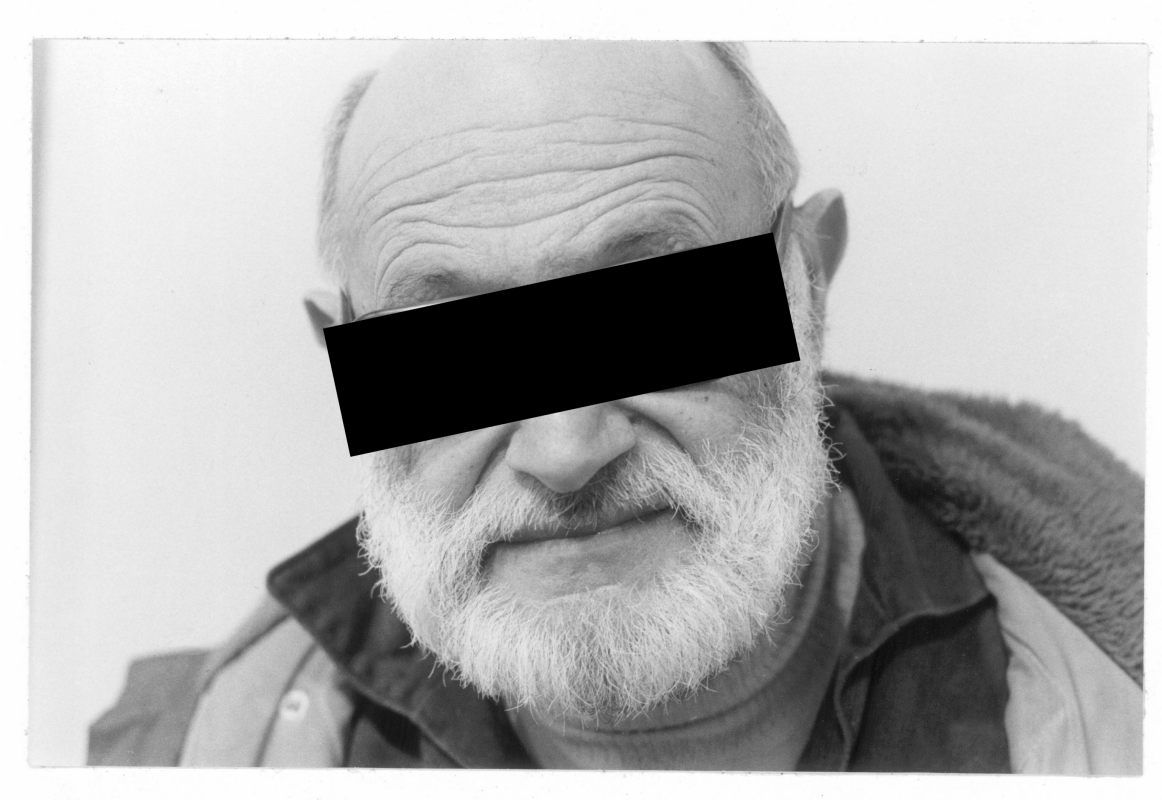
E é incrível como essa é uma história que se repete insistentemente. Passeie por qualquer zona da cidade, converse com algumas pessoas e terá contato com histórias assim. Aqui, só temos "três" zonas. Nosso mapa geográfico nos privou de uma zona oeste, uma vez que como a cidade é cortada por um rio, a zona oeste corresponde à cidade de Timon, no Maranhão, postada do lado esquerdo do rio. Uma cidade privada até de todas as zonas de geolocalização. Em compensação, temos uma zona sudeste, informal e bela, que corresponde ao bairro Dirceu. O Dirceu é um mundo à parte, um bairro de periferia tão grande e tão singular que é maior e mais rico em termos quantitativos que a segunda maior cidade do estado, Parnaíba. O Dirceu é um mundo, o subúrbio vivo e materializado.



Assim, a aridez inclemente não existe sem a presença de uma insistência euclidiana que te faz gostar de brigar na rua mesmo sendo tímido. Euclides da Cunha, aliás, é uma das

referências de um dos espetáculos criados por aqui que mais tem conexão com essas terras. Idealizado pelo coreógrafo Marcelo Evelin, *Matadouro* é uma peça de dança contemporânea onde cerca de dez bailarinos nus e mascarados, depois de terem surgido do bréu com facões pendurados e tambores, correm em círculos incansavelmente um atrás do outro durante uma hora e meia, sob o som de música clássica e uma guitarra *black metal* distorcida. No fim, a trilha para, a correria também, os bailarinos se postam em linha reta, de frente para o público, já sem as máscaras, ofegando num nível de deixar qualquer pessoa desconfortável mas confiante. Apesar do esgotamento: oxigênio, respiração e rosto para fora. Vida viva.

Matadouro se enquadra na mesma categoria sensível de *Meridiano de Sangue* e *Onde os Fracos Não Têm Vez*. A própria história do nome "matadouro" contém essa ambiguidade de aspereza e vida. Matadouro é também o nome de um bairro de subúrbio na zona norte da cidade. Tem esse nome por ter sido palco de um grande e antigo abatedouro de animais da cidade. Lá também reside um dos poucos teatros da cidade, o Teatro do Boi (que curiosamente foi o lugar de estreia do documentário *Aridez*). Teresina só tem três teatros, dois mais antigos, o do Boi e o 4 de Setembro, esse o mais conhecido, localizado no centro. E um terceiro mais jovem, o Teatro João Paulo II, que fica no Dirceu. O Teatro do Boi, no bairro Matadouro, é um dos símbolos da resistência artística cultural local. Sobreviveu a vários apocalipses da cultura, seguindo firme e forte, tendo sido reformado recentemente. A peça *Matadouro* é claramente influenciada na figura do teatro, do bairro e em *Os Sertões*.



Depois de toda essa articulação, me veio em mente mais uma figura, popular e mitológica, clichê até: o Cabeça de Cuia. Um mito que também tem conexão com essa atmosfera que paira sobre a cidade. A lenda mais conhecida daqui, a história de um pescador desesperado e assassino. Com fome e sem êxito na pescaria, Crispim mata sua mãe durante uma discussão enquanto ela cozinhava apenas ossos para o almoço. Antes de sucumbir, a matriarca joga-lhe uma praga que condena-o a ficar eternamente povoando as margens noturnas do rio onde ele pesca, com a cabeça num formato de cuia, em busca de sete Marias virgens para sacrificar. É o próprio Marcelo Evelin (2014) que faz um diagnóstico significante relacional entre a lenda e o "povo local", ao comparar as pessoas com o próprio Cabeça Cuia: "Aqui existe um povo sofrido, que vive com a cabeça enterrada na lama, uma coisa tímida. Esse é o nosso protótipo. Pra mim o piauiense é o Cabeça de Cuia". Mesmo assim, existe uma simpática estátua do Cabeça em um dos poucos pontos turísticos da cidade. E muita gente fala dele com orgulho.

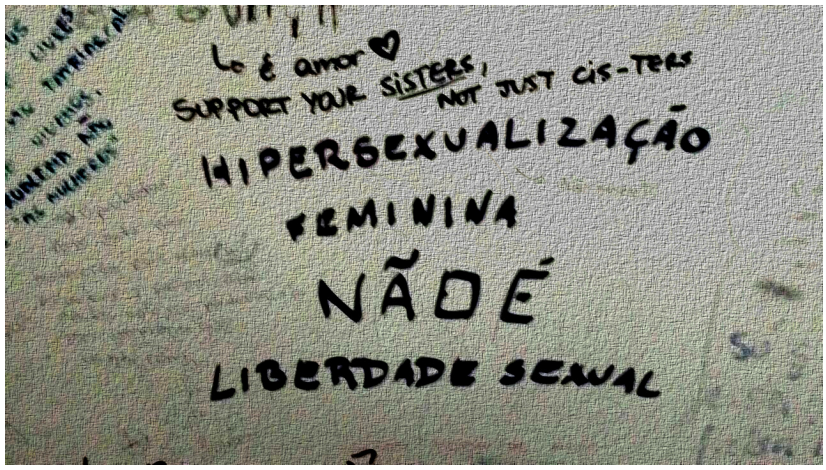
Depois de um tempo da conversa com Calixto que citei no começo desse subcapítulo, tive outra conversa que aleatoriamente recaiu no assunto cidade. Dessa vez, o que foi falado também me deixou calado em silêncio. Era o arremate do que disse Calixto. Eis o complemento:

> Amo minha cidade, mas parece que ela odeia todo mundo – costumo dizer isso, porque parece um jogo, quando algo começa a ganhar força sempre é detonado, ou quando alguém se movimenta muito rápido quase sempre vira alvo. A cidade tem história, mas poucos querem se lembrar (FLAVIA, 2007).

É exatamente esse "poucos" da fala que corresponde a uma perspectiva alternativa de Teresina, uma via de mão dupla. E essa fala é de uma jovem escritora local. Alguém que luta há alguns anos para publicar um livro com recurso público. Sempre lembro de uma fala do Gilberto Velho (2007, p. 212) num dos primeiros textos sobre antropologia urbana que li, ainda na época da graduação: "Em sociedades complexas os indivíduos são complexos. Os indivíduos são sempre complexos e vivem essas contradições e essas tensões". Viver por aqui e buscar um modo de existência outro, que não seja o de uma vida "certinha", moralista, impõe uma rotina seca, num jogo complexo de ceder, mudar e insistir. Mas, em paralelo a isso, há também uma busca viva de se singularizar, seja como for. A aridez termina por tornar possível múltiplas reações, como é o caso do próprio trabalho aqui escrito. Tal exercício de sacolejo que proponho aqui em parte só é possível pelo lugar onde estarmos, esquecido, fora dos grandes eixos de produção nacional de conhecimento. Uma gambiarra que tem sede por sobrevivência.

3.3 Mais algumas notas sobre o percurso etnográfico

Em determinado momento do andamento da presente pesquisa, a impossibilidade se tornou o seu norte, por mais contraditório que isso pareça ser. Impossibilidade inclusive em mais de um sentido. No sentido teórico (vide capítulo 1) e, principalmente, no aspecto da forma a ser adotada. Como dar uma formatação etnográfica suficientemente consistente para todos aqueles dados, falas, sujeitos e acontecimentos que tinha em mão? Além disso, como já foi falado várias vezes, existia ainda a gravidade da especificidade do meu "campo" ser parte da minha própria vida, algo anterior ao surgimento da minha obrigação científica institucional.



Isso constituiu pra mim uma impossibilidade durante mais tempo que o planejado. Inclusive porque a própria realidade acadêmica exige rapidez e produção, no sentido capital do termo. E eu realmente não sabia lidar com tantos dados, falas, inconsistências várias e a contradição e a diferença como o fator geracional daquela categoria nativa que eu tinha de descrever: os alternativos. Isso foi um fator de debate constante nas orientações. O trabalho do antropólogo, afinal, é fazer um inventário das formas variadas formas de vida. Algo que até então não sabia como fazer, como criar. Acontece que da impossibilidade de falar sobre o que não podia ser falado, ou que se falado de um modo específico, datado, certamente seria de um jeito que empobreceria a multiplicidade do "objeto", surgiu a potência e o ponto de partida necessário para adotar a forma que adoto aqui agora (que chamei de experimental no início do texto). Se falar de alternativo não era suficiente enquanto grupo, era inconsistente, apesar de ser uma categoria nativa, se existia a impossibilidade de mapeá-los de forma satisfatória, a saída foi pensar o conceito de alternativo apenas enquanto experiência possível. Conceito este que acabei adotando uma variação, a alternatividade. Ou seja, a ideia de sujeito alternativo somente enquanto experiência, processo.

Daí então minha pesquisa teve um salto que pode ser resumido a princípio com uma frase: trata-se de uma pesquisa sobre etnografia da experiência. Experiência alternante, inclusive. É daí que vem o formato experimental desse texto, incompleto, fragmentado, passageiro, com várias vozes, imagens e som, apresentando-o como processo de subjetivação de uma alternatividade em Teresina. E nesse caso, forçando uma leitura de fora, mesmo sem deixar de afirmar seu status de mero relatório. A intenção é fazer do próprio relatório uma própria experiência outra, uma experiência alternativa para a própria academia, já que a lógica acadêmica sempre te força a falar primeiro para os pares. É claro que a experiência alternativa

local tem limites, não se trata de universo totalmente vazio semanticamente. Porém, tampouco se trata de uma realidade quantificável, mapeável em toda sua complexidade. É uma gradação, a vida em camadas. O mundo fragmentado ainda é mundo. É exatamente relacionando essas ínfimas camadas de gradação (as engrenagens), que não existem sozinhas mas que também não compõem um todo coeso, que enxergo uma possibilidade de se etnografar a alternatividade. E é nesse caminho, numa descrição dessas camadas, que o presente capítulo se estabelece (já falamos de algumas aqui, como o heterogêneo). Seja colocando trechos dos cadernos de campo, seja descrevendo percepções a respeito das relações com a cidade ou colocando minha própria experiência em jogo. A maior das dificuldades certamente foi a ausência de fórmula. O contato precisa ser incompleto, já que assim é a própria experiência alternativa.

Depois de pensar bastante sobre todos os meus dados de pesquisa, falas, conversas, textos e vivências infinitas, optei por trabalhar em dois eixos, que diferem e coincidem de acordo com a situação contingencial. Exatamente da forma como se agenciam as realidades que coloco em jogo: um processo subjetivante do pesquisador e outro processo subjetivante do alternativo. No eixo mais formal correm as variáveis que colocam uma dissertação de mestrado como um relatório de pesquisa viável e materializável. Nela, adoto um modelo básico de apresentação: capítulo teórico, capítulo histórico e análises de dados. Neste analiso os “dados” etnográficos que aparecem.



No eixo descontínuo coloco: o uso de imagem e som pela via da não representação, as alternâncias de vozes, a linguagem usada, o uso das referências e a fragmentação do próprio texto do relatório. Agenciando ambos eixos, o conceito de alternatividade, fruto da experiência etnográfica interior. É da fricção dessa máquina que surgem as gradações que compõem todo este trabalho. É um processo similar ao que Deleuze e Guattari (2012) chamam de síntese disjuntiva. A intenção não é mapear e nem hierarquizar, entretanto, é preciso fazer uma síntese.

Pensando nisso, nessa necessidade de síntese, posso dizer que a alternatividade tem algumas outras características (além das já retratadas em determinado ponto acima). Uma delas é a repetição. Todos pensamentos e acontecimentos narrados fazem parte dos meus dados etnográficos. Algumas situações eu vivenciei, outras vi e mais algumas outras me foram

narradas, embora elas não estejam em ordem. A linha que as une é a repetição. A alternatividade diz respeito a uma experiência que se faz e se desfaz continuamente, repetição após repetição. A diferença nasce daí, do retorno constante, do cotidiano que paira implacável sobre a cabeça de todos. A emergência da diferença está estritamente ligada ao repetir dos dias e a forma de vida capitalista, ordinária, baseada na exploração de uma forma de trabalho qualquer. A experiência alternativa surge exatamente dessa repetição. O próprio texto, inclusive, se repete. A actância e os actantes se repetem, as situações também. As falam se repetem. A travessia se estende dia após dia como no filme *Paterson*. Trata-se estratégia etnográfica mais próxima da experiência acontecida.

A outra característica é que só é possível pensar uma alternatividade no encontro, no coletivo. E, por enquanto, aqui podemos usar uma definição próxima da definição usada por Espinosa (2016). Encontro é uma experiência de contato com o outro, sem rosto, regida pela contingência, que pode variar entre o bom e o ruim. Todo encontro é referente ao corpo, logo estou falando de uma batalha que tem o corpo como campo necessário. Por mais que a vida se organize de modo institucional, os encontros superam esses limites, criam realidades possíveis, não controladas, embora passíveis de descrição. E no caso da alternatividade teresinense, ela se efetua no coletivo e no corpo. Muito por causa da forte formalização de um modo de vida já falado aqui. É uma característica citadina, que tem conexão com o contexto contemporâneo de vida social, mas que carrega características próprias da realidade vivida aqui. Tal disputa dos corpos que se espalham sem controle pela malha da urbe é fruto de uma biopolítica. A alternatividade briga por espaço, insiste em autenticar seu corpo também como um lugar possível. É o jogo do encontro coletivo. Daí, surge uma ética, também no sentido espinosiano (ESPINOSA, 2016), de um modelo de existência outro que se encontra ao mesmo tempo dentro e fora da vida. Esses dois eixos fazem a alternatividade teresinense: a repetição da vida ordinária e batalha “biopolítica” (PELBART, 2017) do corpo. Tal condição se estende a mim, enquanto antropólogo alternativo. Assim busco tornar visível uma ética não só da alternatividade do meu “objeto”, mas também do meu lugar enquanto variável da realidade acadêmica.

3.4 Uma etnografia da alternatividade que se repete

Segunda-feira

O despertador toca feroz. Dou um salto assustado. Penso estar brutalmente atrasado para o trabalho. Logo na segunda feira. A ficha ainda não caiu. Ainda com o quarto bem escuro, levemente iluminado pelas frestas da janela e da porta, pego meu celular para desligar o despertador histérico. São 07:30, uma hora e meia antes do que costumo acordar costumeiramente. A ficha agora cai. Me lembro o motivo de ter acordado mais cedo: noite anterior, meu carro apresentou uns problemas estranhos. Primeiro demorou demais a ligar, depois de dada a partida, o motor ficou com muita pouca força. Foi uma dificuldade chegar em casa. Quase fico no prego. Na ocasião, domingo à tarde, eu estava filmando uma batalha de jovens rappers no extremo subúrbio da zona leste da cidade, mais especificamente na Vila Maria. Moro na zona sul, então, a zona leste da cidade é na direção oposta da cidade. Estava lá na batalha filmando com um dos meus melhores amigos e sócio, Luwag, a gente está tentando abrir uma produtora de audiovisual voltada para a cultura *black*, urbana e jovem. Estávamos lá a pedido de dois parceiros rappers que encomendaram um clipe musical com a gente: Jay Evy e Ygao Kaievisky. Nosso primeiro trabalho. A batalha foi muito daora, apesar de cansativa, chegamos lá à tarde ainda e só voltamos pra casa por volta das 23 horas. E quase não voltei, já que o carro deu esses problemas. Foi numa quadra de esportes abandonada pela prefeitura. Teve apresentação dos caras, dança e a molecada mandou ver na decoração fazendo grafite nas paredes da quadra. Filmamos tudo. De graça. A ideia é ajudar a galera a fazer um canal no YouTube com essas batalhas e assim divulgar novos MC's da cidade. "Depois a gente dá um jeito de capitalizar isso", disse para o meu sócio amigo. Ele concordou.

A lembrança agradável da noite anterior logo me leva a uma urgência particular dessa segunda: muita coisa vai acontecer essa semana. "Caralho, essa semana vai ser longa", penso. Teresina tem dessas bizarrices, às vezes a cidade passa meses sem um acontecimento relevante, e aí de repente todos acontecem na mesma época. Geralmente é no segundo semestre no ano. Claro que não é sempre assim. Mas, esse um fato recorrente e reclamação comum entre maioria das pessoas que buscam por alternativas de lazer e cultura que não reflitam o desejo da maioria: festa de forró, boates, shoppings com cinema *blockbuster*, bares que tocam MPB entre outros. Finalmente resolvo me levantar da cama. Preciso levar o carro na oficina antes de ir ao trabalho. Perco alguns minutos olhando o Whastapp e o Telegram, nada muito importante, por enquanto. Talvez seja o sono, 7 horas é quase madrugada ainda. Perco algum tempo no Twitter antes de banhar. As notícias de generalidades não são boas. Segunda sete da manhã e já tem informação suficiente pra se ter a certeza que o país está bem

fodido. O mundo está fodido.



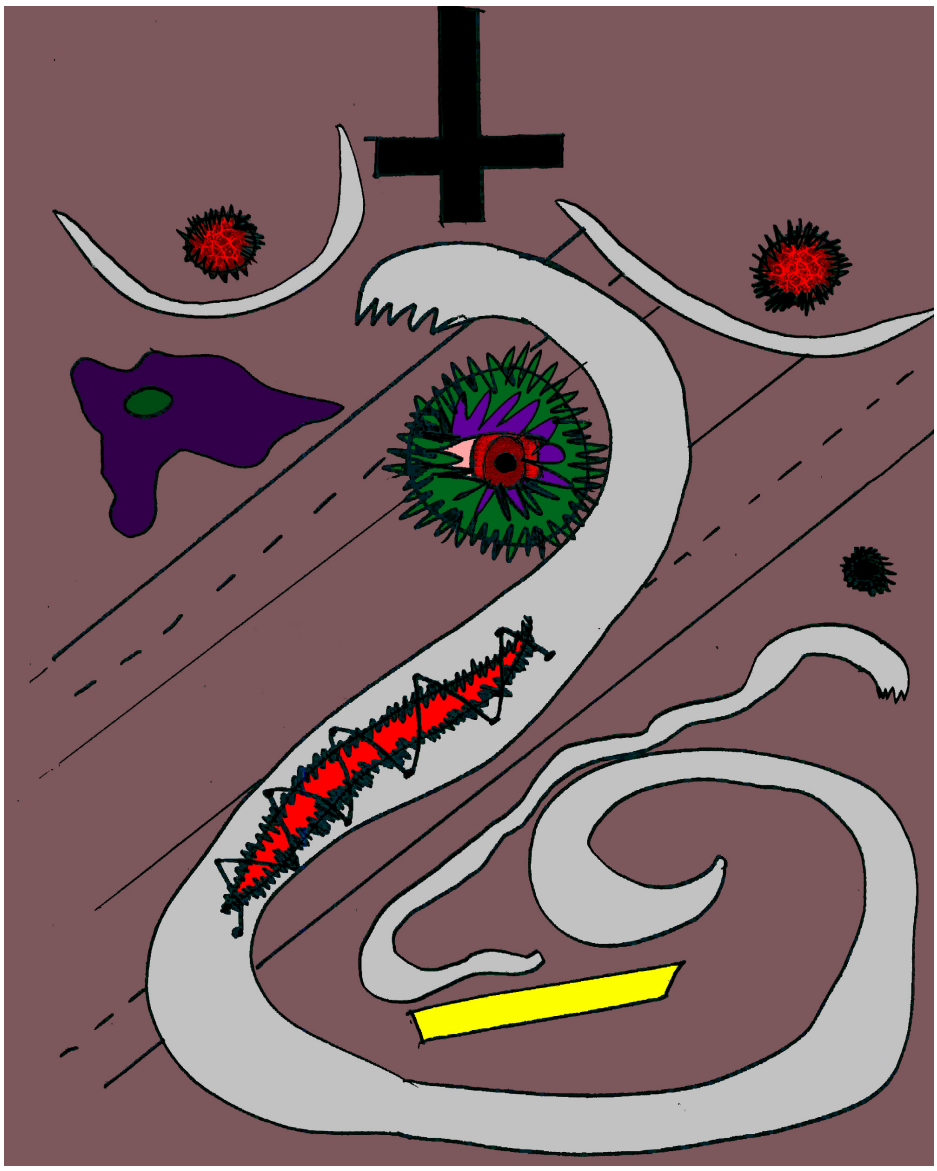
Tomo banho rápido, me visto ainda mais rápido: calça e camisa social, tênis todo preto, relógio sport. Minha mãe não está em casa hoje. Segunda é dia do pilates sagrado dela. Pego uma banana e como enquanto tomo um copo de iogurte. Boto uma tangerina e uma barra de cereal na minha mochila. Encho minha garrafa da Tupperware com água fria. Agora é rezar para o carro conseguir ligar. Primeira tentativa, nada. Segunda, nada. Terceira, nada. Quarta, nada. “Puta que pariu, logo hoje”. Quinta: ligou. Vamos lá. Mesmo com o perigo de ficar no prego no meio do caminho rumo à oficina, ainda me dou ao luxo de ligar o som, conectar com meu celular e por para rolar no Spotify e disco novo do Ab-Soul que tinha sido lançado justamente no domingo passado à noite. Cheguei tão cansado que não consegui ouvir. Estava na seca por esse disco há meses. A viagem é precária, o carro mal consegue atingir 50 quilômetros por hora. O trânsito é ainda pior. Não tenho costume de dirigir em horário de pico, sempre me esqueço como o motorista teresinense é mal-educado e péssimo. Ainda assim consigo abstrair ouvindo as rimas obscuras do Ab-Soul. Não sou tão bom de inglês, mas escuto ele falar de Aleister Crowley, Portishead, natureza, Deus e drogas. Quando chego na

oficina toca uma música que já conhecia anteriormente, um single chamado D.R.U.G.S, com um *beat* insano produzido por um moleque vietnamita radicado no Canadá chamado Francisgotheat.

Desço do carro e vou falar com a atendente da oficina. Por sorte minha, tem um mecânico disponível, "Vou chamar ele", diz ela. Enquanto isso, observo a TV enquanto passa o jornal de Bom Dia, Brasil. Mais notícias ruins. Só notícias ruins. O "governo" continua por manobrar diariamente para favorecer empresários e a sua própria classe, sobretudo no Congresso Nacional. Não consigo nem ouvir a voz do jornalista da grande emissora de TV tentando justificar todos aqueles crimes institucionais como necessários em nome de uma "governabilidade" que não existe e nunca existirá. Por sorte de novo, o jornal está no final, e o último bloco é dedicado ao esporte. Enquanto passam os gols da rodada do Campeonato Brasileiro mais uma dor de cabeça vem relembrada, o Flamengo, meu time do coração, perdeu para o Atlético Mineiro, 2x0. "Eu não precisava lembrar disso". O mecânico chega, simpático, se apresenta e vamos analisar o carro. Basta uma girada na ignição e ele já crava: "O carro vai ter que ficar aqui. Hoje à tarde eu já te ligo para dizer do que se trata". "Tudo bem, respondo". E completo: "Tem alguma previsão do que seja?". Ele despista: "Pode ser muita coisa, algo elétrico, vela. Só fazendo a verificação mesmo". Volto para recepção, assino todos os papéis da ordem de serviço.

Olho para o relógio e são 8:45. Só entro no trabalho às 9:30. Dá tempo ir para o trabalho caminhando. Vou sair do centro e atravessar a avenida Frei Serafim rumo a câmara de vereadores de Teresina, onde trabalho como jornalista e fotógrafo. É uma caminhada de trinta minutos. Logo no começo, uma manifestação acontece no centro. Um número razoável de pessoas se amontoa na Praça Pedro II para protestar sobre a atual situação política do país. Só passo por dentro da movimentação. Mas consigo identificar vários grupos organizados de trabalhadores e camponeses, além de muitos estudantes, mesmo sendo horário de aula. Alguém discursa no carro de som sobre o golpe de estado que tirou a presidente Dilma. O final é o clássico "Fora, Temer". Enquanto atravesso a avenida Frei Serafim, todo vestido de roupa social, com um terno enrolado nas mãos, de mochila e tênis, no entanto, a vida acontece como em todo centro comercial citadino. Não presto muito atenção em detalhes, apenas vou caminhando enquanto termino de ouvir o disco do Ab-Soul, dessa vez com os fones de ouvido que nunca saem da minha mochila. O sol já arde. A luz fica incrivelmente bonita quando filtrada pelos oitis da Frei, sempre em contraste com o céu azul mar de Terehell. Enquanto caminho, hipnotizado pela luz, dou mais uma verificada no meu Whastapp. Sem muitas

mensagens importantes. Mas tem uma mensagem de uma paquerinha desejando uma boa semana e mais mensagens dos manos do domingo comentando sobre como o evento na Vila Maria foi proveitoso. Respondo a moça com um bom dia e um emoji de beijinho e os manos com: “Caras, essa semana vai ser meio agoniada pra mim de trabalho para fazer mas assim que puder eu edito todos os vídeos e repasso para vocês. No máximo até a próxima semana”.



Chego no trabalho. Uma câmara política. Divido minha sala com uma moça um pouco mais velha que eu, também jornalista comissionada, que gosta de reggae, natureza e segue em alguns pontos a filosofia rastafari. Ela é a pessoa mais profissional do departamento de imprensa do local. E minha única amiga real de firma. O resto é bem parecido com a grande maioria das repartições públicas Brasil adentro e afora, principalmente das que tem o espectro político como base de ocupação profissional. Muita gente com emprego arranjado, maioria

que não vai ao local, empregos cabide, sobretudo homens acima dos cinquenta anos A política brasileira é velha, no sentido mais estrito do termo. Ainda é segunda mas a casa vai promover uma sessão solene de título de cidadania para um médico paulista. Vou cobrir e fazer as fotos. Dou uma olhada na convocação expedida pelo cerimonial da casa sobre o homenageado e vejo que ele nunca fez nada de realmente importante para ser considerado cidadão do estado. Eventos assim são comum na Casa. A sessão atrasada em mais de uma hora. Logo após ela tem a sessão ordinária que acontece todos os dias de segunda a quinta. Por algum motivo não demora quase nada, às 14 horas já estou livre para ir para casa. O mecânico ainda não me ligou. Decido ir pra casa, já me sentindo levemente cansado, embora ainda seja segunda-feira.

Resolvo ir embora de Uber. Incrível como o calor na cidade no segundo semestre do ano é matador. O mormaço é tão grande que me faz sentir dor de cabeça e as narinas queimando. Teresina é cruel com quem tem facilidade para ter problemas respiratórios de saúde. No Uber, o motorista pergunta se eu desejo ouvir alguma coisa especial, digo que ele pode deixar na rádio mesmo. Não tenho costume de ouvir rádio, me parece ser uma rádio de porte médio, acho que Boa FM. Para minha surpresa, em meio a todos os hits pop da atualidade como David Guetta e Anitta, passa uma música de um grupo de rap de Atlanta chamado Rae Sremmurd. “A *black music* é de fato uma realidade e a maior das tendências no mundo da música pop hoje”, penso, dando um sorriso de canto de boca. O nome da música, ironicamente, é “Black Beatles”. Me lembro imediatamente de uma frase de Félix Guattari dita numa entrevista dos anos 80 ainda, em que ele confirma que o futuro do capital cultural interplanetário passa necessariamente pelo domínio das culturas negras. “Mais bruxo, impossível”. Preciso. Próximo ao ponto de chegada, recebo uma ligação, é da oficina mecânica. O problema do meu carro é mais simples do que parece: é preciso trocar as velas. O serviço inteiro vai sair por 150 reais. Ainda bem. Autorizo e acerto com o mecânico de pegar novamente o veículo só na manhã do dia seguinte.



Chegando em casa, almoço e vou tirar o cochilo da tarde. Acordo já passando das 17 horas, faço um lance rápido, me visto e vou correr num complexo de lazer e esporte da prefeitura da zona sul chamado Parentão. Quando retorno o cansaço é nítido. Finalmente tenho tempo para visitar as redes sociais com mais calma. Apesar de se tratar de uma semana supostamente cheia de atividades e rolês, não vejo ainda nenhuma postagem a respeito. Uma notícia me chama bastante atenção, no entanto: o site de cultura americano IndieWire publicou uma matéria sobre o lado pintor do ator Jim Carrey, com direito a um curta documentário em que ele mostra muitas de suas obras e fala sobre seu processo criativo. Aquilo me prende por mais de uma hora. Mando o link para vários amigos que compartilham o gosto por artes comigo. Envio também para a minha paquerinha da mensagem de bom dia da manhã. Ela parece estar offline.

Enquanto flano por alguns canais aleatórios da TV, de esportes principalmente, recebo uma ligação dos meus amigos aqui do bairro onde moro. São os meus amigos mais antigos, mais de quinze anos de amizades. Estão me convidando para ir assistir *Baby Driver* no cinema. Hesito, o cansaço bateu. Não estava exatamente nos meus planos ver um filme de massa nessa semana. Se fosse ao cinema, queria assistir *Cemitério do Resplandor*, filme de um diretor Tailandês que estava em cartaz no Teresina Shopping. Uma raridade. O cinema do Teresina Shopping agora dedicava parte de sua programação para filmes de difícil acesso ao público. Isso me deixava feliz. Nunca imaginei ver um filme do *Apichatpong Weerasethakul* no cinema em Teresina. Mesmo assim, aceito ir assistir *Baby Driver*. Como estou sem carro, acerto que eles vão passar em minha casa para me dar carona. Amizade é amizade. Para minha surpresa, o filme é excelente. Me divirto muito. Uma espécie de musical de ação insano com corrida de carro, com uma trilha sonora absolutamente espetacular. Na volta,

vamos ouvindo a trilha já disponível no Spotify.

Chego em casa por volta da meia noite e meia. Bem cansado. Algo preocupante para uma segunda-feira. Nem me estendo muito. Como uns bolinhos de queijo que minha mãe deixou dentro do micro-ondas. Tomo banho, escovo os dentes, me deixo e apago geral.

Terça feira

O despertador toca feroz. Dessa vez não há exatamente um susto, minutos antes já havia aberto os olhos mas fingi que ainda estava dormindo. Tinha uma falsa esperança que fosse cinco da madruga e assim ainda tivesse cerca de três horas de sono até o baralho mecânico do capital me acordasse. Me sento na cama e desligo o despertador: 08:01. Vou direto ao banheiro. Enquanto estou sentado no vaso, checo o meu Twitter. Lembro de um dos meus compromissos nessa semana, reunião para fechar os últimos detalhes da próxima festinha que faço parte da produção: a Afrosamurai Party. A festa tem o formato de baile, só com DJ's que tocam apenas músicas que têm conexão e raízes com música africana e brasileiro, ou seja, *black music*. Ela já exista há um tempo atrás, mas tomou muita consistência quando eu e meus amigos DJ's convidamos para o staff alguns intercambistas africanos da universidade especialistas em discotecagem. O Oswaldo de Angola, o João de Cabo Verde e o Isnaba da Guiné-Bissau. Os dois primeiros estudantes de Arquitetura e o último de Ciência da Computação. Os três da Universidade Federal do Piauí. Diante de tal lembrança, posto logo no Twitter: "bom dia, meu povo, hoje tem reunião Afrosamurai, em breve novidades quentes do baile black mais LIT da cidade". Hora de banhar.



Já banhado, vou para a cozinha. Minha mãe já acordou há séculos e fez café para mim: mingau de aveia. Como junto com um pedaço de bolo de queijo. Ela me pergunta o que vou fazer no final de semana. Digo que a semana vai ser bem conturbada, tenho algumas saídas com os amigos e começo um trabalho *freelancer* no domingo à tarde. Ela diz que depois conversa comigo direito porque talvez vá precisar de mim como motorista para um compromisso dela com meus pais (eles não sabem dirigir). Respondo "tudo bem, só avisar direitinho que dá certo". Ela pergunta também quando vou pegar o carro. Digo: "Já já, tô indo lá". Termino de arrumar minha mochila, calço o tênis e ponho um pouco de perfume, Uomini Black, que comprei de promoção na Boticário semana passada.

Na parada de ônibus, continuo bem sonolento, sem perceber tanto o que ocorre ao meu redor. Mas consigo me sentir atravessado pelo funcionamento total do lugar onde moro. Sou

do bairro Parque Piauí, um bairro de operário e de subúrbio na zona sul de Teresina. Moro aqui desde que me entendo por gente. Conheço cada curva, cada esquina e rua incompleta que esbarra numa residência aleatória, como num labirinto. O PP, por ser distante dos centros comerciais, funciona como um universo próprio e independente. Quando era criança não era assim, mas hoje nós temos um mercado, loteria, farmácias, clínicas, bares, bancos, todos os tipos de lojas e supermercados. Dá para viver muito bem sem ter que sair para shopping ou para centro nenhum. Sempre penso que se um dia eu for embora de Teresina, uma das grandes saudades certamente será do bairro em que até agora vivi vinte e oito anos da minha vida.

Lá vem o ônibus, acho. Preto de gente dentro, parece. É um Teresina-Sul-Barão. Conheço pouco essa linha. Faz quatro anos que tenho carro próprio. Na época em que andava de ônibus, as linhas eram outras, de lá pra cá aconteceu uma "integração" no sistema de transporte coletivo, devido aos protestos populares com relação ao péssimo serviço. Mas a verdade é que basta perguntar para um usuário diário que você descobre que foi tudo uma farsa e que o serviço no geral continua igual, senão pior. Teresina é uma cidade com 800 mil habitantes que às 22 horas quase não passam mais ônibus nas ruas. Ainda assim a gente sempre vê criaturas nas paradas após esse horário. O ônibus chega na minha parada, antes de entrar, aviso um senhor parecidíssimo com o Assis Brasil caminhando rumo a padaria. Acho que foi só uma ilusão.

Milagrosamente o ônibus não está lotado como aparentava. Não tem cadeiras vagas, mas tem um bom espaço para que eu me poste em pé e coloque minha mochila no chão com tranquilidade. A viagem até o centro demora uns 25 minutos por causa do trânsito bem conturbado. Na ida rumo ao centro saindo da zona sul, o transporte passa por uma de suas principais vias, a Avenida Barão de Gurgueia, que está inteiramente em obras do tal melhoramento urbano público. Com certeza já completou ano que essa reforma começou. Nada de novo no front. Nada de novo no front também dentro da minha condução. Idosos na parte da frente sentados pacientemente. Um motorista agoniado e um cobrador tranquilo. Alguns alunos indo para colégios e claramente atrasados: são 8:45. Gente mexendo no celular. Pessoas que entram e saem do ônibus sem que a gente tenha tempo suficiente para pensar algo a respeito deles. Faz um tempo considerável que não uso transporte público. Passei minha vida quase que inteira indo estudar no centro fazendo isso, o pouco tempo andando de carro próprio me fez esquecer rapidamente como o cotidiano ocorre, implacável e constante como nos contos de Calvino. Fico tão concentrado nessa re-revelação durante a viagem que nem pego no meu celular. Quando me dou conta, já é hora de descer.

A oficina não fica tão longe do ponto de ônibus. Penso em pegar o fone de ouvido mas desisto para ouvir um pouco mais do barulho do centro comercial. Calçada após calçada, fuga após fuga. Vou caminhando em passo moderado. Primeiro sol, depois sombra. Parada para atravessar uma avenida. Um carro irresponsável quase atropela um ciclista pacífico. Corto caminho por uma parte do centro onde se concentram a maior parte das lojas, não tem asfalto e sim calçamento para evitar o trânsito de veículos e facilitar a passagem dos pedestres. Passo na frente da Riachuelo. Um impulso me leva para dentro dela. “São só cinco minutos”, resmungo pra mim mesmo. Estou procurando uma camisa de botão branca pra compor um look numa discotecagem futura. Procuro primeiro na sessão de defeituosos. Tem até umas peças interessantes e baratas. Sem sinais da minha camisa. Vou pra sessão comum. Até avisto umas camisas brancas de botão, só que a textura do tecido não me agrada. É transparente demais. Saio da loja.



Chego na oficina e estranhamente a moça que atendeu dia anterior me reconhece. “O menino do Clio branco, né?”. “Sim, exatamente”. “Teu carro está pronto, vou preparar aqui a ficha de pagamento”. Assino mais alguns papéis e levo a nota para pagar no caixa. Volto e espero enquanto olho a TV: passam seguidas propagandas. Não consigo me ater aquilo. A moça volta e diz que o mecânico já está chegando para me entregar o carro. Não demora muito e ele chega. Ele me mostra o carro, explica que foi mesmo só troca das velas. Pergunto o motivo, já que segundo meus cálculos não era esperado que isso fosse acontecer agora. Ele reponde dizendo que é causado pelo combustível de má qualidade que é vendido. Pergunto novamente qual posto de gasolina é ideal para abastecer. Ele responde: “Nenhum, aqui em Teresina até onde sei todos os postos vendem gasolina de má qualidade”. Assustador.

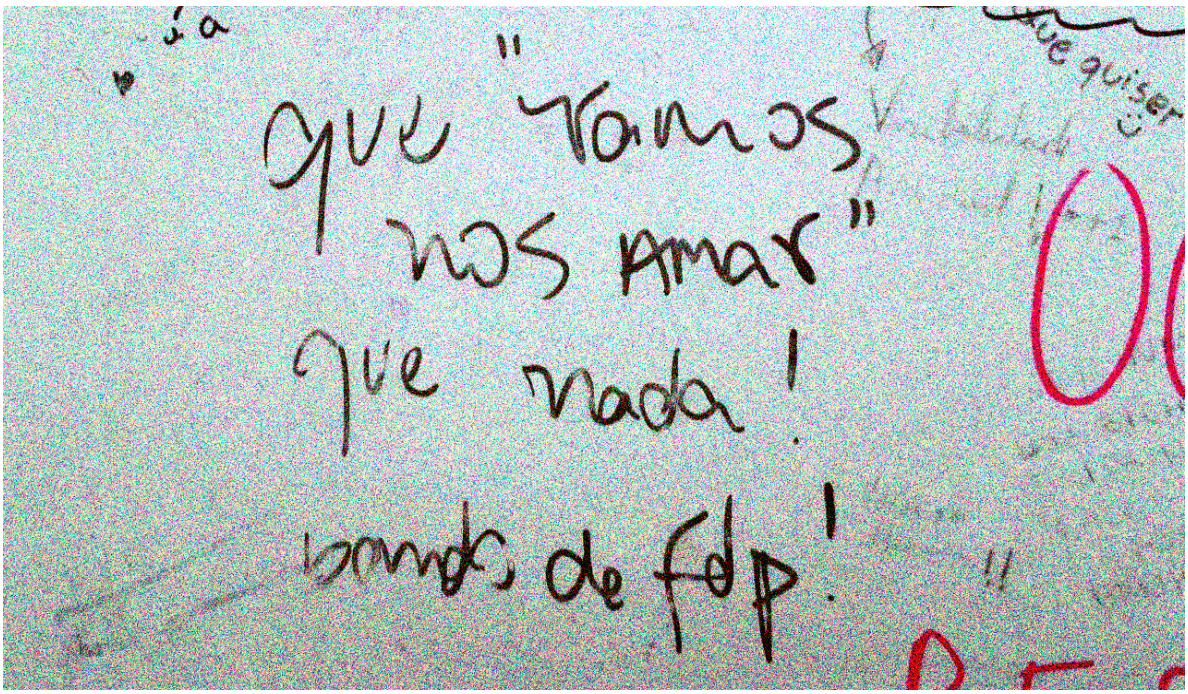
Me despeço dele, trocamos uns obrigados e entro no carro. Ligo e não saio até

conectar o Spotify no som. O disco do Ab-Soul continua no meu player. Do centro para o meu trabalho duram 15 minutos. Faço mesmo percurso que fiz um dia anterior, pela Avenida Frei Serafim. As cenas visualizadas, assim como no ônibus, são brutalmente semelhantes. Muito embora às vezes, do nada, ocorra uma torção que rompe o espaço-tempo estabelecido. Dessa vez o que chamou minha atenção foi um pessoal da dança de rua pedindo dinheiro no sinal de cruzamento entre a Frei Serafim e a Miguel Rosa. Tentei puxar o máximo que pude da memória e não me lembrei de uma única vez em que isso tenha acontecido nesse ponto enquanto passei por lá. Definitivamente não é um lugar onde manifestações assim ocorrem. Mas aconteceu.

Já no trabalho não há nenhuma atividade mais urgente para cumprir, a não ser esperar a sessão solene. Aproveito para passar um tempo acessando notícias e redes sociais. Ao entrar, uma surpresa, minha rede de amigos e contatos, os que residem em Teresina, sobretudo, estão discutindo ferozmente um fenômeno. O coletivo artístico social Salve Rainha, que atua ocupando lugares estratégicos e historicamente abandonados para fazer eventos e intervenções, anunciou que a próxima temporada seria num antigo sanatório abandonado da cidade. A decisão passou longe de unânime. Vou passeando pelos comentários no Twitter e no Facebook em busca de saber os pormenores do acontecido. As pessoas se dividem, ambos de formas veemente. Aqui em Teresina todo acontecimento passa por esse crivo, as reações sempre são apaixonadas: uma parte ama muito, a outra odeia em tamanho equivalente. Talvez isso seja até bom, Nelson Rodrigues não estava errado quando disse que as unanimidades tendem a serem burras. Uma menina compara a atitude do coletivo ao nazismo. Acho um exagero. A reclamação é que é preciso respeitar a memória daqueles que sofreram tanto com os métodos brutais de controle mental que tanto atormentaram os séculos XIX e XX. Isso se dá porque apesar da pegada artística e política, o Salve Rainha também tem uma dimensão festiva, de encontro, de lugar bom para rolê. É aí onde reside a reclamação dos críticos. Pertinente, apesar do injustificável contorcionismo argumentativo de alguns. Logo o coletivo responde, de forma igualmente coerente. Um comunicado diz que está previsto na programação uma série de rodas de conversas e debates sobre a situação da saúde mental no Piauí, no Brasil e do mundo.

Um afazer no trabalho interrompe toda aquela catarse coletiva virtual. Uma colega de trabalho diz que preciso fazer uma foto de uma reunião dos deputados com o sindicato dos professores. Eles estão discutindo sobre algumas medidas impopulares que o governo pretende transformar em lei, mas que precisam passar pela votação da casa legislativa. O

assunto é tenso, o governo tem maioria na casa, é difícil que ele não aprove o que deseja. Ainda assim, muitos professores estão lá para negociar com os deputados. Na sala de reunião, encontro um conhecido, meu professor nos tempos de universidade, militante e sindicalista. Ele pergunta quando vou tocar com minha banda novamente. Eu digo prontamente "não sei, tem um ensaio previsto pra essa semana ainda, mesmo com a cidade pipocando de evento". Ele ri. O ambiente continua tenso. Faço minha foto e volto para minha sala. Quando retorno para fazer download das imagens, já é hora da sessão ordinária. Não demora muito. Muitos dos deputados ainda estão na reunião com os professores. Outros nem apareceram. Também me esqueço de retornar ao tema Salve Rainha. Já tenho uma opinião definida: sou a favor. Considero que é uma atitude corajosa, como foi em outros momentos quando ocuparam outros lugares também criticados. Além disso, sempre torço por essa tensão. Pra mim, é na controvérsia e na fricção que as coisas boas são geradas.



Mal chego em casa e já é hora de sair. Paro alguns minutos para decidir se vou ao curso de inglês ou não. Conto as faltas necessárias. Penso em toda a semana incomum que vem pela frente. Depois do almoço, deito na cama e divido minha cabeça entre o curso por vir e o programa de esportes que passa no canal fechado. No fim, o pensamento não fica nem em uma nem em outra. Termino dormindo. Tenho um sonho louco em que sou parceiro do LeBron James. A gente trabalha perseguindo um grupo que atormenta as pessoas de uma cidade. No fim, pegamos uns caras sem querer, ficamos com as armas deles. James diz que

vai embora, eu concordo e digo que vou atrás de um curso de moda pra fazer. Acordo, dou uma risada com o descompasso sonhado. Olho pro relógio e o horário do curso passou em muito. São 18:00 horas. Tenho compromisso logo mais, uma reunião com uns amigos sobre a próxima edição da festa que produzimos. Já era o curso de inglês. Tomo um suco, como uma fruta e vou ao menos fazer uma corrida, apesar da preguiça.

No início da noite, me apronto pra ir para a reunião. Na verdade, é um *happening* também. Os DJs intercambistas que são nossos parceiros tocam toda sexta em um bar universitário nas redondezas da Universidade Federal do Piauí chamado Tinindo e Trincando. A reunião vai ser lá, a gente toma uma cerveja, conversa sobre a festa e ouve música boa. Quando chego lá, o bar ainda está vago. É um bar de esquina, num quarteirão comercial, apesar de a redondeza ser residencial, pequeno de espaço interno, então as mesas e cadeiras ficam do lado de fora, nas calçadas, como todo bom lugar que se preze em Teresina. O Tinindo e Trincando é um lugar aconchegante. E ainda vende Serra Malte, uma das minhas cervejas preferidas. Os meninos estrangeiros já estão lá ajeitando o som e a controladora de DJ. Falo com todos, digo que o resto da galera ainda deve demorar um pouco, então vamos tomando uma cerveja até lá. Oswaldo me diz que vai ajeitar o som mas só vai discotecar mais tarde da noite. São 20:30. A conversa, obviamente, gira em torno da música. Estamos conversando sobre a influência de alguns DJs africanos em grandes sucessos pop da música americana. O rapper Drake lançou uma série de músicas no disco novo com participações de DJs de *dancehall*, um gênero de música tipicamente africano. A gente vai selecionando algumas dessas músicas para tocar na festa. Em um momento a conversa descamba para o basquete. Um dos meninos, João, joga basquete, no time da Universidade Federal. Eu também jogo, só que amadoramente. E muito mal. Vemos um vídeo em que um jogador da NBA, Russel Westbrock, aquece e dança ao som de Mask Off, do rapper Future. “Vou tocar essa música na festa”, penso em voz alta. O resto da galera chega aos poucos. Um deles é meu parceiro de filmagem do domingo anterior. Ele trouxe a câmera, eu também. Vamos fazer umas imagens do Osvaldo tocando para usar como divulgação no Instagram. Alguns conhecidos também estão no bar, o Tinindo é um lugar movimentado. É difícil passear por esses pontos alternativos e não conhecer aos menos uma pessoa. São poucas às vezes em que isso acontece. A “reunião” é rápida, como quase sempre. A festa vai acontecer no lugar de sempre, o Espaço Balde, no bairro Dirceu. Acertamos as tarefas de cada um, os nomes dos DJs, uma vez que costumamos mudar os nomes a cada edição. As maiores preocupações são com relação ao dia, evitar o dia de outras festas é um ponto permanente, devido a excessez,

nós sempre nos preocupamos em não colocar no mesmo dia que outros eventos (a festa está indo para sua quarta edição, a terceira com a participação dos intercambistas). O conceito também é sempre ressaltado nas discussões: *black music*. Apenas estilos que tenham conexão direta com a estética sonora afrobrasileira. O Osvaldo começa a tocar seu *afrohouse* insano. Toda vez que o vejo tocar, lembro de uma conversa que tivemos assim que nos conhecemos, quando ele disse que em Angola, em vez de aprender a tocar violão, você aprende a mixar e ser DJ. As pessoas se aninam no bar. Toda terça é a mesma coisa. Algumas figuras são carimbadas. O *happening* dura até meia noite. Despedidas para todos e parto para casa.

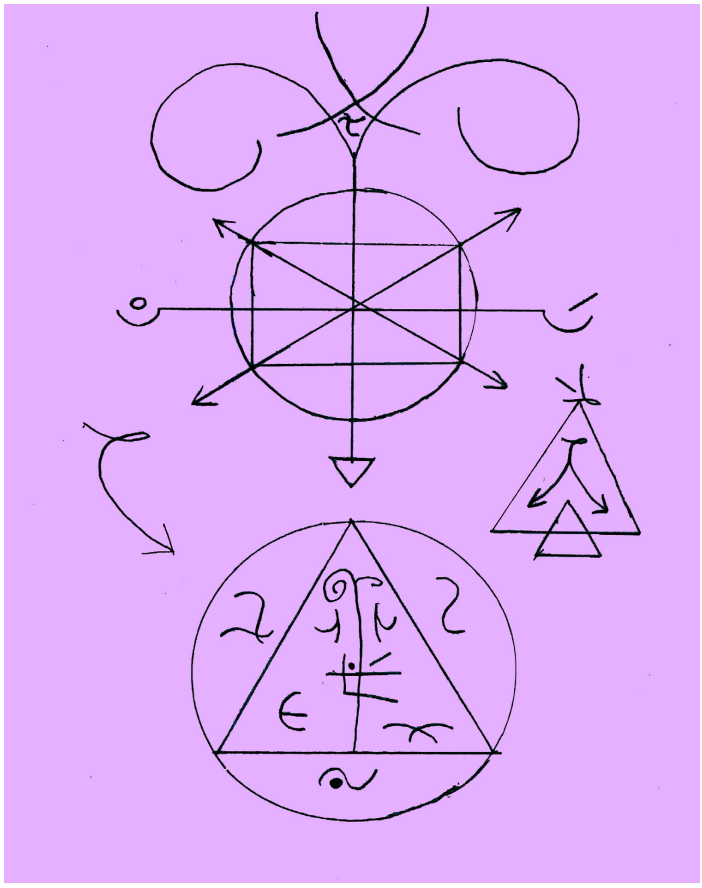


Dirigir a noite em Teresina é um evento. Ao contrário de muitas capitais, Terehell não é uma cidade notívaga, embora a noite seja bem povoada. Depois das 23 horas o trânsito sempre é mínimo. Você se desloca facilmente de um local para o outro se tiver carro próprio (transporte público à noite é inexistente). A cidade dorme cedo, só os vampiros ficam perambulando a noite. São muitos. Os mototaxistas e os caminhantes são figuras cativas. De cima, a madrugada teresinense é vazia e alaranjada (a cor da maioria dos postes de luz). Os carros são pequenos pontos que se deslocam solitários em meio aos nacos de luz amarela e

sombra. É essa mesma sensação de pequenez e alternância de luz que sinto ao dirigir à noite. Vou devagar, apreciando o passear do carro pelas luzes dos postes. A música sempre presente. Dessa vez ouço o disco novo do Marcelo Yuka. Em uma das músicas, “Por Pouco”, a cantora Céu sussurra ao som de uma batida afroeletrônica repetitiva. É impressionante como a estética sonora africana está presente em várias vertentes músicas de consumo de longo alcance. É a trilha sonora perfeita para o vai e vem das sombras da noite. Viagem tranquila. Chego em casa só dá tempo de escovar os dentes, pôr o despertador para um horário mais tarde e dormir.

Quarta-feira

O despertador toca feroz. Quer dizer, nem tão feroz assim. Dormi bem e acordei mais tarde que os dois primeiros dias da semana. São nove horas da manhã. Combinei que os colegas de trabalho que só chegaria às dez. O serviço público na maioria das vezes é bem flexível nesse sentido. Se fosse numa empresa privada provavelmente a realidade seria outra. Levanto e vou direto ao celular, olhar notícias e falar com as pessoas. A discussão do dia anterior sobre o Salve Rainha ainda rende alguns comentários pontuais. Talvez o problema tenha sido de comunicação. A forma como o Salve anunciou a ocupação do sanatório Meduna foi pouco efetiva, mas o conceito e a escolha são bons. Com certeza irei no evento.



Depois do banho, tomo meu café da manhã de sempre: mingau de aveia. Organizo minha mochila e vou para o trabalho. O trânsito encontra-se particularmente complicado hoje. Teresina é aleatória em matéria de trânsito, tem dias que os veículos somem, tem dias que todos aparecem em horários nada convencionais. Na quarta às 9:40 tudo se mostra bem caótico e lento. No caminho presencio um pequeno acidente envolvendo dois carros. Coisas simples, um bateu na traseira do outro. Nenhum estresse além do normal. Pelo menos não durante os segundos em que passei ao lado do ocorrido. O céu está com cor de azul sufocante. O dia é tão amarelo que causa uma sensação de quase cegueira. Alguns dias do segundo semestre são assim, uma espécie de fim do mundo reverso. O apocalipse da claridade e do azul profundo.

Chego no trabalho atrasado. Está acontecendo uma reunião da Comissão de Constituição e Justiça. Muitos projetos são aprovados. Poucos interessantes, a maioria inútil. Um dos poucos que me agradam é sobre gratuidade e tornar fixo o preço das passagens para trabalhadores interestaduais. Necessário que o preço não seja alto, muita gente vai e volta todos dias de Teresina para cidades vizinhas. A maioria é gente que ganha apenas um salário-mínimo para sobreviver. Na sessão principal ocorre uma briga estéril oposição e situação. O

“debate” sobre as nomenclaturas de esquerda e direita me fazem pensar nas aulas de história no ensino médio, que já eram atrasadas. Apesar do muito trabalho a fazer, o expediente passa rápido. Logo já estou em casa almoçando.

Às cinco e meia da tarde parto para o estúdio do Kasbafy, no bairro Vermelha, na zona sul da cidade, relativamente próximo da minha casa. Às seis tenho ensaio da minha banda, a Wake Up, Killer. Quando chego lá, faltando dez minutos para começarmos, um dos guitarristas, Norberto, e o nosso batera, Alan, já estão lá. Eles estão conversando com o Kasbafy. O Kasbafy é uma figura lendária da cidade, um dos primeiros *headbangers*, guitarrista de uma das bandas de thrash metal mais antigas, o Megahertz. Kasbafy sempre tem muitos causos pra contar, sobre tudo. Uma metralhadora de palavras e histórias divertidas. O curioso é que ele é produtor de bandas de reggae. Esse é o tema do papo quando chego no estúdio, ele está contando sobre um show que produziu junto com a prefeitura e quase levaram um calote dos organizadores. “E é porque eu tenho uma boa relação com todas essas pessoas, todo mundo me conhece, eu produzo show direto”, atira. Apesar do tom de protesto, a atmosfera é de divertimento. “O pessoal aqui não sabe fazer show, cara. Não sabe. É impressionante, trintas anos que eu estou nessa”, fala, enquanto passa a mão pela longa barba longa. O outro guitarrista chega, Guilherme, ele sempre se atrasa. Entramos todos dentro do estúdio. O Kasbafy continua atirando palavras para todos os lados, mas eu, particularmente, já estou concentrado em ajeitar meu contrabaixo e meus pedais de efeito. O cheiro do estúdio do Kasbafy é particularíssimo, um cheiro de mofo produzido pela chuva. O mais irônico de tudo é que esse permanece mesmo quando Teresina passa vários meses em derramar uma gota só de água do céu. Considero um bom estúdio e com preço razoável, 25 reais a hora, tudo mundo consegue se ouvir bem. O motivo do ensaio é tentar tirar a ferrugem. A banda está parada há vários meses, uma vez que o baterista se mudou para Brasília, casado com uma das minhas melhores amigas. Apelidamos ela carinhosamente de Yoko Ono. Acontece que demorados dois anos para gravar um disco que finalmente está pronto, então pensamos em lançar e fazer alguns shows. O ensaio serve para tirar a poeira, já que o Alan vai passar uma semana na cidade. As primeiras músicas saem numa qualidade terrível. Aos poucos vamos acertando o andamento, depois da primeira hora de ensaio. O batera propõe gravar uma música e por para transmitir no Instagram da banda. A música é a mais conhecida, 10 de Janeiro. Colocamos esse nome para lembrar um dia em que a polícia massacrou estudantes que protestavam contra o aumento das passagens de ônibus. Coisa feia mesmo, um conhecido nosso perdeu a visão de um olho inclusive. A repercussão do vídeo é ótima. Muita gente perguntando de shows. Não

houve resposta da nossa parte. A banda está confortável com o status que tem, essa é a verdade. Fomos uma das primeiras bandas de rock instrumental experimental (pós-rock) dessas bandas. Depois da gente, surgiram várias outras como Anna Werther, Vulgo Garbus e Moodstock.



Kasbafy entra no estúdio. Acabou o ensaio, já se passaram duas horas. Imediatamente ele começa a falar da cachorrinha dele que está doente. Depois pergunta sobre os pedais do Norberto. Eles ficam conversando sobre distorções. Guardados os equipamentos e pago o ensaio, decidimos ir para algum lugar sentar e conversar. Guilherme fala: “Cara, tem Boca da Noite hoje, bora lá?”. “O que vai rolar lá?”. “Rapaz, Bia e os Becks”. Um silêncio de hesitação se instaura rapidamente. Ainda assim, decidimos ir para lá. Deve estar começando, já são oito horas. Partimos.

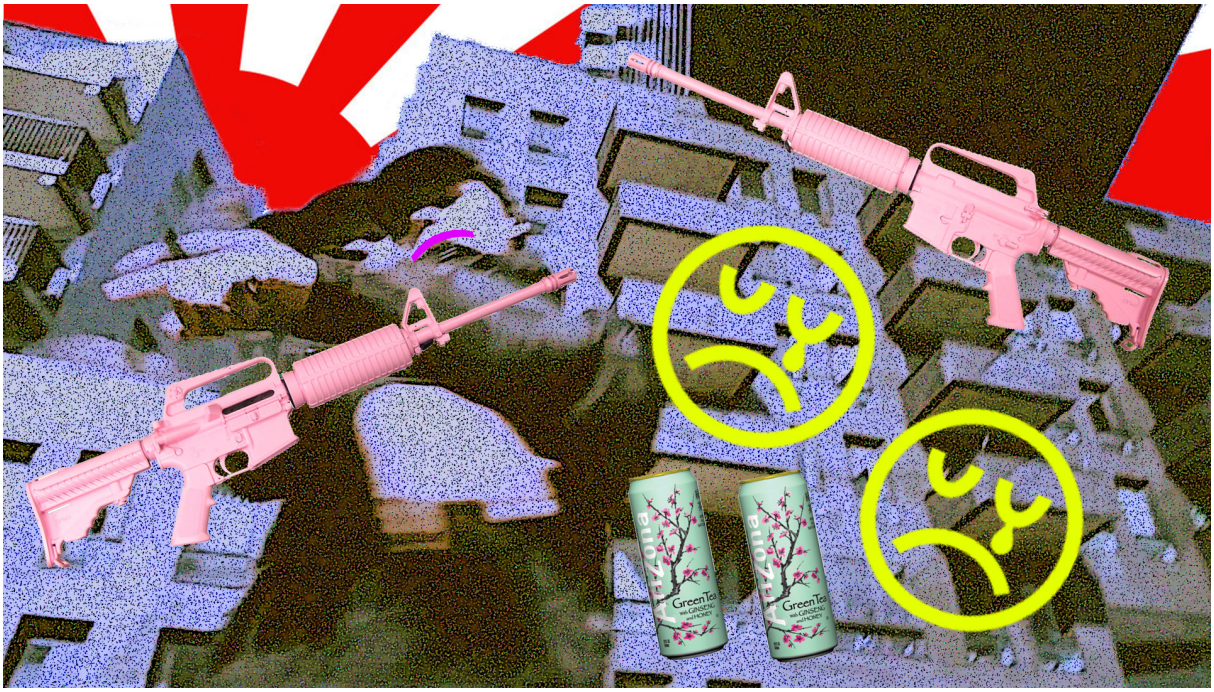
O Boca da Noite é um dos eventos alternativos mais tradicionais da cidade. Ele acontece no Clube dos Diários, um anexo do Teatro 4 de Setembro, que fica na Praça Pedro II, no centrão mais antigo de Teresina. É um lugar aconchegante pra mim, apesar do ar de decadência. Convivo pelo centro desde que era adolescente. Sendo do subúrbio mas classe média, estudei no centro, onde ficam alguns dos principais colégios particulares, durante vários anos da minha vida. Vou ao Boca da Noite desde que tinha 15 anos. Ainda hoje é assim, a molecada que estuda nas proximidades sempre cola por lá. Geração após geração esse hábito se repete.

Chegando na Praça Pedro II, percebo que outro evento está acontecendo na praça mesmo, no Café Art Bar, um boteco que fica do lado da entrada do teatro e do lado do Cine Rex, o mais antigo cinema da cidade, totalmente desativado. O evento é um sarau de poesia. As mesas se espalham pela praça, na calçada mesmo. Um palco montado em uma das extremidades indica que pessoas podem passar lá para performar ou declamar suas produções. Existe também uma pequena feira com pessoas vendendo livros. Um dos caras é conhecido meu, Demetrios Galvão, poeta com vários livros publicados. Avisto uma amiga minha de faculdade também. Vou lá falar com ela. O cabelo dela está pintado de azul, uma novidade para mim. Enquanto conversamos um fato inusitado ocorre. Um rapaz com uns zines de poesia se aproxima. Ele se apresenta, aceno com a cabeça embora permaneça em silêncio. Ele pergunta se gostamos de poesia. Antes que me expresse, minha amiga responde um grande e preciso NÃO. Um clima de dúvida se instaura sobre nós. Percebo que ela segura o riso. O cara insiste. Ela é mais dura ainda na negação. O desconforto fica tão grande que o carinha desiste. Quando ele sai a gente dá uma risada junto. Ela comenta o quão interessante é confrontar as pessoas com coisas que elas não esperam. Comento: “Ele tem que tá preparado pra isso, né”.

Me despeço da amiga, ela diz que vai já no Boca também. Antes de ir embora, ainda avisto duas das minhas professoras do mestrado sentadas numa mesa. Vou imediatamente cumprimentá-las. Elas dizem que estão pelo sarau. Eu respondo que vou ver o show do Boca da Noite e encontrar com meus amigos de banda, já que estávamos num ensaio. Elas perguntam quando vai haver show. Respondo que em breve. Uma delas brinca: “Tu tá fazendo pesquisa, né”. Eu respondo que sim com um sorriso gostoso. De fato. Para finalizar, digo a elas que a partir de domingo e na próxima semana vai acontecer um Festival Internacional de Dança Contemporânea, o Junta. “Vou trabalhar fotografando”, afirmo. Elas dizem que não estavam sabendo. “Vai ter muita peça boa, a primeira é agora no Parque da Cidade, no domingo à tarde. Apareçam lá”, digo lá. “Que legal”, completa a professora Lídia, que me deu aula de Antropologia II. Digo que meus amigos estão esperando no Boca da Noite e me despeço delas também.

Quando chego no Clube dos Diários, que fica nos fundos da praça, meus amigos de banda já estão bem acomodados numa mesa. Sento e ficamos conversando amenidades. O Clube dos Diários tem um aspecto de decadência viva permanente. É um lugar que funciona desde anos 60/70, onde passaram várias e várias gerações da arte e da boemia local. Esses espíritos passeiam por ali até hoje. Ainda assim, é um local ocupado por todos os tipos,

inclusive os mais jovens. Principalmente, até. O próprio Boca da Noite, que é um evento que acontece toda quarta, com bandas locais tocando de graça, é parte vital do complexo Clube dos Diários, Teatro 4 de Setembro, Cine Rex e Praça Pedro II. O evento é organizado pela fundação de cultura da cidade. É uma coisa capenga, em termos de consistência artística. A reclamação mais comum é a de que só são selecionados os mesmos artistas. De fato, condiz. Embora seja essa uma prática geral, não só com relação ao Boca. E mesmo assim, o espaço continua sempre ocupado por pessoas de todos os tipos e, às vezes, aparecem algumas boas novidades, como é o caso do próprio Bia e os Becks. Venta quando eles começam o show. A sensação é boa. Apesar do equipamento de som não ser dos melhores, a banda é muito consistente e boa ao vivo. O estilo pop rock com pegada regional e soul *music* leve não é muito uma das minhas preferências. Ainda assim, eu e meus amigos de bandas curtimos bastante o show. O mais engraçado é que o guitarrista da banda, Mário, é professor de violão da minha mãe na Escola de Música do Piauí, que fica na Central de Artesanato, também postado no entorno da Praça Pedro II. Todas as figuras estranhas e carimbadas do centro da cidade passam por lá enquanto acontece o show. É impressionante, toda quarta-feira as mesmas cenas, seja num show de rap do Flagrante ou uma apresentação de metal do Anno Zero.



Terminado o show, ainda passamos mais uma meia hora conversando e tomando cerveja. Alan e Guilherme vão querer estender a noite em outro lugar. Eu recuso. “Preciso trabalhar amanhã de manhã, mermão”. Norberto, que é o integrante da banda que não bebe e

passa a noite bebendo refrigerante, diz a mesma coisa. Antes de ir embora, ainda passo em um Dogão para comprar um sanduíche para comer em casa. Carne de sol à delícia é o tipo escolhido. Chegando em casa são pouco mais de 11 da noite. Cedo para mim ainda. Enquanto como o sanduíche converso com meu irmão mais novo sobre um seriado de TV. O papo me dá vontade de assistir algo. Ligo a Netflix e assisto a um episódio do desenho preferido no momento: *Rick and Morty*. Não tem nada mais anarquista e esquizofrênico que isso hoje em dia. “É bom pra caralho”, digo pro meu irmão que já está quase dormindo. Antes de também dormir, fico um tempo no Whatsapp conversando com uma das minhas melhores amigas. Uma garota estranha que afirma ser uma árvore. É uma das pessoas mais autênticas que conheço, uma espécie de Clarice Lispector do sertão. Tímida, escondida, silenciosa e sagaz. O papo gira em torno das nossas pesquisas, principalmente a dela. Ambos estamos num momento de apreensão com relação a ter que prestar contas com a universidade acerca da produção de algo. Reclamar do produtivismo acadêmico, aliás, é um tema recorrente. Ela faz mestrado em literatura e estuda o silêncio na obra do Samuel Beckett. Trocamos ideias e músicas (assim como eu, ela também toca alguns instrumentos). Ouço, é uma música da St. Vincent chamada Bicycle. Uma viagem de quatro minutos com uma belíssima linha de acordeon hipnotizante. Aqueles acordes me deixam tranquilo, o sono vai chegando. Digo a ela que aquela linha pode ser sutilmente copiada para alguma música qualquer. Ela ri. “É miexmo, né”. O quarto está completamente escuro. Às vezes o som da música, agora colocada no repeat, se mistura com o barulho do ar-condicionado. Tomo a iniciativa: “Vamos dormir?” Ela: “Bamos”. Boa noite, fica bem. Fica bem, boa noite.

Quinta feira

O despertador toca feroz. Eu não quero acordar. Quando os olhos se abrem a primeira vez, o despertador já está tocando pelo terceiro minuto seguido. Três minutos de barulho de um despertador é o suficiente para enlouquecer qualquer um. Estou cansado. “Ainda tem o resto da semana inteiro, puta que pariu”, penso em voz alta. Demoro na cama. Cochilo novamente. Acordo no susto mais uma vez. Pego o celular duma vez e olho o horário: 8:30. Bora lá. Me levanto, lento e com amargo na boca. Estou cansado. Tomo um banho mais demorado. O café é ainda temporalmente mais extenso. É a primeira vez na semana que demoro quase cinquenta minutos no ritual diário antes de sair de casa para trabalhar. Por um momento puxo da memória se tenho algum compromisso além do implacável capitalismo. A

resposta é não. E mesmo se tivesse, certamente hoje seria um dia de furos e desculpas. Na ida ao trabalho, a trilha sonora é daquelas que visam levantar os mortos: Sepultura. O Sepultura é uma das minhas bandas preferidas, no Brasil e no resto do mundo. Reflexo do Brasil, um som rápido, tribal, abafado e poderoso. “O cântico de guerra da tribo Brasil”, isso daria um bom nome de artigo científico sobre essa atmosfera que o Sepultura cria. Ouço o disco ao vivo *Under A Pale Grey Sky*. Grande banda, “war for territory”. É tudo sobre isso, afinal.



Por capricho dos deuses (indígenas), no meu trabalho o mormaço também está instaurado. Descubro por um amigo de sala, flamenguista como eu, que nosso time perdeu mais uma partida na noite anterior. “Ainda bem que eu não assisti”, comento. “Time vagabundo me fez beber de graça ontem”, ele retruca. É um dia de trabalho tranquilo. Na verdade, não sei exatamente. Tudo passa a meu lado, ainda bem. Se eu tivesse um botão de operação no automático, certamente ele estaria ligado. Por um motivo totalmente aleatório, lembro do Rock In Rio de 2001, de um show magistral do Iron Maiden. Assisti com meu pai na casa da minha já falecida avó materna no interior do Piauí, em Parnaíba. Eu tinha 12 anos. Enquanto me perco nesses detalhes e vou organizando algumas fotografias de arquivo do meu serviço, me lembro de fazer um lance. A novidade é que esqueci minhas frutas de sempre em casa. O dia não está mesmo atrativo. Vou na lanchonete da casa legislativa e peço para comer a maior e mais gordurosa coisa disponível: uma bomba. Uma vingança minha contra mim mesmo. Mas estava deliciosa. Casou perfeitamente com o suco de caju gelado. Volto para

minha sala e o botão do funcionamento automático é novamente ativado. Quando o expediente acaba, já está passando o Jornal Hoje na TV. Alguém comenta que o âncora do jornal, o carismático Evaristo Costa, anunciou que deve sair da Globo em breve. Eu jamais imaginaria isso, sinceramente. Esse mundo é mesmo surpreendente. Volto para casa ouvindo Sepultura.

Chegando vou direto para o almoço. Nem tomo banho. Geralmente tomo banho antes de almoçar. Então fico de cueca deitado na cama zapeando por canais variados. Vejo um episódio de *South Park* no VH1. O episódio fala dos malefícios da ironia excessiva. Irônico em se tratando de uma produção que tem a ironia e o deboche como conceitos principais. "É por isso que esse desenho consegue explicar cada situação da vida, é complexo e óbvio ao mesmo tempo", penso. Depois fico assistindo a um programa da Discovery chamado *Largados e Pelados*. Alterno entre olhar o celular e passar a vista pela TV. Acabo dormindo. E muito. Durmo pesadamente. Sem sonhos. Mas acordo por causa do calor, com a cama consideravelmente ensopada de suor. Ainda enrolo por uns tempos, até que a sensação insuportável de garganta seca me faz levantar, beber água e ir para o banheiro dessa vez tomar banho. Como as frutas que foram esquecidas de manhã. Uma banana e uma tangerina. A bomba de mais cedo estava mais saborosa. Continuo zanzando pelos canais de TV por, pelo menos, uma hora e meia. Evitando os programas de esporte por causa da derrota do Flamengo. Também desisto da corrida diária que sempre faço. Ando me sentido muito cansado nos últimos tempos. Fazer exercício, mínimo que seja, é uma forma de burlar um pouco a exaustão da correria do dia a dia. Há três semanas que não nado, por exemplo. Adoro natação, é esporte que mais gosto. Só que praticá-lo demanda tempo e dinheiro, duas variáveis que estão em falta na minha vida nos últimos dias.



No início da noite, dou uma olhada no meu *messenger* do Facebook, vejo que um amigo meu está on-line e lembro que já há algum tempo venho planejando trocar umas palavras com ele, o que é dificultado pelo fato de que ele reside em Portugal. Thiago é pesquisador e doutorando em sociologia pela Universidade de Porto. Alguns meses atrás ele esteve em Teresina coletando dados e entrevistando pessoas para a sua pesquisa, que é um mapeamento das produções fonográficas independentes na cidade a partir dos anos 2000. Eu fui um dos seus entrevistados, uma vez que toco numa banda que produz de forma independente na cidade. O Thiago é uma das pessoas mais educadas que conheço. A curiosidade é que mesmo nós tendo seguido por caminhos diferentes na vida, eu já o conhecia de antes, quando ele foi meu veterano na graduação de Comunicação Social na Universidade Federal. Mando uma mensagem para ele e pergunto como anda a pesquisa. Ele comenta com bom humor: “Tô bem e na intensidade para terminar a tese. Tenho que finalizar em três anos para não ficar sem bolsa”. Diz também que está com um artigo pronto para ser publicado e que assim que isso ocorrer ele vai me enviar o link para que eu leia. Ele pergunta a quantas andas a minha pesquisa. Respondo: “Está indo”. Rio. Completo: “Preciso exatamente que tu dê um depoimento para mim, como pesquisador e como consumidor e compositor”. Ele se coloca à disposição prontamente. E pede que eu explique um pouco melhor a metodologia. Eu digo que a pesquisa é uma espécie de etnografia da experiência alternativa em Teresina, da “cena alternativa”. Que não estou interessado em fazer um mapeamento como ele, senão em tentar colocar na mesa de discussão as sutilezas e os rastros que envolvem os agenciamentos

das subjetividades que ocupam um lugar de diferença. Pergunto se ele prefere falar ou escrever sobre. Ele diz que prefere escrever porque a vida anda bem corrida e assim pode fazer isso num momento mais calmo, longe da tão massacrante pressa acadêmica. Eu concordo totalmente: “Cara, ando com uma sede danada de ler literatura e não consigo por causa disso aí, ó”. “O pior é que eu preciso de referências além do mundo ‘acadêmico’, meu trabalho vive disso, da relação com a arte e tudo o que é exterior e subjetivo”, concluo. Ele responde dizendo que é justamente essa pressão que provoca a desistência e o empobrecimento do trabalho de muitos. Diz também que na Europa, por exemplo, a carga de disciplina obrigatória é bem menor que no Brasil, justamente para forçar os alunos a sair de bolha epistemológica. Nesse momento, enquanto estou deitado na minha cama, olho para a sessão de literatura na minha estante de livros. Eles parecem gritar desesperados o meu nome. Faço uma promessa pra mim mesmo: “Assim que terminar isso tudo eu vou ler as mil e cem páginas de *A Graça Infinita* do David Foster Wallace. Em um mês, pode apostar”. Digo ao Thiago que vou preparar o questionário pra ele, que são tópicos abertos sobre coisas subjetivas como a ideia que ele tem de cena, algumas das preferências dele e um pouco da história dele. Ele diz: “Massa”. Digo que vou preparar e que mando tudo para ele mais tarde. “Tranquilo, meu patrão. Força aí com a pesquisa, grande abraço”, fala. Eu agradeço, já me levantando, largando o celular e pegando meu notebook que estava em cima da mesa de estudo no meu quarto. Em vinte minutos elaboro alguns tópicos e envio para o Thiago. Na verdade, só organizo, uma vez que em meu caderno de campo já continha vários tópicos abordados em algumas das entrevistas que fiz até então.

Depois disso, vou para um dos lugares que mais gosto na minha casa, uma rede que fica em uma parte semicoberta em uma área aberta nos fundos. Lá é possível ver um pedaço de céu, mesmo que manchado por uma cerca elétrica e um pé de acerola plantado na parte não coberta. Desligo a luz e fico no escuro ouvindo a trilha sonora de um dos filmes que mais gosto: *Only Lovers Left Alive*. E penso também na minha pesquisa e na curta conversa que tive com o Thiago. Fico imaginando que tipo de respostas ele irá me enviar. É desse filme, dos filmes do Jim Jarmusch no geral, que tiro parte do meu conceito de pessoas e indivíduos que uso na pesquisa. *Only Lovers Left Alive* conta a história de dois vampiros amantes, Adam e Eve, que possuem mais de 300 anos de idades e abdicaram da lascívia vampírica em nome de uma convivência solitária e silenciosa. Adam e Eve são intelectuais, amorosos, melancólicos, e críticos com relação à forma como o mundo é formatado. Adam detesta os humanos, acha-os burros, lamenta que a humanidade tenha matado tantos cientistas. Eve é

amante da natureza, sabe nome de todas as espécies possíveis de seres vivos e consegue ler a idade dos objetos só os tocando. Os personagens do Jarmusch são quase todos assim, criaturas dentro de uma dimensão que supera a lógica do outsider. O fora do fora, a negação da negação. Eles não são outsiders porque ser outsider é confirmar um jogo de dentro e fora no qual eles não se enquadram. Eles são apenas seres (às vezes nem humanos são, daí a excelente metáfora vampiresca) singulares, vidas imanentes. *Amantes Eternos* (assim que o filme foi traduzido para o português, horrível) é um filme sobre a repetição radical de um modo de vida igualmente radical, mas não muito diferente do resto visível e invisível que povoa o mundo. É exatamente essa a figura que me interessa ao tentar etnografar uma suposta experiência da diferença em Teresina. No fim das contas, e aí é até difícil afirmar isso já que ainda não finalizei o meu mestrado e também tenho horror a conclusões que se fecham, o que tento por em jogo é a defesa de infinitos modos de vida que confrontam qualquer ideia que vise impor uma única lógica da existência. Assim são os excêntricos mas simples vampirões Adam e Eve. Esse insight mais uma vez povoa minha cabeça por horas enquanto ouço a música "Spooky Action at Distance" no repeat. Fico paralelamente pensando que produzir uma dissertação de mestrado envolve mais o ato de pensar do que qualquer outra coisa, de ficar horas e horas contemplando o vazio com nossa máquina corporal brincando de gato e rato com o caos e o cérebro. Penso em Deleuze dizendo que "pensar é criação". E em um colega de bom papo que fala "e pensar dói, dói mas é bom". Um dia totalmente à deriva no meio de uma semana de muitos compromissos me levou a uma ilha onde o significado não é suficiente, embora o encontro e o contato com ela traga calma e serenidade. É assim que me sinto depois de tudo. É hora de dormir. A vida continua. Sinto vontade de tomar uma cerveja. Amanhã é dia, amanhã é sexta.

Sexta-feira

O despertador toca feroz. Mas dessa vez eu consigo domar a sua valentia. Nas sextas ele desperta às 9:40. Sou dorminhoco, se deixar durmo até meio dia. O despertador é uma invenção cruel do capitalismo. Acontece que nas sextas eu não tenho trabalho formalmente como nos outros dias. Na casa do povo, às sessões só ocorrem de segunda a quinta. Isso significa que na sexta fico apenas de sobreaviso caso precise fazer alguma fotografia de emergência. Geralmente dou uma passada rápida na minha sala por volta das 10:30 apenas para checar se houve algum contratempo. Nas sextas tenho até tempo para fazer um café mais

reforçado: Nescau e beiju recheado com queijo frescal. Também ponho uma roupa mais próxima do meu estilo pessoal: tênis Vans casual, calça preta rasgada, uma camisa de botão branca e um boné aba reta preto. Fico por lá de plantão até por volta de meio dia e meia, na minha estação vendo clipes variados. Estou estudando cinematografia. Surgiu a oportunidade de produzir e filmar mais um clipe musical de um mano rapper da zona leste e não deixei escapar. Aproveito a oportunidade para imprimir também alguns artigos que vão servir de leitura complementar para a minha dissertação de mestrado. Quando vou ler? Não sei. “Preciso adiantar meu trabalho, daqui duas semanas eu começo. Essa e a outra semana são atípicas, depois volto a fazer nada e assim me dedicar a terminar esse mestrado”, reflito quase em voz alta.



No caminho de volta, recebo uma ligação no telefone. É o Arthur, o Doomer, o meu amigo mais antigo, conheço desde que era criança, meu vizinho há vinte e oito anos. Arthur é um puta dum artista visual, grafiteiro, pensador, articulador de conceitos. “E aí, Caio, beleza?” “E aí, mermão como é?” “Tá em casa?” “Não, mas tô chegando; tô no trânsito” “Mano, tem almoço na tua casa, cheguei agora de um corre, tenho que sair pra outro às 15 e não tenho um nissin pra fazer aqui” “Tem sim, meu patrão. Bate lá no portão que a mãe tá lá, ela fez almoço hoje, tem pra nós” “Massa, gerou” “Falou, até já”.

Antes de chegar em casa, passo no posto de gasolina para abastecer o carro para o final de semana. Quase sempre abasteço lá, é o posto mais perto da minha casa, postado na parte de baixo da BR-316. Quando vou chegando reduzindo a marcha já avisto um frentista que gosto muito. Por algum motivo, me sinto feliz com isso. Tem um outro frentista que acho mal-educado e aborrecido. Os demais nunca prestei tanta atenção assim. Esse outro não, o cara te recebe bem sempre. Acho que frentista é uma profissão pesada. É incrível como aquele moço está sempre levemente agitado de um jeito agradável. A confiança que ele passa é inversamente proporcional ao tamanho dele, um baixinho. Uma vez cheguei no posto e eles tinham sido assaltados poucos minutos antes. Até naquela situação (ele era um dos mais indignados) enxerguei bom humor e leveza. Depois que botou os 40 reais de gasolina comum, me perguntou: “Estamos arrecadando dinheiro para o dia das crianças, os frentistas vão doar alguns brinquedos, quer doar?”. Eu nunca tinha visto aquilo, nem naquele posto, onde eles costumam arrecadar dinheiro no Natal. Como paguei a gasolina no cartão de débito, fui olhar carteira o dinheiro, tinha 9 reais. “Serve isso?”, indago. “Serve, sim, senhor. Muito obrigado. Tá ótimo”, ele responde. “Eu que agradeço, obrigado a você”.

Chego em casa e o Arthur Doomer já está na cozinha almoçando e conversando com minha mãe. Ela pergunta quando ele vai fazer mais bolsas com os desenhos dele. Ele responde que em breve, já que está pesquisando alguns modelos mais apropriados e material bom e barato. “Trago uma pra senhora quando fizer”, completa. “Eba, quero na hora”, minha mãe responde. Ele termina de comer enquanto faço o meu prato e passa a explicar para minha mãe como se faz uma bolsa, etapa por etapa. É um processo meticuloso, artesanal e complexo. Presto atenção em tudo calado. E comendo.

Quando termino a gente vai pro meu quarto. Ligo a televisão e fico procurando uns canais pra fazer companhia. Ele fica olhando os livros nas minhas estantes. Sempre faz isso quando vai me visitar. Sempre, todas as vezes. É sagrado. Depois de um tempo escolhe um: *Leituras do Corpo no Japão*, da Christine Greiner. “Tava lendo esse livro”, diz. “Essa gata

visitou o Campo tem um tempo. Foi muito bom", completa. Aí ele explica que gostou muito da parte em que ela fala de um artista visual japonês chamado Takashi Murakami. "O Murakami defende que arte é mercadoria mesmo e que isso deve ser colocado no agenciamento quando estamos criando. Eu concordo", fala. Eu concordo. No fim é isso. O capitalismo é uma variável ontológica da sociedade moderna.



Continuamos conversando. O Arthur é um grande artista, na minha opinião. Um dos mais consistentes da cidade. Ele consegue dar muita potência e sensibilidade aos desenhos dele. E é um cara que flutua politicamente por todos os sub-segmentos que produzem sensível

por aqui: da galera da arte e da dança contemporânea à galera do grafite tradicional. Os desenhos dele todos seguem a mesma linha: são corpos esqueletos completamente negros, com cabeças que são às vezes caveiras, às vezes outra coisa disforme. A beleza do grotesco. Ele me diz que precisa da minha ajuda para fazer umas fotos de divulgação interessantes para um livro do Sesc que deve sair em breve. Confirmo prontamente. “Só aparecer aqui com a proposta que a gente pensa em algo”, digo. Ele relata que tem de ser algo referente aos pequenos cadernos que sempre carrega com ele, seja pra desenhar, seja para deixar que desenhem nele. Tranquilo. “Vou pensar em algo, aparece aqui próxima semana que a gente bola alguma coisa”, digo. E completo: “Ah, e tem que ser a tarde porque vou trabalhar fotografando o JUNTA à noite”. Eu não consigo definir bem e descrever o trabalho do meu amigo. Ele é artista visual, mas flerta muito com o pixo, com a filosofia, com o artesanato, com a performance corporal. Tem controle total do processo de criação e produção dele, por isso faz camisas e bolsas pra vender, ao mesmo tempo em que escreve, fala sobre a arte dele citando Didi-Huberman. O Doomer parece um personagem do Jim Jarmusch. Inclusive, nas nossas longas conversas sobre arte, subjetividade e mundo, sempre costumamos brincar com uma frase de Samuel Beckett numa carta a um amigo: “Todos os grupos são horríveis”. Isso mostra o horror que temos por identidades e qualquer noção de verdade, seja ela individual ou coletiva. A conversa continua, fragmentada como sempre, até umas 14:40. “Vou já terminar um trampo ali, tô pintando a fachada da escola de dança do estado, lá na Central de Artesanato”, ele diz. “Vá lá, depois a gente conversa mais. Te mando uma mensagem pra gente acertar o lance da foto do livro do Sesc, vou pensar em algo”, digo pra ele.

Volto para o meu quarto. É hora de relaxar. Dou uma olhada no meu celular para ver as chances de rolê à noite. No grupo da galera que organiza a Afrosamurai, Guilherme, que além de guitarrista da minha banda também é DJ de funk na festa, diz que vai rolar encontro de paredões no Camarão do Gilvan. Camarão do Gilvan é um bar na periferia norte da cidade, numa quebrada, que organiza shows de reggae. Apesar de ser para um público voltado ali ao próprio subúrbio, que aliás muitas vezes é brutalmente marginalizado pelo senso comum e pela mídia, a gente sempre aparece lá para curtir umas boas pedras de reggae *music*. É maravilhoso, os DJs são muito bons. Viajam sempre para Jamaica para trazer novos sons. Fico tentado. Mesmo assim, deixo em aberto. Meus parceiros aqui do bairro, com certeza, vão tomar a cerveja da sexta, é sagrado. Teresina é a terra do boteco e da cerveja. Às vezes acontece de passarmos semanas sem algum evento realmente relevante para ir, então resta ir para os bares socializar e relaxar de alguma coisa. Eu particularmente evito bares com

conceitos mais plásticos, tipo pub etc. Na cidade até tem uns interessantes como o The Full, na zona norte, mas no geral opto por botecos mais sujões mesmo. Enquanto não decido o que fazer à noite, ponho mais alguns episódios de *Rick and Morty* pra rolar na Netflix. Na verdade, estou gostando tanto do desenho que assisto quase uma temporada inteira, oito episódios. Quando percebo já é noite, já está tudo escuro. Só dá tempo de vestir um tênis, se alongar e partir para a corrida do dia.

Ao chegar, mensagens pipocam em vários grupos de amigos, grupos de trabalho e outras coisas quais nem lembro. A noite teresinense é um cortiço de bares. Pela falta de maiores opções além disso, resta ao povo sentar e se refrescar com uma cerveja geladíssima. A fama é de que nenhuma cerveja no Brasil é mais gelada que a nossa. Faz sentido. O apelido carinhoso para as cervas mais geladas é canela de pedreiro, brancas como a poeira da construção. O rizoma de bares se espalha por todos os tipos de zonas e gostos. Não importa do que você gosta, desde que queira sair e procurar algo para fazer à noite, eventualmente você estará em algum bar que seja.

Meu sábado vai ser longo, daqueles que ocorrem uma vez no ano, com muito rolê bom para ir. Não vou perder nenhum. Pensando nisso, opto por tomar uma cerveja de leve com meus amigos do bairro. São meus amigos mais antigos, estou sempre com eles. Dispenso os demais rolês e combino às 21h com eles no bar Scuderia. O Scuderia Bar foi aberto recentemente aqui no meu bairro, era uma reivindicação antiga, já que é um bar de rock, para roqueiros, então diferente essencialmente dos outros estabelecimentos que só tocam música ao vivo, seresta, forró ou pagode. Bares de rock são no geral uma minoria na cidade, e que eu me lembre, o Scuderia foi o primeiro do Parque Piauí. Antes dele, costumava ir no Rota Moto Bar, que também ficava na zona sul, só que no bairro Morada Nova.

O Scuderia é simples. Tem espaço interno mínimo, com um som próprio lá dentro, luz fluorescente normal, alguns cartazes de série no nível de *The Walking Dead* e um banheiro unissex, com vários avisos de “SEJA EDUCADO NÃO MIJE NO CHÃO”. Apropriado. O espaço externo é como a maioria dos lugares da cidade, também com um som próprio e diferente do espaço interno, as mesas e cadeiras ficam espalhadas pela calçada, sentadas, conversando e entornando seguidas garrafas de Antártica 600ml. Estrategicamente alocado numa esquina de uma das principais ruas do bairro, bem na curva que os ônibus coletivos fazem, sempre passando bem perto das mesas (nenhum acidente registrado até hoje), o Scuderia do Rock cheira e tem gosto de nostalgia. Já faz um bom tempo que os agrupamentos roqueiros não dominam mais a maioria dos segmentos da juventude, embora eles continuem existindo. Talvez por causa disso, grande parte do público do bar são os roqueiros mais

antigos, das épocas em que existiam muitos shows de heavy metal e festivais só com bandas de rock. Ainda assim, também sempre vemos uma galera mais jovem e desconhecida (alguns com aparência de menor de idade) e algum ou outro indivíduo que não está interessado no conceito estético do bar, e sim em sentar e tomar uma cerveja gelada independente do som que esteja passando ou da vestimenta que as pessoas vestem.



Às 21 e 15, meu amigo Wildon e a namorada Sávia passam em casa para me buscar e ir para o bar que fica cerca de 500 metros da minha casa. A noite tem sido bastante perigoso andar a pé. Embora nunca tenha acontecido nada comigo, e nem nada mais grave com os conhecidos, é melhor "não dar sopa para o azar", como diz meu pai. Chegamos e poucas pessoas estão no bar. Sentamos do lado de fora numa mesa mais afastada, o som que está rolando é Ozzy. Aceitável, na medida do possível. O garçom, já conhecido, chega e pedimos uma Brahma. É a que está mais gelada, segundo ele. Apesar das poucas pessoas, uma mesa grande com motoqueiros ocupa um espaço razoável na minha diagonal. Todas os grupos de motoqueiros da zona sul da cidade passam pelo Scuderia em algum momento da noite do fim de semana. As ruas ao redor ficam abarrotadas de motocicletas dos mais variados tipos. Eles estão animados. Alguns com as namoradas. Um deles, que deve ter uns 120 quilos, careca e de barba grande, com várias tatuagens marcadas pelo tempo, faz gestos de guitarra imaginária enquanto Ozzy canta *I Just Want You*. Eu e meu amigo ficamos conversando justamente sobre essas figuras conhecidas do mundo heavy metal. No tanto que alguns mudam tanto e outros

nunca mudam. Essa discussão aliás é um ponto recorrente da própria estética sonora do heavy metal. Enquanto algumas bandas saíram do heavy metal extremo para a música eletrônica (Samael), outras continuam fazendo o mesmo som há 40 anos (Motorhead).



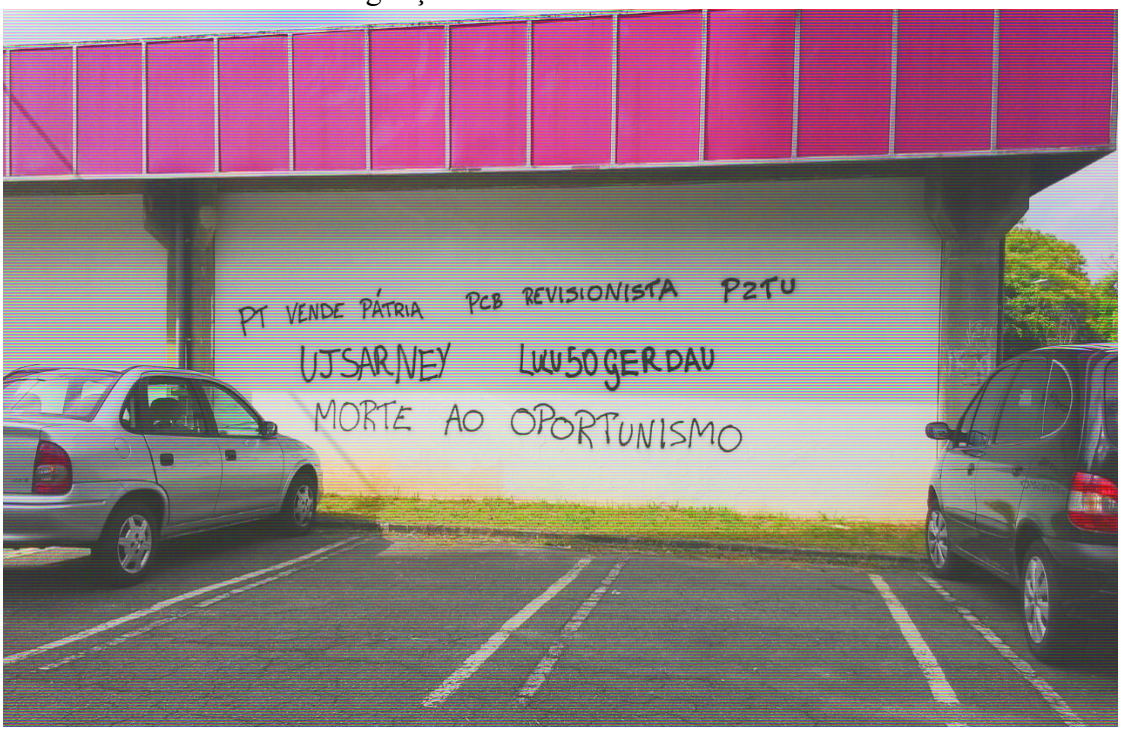
Aos poucos meus outros amigos vão chegando. No final, entre o combinado e algumas

mensagens trocadas com mais pessoas, a mesa já atinge quase dez pessoas. A noite é agradável, como praticamente são todas as outras. O Scuderia é um bar agradável, uma aura de alteridade paira sobre ar apesar do excesso de álcool ingerido e dos riffs másculos ouvidos. As conversas são despretensiosas. Videogames, filmes de super-herói, futebol e histórias pessoais. Muitas. Muito riso e muita nicotina de um maço de Lucky Strike consumida. Vez ou outra vejo algum conhecido do tempo em que eu tocava heavy metal, ainda moleque com cerca de 16 anos. Os caras são uns vampiros, não envelhecem, continuam com as caras de sempre, as mesmas camisas de bandas e o tamanho de cabelo igual. O escolhido da noite é Léo Carniça, um coroa de 50 anos, uma lenda *headbanger* do Parque Piauí. Quando vou ao banheiro aceno pra ele e ouço ele falando de alguma banda de *thrash metal* dos anos oitenta. Quando volto magicamente o assunto já é outro, ele continua expressivo mas falando de como o governo Lula foi bom para quem é trabalhador. Perto do fim da noite, eu disse que ia embora cedo mas já são duas da manhã, a contingência implacável da vida me premia com mais um acontecimento. Sentado vejo um carro passar, é um Suzuki Jimny azul. O único que conheço na cidade toda é o do meu orientador de mestrado, o professor argentino quase brasileiro. O carro dobra eis que da esquina o próprio, junto com mais duas amigas também conhecidas. Alejandro é um cara ativo na cena alternativa da cidade, está em quase todos os lugares e eventos. Chegar no Parque Piauí, saindo do eixo mais ocupável que é centro e zona leste, no entanto, pra mim é novidade. Avisto e ele sorri. Eu também. Nossa relação é absolutamente amigável, apesar da cobrança brutal por ser produtivista que a universidade exige. Inclusive nós concordamos ao sermos contrários a esse ponto. Falo com ele e com as duas garotas amigas que estão juntas. Perguntam como eles vieram para aqui. Ela responde: “Então a gente tava procurando outro bar chamado Clã do Djavan que fica no início da Miguel Rosa, como não achamos viemos parar aqui, eu já tinha ouvido falar nesse bar. Conheço o Bela Vista que é ali do lado”, ela responde. Não conheço esse bar que ela citou, fico de pesquisar pois o nome me agradou muito. Dou uma risada e explico que o bar fica muito próximo da minha casa. Meu professor comenta que está achando animado. Depois disso, obviamente, ele me pergunta como está a pesquisa. Eu digo que “está indo”. Falo que próxima semana a gente pode se encontrar e dar continuação às nossas infinitas discussões teóricas sobre o lugar da antropologia e do fazer etnográfico. Ele repete uma coisa que fala sempre: “Importante que tu se divirta com isso”. Isso me conforta muito. Após o papo rápido ele diz que vai se sentar numa mesa. Eu brinco: “Seja bem-vindo”. Quando vou embora, cerca de meia hora depois, ele ainda está lá, sentado conversando. São quase 3 da manhã. Quase

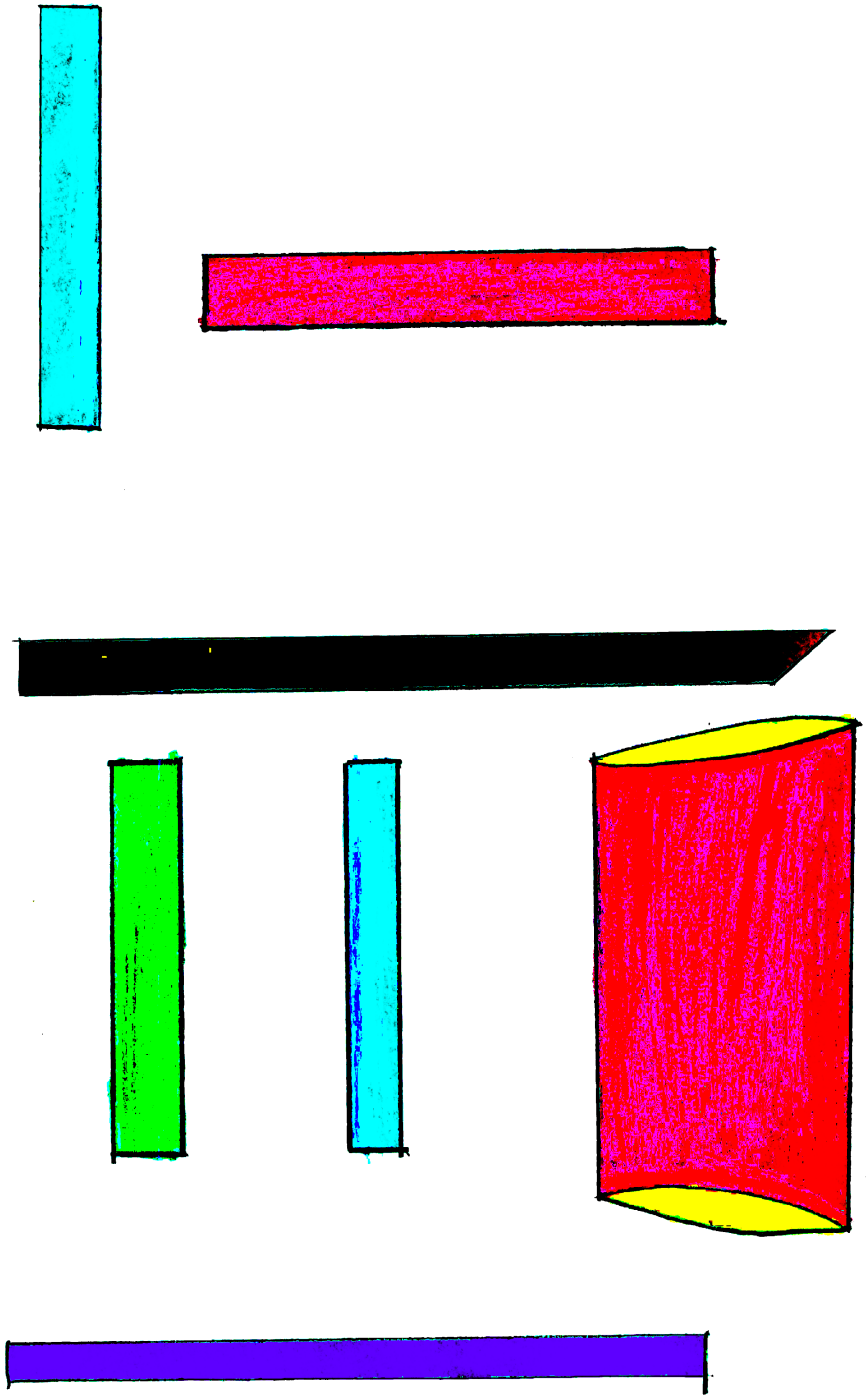
toda sexta-feira é assim, tranquilidade e encontros, até o vento resolveu dar as caras no fim do rolê. É o oxigênio necessário para sustentar a correria da vida cotidiana. Fim de semana iniciado com sucesso.

Sábado

Sem despertador, onze horas é o horário que acordo. Graças aos Deuses estou sem ressaca. Esse é o primeiro pensamento do dia. Só depois dele, me sinto vivo. Sábado é o dia mais longo da semana, mesmo não tento compromissos de trabalho. A vida capitalista é óbvia, a gente trabalha e estuda porque precisa sobreviver de alguma forma. O que vem por fora, mesmo sendo igualmente trabalhoso, é que emerge como prazer. Por isso a ansiedade indisfarçável. Quando me levanto a casa já está a todo vapor. Uns amigos do meu irmão estão na sala conversando com meus pais, enquanto eles trabalham. Ela faz o almoço e ele varre a casa. Estou ainda zonzo. Falo com todos, dou bom dia. Meu pai provoca: “E aí, menino, agora?” Eu retruco: sim. Vou na geladeira e tomo dois copos de água gelada. Delícia. Pego uma banana e um iogurte para comer. Vou para o meu quarto. Uma rápida dúvida se instala: primeiro tomar banho ou arrumar o quarto? A preguiça me faz primeiro arrumar o quarto. Enquanto organizo parcialmente os objetos em cima da minha mesa de tudo, uma tristeza bate forte: “Não vejo a hora de terminar essa pesquisa, esse mestrado, para que eu possa organizar com calma todos esses livros bagunçados”.



Depois do banho me deito na cama e ligo meu Xbox One. Videogame é uma das minhas grandes paixões. Desde criança. Aliás, nada mais retrógrado do que o discurso de que videogame é algo para criança. Hoje em dia, games são uma puta experiência artística, com conceitos de mundo e de arte brutalmente consistentes. Os exemplos são vários, que me lembro assim rapidamente: *BioShock* (até escrevi um artigo científico sobre), *Red Dead Redemption*, *Mass Effect*, *Limbo*, *The Witcher*. No último ano tenho me dedicado a um só jogo: *Overwatch*. É um jogo on-line, MOBA, ou seja, de batalha seis contra seis pessoas. Mas é um jogo muito interessante, com personagens interessantíssimos e conceitos contemporâneos. *Overwatch* é um jogo étnico e plural, cada personagem é de um lugar do mundo, e eles representam muito bem a diversidade do mundo, prática que parece estar em falta no mundo (e que é particularmente problemática no universo gamer). Tem muitos personagens femininos, negros, gordos, latinos, africanos, animais falantes, um gay (até agora) e até um autista. O melhor de tudo é que é um sucesso de público e essa pluralidade tem feito ótimo papel de debate dentro do mundo dos jogos on-line. Eu jogo com um personagem brasileiro, Lúcio, negro e que milita por liberdade na favela. Quando me conecto ao jogo, meus amigos de jogo já estão on-line. É hora de batalhar. Sempre que paro pra jogar *Overwatch*, passo horas nessa. Até o almoço é feito na correria. Quando me dou conta já são 16 horas. O que significa que é hora do basquete.



Jogo basquete todos os sábados. É quase que sagrado. Raramente falto. É mais fácil que eu falte ao trabalho, ao curso, aos ensaios da banda, do que ao basquete. O motivo? Não sei. Simplesmente é assim. E olha que não estou na minha melhor forma física. Me visto

rapidamente, tomo um copo de suco, encho minha garrafa da *Tupperware* com água gelada, ponho minha camisa do Toronto Raptors na mão e vou rumo ao ginásio. É próximo da minha casa, uns 7 minutos caminhando. Fica na divisa com outro bairro, o Bela Vista. O sol está escaldante. Às vezes tenho impressão que a gente emagrece alguns quilos jogando às 16 horas de um sábado, principalmente no segundo semestre do ano, e mesmo a quadra sendo coberta. A sensação de sauna é constante, embora nunca ninguém tenha passado mal ou mesmo deixado de jogar por reclamação. Vai muita gente que não é do meu convívio mais próximo. É legal isso. A maioria é de uns moleques menores de idade, que treinam todo dia, são muito bons jogando e talvez conservem no fundo da mente uma vontade de ser jogador profissional. Quem joga basquete no Brasil? E no Piauí? Geralmente eu e um amigo levamos uma pequena caixa de som portátil e fico servindo de DJ durante os jogos. Para variar, é rap. Os mais jovens conhecem muitas músicas. Outras eles perguntam pra mim "quem é?". Um cara mais antigo pergunta se não tem Racionais, digo que sim e coloco. O som do Racionais não é tão animado para uma partida de basquete. Quanto ao jogo, não é um bom dia. Meu time só consegue ganhar uma partida. E mal. Depois que todo mundo já está mais do que cansado. Ainda assim, a endorfina se mostra poderosa. Quando chego em casa, às 18 horas, só dá tempo tomar banho, comer algo e se vestir. O plano é o seguinte: vou até o bairro São João de Uber, depois do meu compromisso lá, um amigo me pega para irmos para o Cristo Rei. Ambos bairros são na zona leste, só que o São João é no extremo leste e o Cristo Rei na divisa com a zona sul.

No Uber, converso com o motorista sobre o de sempre: vida e trabalho. Ele me diz que já trabalhou numa seguradora, numa loja de venda de carros e depois fazendo higienização de ar condicionado de carro e casa. Hoje, além de ser Uber, ele diz que também tem um negócio de higienização de ar condicionado de carros. "Eu aprendi na época que trabalhei, né. Então resolvi montar meu negócio, que é mais é no final de semana. Tenho um funcionário", ele diz. Pergunto "qual o lance do Uber?". Ele responde dizendo que o dinheiro é muito bom. "Dá para tirar uns quatro mil líquidos por mês", completa. "É uma grana ótima", respondo. Ele pergunta, com receio, o que eu faço. Respondo: "Muitas coisas". O receio fica ainda maior. Percebendo, resolvo completar: "Eu sou jornalista, fotógrafo, mas tô estudando antropologia, mestrado, para poder dar aula". Ele demonstra empolgação, que não sei se identificar se é da cartilha do bom comportamento Uber ou não. "O que é antropologia, exatamente?". "É quando a gente estuda a sociedade, os elementos e os comportamentos coletivos nossos, na sociedade. Por exemplo: os problemas que existem entre motoristas de ubers e taxistas aqui

em Teresina, posso fazer um estudo sobre isso". Ele gosta. Aproveita para perguntar com relação ao jornalismo. Digo que atualmente estou trabalhando temporariamente como fotógrafo da Assembleia Legislativa do Piauí. Engraçado como o tema política faz muitas pessoas acharem que todos que estão em contato com isso são ricos. Ele diz: "Ganha bem, então". Respondo rindo em tom levemente cínico: "Não é bem assim, sou temporário. E só trabalho lá dentro. Ganho menos que tu, pode apostar". Completo: "Em breve quero dar aula. Gosto muito de dar aula". Ele: "Tá certo, eu nunca estudei muito. Só fiz o ensino médio. Queria poder voltar um dia, mas os corres são difíceis". Digo pra ele que todo corre é válido, desde que você esteja satisfeito e fique em paz. Ele concorda. Toca Wesley Safadão na rádio. Um silêncio se instala por alguns minutos, quase no fim da viagem. O carro chega no ponto combinado.

Estou no Campo. Na minha opinião, o Campo é um dos lugares mais incríveis de Teresina. Uma lança que te atravessa duplamente, no mesmo tempo que passa uma sensação de pertencimento total ao local, também parece um totem alienígena no meio do sertão. Trata-se de um galpão de vários compartimentos ocupado onde funciona uma espécie de oficina permanente de arte contemporânea. O lugar é tocado pelo coreografo Marcelo Evelin e a produtora dele, Regina, que também, pra mim, são duas das pessoas mais conscientes e lúcidas da cidade. No Campo há dois espaços grandes para performances, um escritório, mais um espaço para rodas de conversas e discussão, alguns quartos suítes para abrigar artistas de fora que eventualmente venham participar de residências artísticas. O local em si é fruto de uma série de desdobramentos que aconteceram com relação à história da arte contemporânea na cidade. Antes havia um lugar parecido projetado pelo próprio Marcelo, só que no bairro Dirceu. Era o Galpão do Dirceu, que durante muito tempo foi o principal pilar de apresentações de espetáculos independentes e contemporâneos na cidade. Depois de um tempo, o coreografo resolveu se desligar e abrir um outro espaço.

Na ocasião, estou lá para acompanhar uma roda de discussão sobre o trabalho de um fotógrafo conhecido, Maurício Pokémon, chamado Existência. Ele é responsável pela fachada do Campo. O trabalho dele é fotografar pessoas em situação de invisibilização social. Ele começou fotografando uma comunidade urbana de Teresina, ribeirinhos da rua Boa Esperança, na zona norte da cidade. No projeto de modernização da cidade, a prefeitura pretende retirá-los arbitrariamente para estender um parque com intuito turístico. Uma loucura. Todo mundo sabe que Teresina é qualquer coisa, menos uma cidade turística. Pokémon então fotografou essas pessoas que moram lá há décadas, imprimiu fotografias

grandes delas e saiu colando nas ruas da cidade com o objetivo de causar alguma afetação com relação àquela situação de desamparo. O resultado tem sido duro, mas insistente. Até agora, por causa da forte mobilização social e sistemática, a prefeitura estacionou o projeto de retirada dos ribeirinhos. Hoje é uma roda de conversa que o Campo trouxe sobre os desdobramentos do trabalho do Pokémon, que se estendeu para várias comunidades ribeirinhas do norte do país. Depois da conversa também vai haver uma performance coletiva fruto de uma residência de um mês com vários artistas de alguns estados.



Chego um pouco antes do horário marcado. Sento. No som mecânico rola “Xica da Silva” do Jorge Ben. Aos poucos as pessoas vão chegando. O próprio Pokémon aparece. Cumprimento ele. Chegam mais pessoas, várias caras conhecidas dos círculos alternativos. Alguns moradores do bairro São João. Alguns dos próprios Ribeirinhos da Boa Esperança. Duas amigas chegam. Ficamos conversando amenidades. Pergunto se elas vão no show da Karol Conká mais tarde. Elas dizem que ainda não decidiram, mas que vieram só para acompanhar a conversa com o Maurício, não ficar para a performance. Em poucos minutos todas as cadeiras do espaço aberto já estão ocupadas. O Campo é um lugar bem bonito e aconchegante. Tem muitas plantas penduras nos vãos dos espaços. As cadeiras são de praia ou de espaguete. A luz é quase sempre penumbrada, não machuca os olhos. Às 19:15 começa a roda de conversa. O papo é excelente, fluído. Pokémon vai explicando de um jeito improvisado mas consistente, como ele foi desenvolvendo o conceito do trampo dele. Vai contando causos e exemplificando. Mostrando imagens. Teresina é uma cidade que tem muita aversão ao caos visual. Qualquer parede pintada de forma não prevista é motivo para limpeza

estética. Por anos a cidade permaneceu sem pixações, por exemplo. Recentemente elas voltaram com tudo, ainda bem. Inclusive com um caso pontual de um pixador que mobilizou toda a mídia e um departamento de polícia para prendê-lo. Um jogo de cena medonho. O momento mais tenso e mais potente da conversa é quando os ribeirinhos começam a falar das suas situações lá na Boa Esperança. É difícil não se sensibilizar com a causa. São pessoas com histórias e convicções fincadas naquela beira de rio. As feições deles são de cansaço, adoentados com o terror do estado. "A gente tá em casa e de repente aparece um homem bem vestido estranho medindo nosso terreno, sem dar bom dia, sem nem falar nada, sem pedir permissão", uma morada relata. É esse pessoal que o Pokémon fotografa, que faz emergir o corpo deles nas nossas realidades. São corpos outros, vivos, que nos fazem requestionar o nosso próprio corpo, e o que fazemos com ele. A fachada do campo é pintada com várias dessas fotos. Um senso de comunidade se instala ali mesmo que por alguns minutos. Talvez seja essa a importância de tudo. Uma hora que passa rápido.

Assim como as minhas amigas, eu também não vou ficar para a performance final da residência. Até queria muito, mas a semana foi uma semana de escolhas, várias coisas acontecendo ao mesmo tempo. Esse show da Karol Conká foi inesperado. Um dia simplesmente acordei e: Conká em Teresina. Não somos muito de shows diferentes. Quando se trata de artistas negros, então, aí a coisa desanda ainda mais. Por isso não pensei duas vezes antes de optar por ir. Mesmo com a cidade mais animada que o normal, dando possibilidade de escolha. Eu até gosto quando isso acontece, muita gente reclama, mas eu em particular aprecio. Precisamos aprender a fazer escolhas. Pra mim isso é um fator geracional na vida. E serve pra tudo.

Enquanto me dirijo para fora do Campo, ligo para meu amigo que ficou de me buscar. Ele já está no caminho. Lá fora fico um tempo apreciando a fachada que o Maurício criou. Linda pra caralho. O Campo é realmente um lugar foda. Só o fato dele existir já diz muita coisa sobre nós, sobre a história das artes e do Piauí. E pensar que ainda existem críticos que questionam a presença de públicos nesses lugares. Para eles, nunca é suficiente. Mas a verdade é que a vida sutil, invisível, sempre está ali. Longe da experiência é impossível perceber. Bataille estava certo, conhecimento é experiência.

Meu amigo chega, já tá animado. "E aí, mermão?". "E aí, bora?" "Bora". "Qual o plano?", pergunto. Ele diz que marcou com uma galera no Altas Horas, que a gente vai pra lá antes do show, para um esquenta, tanto de bebida quanto de comida. "Beleza, partiu", respondo. No carro ele me pergunta como foi a roda de conversa. Digo que foi foda. Ele

responde que estava muito a fim de ir, mas teve que fotografar um casamento das 18 às 20. E que nisso ainda “chorou” para a contratante permitir que ele saísse meia hora antes sem descontar tanto do preço combinado. “Ainda bem que deu tudo certo, bicho”, ele diz. Apesar do calor da tarde no basquete, a noite o clima dá uma trégua. Está ameno para os padrões. Maravilha. É hoje. Toca Tame Impala no som do carro dele. A viagem está só começando.

O Altas Horas é um daqueles bares que nunca fecham. Ficam abertos a madrugada inteira servindo bebida e, principalmente, comida. Por causa disso, pessoas de todas as vertentes da noite colam por lá. Ele fica postado na zona sul da cidade, quase no início da Barão de Castelo Branco. Quase todos os lugares da cidade que ficam abertos durante a madrugada para oferecer comida e bebida são conhecidos e bem frequentados. Além do Altas Horas (que existe em dois lugares, na zona sul e na zona leste), um outro bar/restaurante muito conhecido com essa mesma característica é o Pernambuco Bar, no centro da cidade. O único dia que o Pernambuco fecha é às terças. As outras opções são os mercados públicos, os mais frequentados são Mafuá e Piçarra, mas nesse caso é necessário chegar a partir das 5 da manhã, o horário em que as tias da comida começam a preparar os deliciosos pratos. Entretanto, se você estiver em alguma festa e quiser bater uma larica após, o mais comum é mesmo no Pernambuco e no Altas Horas (principalmente no Pernambuco que é mais conhecido) que todas as pessoas que tiveram a mesma ideia estarão por lá. Comer na madrugada no Pernambuco e no Altas Horas é sempre se confrontar com a diferença brutal da vida. A escassez e busca por alimento une todas as tribos. As pessoas comem, tomam a saideira da noite e vão embora.



Quando chegamos no Altas Horas, encontramos vários outros amigos e conhecidos que estão se dirigindo para o show da Karol Conká. Todo mundo no esquenta. A boate onde vai rolar o show fica na mesma avenida do bar, alguns quilômetros à frente. Meu amigo encontra a sua namorada, Joyce, que está junto de mais uma galera. Alguns eu só conheço de vista. Todos sentamos na mesma mesa. Os papos vão fluindo por infinitos temas sem nenhuma pretensão, sem nenhum sentido, sem nenhuma ordem ou preocupação. Em determinado momento a conversa entra no tema preço da bebida do show. Um dos rapazes, barbudos e com uma regata branca com arco-íris LGBTQ diz que a cerveja vai ser 8 reais e Skol Senses 7 contos. Preços altos, todo mundo concorda. Baseado nisso o grupo inteiro pede uma dose de lira e uma dose de mangueira para cada pessoa. Todos tomam simultaneamente, exceto meu amigo que está dirigindo. Depois disso algumas pessoas ainda pedem alguns petiscos. Em determinado momento a conversa volta para o tema bebidas. As pessoas discutem qual a melhor cachaça local: Mangueira ou Lira. Eu fico sozinho na escolha da Mangueira. Apesar de tudo, perdem ao garçom mais uma rodada de doses das duas cachaças para todo mundo. Em outro momento, a conversa gira em torna de gênero e da incapacidade

da maioria dos homens em se permitir usar acessórios femininos. Após a conversa, uma amiga nossa, Vanessa, passa batom pink em mim e um amigo meu. Assim iremos para o show. Tiro uma foto de mim mesmo no meu celular e gosto do resultado. Estou vestindo uma camisa preta de botão slim, com o botão da gola fechado e um boné aba reto preto com um desenho de um baphomet desenhado. Esse boné é meu amuleto. Um dos acessórios que mais uso. Posto a foto no meu Twitter e o feedback é imediato. Aquilo me diverte. Já é quase meia-noite, hora de ir para a boate.

Chegando lá de cara já é possível notar que a noite vai ser um sucesso. Muita gente. Pessoas espalhadas pelas calçadas, outras entrando e mais e mais gente chegando. O nome da boate é Nordx. Já é conhecida por mim e pelos meus amigos. É uma boate de porte médio grande, muito bem estruturada e organizada, com uma fachada linda grafitada. A Nordx é um espaço proeminentemente gay, a maioria absoluta das festas que acontecem ali são voltadas para o público LGBTQ. Aliás, no entorno dela, alguns quilômetros de circunferência, funciona uma espécie de complexo cultural gay da cidade. Muito próximo existem mais duas boates para mesmo público: a Red e o Reserva Pub. São dois lugares bem menores que a Nordx, mas estão frequentemente ocupados e organizando festas de nicho. O Reserva, inclusive, abriga uma das festas que atingiu um bom alcance para além do universo gay: a Ruserva, que é uma festa voltada para apresentação de performances drag-queen e batalha de lip-sync. É um espetáculo à parte. Além das boates, nas proximidades também existe um barzinho muito frequentado pelo público LGBTQ chamado Santo Libre.

Apesar do aparente nicho do local, de cara é possível perceber variados públicos para o show da Karol Conká. É uma artista de renome, que tem muito apelo universitário, da galera dos movimentos hip hop e de uma parcela geral mais jovem classe média que hoje consome *black music* com muita voracidade. Inclusive das primeiras pessoas que encontro, uma ex-namorada e seu atual, que é do movimento hip hop e tem uma loja de roupas de *urban fashion*. Logo que entramos, está tocando um DJ residente da Nordx. Não demora muito e ele finaliza a sua apresentação. É hora do show. Muita gente no lugar, conseguiram lotar um lugar grande como a Nordx. O DJ dela sobe no palco e põe um batuque *freak*. Começou. Karol entra com suas conhecidas tranças rosas. O show é mais pesado do que pensava, com muita influência da música *trap* atual: muito grave e pegada pra dançar. A gata não deixa a peteca cair, vai sustentando a intensidade do público. Música após música, “Corre Corre Êrre”, “Vô Lá”, “Boa Noite”, “Caxambu”. A macumba rap eletrônica tambor batu *freak* atinge seu ápice com a música “Tombei”, o hit máximo da Conká. Estou muito suado do calor humano. E de

dançar. Show competentíssimo. Praticamente todos com cara de satisfação. Melhor que o esperado. Comento com meu amigo no tanto que o DJ dela é monstro. Bom pra caralho. “Vou pegar o nome dele pra ver se consigo alguns vídeos de *boiler room* dele pra gente dar uma estudada no que ele faz”, ele diz. Vamos para o lado externo da boate. Lá, ainda com adrenalina no corpo todo, decidimos procurar outro lugar para ir. A noite está só começando. Vamos para um bar no centro. Antes, na saída, uma pequena confusão: um cara bêbado bateu no carro de outro no sinal em frente à boate, briga feia, os motoristas e algumas pessoas que estavam saindo no show foram separar, chamar a polícia. Não esperamos para ver o desfecho.

O Toca do Plácido é um dos bares mais legais da cidade. Curiosamente fica numa rua paralela ao Pernambuco Bar. O Toca segue o modelo de bar alternativo que tanto vemos em vários lugares, mas que infelizmente é uma raridade em Teresina. Na verdade, é uma espécie de franquia, existe um de mesmo nome e mesmos moldes em Fortaleza. Abriu no fim de 2016 e desde então é sucesso absoluto. Pela qualidade do serviço (litrão de cerveja barata, boa acomodação, muita música brasileira atual rolando e boas opções de comida), pela localização (centro) e principalmente pela falta de concorrentes. São três pequenos espaços conectados entre si. Um espaço interno pequeno onde ficam os banheiros, com decoração de palha, luz de tungstênio e quadros do Caetano Veloso na parede; outro espaço que foi aberto recentemente, dentro do terraço lateral da casa, que tem menos luz e menos barulho, então vou pode sentar e ficar quietinho; e, claro, o espaço externo, com mesas nas calçadas. Fora tudo isso, existe um último fator que para mim é crucial no sucesso e no conforto do bar: lá é permitido legalizar, fumar chá, nas mesas mesmo. Não que isso seja um tabu proibitivo efetivo, mas no Scuderia lá do meu bairro, por exemplo, se você acender um baseado na mesa as pessoas vão te julgar brutalmente. Caretice e hipocrisia são duas instâncias implacáveis da vida de subúrbio.

Quando chegamos lá, e já era de se esperar, o lugar está lotado. Não tem espaço para sentar, ainda. Encontro muitas pessoas que estavam no show da Karol Conká. Provavelmente chegarão mais. O garçom vem falar comigo, ele já me conhece. “E aí, tem mesa não né”, perguntam afirmando. Ele: “Tem não, mas vou trazer uma cerveja pra vocês, segurem aí que já arrumo uma mesa pra vocês”. “Opa, você é deizano, meu patrão”, respondo agradecendo. O som que está rolando é um disco fodidaço do Otto. Ficamos embaixo de uma árvore bebendo uma cerveja na calçada e em vinte minutos o garçom arranjou uma mesa. Mais pessoas vão chegando, o ápice é às 3 da manhã, principalmente porque em frente ao Toca fica um bar LGBTQ, o Pub 24. Existe uma relação de simbiose entre os dois bares, o Pub possui uma jukebox. Certa hora da noite os públicos sempre se misturam. As pessoas saem do Toca para ir

dançar as músicas rebolativas que colocam no Pub 24. O funcionamento harmonioso dos dois bares (o Pub 24 já existia antes do Toca, mas era bem menos frequentado) suscita uma das questões urbanas mais discutidas pelos segmentos pensantes de Teresina. A cidade não tem um centro ativo no período da noite. Muito se fala de revitalização, porém o centro continua vazio e perigoso, apenas com pequenos núcleos como o complexo da Praça Pedro II e a proximidade de bares como Pernambuco, Toca do Plácido e Pub 24. Não existe nenhuma política pública mínima que vise ocupar, capitalizar e povoar com mais consistência o centro. É cada um por si.

Às quatro a algazarra é generalizada. É também a hora de começar os ensaios para o fechamento. Tanto que a cerveja do Toca acaba. Várias pessoas continuam por lá. No Pub ainda tem cerveja, então compram cerveja por lá e voltam para o bar amigo em frente. Outras ficam por lá mesmo no Pub 24 dançando Madonna. Fico em silêncio por uns tempos, pensando. Se existe a aplicação ideal de um conceito como o de alteridade, é provável que aquele acontecimento observado esteja próximo do esperado, a alteridade enquanto suspensão dos valores e das nomenclaturas. Ali cada um é cada um, embora todos sejam um só. Sem transcendentalidade nenhuma, apenas imanência. Tenho impressão que fico absorto em meus pensamentos durantes vários minutos, enquanto os meus companheiros de mesa conversam loucamente sobre o que vão fazer na passagem de ano. O desligamento total do mundo ao redor é interrompido por uma vontade irreversível de fazer xixi. Vou ao banheiro. Chegando na porta, do lado de dentro já esvaziado, uma menina com uns amigos conversando. Ao passar perto ela me dá uma trombada no ombro e me entrega um bilhete. Eu rio. Mas sigo. No banheiro, abro e para minha surpresa tem escrito #FORATEMER. A risada é mais gostosa ainda. Quando saio do banheiro ela já está do outro lado da rua. Não sei o que fazer. Procuro uma caneta e não acho. Conheço ela do Facebook, deixo para depois e fico de mandar alguma mensagem para ela posteriormente. Esses desencontros são comuns. A moça vai embora que nem vejo. Com ela a maioria das pessoas também. Tudo vai esvaziando, como numa cena acelerada de filme lento. Agora os bares estão realmente fechando, passa das quatro da manhã.



Quando começo a me ajeitar para ir embora junto com meu amigo que me deu carona a noite toda, vejo dobrando na esquina um outro amigo meu. Todo mundo conhece ele por "Nego". Junto com ele uma outra colega minha, da faculdade de jornalismo, minha caloura, eles estão ficando. "E aí, bicho, tá perdido? Já tá fechando, mermão", digo. "Estávamos trabalhando", ele diz rindo. Todo mundo ri. A galera que esteve comigo no show e no Toca também conhece ele. "Em Teresina todo mundo já se pegou" é uma frase comum demais se ouvir por aqui. "Rapaz, vacilamos, já estão fechando, e agora?", ele indaga. Todos ficam em silêncio. Tomo a frente e digo que estou indo embora com o Wagner, já que sou carona. Nêgo diz: "Cara, vai agora não, vamos dar uma volta, eu te deixo em casa, vou só deixar ela aqui e vamos pra algum lugar. Vamos no mercado comer uma panelada?". "Aow meu patrão, agora você falou minha língua", respondo. Todo mundo se despede e parto com o Nego e a ficante. Pois vamos lá.

Quando ele a deixa em casa, já são 5 da manhã, os primeiros feixes de luz começam a pressionar a película preta da noite. Vamos no carro ouvindo Racionais MC's. O Nego é muito fã. Às vezes eu tenho impressão que ele só ouve Racionais e Death no carro. Nunca vi ouvindo outra coisa, puxo na memória e não consigo lembrar. Estou cansado. Os olhos começam a puxar. Apesar de ter bebido a noite toda, estou totalmente lúcido. A adrenalina do rolê não permite que fique ébrio. Nego é meu amigo há dez anos, estudamos juntos no ensino médio e desde então sempre estou em contato de alguma forma. Mesmo ele sendo um misantropo e só aparecendo em situações aleatórias como a de hoje. Chegamos no mercado

do bairro Piçarra e a vida já está fervendo. “Vamos ali que eu sei um lugar ainda tem panelada”, ele diz. “Beleza”. Chegamos lá e uma senhora de meia idade loira e com o olho muito azul nos atende. Um rapaz ajuda ela no estabelecimento. “Ainda tem panelada, tia?”, diz o Nego. Ela responde: “Com certeza”. “Bote aqui duas refeições pra nós”, ele responde. O serviço é rápido, em segundos a panelada e a porção de arroz e farinha estão na mesa. Estou com muita fome. Detonamos o prato tão rápido que não dá tempo de conversar. É hora de ir pra casa.

São seis da manhã já, outro dia. Olho meu celular e tem uma mensagem da minha mãe perguntando que horas chego. Vinte e oito anos e ainda hoje ela não gosta de mim chegando de manhã em casa. No carro com o Nego, silêncio. Só o Mano Brown cantando a beleza e as mazelas da vida. “O guerreiro de fé nunca gela, não agrada o injusto e não amarela, o rei dos reis foi traído e sangrou nessa terra, mas morrer como um homem é o prêmio da guerra. Mas ó, conforme for, se precisar, afogar no próprio sangue assim será, nosso espírito é imortal sangue do meu sangue, entre o corte da espada e o perfume da rosa, sem menção honrosa, sem massagem, a vida é loka nêgo, nela eu tô de passagem”. É maravilhoso quando você pode compartilhar o silêncio com alguém. Do mercado para minha casa são 25 minutos de viagem. Nenhuma palavra, nenhum incômodo. Quando a gente chega, desço do carro, pego na mão dele. “Valeu, bicho. Falou”. Ele ri. Em seguida diz o bordão dele: “Noite longa. Esse mundo é grande”.

Domingo

Acordo por causa do calor. A ordem de sentires é essa: calor, cadê o despertador e que dor de cabeça do caralho. Não é um acordar nada agradável. Procuro uma garrafa de água que deixei ao lado da minha cama antes de dormir já no domingo de manhã quando cheguei em casa. Bebo 300ml de água em segundos. Tem uma teia de aranha na minha cabeça. Tudo dói. Uma parte puxa a outra. E o despertador? Não tocou. É domingo. Menos mal, até o momento em que lembro que vou trabalhar mais tarde. É ressaca. Uma daquelas ressacas que você parece ter mastigado algum material radioativo. Na minha cabeça tinha bebido pouco. Nem bêbado eu fiquei. Inocência pura. Tem um peso de 50 quilos em cima de mim. O calor aperta ainda mais. Pego o celular que está em cima da minha mesa de estudo: 11:59. Meio dia. Vamos lá. Tenho um compromisso hoje, já já. Levar meus pais para almoçar fora. Me dirijo até a janela para abri-la, antes desligo o ventilador. Os raios de sol me atingem como espadas finas e mortais. Não é possível. Saio do quarto e encontro meus pais na sala ouvindo música: Led Zeppelin. Meu pai tem um som gigante em casa, que precisa de um suporte com rodinhas para ser carregado. Ele tem mais ciúmes desse som do que do resto da família.



Logo que apareço na sala o resultado as reações são imediatas. “Bora”, diz meu pai. “Calma, jovem”, retruco. “Cana muita hein, menino”, ele diz em seguida. “Sim, noite foi animada”, falo eu sobre o óbvio. “Chegou quase na hora que eu estava indo para o mercado”,

fala minha mãe. “Vou tomar banho, me ajeitar e vamos”, digo. Hoje vai ser um dia em que a primeira refeição será logo o almoço. Faz parte. Vamos almoçar todos juntos em algum restaurante. É uma atividade comum na minha casa, essa dos domingos. Enquanto tomo banho, o som muda. Agora é o reggae raiz do Pancadão Laser Som, um grupo de reggae que toca em bailes do subúrbio. Eles fazem uma excelente prospecção de boas músicas e lançam as compilações em discos que vendem aos baldes em camelôs. Meu pai tem todas as edições, só pedra famosa jamaicana. Bom para cacete. O banho é demorado. Ao sair a sensação é de menos morte, embora a cabeça ainda esteja golpeada por uma estaca de madeira. Dou o “ok” para eles e fico deitado na cama zapeando pelos canais de documentários sobre animais. Paro em programa chamado *Largados e Pelados*. Agora que percebo meu irmão na rede, estudando, na sala que fica do lado do meu quarto. Ele está estudando para o concurso da Polícia Militar do Piauí. Somos bem diferentes, mas nunca brigamos. Não gravemente. De longe pergunto se ele dirige até o restaurante. Ele responde afirmativamente. Ainda bem.

Esse domingo felizmente o restaurante é de minha escolha. Vamos no Pedro da Peixada, onde servem as melhores peixadas da minha cidade, acho. O restaurante fica no centro da zona rica leste da cidade. É caro e vale a pena. Não presto muita atenção na viagem até lá. Ainda não estou funcionando totalmente. Fico calado a viagem quase toda. Só consigo pensar na ressaca e no sol que queima sem piedade o carro 1.0 com ar-condicionado ligado inutilmente no máximo. Quando chegamos, o restaurante está relativamente vazio. Escolhemos uma boa mesa, do lado de fora mesmo (é horrível almoçar com um ar-condicionado gelando sua comida artificialmente), perto de um ventilador. Meu pai pede uma cerveja, oferece pra mim que recuso. Meu irmão aceita. Minha mãe também. A primeira conversa da mesa é sobre o trabalho que vou realizar ainda no domingo, às 17:30h. Vou trabalhar como fotógrafo do JUNTA, um festival internacional de dança contemporânea que acontece em Teresina há três anos. A cidade é referência em dança contemporânea, o festival é um dos melhores eventos culturais que temos. Esse ano felizmente fui chamado para fotografar. O primeiro espetáculo acontece às 18 horas no Parque da Cidadania. Depois a programação retorna na quarta-feira e vai até o domingo próximo. Fui contratado para fotografar os espetáculos da tarde e noite. A programação está excelente. Estou muito ansioso para ver sobretudo o Pindorama da Lia Rodrigues. O de hoje é também de uma coreografa que já conheço e gosto bastante: Michelle Moura. O nome do espetáculo é *Coreografia de Estudo* #1. Quem tem contato permanente com as manifestações artísticas culturais da cidade certamente conhece vários espetáculos de dança. É um segmento forte aqui.

Depois dessas explicações, o papo continua focado na minha pessoa. Conversamos sobre a possibilidade de ir morar sozinho. Minha mãe diz não acha bom que isso aconteça. Ela fala em tom de brincadeira. Meu pai ironiza: “É bom mesmo vocês arranjarem logo o caminho de vocês porque eu e a mãe de vocês vamos embora para a praia quando eu me aposentar. Faltam alguns anos”. Digo a eles algo que já sabem: “Só não saí ainda porque pretendo ir embora para fora, tô juntando grana”. Tenho vinte e oito anos. Não é uma idade avançada. Existe muita pressão boba sobre sair de casa cedo. Acho que a gente tem que sair quando tem a oportunidade. Em casa meus pais me ensinaram desde cedo a ajudar e a trabalhar para pagar as próprias contas. É um ambiente confortável para mim, embora muitas vezes sinta falta de uma privacidade mais compulsória. Meus pais também não fazem pressão. Minha família é uma exceção. Sofro poucas pressões sociais. A maioria dos meus colegas têm histórias de relatos ruins com relação ao peso familiar. É uma característica contemporânea, que se intensifica nas micro relações locais, acredito.

E o papo gira. Meu irmão e meu pai ficam contando causos familiares. Ouço com atenção, mas não é um papo que me apeteça seriamente. Sou o mais discreto da casa, da família. Depois a conversa volta para esportes. Sempre conversamos sobre esportes. Em casa todo mundo é flamenguista, por exemplo. Minha mãe explica um pouco sobre como anda o campeonato nacional de voleibol. Ela e meu pai são viciados em assistir os jogos da liga. Obviamente a conversa volta para o tema Flamengo. Tem jogo hoje, às 16h. O time precisa ganhar para ensaiar alguma recuperação. Quando esquecemos da existência dele, a fome parece ter desistido, a refeição chega. Dois pratos: peixe à escabeche e filé de peixe ao molho de camarão e caranguejo. Arroz branco, pirão e uma jarra de suco de laranja. Como muito. E os efeitos são imediatos. Primeiro me sinto muito cheio e saciado. Depois a dor de cabeça magicamente passa. Após a refeição meu pai ainda pede a saideira. Enquanto ele toma, conversamos sobre uma viagem que eles querem fazer para Camocim no Ceará. Acho que é para lá que eles pretendem se mudar quando meu pai aposentar. Minha mãe também já está em processo de pedir a compulsória. Tenho um tio que largou a vida em São Paulo para morar lá. Um dia foi passar férias e nunca mais voltou. É um lugar que me agrada muito também. Pura paz e mar. Sou um total incentivador dessa empreitada deles. Merecem. É um fato comum da família: todos gostamos de praia. Minha mãe é natural de Parnaíba, a cidade litorânea daqui. Minha vida se mistura com as férias sucessivas que passamos lá na minha infância e adolescência. Digo a eles que se conseguir adiantar serviço do mestrado até eu posso ir nessa viagem daqui uns meses. Uma auto-ilusão: sei que não vou adiantar trabalho

nenhum. Pagamos a conta, para o garçom de sempre (é impressionante como sempre ele que nos atende), e é hora de voltar. Missão almoço concluída com sucesso.



Já em casa, depois de voltar dirigindo, não há outra escolha senão dormir. Ligo o ar-condicionado. Me deito na cama e apago instantaneamente, mas não sem antes colocar o

despertador para as 16 horas. Fugi desse tormento pela manhã mas não escapei à tarde. Felizmente acordo uns 15 minutos antes dele despertar. Acordar para trabalhar todos os dias é que o problema. O tempo que tomo mais um banho é o tempo que começa o jogo do Flamengo na Globo. Um dos programas que mais faço nas tardes de domingo: assistir o futebol. Hoje é uma exceção. Só vou assistir um tempo. Depois tenho o trabalho no Parque da Cidadania. Enquanto o meu time perde carrada de gols, vou fazendo um check up do meu equipamento fotográfico. Infelizmente faz um tempo razoável que não trabalho com algo mais criativo. Última vez foi no ano anterior, quando produzi um trabalho fotográfico sobre *street dance* para a disciplina de antropologia visual no mestrado. Curioso, uma vez que minha experiência na academia beira o estéril. Apesar de sempre trabalhar e produzir trabalhos de cunho criativo, a sensação de poda nunca deixou de pairar sobre minha cabeça. Ademais, se você não investir totalmente numa carreira artística, o que não é meu caso, já que faço muito trampo comercial, o mercado de trabalho te engole. Talvez seja a mesma situação dentro da universidade. Às vezes sinto que vou cansar.

O primeiro tempo do jogo termina sem gols e eu já estou pronto para partir. São dez para as cinco da tarde e o sol ainda insiste em não diminuir a intensidade. Ao contrário da minha ressaca, o bom almoço, o cochilo e os vários banhos reflexivos me deixaram quase sem mal-estar. Acho que estou pronto para trabalhar. Acho. No carro vou fazendo minha atividade de todos os dias: ouvir música. O disco escolhido é o novo da banda de *black metal* norueguesa Satyricon. O nome do álbum é *Deep Calleth Upon Deep*. A primeira audição é excelente. O início da minha vida musical é como *headbanger*, na adolescência, quando aprendi a tocar violão pessimamente e depois migrei para o contrabaixo. Nunca deixei de ouvir *black metal*, um dos subgêneros do *heavy metal* que mais gosto. Apesar de ter me afastado bastante desse universo criativo. Ainda assim, continuo acompanhando sites de notícias e eventualmente ouço os discos recentes. Esse disco novo do Satyricon inclusive é uma grata e rara surpresa, os riffs são maravilhosos. Acho que vou ficar ouvindo por um bom tempo. Tão bom que mal pisco e já estou estacionando no local de chegada.

O Parque da Cidadania era uma promessa política das mais antigas que me lembro. Um espaço imenso próximo a uma das estações de trem semi-utilizáveis que temos aqui, prometido como futuro parque. Em 2016, por algum motivo, a construção finalmente saiu. O resultado foi bastante satisfatório, uma área imensa, verde, bonita, agradável e confortável. No meio do centro da cidade. Uma iniciativa óbvia, simples, que muito deu certo num lugar que carece brutalmente de espaços de convivência coletiva. Não temos praia, não temos muitos

pontos turísticos, construir parques, muitos deles, seria no mínimo uma preocupação política constante e necessária. Mas não, sempre que qualquer trabalho desse emerge é com status de exceção e de grandiosidade. A mesquinharia política local não dá descanso.

Não tem uma só vez que eu vá no Parque que ele não esteja lotado. As pessoas usam realmente. Famílias com seus filhos e cachorros, jovens ostentando seus visuais da moda, casais tirando fotos, esportistas, pessoas que não são da cidade, pessoas da periferia, galera dos rolezinhos. É uma multiplicidade bonita. Mesmo que muitas vezes os guardas locais ajam com muita estupidez com relação a qualquer suspeita de indivíduo que esteja lá consumindo algum ilícito. E olha que o Parque em si é simples em termos de estrutura, tem várias áreas abertas para prática de exercícios e piquenique, um lago bem pequeno e tímido, dois quiosques (sendo um desses voltado especialmente para o público alternativo, pois é de propriedade do coletivo Salve Rainha) de bebida e comida, um anfiteatro bem grande, uma pista de skate e uma fonte cafona. Para um espaço tão grande, é uma estrutura honesta. Apesar de tudo, a atmosfera lá é de paz. Sempre penso na possibilidade de lugares assim na periferia. Teresina precisa demais.



Vou caminhando até a área próxima à entrada via avenida Frei Serafim, a principal rua

da cidade. A nossa Avenida Paulista. Próximo da fonte desnecessária e cafona. É lá que vai ocorrer a apresentação de abertura do JUNTA. Antes de chegar no esperado, encontro um *brother*, o Jacob, é um dos diretores do Junta. E foi também ele que me contratou para fotografar o festival. A festa que organizo acontece no espaço que ele cuida, o Balde. É de lá que nós nos conhecemos. Ele vem na direção contrária à minha, no rápido encontro ele diz que a equipe toda está reunida embaixo de uma árvore mais à frente. Chegando lá, uma grata surpresa. Encontro uma amiga de longa data. A tia Josy é a mãe de uma grande amiga do curso de jornalismo na universidade federal. A minha amiga foi embora para Portugal e aqui em Teresina ficou a amizade com a mãe dela. Ela é diretora da Casa de Cultura de Teresina. Na ocasião ela está trabalhando como uma das produtoras do festival. Ótimo para mim. Trabalhar com ela é sempre sinônimo de segurança.

Após o abraço apertado e o compartilhamento da surpresa de ambos, sentamos embaixo da árvore, na grana, e começamos a conversar. Tia Josy é a personificação da educação. Ela pergunta como eu estou. Digo que ainda ocupado como minha pesquisa. Ela é uma das minhas informantes. Ela conta um pouco sobre o atual estado da Naruna, minha amiga e filha dela. A conversa se desenrola fácil. Somos dois tagarelas. Pergunto como está indo na Casa da Cultura. Ela faz as reclamações de sempre: a politicagem e a falta de sensibilidade sufocam em excesso o fomento de cultura local. Ela aproveita as críticas para dizer que quer tentar mestrado em antropologia pensando num projeto que contemple uma análise mais sensível do institucionalismo na cultura local. Eu digo que é o ideal, pois ela tem muito conhecimento e sistematizar isso pela prática antropológica pode gerar um excelente arcabouço de conhecimento sobre a cidade. “Tia, a gente realmente precisa de pesquisas que se voltem para nossas ansiedades e inseguranças”, relato. Aproveito o ensejo para afirmar que a ajudo no que for possível. Principalmente prova e projeto. A conversa continua fluindo sempre por esses temas mais sérios. Determinado momento ela comenta sobre um dos acontecimentos mais triste da cidade nos últimos meses, o assassinato do idealizador do coletivo Salve Rainha: Júnior Araújo. Júnior morreu junto com o irmão no dia da inauguração do Parque da Cidadania, quando depois de muito insistir, ele conseguiu um espaço (o café quiosque) institucional para a alternatividade local. Na ocasião, o carro em que ele estava foi brutalmente colhido por um outro carro que ultrapassou o final fechado em alta velocidade. O motorista estava bêbado. O tema surge porque dias antes uma liminar tinha estabelecido que o assassino iria a júri popular. Menos mal. Júnior era um amigo e parceiro. Já tinha feito fotos da minha banda para o jornal impresso e o irmão dele, Brunão, também morto, era meu

parceiro de basquete dos sábados. A minha banda também tocou duas vezes nas primeiras edições do Salve Rainha. A vida é cheia de conexões inesperadas.

O papo é interrompido por uma ligação que Josy recebe. Ela precisa ir dar assistência ao pessoal da peça que se aproxima. Aos poucos toda a equipe do festival se aproxima. Encontro a moça que vai ficar responsável por coordenador o setor de mídia, segmento que eu me incluo enquanto fotógrafo. O outro fotógrafo é meu parceiro antigo de clubes de fotografia. A rede está totalmente estabelecida. Ela me passa a metodologia de trabalho. É simples e livre. Sem muitos segredos. Aos poucos também vão chegando figurinhas carimbadas do espectro artístico local. Porém, a vantagem dos espaços públicos é nunca ficar reduzido a nichos. A aglomeração mínima em si já chama atenção. Então muitos transeuntes do parque já se acomodam ao redor. Eles sabem instintivamente que algo vai acontecer ali. Não precisa ninguém anunciar. Essa é a graça de arte contemporânea em locais públicos: a incerteza.

Chegada a hora da apresentação, quatro bailarinos surgem no horizonte vestido de preto. Uma trilha sonora do além começa a tocar do nada. É um tilintar simples e insistente. Tum tum tum tum. São três mulheres e um homem. Eles já veem do horizonte numa movimentação simétrica e precisa. Se encaminham para um espaço aberto próximo a fonte brega. É lá que vai rolar a apresentação. Me posto sempre em diagonal tentando ver uma cena em que possa criar alguma foto inesperada. Os bailarinos vão fazendo movimentos circulares agressivamente simétricos e combinados. São corpos diferentes que ao se movimentar parecem um corpo só. O conceito é matemático, preciso, não tem erro. Tiro uma foto e percebo que o corpo de todos está inclinado no mesmo grau. Pisco o olho e as interferências coletivas começam a acontecer. Talvez já estivessem lá, só agora é que consigo captar. Os transeuntes passam e acham estranho. Outros ficam e começam a admirar. O importante é que todo mundo se afeta de alguma forma, mesmo aqueles que atravessam o espaço sem querer se importar tanto. A trilha permanece insistente. Estou tirando fotos, mas acredito que se olhasse a coreografia com concentração, eu ficaria tonto. É um movimento muito preciso. O silêncio é interrompido por uma figura conhecida do parque: um senhor que anda na sua bicicleta com uma caixa de som. O velho tem ótimo gosto musical. Primeiro passa ao som de Faith no More. Depois Tears for Fears. Depois Legião Urbana. Percebo que aquele é meu mote fotográfico, trabalhar compondo os dançarinos e o cenário. Logo noto que os dançarinos estão refletidos na água da fonte próxima a eles. É um fim de dia estranho. Ao contrário de quase todos os dias, o pôr do sol não é amarelado, é embranquecido. Ainda assim, um tom lilás

rasga o branco e se impõe nos últimos minutos de luz. A apresentação acaba. As pessoas aplaudem. Foi bonito. Olho rapidamente as fotos e vejo que apesar do tempo sem fotografar esse tipo de espetáculo, o resultado foi razoável. A tendência é melhorar.

Encontro o Jacob novamente e ele diz que vai ter um *after* leve lá no Balde. Eu digo que vou, só preciso separar umas fotos rapidamente para já postar nas redes sociais do festival. Ele me diz que posso mandar lá do Balde, a internet de lá é boa. Nesse meio termo, meu amigo Arthur Doomer aparece lá. Mais alguns conhecidos dão as caras. Enquanto converso com ele, tiro meu laptop da mochila e vou passando as fotos. Pergunto ao Victor, meu parceiro de fotografia se ele vai no Balde. Ele responde negativamente, que tem um trabalho para fazer no shopping. Fotografar uma loja de açaí. "A mais nova praga da cidade", completa. Digo a ele que vou rapidamente, só pra fazer uma média mesmo. Não costumo extrapolar o domingo. Escolho três fotos, trato rapidamente e separo para enviar quando tiver internet. Uma das fotos aparece os performers em uma posição igual, com a sensação de parados e o senhorzinho da bike musical passando do lado em pleno movimento.



Quando chego no Balde já tem uma galera lá. Algumas pessoas de fora que já chegaram pro festival, para as oficinas e boa parte da organização. O Balde fica no Dirceu, é um espaço híbrido, que mistura ambiente artístico para exposição e organização de residências e bar para *happenings* e festas. Há três edições a Afrosamurai ocorre lá, por

exemplo. O lugar é idealizado por ex-integrantes do Galpão do Dirceu, o espaço que foi idealizado pelo Marcelo Evelin e que depois fechou. O lugar é todo estruturado em pallets e ocupa o segundo e o terceiro andar de um prédio onde o primeiro andar é uma farmácia, que fica do lado de uma igreja evangélica. Tudo isso no meio da caótica avenida Joaquim Nelson no Dirceu. Depois de subir a escadaria, encontro de cara o Jacob no pequeno escritório improvisado pelos pallets. Ele tá mexendo em algo no PC. Peço a senha da internet. Quero mandar as fotos logo. Na verdade, estou enfadado. Planejo mentalmente ir embora logo, mesmo com a atmosfera bem agradável. O som já está rolando: Dona Onette cantando Jamburana. Rainha do carimbó.

O bar me chama. Automaticamente me dirijo para perto dele. Compro uma cerveja. Está gelada. Brahma long neck. Por um tempo por ali sozinho, observando as rodinhas de pessoas conversando. Sem muita preocupação. O próprio Jacob encosta. Começamos uma conversa sobre videogame. O cara é tão azilado quanto eu. O papo gira em torno dos possíveis jogos da próxima geração de consoles. Não sei de onde que vou conseguir dinheiro para comprar algo dessa nova geração. Quando a conversa engrena, chegam mais pessoas da equipe de mídia e se juntam a nós. Aí o tema muda automaticamente. Trato com a moça da mídia sobre o fato de já ter enviado fotos para o e-mail do evento e aviso a menina da imprensa (que é minha amiga também) que ela já pode postar alguma coisa. Todas agradecem. A roda de debate continua, com a participação de todos, sobre a programação do festival. Excelente, aliás. O mote geral desse ano é sobre crise, subjetividade e potência. Excessivamente pertinente. Nunca o gosto de fim do mundo esteve tão presente em minha geração. O cenário político e social do mundo hoje é o pior possível. Nunca imaginei que chegaríamos onde estamos hoje, com um boçal deslocado como o Donald Trump no "comando" dos Estados Unidos, por exemplo. Nem *South Park* conseguiria prever algo tão absurdo. A rodinha de conversa permanece. Em determinado grupo estão falando sobre os artistas de fora que vêm ao festival. O papo varia entre a análise de cada um e no tanto que algumas dessas pessoas são bonitas. Mas eu estou desligado. Passo o tempo todo quase que calado. Até porquê sou novato no evento. Não demora muito e decido ir embora. Já passa das 21 horas. Compro a última cerveja e a devoro com sede, enquanto a conversa empolgada continua sobre a semana que virá. Semana que aliás, só vai ter o JUNTA de atração. Nada mais. "Pelo menos vou assistir as peças já vou tá trabalhando", penso em um raro momento de racionalidade. Capaz de desistir de ir caso fosse apenas espectador.

O enfado chega ao seu máximo e decido ir embora. Me despeço do pessoal. Digo que

a partir de quarta “é nós” e dou tchau. O som continua rolando ao fundo: DJ Cleiton Rasta – Nego é cabeça de gelo. Entro no carro e não ligo o som. Dessa vez vou ouvindo o som da noite. Na verdade, estou com sono. Sinto o cansaço. A ressaca parece que ainda está dentro de mim. Foi uma semana um tanto quanto atípica. Talvez nem tanto. Às vezes não existe nada para fazer além de ter que trabalhar para ganhar algum dinheiro e estudar para conseguir o tão esperado título de mestre em Antropologia. Às vezes ocorrem tantas coisas ao mesmo tempo que a gente nem vê a vida passar rapidamente. Não tem como controlar esses acontecimentos, aliás. Não são esses os pensamentos que povoam minha cabeça antes de dormir no domingo. A noite é silenciosa. O barulho do carro e do vento ficam pequenos perto do silêncio imponente da noite de domingo. Diferença e repetição. Chego em casa e só quero dormir. Antes, porém, é preciso reprogramar o despertador: 7:00. Lembro que tenho médico bem cedo na segunda. Dermatologista marcado há séculos. “Você tem sete horas e dois minutos até que se alarme dispare”, me avisa o maldito. Cabeça no travesseiro. Antes de dormir, um único flash: amanhã tem trabalho. Amanhã tem de novo.

Segunda-feira

O despertador toca feroz.

3.5 Os encontros, os lugares, a experiência biopolítica e o corpo alternativo

Sempre que penso em como apresentar as opções de vida alternativa para alguém que não conhece Teresina, me vem a ideia do rolê. Uma ida qualquer para um lugar que seja. Às vezes com intenção definida, às vezes sem. E tendo a deriva como vento norteador. Talvez seja a forma mais viva de sentir como os corpos se espalham em busca de um espaço possível. É uma briga, no sentido biopolítico, de existências que lutam para sobre-viver enquanto corporeidade possível e singular (PELBART, 2017). Principalmente se falo de uma experiência coletiva. E nisso, um símbolo aparece impoluto: o bar no centro da cidade. Pensar numa arquegenealogia de uma ética alternativa é ter que necessariamente partir desse símbolo. E não se trata do mais importante, não se trata de uma hierarquia. O tema, porém, é constante e inevitável, primal. No diário cultural da urbe, existem muitos casos de bares do centro como pontos de fomento a alguma atividade referente à arte e cultura. Numa cidade com forte carência de espaços de convivência coletiva e de pontos turísticos, os bares

terminam por se espalhar em todas as zonas e vielas da cidade, atendendo a quase todos os públicos e formas de existência. Por isso a prática do rolê é tão vital e visceral.

Me lembro que assim que comecei a tocar um instrumento musical, ainda na adolescência headbanger, um bar era minha principal referência, mesmo com tantas bandas e músicos para se espelhar. O bar Palmares. Inclusive, o primeiro show de rock que fui na vida

foi lá. Despedida da banda Monasterium, lendária (a minha banda de metal preferida da cidade até hoje), no longínquo ano 2000. Eu tinha 11 anos, meu pai me levou. Logo após isso, ele fechou. Aliás, essa é uma outra característica: a maioria dos lugares dedicados ao espectro alternativo não dura muito, encerra as atividades. Se os nomes mudam, no entanto, os rostos permanecem os mesmos.

Ainda assim, os bares estão por todos os lugares e em algumas zonas da cidade funcionam como complexos de sociabilidades, com pequenos ecossistemas que trocam fluídos entre si. Fora isso, é possível identificar também vários outros pontos isolados espalhados pela malha citadina. No todo, uma disputa incessante por espaço e por legitimidade dos corpos que passam por ali. E aí, o centro ocupa uma importante posição histórica e política, funcionando como um núcleo além da imagem boêmia mais disseminada (esta não é uma etnografia sobre a boêmia, mesmo que ela apareça com constância). Do início do século XX até os dias atuais, a área que envolve a Praça Pedro II, a Central de Artesanato Mestre Dezinho (que foi uma espécie de base militar durante a ditadura), o Cine Rex (cinema que se encontra fechado atualmente) e o Centro Cultural Clubes dos Diários é de grande importância para a efetivação dos encontros alternativos. Trata-se de uma característica historicamente herdada, já que o complexo é considerado o principal ponto de encontro da elite intelectual da capital. Mas não só.

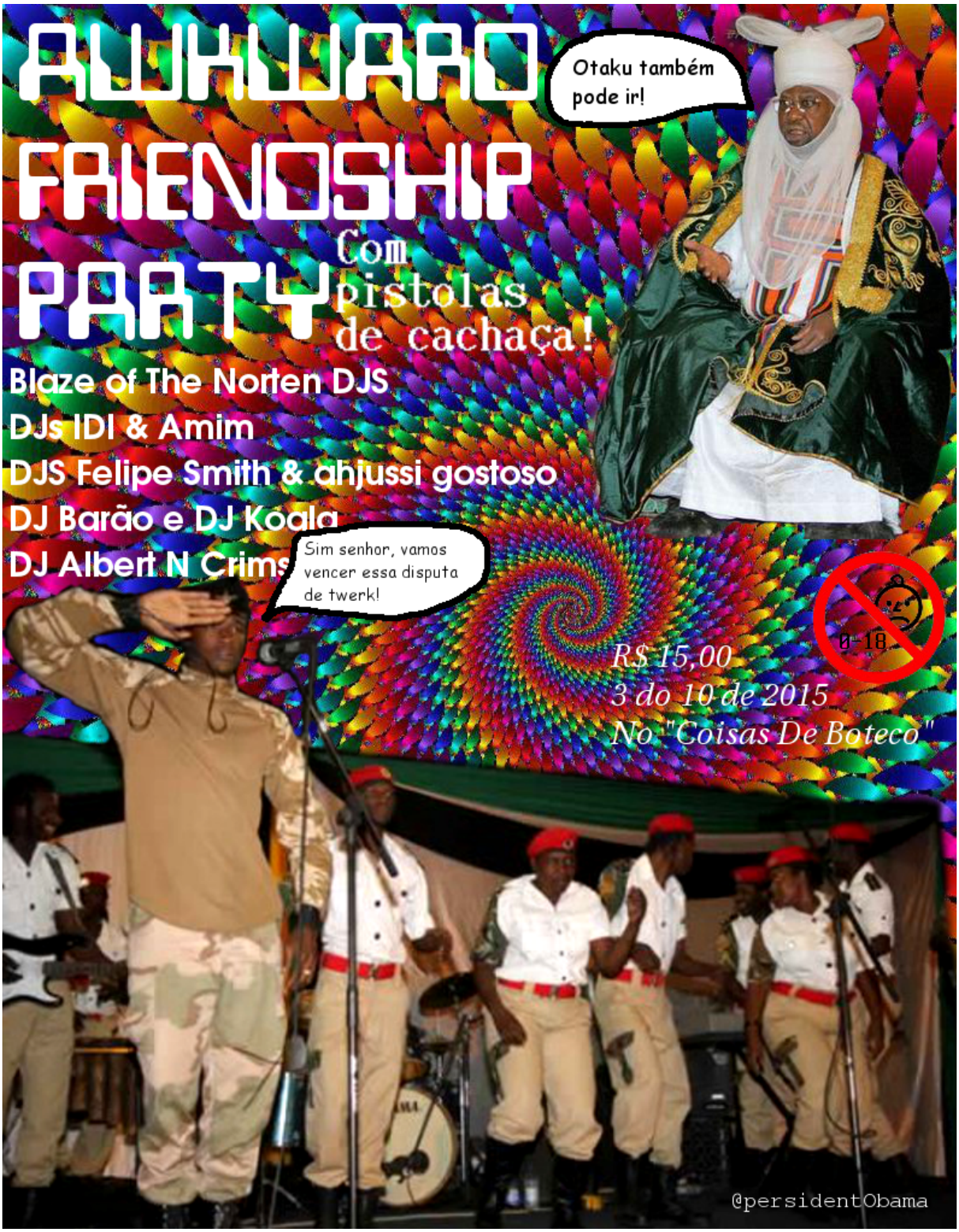
Por não ser revitalizado, o lugar tem uma atmosfera de decadência, embora seja quase que permanentemente habitado. Os lugares são ocupados por todos os tipos de pessoas: flanelinhas, prostitutas, trabalhadores do comércio, hippies, poetas, estudantes de colégios das redondezas, punks, bichas, batedores de carteiras, ambulantes, bêbados e mais um número sem igual de existências possíveis. Para mim, é uma espécie de lar. Por ser do subúrbio e ter estudado no centro quase que a vida inteira, sendo obrigado a passar por grandes períodos no próprio centro (saía de casa de manhã e só voltava a noite após o reforço escolar), circular pela Praça Pedro II me fez conhecer com intimidade essa realidade. Parte considerável da minha memória afetiva e corporal provém de tal contato com o centro da cidade. Nessa época, já sentia como a pesada mão do estado capital controla os corpos do que julga serem impróprios para a estética citadina. Não raro vi polícia espancando morador de rua, levando "de menor" ocioso das praças, denúncias descabidas contra trombadinhas, playboy sem nenhum respeito em carro importado caçando prostitutas e um sem igual de situações desconfortáveis. E eu não era nem maior de idade ainda. Um clichê dos centros urbanos. Mas um clichê real e vivido. Não à toa a revitalização do centro (ou, pelo menos, a sua ocupação

noturna) é uma bandeira de luta permanente de muitos que militam por cultura no estado.

Ainda hoje as criaturas mais comuns a perambular por lá são da vanguarda cultural do estado, principalmente figuras do teatro. Ademais, também é muito fácil enxergar jovens estudantes que passam os seus dias vagueando pelas ruas vazias do polo comercial de Teresina (meu caso no passado), alguns hippies que passam temporadas instalados nas praças e transeuntes diversos que estão ali para tomar uma cerveja no fim do dia. Tomar uma cerveja por lá, inclusive, ainda é uma das minhas preferências de happy hour, mesmo depois de tantos anos convivendo e circulando. Bebida e tira gosto razoável, paz e tranquilidade de um lugar abandonado e vivo.

Além do Clube dos Diários (fica nos fundos do teatro), que é também um bar, no espaço entre o teatro e o Cine Rex também existe um outro bar (Café Art Bar). Trata-se de um bar com a cara alternativa de Teresina, no formato boteco, com as mesas do lado de fora na calçada da Praça Pedro II e um pequeno espaço interno com banheiro. Talvez seja o que restou de memória do Cine Rex, o primeiro cinema da capital, que depois de fechado já foi uma casa de show de sertanejo e, pasmem, uma filial de igreja evangélica. Hoje, abandonado, existe uma proposta de transformá-lo num museu da imagem piauiense. Até agora nada, como esperado. Talvez nunca saia do papel.

No Café Art Bar ocorre um evento às terças chamado Terça Instrumental com uma banda de música instrumental tocando e improvisando. É muito bom, os meninos tocam muito. Às vezes também tem roda de samba (que também pode acontecer no coreto da praça, é o Samba no Coreto, e a banda de samba é de um ex-professor meu de música). De vez em quando a calçada do bar é palco para um evento do tipo sarau e feirinha de livros. É um espaço aberto, com muitos elementos a serem explorados visualmente. De lá dá pra ver a Igreja São Benedito, no fim de uma das menores ruas do mundo, a Higino Cunha. Sempre me impressiona como venta ali naquela redondeza. O vento é um artigo raro e caro ao teresinense. Nesses lugares, o corpo e o encontro alternativo são respeitados com ressalvas, uma vez que não é incomum ver eventuais tumultos causados sobretudo pelas intervenções capengas da polícia militar. É uma paz vigiada. O vagabundo não pode viver em paz.



Mas o centro em si não se resume aos metros quadrados do entorno do teatro. Pelo contrário. Ainda que ele seja esvaziado após o período comercial, alguns lugares eclodem como pontos em que se registra alguma vida outra. A poucos quilômetros dali, na Rua Lisandro Nogueira, num misto de área residencial e comercial, existe o Heaven, que é um pub

minúsculo no formato inferninho, voltado para o público LGBTQ underground. Embora as festas que ocorrem lá não sejam necessariamente reduzidas a esse universo. Ser bicha em Teresina é carregar um pesado estigma do relegado ao underground, infelizmente. E ainda.

O Heaven é um lugar bem pequeno, comporta no máximo 50 pessoas, mas dispõe de uma estrutura própria e trabalha com uma boa constância de festas, quase sempre com DJs. É de fato um pequeno inferninho gay no meio do centro da cidade, a única boate que sobreviveu de várias que existiam há alguns anos. O Mercearia Pub Bar, um primo jovem do Heaven, localizado na Praça João Luís Ferreira é um dos exemplos. A boate ancestral, contudo, que só existe nas minhas lembranças, uma vez que fechou as portas antes que eu começasse a frequentar a noite underground, foi a Pride. A Pride é do tempo que quando o nome pub ainda não era a moda entre os estabelecimentos. O Heaven hoje resiste. Sobreviveu inclusive a um desabamento. Os simpatizantes ajudaram com doações e o local foi reformado. Por vezes, quando quero me esconder do mundo, vou ao Heaven tomar uma cerveja e ficar do lado de fora sentado na calçada observar as criaturas da noite perambularem, enquanto as batidas pulsam lá dentro do inferninho. O mais interessante é que quase sempre encontro um conhecido nessas incursões.

Ainda no centro, deslocando-se mais alguns poucos quilômetros ao norte, temos no final da Rua 24 de Janeiro dois bares que estão concentrando parte considerável do público alternativo atualmente: Pub 24 e Toca do Plácido. Ambos estão desenhando uma ocupação constante nos entornos, junto ao Restaurante e Bar O Pernambuco, esse de aspecto mais normativo embora não decisivo, que fica numa rua paralela e funciona 24 horas. O Toca do Plácido é uma espécie de franquia, existe um outro em Fortaleza, e tem todo o formato de um boteco para quem procura algo diferente de um boteco local padrão. Vende cerveja litrão, tem espaço mais reservado, área na calçada e tem como principal diferencial a música: toca Otto, Criolo, Caetano Veloso, Gil e outros. São pouquíssimos os botecos em Teresina que carregam essa característica. Por isso o sucesso. Em frente ao Toca existe um bar LGBTQ (o PUB 24), que já existia antes, e que só cresceu com a chegada do Toca do Plácido. Hoje ambos funcionam conurbados, em sintonia e simbiose. Os dois bares são bem usados como esquenta ou estica dos rolês.

Recentemente o Toca do Plácido foi vítima da política brutalizante institucional da cidade. Algum juiz fechou o bar alegando que ele ocupava calçadas privadas sem alvará de funcionamento. Parece uma medida óbvia, se não fosse uma exceção. Dezenas de outros bares espalhados pela cidade possuem as mesmas características, mas como trabalham com

públicos normatizados, não são fechados e nem importunados pelo poder público. Houve reclamação civil, por exemplo. Só o péssimo gosto do judiciário loca. É uma prática reincidente. O bar, no entanto, foi reaberto com um espaço interno maior, para se "adequar" a falsa recomendação jurídica. Ainda não fui lá desde tal mudança.

Além desse pequeno ecossistema tríptico, Toca, Pub 24 e Pernambuco, pelo centro vários outros botecos mais genéricos se espalham sempre abrigando visitas e circulações variadas. Essa é uma das características da alternatividade, aprecia explorar o que se pode. Existe uma política desejante em torno da necessidade de descobrir o simples e o comum, de fugir dos aspectos mais burgueses (mesmo que muitas vezes os mesmos aspectos burgueses apareçam em outras situações). Alguns outros lugares também no centro são importantes, mas estão com pouca ou quase nenhuma atividade. O Núcleo de Artes Vapor Barato funciona num estacionamento e abre para festas faz algum tempo. Da última vez que pisei lá foi num evento com grupos de hip hop do interior do estado. Com cerveja Antarctica latinha barata. O Memorial Zumbi dos Palmares, este sendo um espaço institucional, foi reformado recentemente e desde então está com as atividades públicas tímidas. Era um dos bons e poucos lugares na cidade onde se poderia comer um acarajé nas sextas. Todos ficam no centro da cidade.



Atualmente, um caso particular tem se sustentado com uma proposta bem contemporânea de alternativa possível. O Tomato Gastronomia e Cultura fica na Rua

Desembargador Freitas, há aproximadamente um quilômetro e meio da Praça Pedro II. É um restaurante vegano que também tem uma galeria de arte acoplada em suas instalações. Atualmente o Tomato tem se preocupado também em produzir shows e eventos de bandas indies e de artistas da nova MPB, inclusive com atrações nacionais. É uma grata surpresa, principalmente por ocupar o centro vazio da cidade. O restaurante ainda não fez aniversário nem de um ano de funcionamento. Minha banda, que quase não faz mais shows, está com um show um agendado lá para daqui três meses. Acho que vai ser bom.

Mais deslocado rumo a zona leste mas ainda no centro, num eixo de passagem entre zona sul, leste e centro, existe um outro complexo de bares e boates (por isso falei da dificuldade em criar categorias específicas de pontos de encontro, já que muitas vezes são lugares híbridos). Esse complexo é declaradamente mais voltado para o público LGBTQ, envolve duas boates (Reserva e Nordx) e um boteco (Santo Libre). Ficam todos no entorno dos bairros Cristo Rei e Monte Castelo, que são bairros vizinhos. Existe uma terceira boate que foi fechada há pouco tempo: Red. A Nordx é uma das melhores boates da cidade e declaradamente voltada para a comunidade gay. Tem espaço para mais de 500 pessoas e uma infraestrutura única. Seu funcionamento é cadenciado, apesar de constante. Por lá já passaram shows como da MC Mayara e da Karol Concá (eu fui em ambos), que levaram muitas pessoas de grupos diferenciados. Há alguns quilômetros da Nordx fica o Reserva Pub, uma boate minúscula que funciona como uma espécie de anexo da Nordx, que por ser muito grande nem sempre opera com força total. O Reserva Pub é um dos pontos de encontro alternativo de maior sucesso na cidade. Tem público leal e constante. Lá ocorre uma das festas mais legais dos últimos anos: Ruserva. Trata-se de uma festa espetáculo com batalha de *lip sync* só de *drag queens*. É um acontecimento. O nome é em referência ao reality show de drags *RuPaul Drag's Race*. O próprio RuPaul já foi alertado por fãs da festa na internet e demonstrou carinho pela homenagem.

> Então surgiu a Sintética Festa, que abriu espaço pra muitas outras pessoas que estavam começando a experimentar a arte drag desde então. Mas com o nascimento do Ruserva (festa mensal que acontece no Reserva Pub e já está em seu segundo ano de funcionamento), todas as outras drags e pessoas que desejavam ser, tiveram um espaço seguro pra iniciar. Quando eu comecei não haviam muitos espaços para a drag existir. Hoje podemos assistir pelo menos duas drags por semana. Isso é incrível! (EVOLET, 2017).

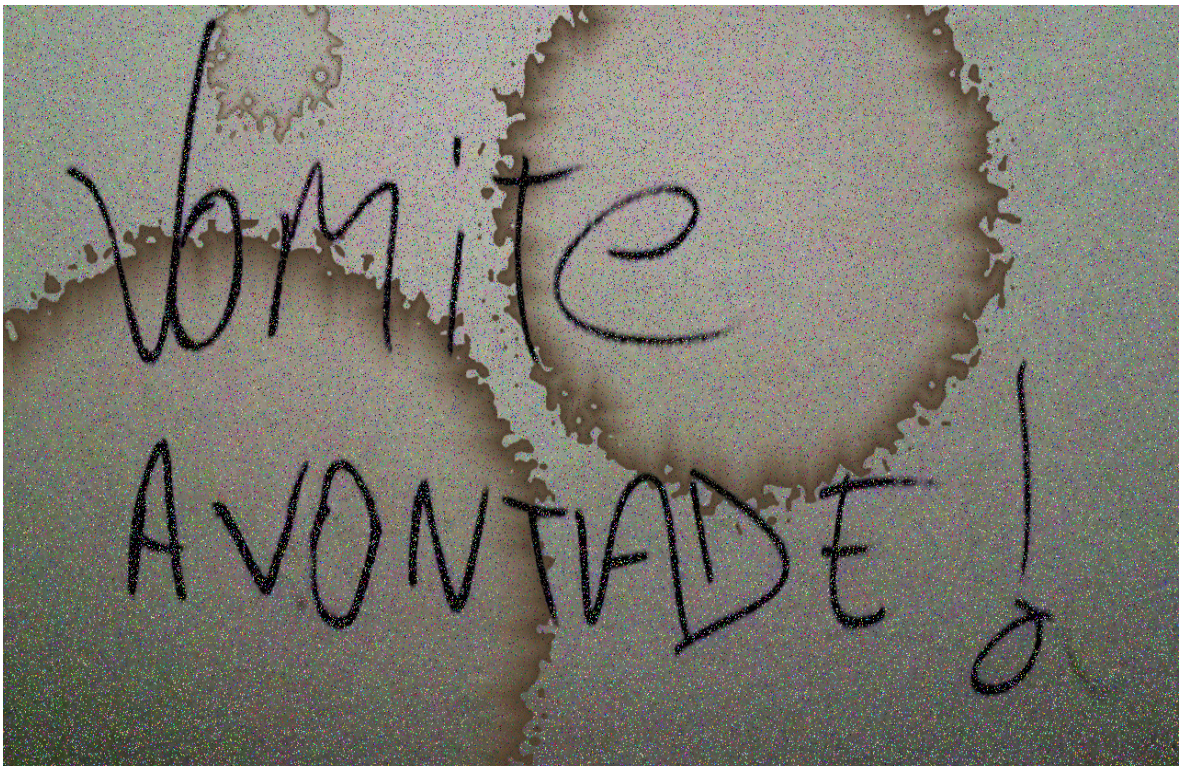
Em acontecimentos como o Ruserva, a batalha do corpo fica ainda mais clara. As pessoas querem existir de alguma forma, da forma que desejam. Os nichos aí são essenciais, principalmente considerando a dura forma como a realidade banal se formata, tentando sugar

a geração de diferença. Os próprios relatos funcionam como formas vivas independentes, como no caso dessa jovem transformista local:

> Temos vivido tempos sombrios e assustadores. Muitos de nós já desistiram de viver, outros se sentem perdidos ou até anestesiados em meio ao grande mar da vida… A mensagem que preciso deixar é que sim, há beleza e há motivos de sobra pra viver, pra sorrir e pra continuar nadando. Às vezes só precisamos abrir a janela, mas em outras precisamos trocar de casa. Às vezes de cidade. O importante é não desistir e sempre buscar a felicidade, esteja ela na arte, na medicina, no academicismo… Procurando a gente acha. As respostas pros nossos dilemas somos nós quem temos. Decifrem a si mesmos! (VASCONCELLOS, 2017).

Além das duas boates, um outro lugar onde circula público LGBTQ alternativo é no boteco Santo Libre, que fica cerca de uns 500 metros da Nordx. É um barzinho aconchegante, que rola música pop, vende hambúrguer e às vezes faz promoção de caipirinha dobrada. Sempre se vê por lá rostos conhecidos, principalmente da noite LGBTT. Muitas vezes o lugar serve como esquenta para as festas que ocorrem no Reserva ou na Nordx.

Além desses dois complexos, existe um terceiro, na zona leste, maior e ainda mais complexo e descontínuo, já que fica numa zona mais rica e comercialmente mais variada. Nele emerge uma alternatividade diferente das que são visíveis no centro histórico da cidade e em torno da Nordx. Ainda assim, não é possível dissociá-las, uma vez que o fluxo de pessoas pode passar pelas três áreas ou não. Eu mesmo já fiz isso. A Avenida Nossa Senhora de Fátima é uma das principais avenidas voltadas para o lazer normativo na cidade, encostada no centro educacional da cidade: Universidade Federal do Piauí. Apesar da série de restaurantes e bares que abrigam um público mais generalizado, alguns poucos lugares reservam espaço para o público alternativo. Um deles é o Thepósito, que funciona onde existia um outro bar chamado Budega (perdi as contas de quantas vezes o lugar já mudou de nome). O Budega fazia festas de cunho pop rock, para grande público, mas que agregava outros públicos porque no entorno dele a maioria dos lugares é voltada para público sertanejo e de forró. A disputa por uma condição ética é tão marcada nesse exemplo que as pessoas ocupam a calçada com total liberdade assim como o Toca do Plácido e nada de intervenção nenhuma do poder público.



Postado rua mais distante da Nossa Senhora, o Planeta Diário é um pub também com estrutura de rock bar. Lá também ocorrem sucessivas festas de rock de bandas independentes alternativas e, principalmente, de grupos de música cover. É um pub que já possui vários anos de funcionamento, sendo um dos poucos que resiste à insistente tendência de lugares que abrem e fecham com meses ou alguns anos de funcionamento. Atualmente venho acompanhando o uso do Planeta Diário para alguns *happenings* de hip hop. Uma conhecida do bairro do Dirceu certa vez se queixou que o segurança do lugar acusou ela de vender drogas ilícitas lá dentro. O organizador do evento comentou que depois disso talvez a festa não seja mais organizada lá.

Mais próximo da Universidade Federal do Piauí, funcionam alguns bares que conservam as características do Thepósito e do Planeta, mas se diferem por focarem mais nas criaturas que habitam a universidade. Por isso são lugares mais tolerantes. Um dos mais famosos e também antigo é o Orelha de Van Gogh. Um botequinho aconchegante, pequeno e que toca música latina. O Orelha é quase que predominantemente ocupado por um público universitário que sai da instituição para fazer *happenings* lá. O Orelha também já existe há vários anos e se apresenta como uma exceção. Ele fica colado a um posto de gasolina com uma loja de conveniência 24 horas, chamada de Select, que também é ocupada rotacionalmente por diversos grupinhos de jovens e transeuntes que passam por ali vindo de

outros lugares. É uma cena comum: vários carros, cada um tocando um gênero de música distinto, e as pessoas ao redor ouvindo e indo ao Select comprar bebida e cigarro.

Recentemente o Orelha ganhou a companhia de mais dois bares que estão há poucos metros e também ficam na entrada da Universidade Federal do Piauí: Sauvage Bar e o Marverick Pub. Trata-se de dois estabelecimentos que são vizinhos, com estilos de funcionamento semelhante, porém algumas diferenças cruciais. O Marverick é mais tradicional, só toca rock e os garçons estão vestidos com roupas sociais. O que é particularmente um problema se considerar que a proposta do bar é ser universitário. Isso fora o calor que a própria cidade ostenta durante o ano inteiro. Esse é mais um dos tradicionalismos estéticos bobos da cidade.

O Sauvage também traz as mesmas características visuais típicas de um pub moderno de rock. Porém, os garçons usam camiseta e bermuda, os preços são mais baratos e recentemente o local passou a tocar uma variedade maior de gêneros musicais, principalmente focando no hip-hop. Fato de raridade na cidade, já que rap tem muita visibilidade na periferia. Como o estilo hoje se tornou um dos mais tocados do mundo, com muito público, principalmente jovem, é inevitável que isso fosse acontecer em determinado momento (por isso a festa ocorrendo em um lugar como o Planeta Diário). A capacidade de rotação de sujeitos nesses bares é infinita. Passando algumas horas por lá num *happening* qualquer, é possível perceber o quão difícil e errôneo é a tentativa de um mapeamento qualquer sobre uma alternatividade em Teresina. Esse tipo de situação que fez este presente trabalho tomar os rumos que tomou. Mesmo assim, em termos de tolerância política, estabelecimentos como o PUB 24 e o Toca do Plácido estão bem à frente, até pela história de como foram ocupados e apropriados.

Adentrando nas partições da Universidade Federal em si, a figura vai mudando de rosto. Numa área residencial do lado de dentro do Campus, existe um boteco que é muito ocupado pelos universitários, sobretudo os mais jovens. O lugar é carinhosamente chamado de Seu Rufino (o dono do estabelecimento). O Seu Rufino é uma quintada que vende cerveja e vinho. Também muito ocupado por alguns aposentados locais que passam o dia jogando damas e bebendo cachaça. Lá é possível comprar biscoito e vinho barato. Ir ao Rufino consiste numa espécie de ritual universitário acadêmico, sobretudo entre os alunos dos centros de humanidades. Às vezes ocorrem festas e calouradas na calçada do Seu Rufino. Recentemente o espaço tem sido parte de uma disputa política que envolve exatamente a tensão do fator tolerância e igualdade. Ao lado do Seu Rufino, reabriu um antigo espaço

alternativo teresinense chamado Centro de Artes Boemia. O Boemia foi durante muito tempo um espaço central da alternatividade teresinense, tendo existido em vários lugares diferentes, chamando pessoas e promovendo ações e artistas independentes. Inclusive influenciando muitos outros espaços que surgiram posteriormente. O primeiro show que fiz na vida, com uma banda de metal, aos 15 anos, foi lá, quando o estabelecimento ficava próximo da Praça João Luís Ferreira. Acontece que o lugar fechou por anos e reabriu recentemente. Só que hoje o dono do lugar, idealizador, tem nas costas várias acusações de abusos e violência contra mulheres. O Boemia então tem sido sistematicamente boicotado pelos frequentadores e jovens, sobretudo que também ocupam o Rufino. Eu não pretendo ir lá também, apesar de toda a importância histórica do nome.



O outro bar, esse é mais jovem, que também tem ocupado bastante o cotidiano dos estudantes é o Tinindo & Trincando. Fica há alguns metros do Seu Rufino e é menos rústico. E continua seguindo o padrão dos botecos mais legais daqui: espaço interno pequeno e mesas nas calçadas, vento no rosto. No Tinindo também vez ou outra acontece festa com banda local autoral. É importante perceber os sujeitos que habitam esse complexo na zona leste passeiam por todos os locais citados. A contingência faz o percurso, o trajeto. Embora alguns indivíduos prefiram o Seu Rufino, por exemplo, existe a possibilidade de encontrar esses mesmos indivíduos no Orelha de Van Gogh. Não existe um fator predominante que impeça isso. A movimentação de pessoas por esses lugares é ao sabor do desejo, com as ressalvas das relações de poder que não são deixadas de lado. A alternatividade, no entanto, está justamente nesses encontros vários e na fricção dos corpos. O limite vai de uma ponta a outra, podendo ser esticado e não ultrapassado (limitar os limites). Além disso, assim como no centro ou no Cristo Rei, existem vários outros lugares possíveis ao redor. Não é exclusivo de cada lugar que ele vá comportar só certas pessoas e manifestações. Mas é na diminuição da sua importância como fator geracional dos encontros e dos corpos que podemos tornar visível aquilo que venho chamando de alternatividade.

O encontro alternativo não está resumido ao fator bar, no entanto. Existem vários outros tipos de lugares, com suas próprias características, em que se é possível ser atravessado pelo processo de (des)subjetivação alternativa. Além disso, a alternatividade também não se resume ao centro e à zona comercialmente mais viável. Como o elemento de resistência e diferenciação é comum, outros núcleos se organizam em todos os cantos da cidade. Inclusive, essa acaba sendo uma das preocupações de quem ocupa as zonas periféricas. Mesmo entre os bares, é normal que alguns estejam localizados em extremos periféricos. Dois exemplos são o Bar do Frank, no Dirceu, cujo proprietário é um compositor underground da cidade chamado Frank Farias. O Bar do Frank é conhecido por ostentar um caixão na sua entrada. Outro exemplo é o Camarão do Gilvan, no extremo norte, que faz bailes memoráveis de reggae da periferia e ocasionalmente traz atrações direto da Jamaica. “Os movimentos periféricos estão caindo no centro. Acho isso perigoso. Quando esses movimentos periféricos ganham centralidade eles deixam de ser periféricos” (RAYO, 20117).



Vários lugares com características totalmente diferentes ocupam lugar de destaque em tal movimento. Um deles é o Bueiro do Rock, na zona norte da cidade. O Bueiro é uma espécie de bar/casa de show/estúdio voltada apenas para o *heavy metal*/*hardcore*. O negócio é tocado por uma família, pai, mãe, irmão e irmãos (que são professores de música). A casa deles é dentro do próprio espaço e o lugar costuma abrigar shows internacionais com frequência. Lá eles construíram vários quartos para hospedar as bandas que veem para tocar aqui. A estrutura é excelente, uma das melhores da cidade, principalmente no quesito aparato sonoro, que no geral é absolutamente capenga na maioria dos locais. Existe também um estúdio que é alugável para as bandas ensaiarem. O Bueiro do Rock não é autossuficiente em termos financeiros. É uma aposta pessoal da própria família que acredita no lugar. O patriarca

tira dinheiro da aposentadoria e do aluguel de imóveis e os filhos colocam parte dos próprios salários como investimento em estrutura e equipamento. O Bueiro do Rock é um local que possibilita a manutenção de uma vida *headbanger* na cidade, mesmo que muitas vezes o esperado esteja aquém. Além disso, é um lugar absolutamente importante na formação da minha subjetividade. Inclusive de pesquisador. Lá que, por exemplo, passei boa parte do meu TCC da graduação entrevistando os irmãos Dieudes e Driênio e o pai deles, o Seu Nonato, o maior apoiador do *heavy metal* no Piauí. Tenho muitas histórias memoráveis no Bueiro do Rock. Uma recente, até: o disco da minha banda foi lançado num show lá. Relembrando várias memórias que, inclusive, ajudaram a pensar no formato da presente pesquisa.

O outro lugar é a Casa do Hip Hop, no Parque Piauí, o bairro onde moro, na zona sul. A Casa do Hip Hop já existe há vários anos, é fruto da mobilização organizada de pessoas que buscam ressaltar a cultura hip hop como parte importante da formação social na periferia. São grafiteiros, b-boys, DJs e rappers que se uniram no modelo coletivo para ocupar um lugar (uma antiga escola fechada) e lá promover batalhas de rap, oficinais de dança, de serigrafia, gravação de músicas e variadas outras atividades. A Casa funciona com alguma ajuda estatal, por conta própria, com ajuda de doações e com a força de seus membros. Às vezes também ocorrem shows que mobilizam uma quantidade maior de tribos e pessoas de variados lugares. Um dos casos mais recentes foi o da apresentação do rapper pernambucano Diomedes Chinaski. Tudo feito via uma rede de contatos afetiva extensa. Foi um evento que não pude ir pois estava ocupado exatamente produzindo esta pesquisa. O curioso é que como é perto da minha casa, durante toda noite eu ouvi de longe os sons que estavam rolando lá.

Ainda na zona leste, só que numa região menos comercial, mais popular, reside o Campo. O Campo é um lugar de difícil conceituação. Trata-se de um espaço, um galpão de supermercado, ocupado e transformado num espaço voltado para discussão, manutenção e difusão de arte contemporânea na cidade, sobretudo de arte. O lugar é tocado por uma equipe rotativa de pessoas que se reúnem para se apresentar, debater, promover residências artísticas e agregar pessoas da comunidade. É um lugar novo, existe desde 2016 e é fruto de uma dissidência de um outro espaço com características bem semelhantes, hoje fechado, o Galpão do Dirceu, que também era um galpão de supermercado ocupado e ficava no bairro Dirceu, na zona sudeste. No Campo existem dois espaços grandes, quartos para ocupar os artistas residentes, um escritório completo e uma área de convivência. Vários artistas do Brasil inteiro já vieram se apresentar ou falar sobre seu trabalho por lá, principalmente porque o lugar se coloca como um importante captor de recursos via editais nacionais de produção artística.

Ainda que exista um pequeno núcleo constante, o lugar é permanentemente rotativo. É possível ter contato com coreógrafos, artistas visuais, pensadores, entusiastas ou simplesmente pessoas à deriva. O conceito contemporâneo de existência é seguido com ética lá. “A gente sentiu que tinha encerrado um ciclo no Galpão e quisemos criar um outro espaço com mais possibilidades do que já tínhamos. E tamo aqui até agora, resistindo. Alguns desdobramentos interessantes já se criaram, aprovamos vários projetos dos nossos residentes, por exemplo” (VELOSO, 2017).



A cena de dança contemporânea tem força inesperada em Teresina. Boa parte dessa força advém do trabalho do coreógrafo Marcelo Evelin, que foi durante alguns anos diretor do Teatro João Paulo II, no Dirceu. Lá a dança se tornou forte o suficiente para sair inclusive dentro do reduzido cercado artístico teresinense. Fugidos do teatro, os artistas de lá abriram o

Galpão Núcleo do Dirceu, que teve atividade constante durante vários anos e após seu fechamento desdobrou-se em dois lugares: Campo e o Balde. Minha admiração com a arte contemporânea (sobretudo a dança) certamente vem da existência do Núcleo do Dirceu. O modus operandi da arte contemporânea é inclusive uma grande influência no presente experimento.

O Balde, também no Dirceu, é um lugar que também deriva de alguns dos artistas que participavam do Galpão. Lá tem um formato menos conceitual que o Campo, uma vez que além de ter espaço para apresentações (menores) e residências de arte, também funciona como um bar no período da noite. Por isso, lá também ocorrem festas eventualmente. Todos os espaços que citamos aqui têm algum tipo de relação com o conceito de alternativo que adoto como geral na pesquisa. Seja via arte, via lazer, seja via política, seja via outras formas de existir. É no Balde que acontece o baile *black* que hoje produzo e atuo como DJ: o Baile Afrosamurai.

Além de todos esses lugares já citados e detalhados aqui, é importante falar também de dois dos poucos espaços de convivência social que existem na cidade. Eles também são ocupados de múltiplas formas. E isso inclui seu uso através dos sujeitos que se relacionam com as cenas alternativas. O Parque Potycabana e o Parque da Cidadania são dois locais constantemente usados pela população teresinense, com uma certa tensão. Pessoas que fazem atividades físicas, jovens esportistas, famílias de classe média, a galera dos rolezinhos ou simplesmente pessoas que procuram um lugar para "passear" nos finais de semana, uma vez que a cidade em si não dá muitas opções. Fora esses dois parques, temos mais dois na zona norte, o Parque da Cidade (bastante abandonado) e o Parque Lagoas do Norte (que fica no extremo norte da cidade, então reduzido a uma parcela da população apenas).

Não é incomum ver esses parques sendo usados não só para a ocupação despreocupada do tempo. Também é possível perceber que muitas vezes eles servem de ponto de encontro para reuniões de pequenos coletivos artísticos, para performances e atividades outras. De pessoas que trabalham com grupos de leituras, por exemplo, aos jovens fãs de cultura japonesa que usam esses lugares para performances de cosplay, esses espaços são usados, tensionados e, às vezes, confrontam inclusive a atmosfera conservadora que paira sobre o contexto sociocultural teresinense. Não são poucos os casos, por exemplo, de atritos que casais de gays e lésbicos tiveram ao se trocarem afetivamente nesses lugares, em público. Ainda assim, as pessoas continuam a ocupá-los diariamente, sem ceder ao entorno moral.

Trata de um embate político, encrustado no próprio corpo das pessoas. É por isso que o conceito de biopolítica é tão preciso para o uso no que busco.

Inclusive, no próprio Parque da Cidadania, existe um quiosque café exclusivamente dedicado o público alternativo: o Salve Rainha Café. Falarei mais posteriormente do que se trata exatamente o Salve Rainha. O que interessa no momento é perceber que uma alternatividade possível se espalha sem rosto e sem coreografia pela malha da cidade como um todo. Dos espaços públicos autorizados aos construídos. Dos botecos e quitandas aos pubs mais requintados. Dos espaços de arte contemporânea aos complexos de cultura da periferia. É importante, por último, relembrar que os lugares citados aqui não representam por completo os possíveis onde a alternatividade pode emergir. Eles são apenas rastros, traços, pegadas. Certamente agora, no momento em que escrevo este texto, novos movimentos e encontros não catalogados estão acontecendo.

A sede por encontros não se resume exatamente a lugares como bares, boates e parques. O estado também cria mecanismos legais que possibilitam esses encontros coletivos por meio de eventos culturais e de lazer. Alguns fazem parte do próprio calendário da cidade, outros são fruto de fundos arrecadados por meio de editais e parcerias com empresas privadas e/ou instituições como o SESC. A agenda não é extensa, como já foi falado aqui muitas vezes, em termos quantitativos e de constância. Teresina sofre com boas políticas de acesso à cultura. Nem de longe é uma das preocupações do estado. Uma genealogia da cultura financiada certamente é também uma genealogia da escassez e da reinvenção. Os sujeitos também usufruem e reinventam a ordem desses eventos o tanto quanto podem. Um bom exemplo desse tipo de operação é a Casa de Cultura de Teresina, localizada no centro, que resiste ao descaso do poder mesmo sendo um lugar público. Por anos que a Casa da Cultura é dirigida por uma amiga querida, Josy Brito, mãe de uma grande parceira dos tempos de graduação. A Casa da Cultura é um dos poucos exemplos de espaço público estatal que funciona com constância e programação variada, mesmo aos trancos e barrancos.

Um dos eventos de arte mais importantes da atual agenda da cidade e do estado é um festival de dança contemporânea chamado JUNTA. Já está na terceira edição consecutiva e se configura como um evento internacional, que traz artistas e pensadores não só para se apresentarem, como também para ministrar oficinas e workshops para os artistas locais. É um festival longo, dura uma semana, com apresentações e atividades todos os dias, ocupando não só espaços fechados como teatros e salas de dança, como também praças, ruas e parques da cidade. O JUNTA não é iniciativa totalmente estatal, o seu conceito e idealização é pensado

por pessoas que vivem a dança, artistas independentes, que buscaram via editais e financiamento público a estrutura necessária para materializar o festival. Vale ressaltar que a grande maioria das atrações são gratuitas.

Na esteira do JUNTA, temos dois outros eventos que compartilham muitas caraterísticas em comum. O FestLuso é um festival de teatro que tem como conceito apenas espetáculos de língua portuguesa. Então é internacional porque engloba o teatro português, angolano, cabo-verdiano, moçambicano, entre outros. Além do próprio Brasil, claro. O FestLuso tem feito força para se sustentar com constância. Já teve um tamanho bem maior do que hoje, com mais divulgação e programação robusta. Entretanto, hoje ainda conserva uma grade agradável, com boas peças de vários países que têm a língua portuguesa como língua mãe. O seu formato também é pensado nos moldes do JUNTA, por artistas locais que buscam recursos frente ao governo e empresas.

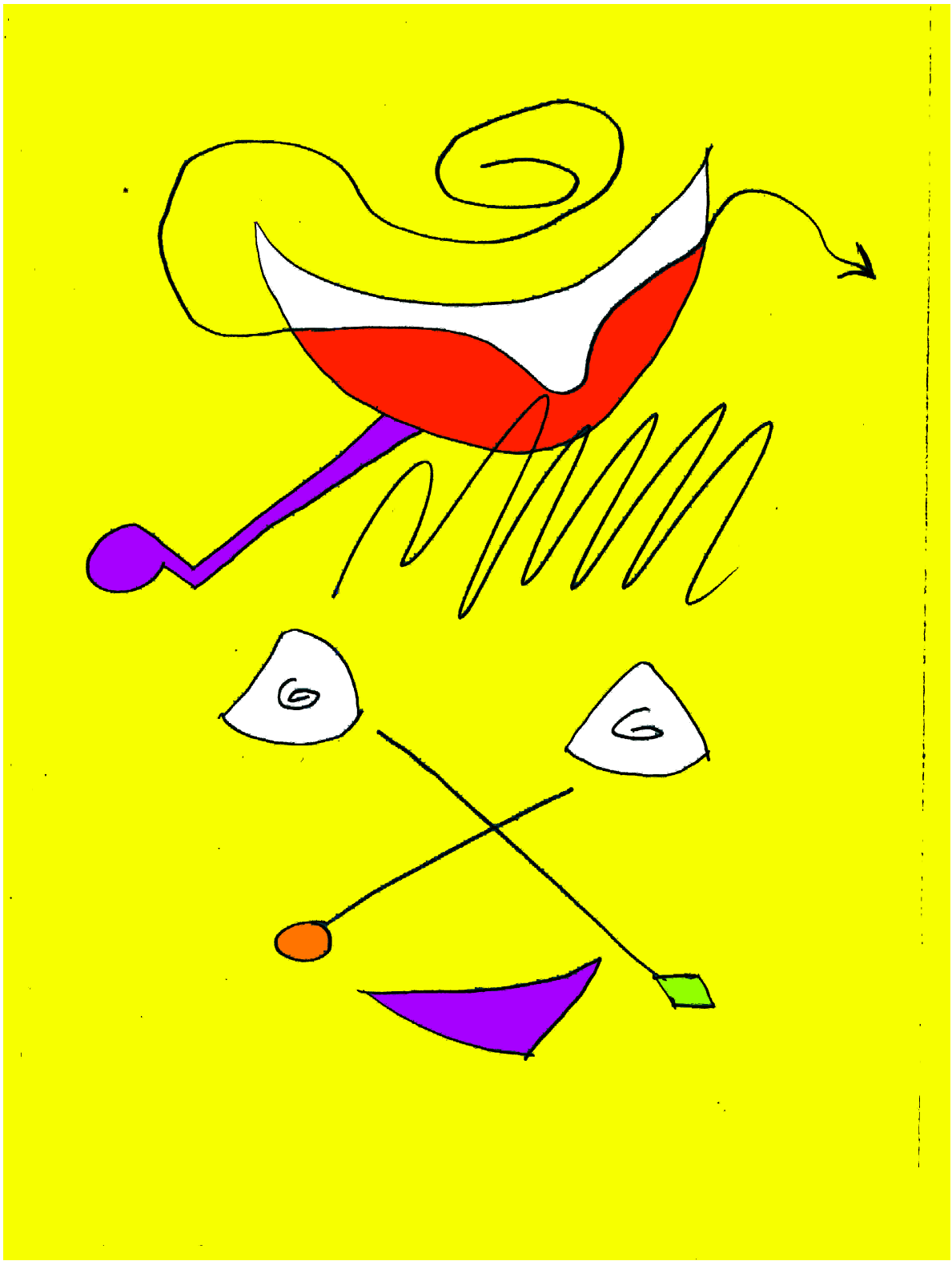


Com um histórico semelhante ao FestLuso existe o Salão do Livro do Piauí. Esse é um dos acontecimentos culturais mais tradicionais do estado, um dos maiores também, já existindo há 15 anos. O Salipi tem um histórico muito semelhante ao FestLuso, já foi maior e mais robusto, durando uma semana e ocupando todo o complexo da Praça Pedro II. Antes disso, ocupava o antigo Centro de Convenções do Estado. Já há alguns anos saiu do centro e se instalou dentro da Universidade Federal do Piauí, tendo o número de stands diminuídos e a programação cortada. Ainda acontece todos os anos, mas a proximidade como a Universidade Federal diminuiu a quantidade e a variedade de pessoas no local, principalmente para quem é de periferia. A maioria das periferias da cidade fica mais próxima do centro do que da zona leste da cidade. O Salipi também é iniciativa de amantes da literatura, sobretudo, professores e escritores.

Todos esses eventos são eventos que têm a arte como conceito central. E são frutos do agenciamento entre pessoas físicas e as instituições. Alguns outros eventos partem do próprio calendário político-cultural da cidade, do projeto de governo. O evento aberto, com características alternativas, que mais tem carregado e agregado pessoas hoje é a Parada da Diversidade da cidade. Trata-se de um carnaval fora de época, em termos de quantidade e de estrutura. E tem recebido muito apoio das secretarias que fomentam cultura. A Parada da Diversidade mais recente, de 2017, por exemplo, trouxe para fazer show duas atrações de renome nacional: Liniker e Karol Conká.

Um outro evento com características de organização semelhantes à Parada (só que sem a bandeira política) é o Teresina É Pop, que é organizado pela prefeitura de Teresina em comemoração ao Aniversário da Cidade. Trata-se de um festival de 3 dias só com apresentações de bandas locais autorais dos mais diversos estilos. O evento, por ser gratuito, tem muita adesão dos públicos mais juvenis, estudantes, roqueiros, *headbangers* e *flaneurs* no geral. Na última edição saiu de um espaço aberto, debaixo da Ponte Estaiada, para migrar para um espaço fechado, privado, o Theresina Hall. Tal mudança diminuiu consideravelmente o número de pessoas circulantes. Tal fato vai de encontro a um mito que diz que as pessoas não querem ocupar as ruas e os espaços públicos citadinos. O que acontece é a falta de possibilidades.

Talvez o evento mais conhecido pela alternatividade local seja o Projeto Boca da Noite, que acontece nas quartas, no Clube dos Diários, com shows de bandas autorais locais. O Boca da Noite é um exemplo emblemático de como funciona a relação arte e aparato estatal na cidade. Era pra funcionar bem, pagar bem e fazer mostrar os grupos de arte musicais com potencial, mas a máquina é viciada, a grande maioria dos artistas independentes reclamam constantemente da conhecida “panelinha” na hora da escolha dos artistas. Ainda assim, é um lugar de ocupação constante. Sempre tem gente no Boca da Noite, independente da atração. Além de todos os exemplos colocados aqui, também existem várias ações menores espalhadas



pela cidade, nos bairros ou em lugares específicos (como o Projeto Seis e Meia no Teatro 4 de Setembro ou o Festival de Música Chapadão, por exemplo) que de alguma forma se agenciam com uma experiência alternativa. Eu frequento o Boca da Noite há, pelo menos, dez anos, desde tempos de ensino ginasial, quando perambulava pelo centro como estudante. Nesse tempo, a lógica e as histórias das "panelinhas" já eram conhecidas por quem frequentava.

Fora os eventos que de alguma forma estão ligados a um braço oficial do estado, existe outra infinidade de acontecimentos informais, sobretudo na forma de festas, que ocupam os espaços e fazem a alternatividade emergir. Aí reside um problema metodológico e uma característica da própria cidade: são muitos eventos e a maioria deles não se sustenta por muito tempo, sendo eventualmente substituídos por outros com sua própria forma. Daí a incapacidade de mapeamento, embora a experiência aconteça, produzindo uma política e uma ética da alternatividade. Hoje, duas festas polarizam o destaque.

O primeiro é um baile chamado Baile Afrosamurai. A festa, que hoje acontece no espaço Balde, é um baile de discotecagem só de música *black*. Ou seja, os DJs tocam músicas dos gêneros rap, *kuduro*, *soul*, funk, *afrohouse*, *afrobeat*, *trap*, *dancehall* e afins. A festa já está na sexta edição, tendo sido reformulada a partir da terceira edição, quando foi adicionado ao staff de produção três DJs africanos (um de Guiné-Bissau, outro de Cabo Verde e mais um de Angola), que são estudantes intercambistas na Universidade Federal do Piauí. O baile surgiu do desmantelamento de outra festa, a Awkward Friendship Party, que com um conceito simples (tocar música que não tocava em nenhuma outra festa na cidade) conseguiu fazer edições com média de 500, 600 pessoas. Uma raridade em termos de números se considerando que era uma festa sem bandas e com entrada a pagar. Com o fim da AFP, alguns integrantes resolveram fazer uma festa nova, só que tocando apenas *black music*, já que nenhuma outra festa em Teresina tinha essa característica. A Afrosamurai é atualmente a festa com mais constância na cidade, sendo feita de dois em dois meses.

O outro evento é chamado de Samdice Awards, que não é exatamente uma festa, é um acontecimento. Trata-se de uma premiação, organizada por um DJ famoso na cena alternativa, que escolhe os melhores da noite alternativa na cidade. É um óscar da alternatividade. Funciona assim: é criada uma página no Facebook com várias pessoas que compõem a cena. Lá são colocadas as categorias (que são muitas e variadas, e vão desde melhor festa ao babado do ano), cada pessoa tem então um tempo para votar nominalmente em cada categoria. Depois de computados os votos, o DJ faz uma festa solenidade para confraternização e premiação dos escolhidos. É um evento muito divertido. As pessoas realmente votam e participam. As

últimas edições ocorrem no Reserva Pub e a Awkward Friendship Party, por exemplo, já foi premiada como melhor festa. O ponto interessante do Samdice Awards é que, por ser subjetivo, através das categorias mais votadas é possível se ter uma noção de como a cena andou operando no decorrer daquele ano. Existe uma variação e uma deriva de repetição que são constantes e indissociáveis.

> O Samdice surgiu como uma coluna underground, antissocial. A gente precisava de uma plataforma pra mostrar o que acontecia na cena indie e LGBT. Primeiro comecei fazendo fotos e divulgando festas nos meus blogs, o mais famosinho era o Manifesto Barato e depois o Dadagaio. Ae depois num show da Madonna, de frente ao Copacabana Palace eu disse: A MADONNA É LINDA. E minha amiga jornalista Raquel Lopes completou O SAMDICE: A MADONNA É LINDA. Estava atrás de um nome pra uma coluna de noite no portal da Devassa A Festa da Dani Jales, festa que bombou por vários anos. Ficou Samdice. Depois Samdice foi pra Meio Norte. Lá a audiência subiu. Ae as pessoas começaram a se importar demais com o que eu escrevia sobre as festas, ae então veio a premiação. Todo mundo queria sair entre os indicados. Até nas categorias duvidosas. Ae então é um sucesso a premiação. Todo fim de ano surgem as cobranças. Mesmo eu não tendo mais a coluna. Apenas uma página do evento no Facebook. E rola babados todo ano. Várias ameaças de quem é indicado pra categoria Vilão do ano. E ao mesmo tempo tem gente que acha um barato ser indicado mesmo nas categorias de Vilão do ano ou Fica em 2016. E muita gente faz campanha pra si mesmo na categoria de festas e gato ou gata do ano (DRADE, 2017).

Para além dos *happenings*, um outro aspecto importante dos processos de subjetivação da alternatividade é a organização de coletivos de ação, seja artísticos, políticos ou ambos. O funcionamento dos coletivos é amplo e variável, parte de uma ideia, de um conceito e do desejo de compartilhamento pelas pessoas que o compõem. Embora todos se enquadrem no modelo "coletivo" de atuação artística, os três operam de forma totalmente distintas, inclusive existindo tensão entre os espaços subjetivos que cada um ocupa.

O Ocuparte é um coletivo de arte cuja principal preocupação é a ação política estrita. Ou seja, se produz arte com a intenção de tocar em pontos não só da formação de uma subjetividade artística possível, mas de também fazer com que essa subjetividade seja vista e percebida atrás de um ponto de vista de mudança social materializada. Tendo sua origem nos corredores da Universidade Federal do Piauí, o Ocuparte engloba artistas de várias vertentes, de visual à poesia, com estilos variados, e os une principalmente por meio de intervenções nas ruas. O formato da intervenção é contextual, varia de acordo com as necessidades da população ou acontecimentos políticos. No meu tempo em campo, acompanhei várias intervenções encabeçadas pelo Ocuparte em espaços da cidade.

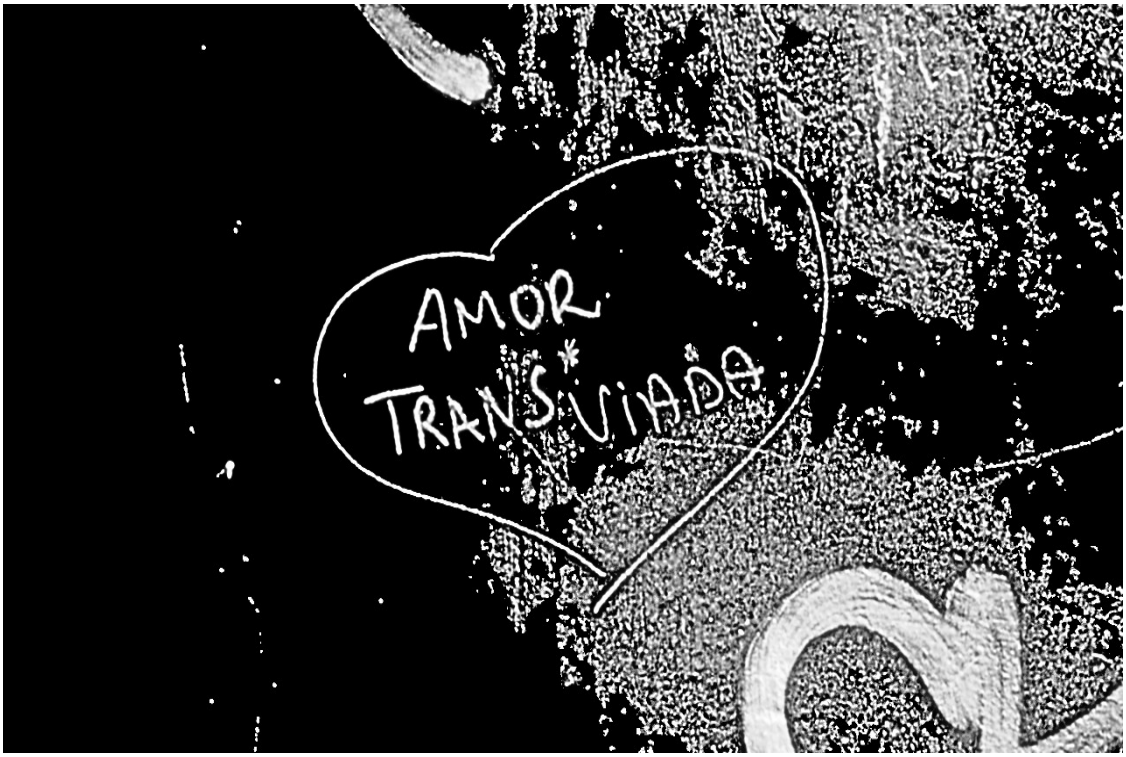
Uma delas, por exemplo, consistiu em fazer uma exposição na área de comércio de animais (sobretudo aves, pássaros) do Mercado Velho de Teresina. A intenção, além de chamar atenção para a causa animal, também trazia indagações sobre a própria forma como o

Mercado Velho é enxergado hoje, não só pela população como também pelas autoridades responsáveis. Hoje o Mercado (que ironicamente fica do lado do museu da cidade) é um lugar esquecido e decrépito, tendo sua importância histórica reduzida apenas àqueles que ganham o seu pão duramente no dia a dia por ali.

> 'Escolhemos dessa vez o Mercado Central para chamar a atenção tanto para o descaso que existe com o prédio como para a reforma inviável que está acontecendo. Essa reforma deveria ser uma revitalização do espaço, já que a arquitetura original está sendo destruída', diz Luciana. 'Então queremos chamar a atenção da comunidade, da sociedade e do poder público para esse mercado que faz parte da nossa memória, e uma cidade sem memória não tem história e não tem vida (REBORDOSA, 2017).

Vale ressaltar que o coletivo não tem uma formação fixa. E também funciona por meio de convites a outros artistas que estejam sensibilizados com a causa e de uma forma ou outra queiram colaborar com algo.

Por duas vezes o Ocuparte esteve na linha de frente de dois casos em que o poder público foi confrontado de frente e diante das pressões foi obrigado a recuar. Uma dessas vezes foi quando a prefeitura autorizou a remoção de um angico branco centenário postado no início da avenida Nossa Senhora de Fátima, na zona leste da cidade. Por dias os artistas se revezaram produzindo grafites no local abandonado e fazendo vigília para que não cortassem a árvore na calada da noite. Depois de muito embate, decidiu-se, junto ao poder público inclusive, que qualquer projeto arquitetônico que vá envolver aquele espaço tem de necessariamente preservar a árvore.



Numa ação semelhante, mais extensa, que chamou atenção de toda a cidade, e contou com a colaboração de moradores e vários outros artistas (inclusive com show da banda gaúcha Apanhador Só), o Ocuparte ajudou a prefeitura a recuar na destruição de uma praça inteira no bairro Parque Piauí. O objetivo era construir um terminal de ônibus no local. A decisão revoltou os moradores, principalmente porque próximo à praça existia um terreno bom e vazio pronto para a construção de um terminal. A prefeitura optou pela praça para economizar na compra do terreno. As pessoas montaram um acampamento na praça por vários meses, com várias ações de mobilização (não só envolvendo o Ocuparte) e, através da ajuda dos moradores, conseguiram evitar que a praça fosse destruída. O Ocuparte continua na ativa se mobilizando e promovendo ações.

> Estamos aí na luta todos os dias, agora mesmo é que precisamos da arte como fator de resistência, já que o país e o mundo passam por uma situação capenga: golpismo, corrupção e total desrespeitos com direitos básicos das minorias. Não é hora de arregar, ainda que seja cansativo (REBORDOSA, 2017).

Um tanto quanto diferente do Ocuparte e emulando um famoso trocadilho de Torquato Neto, a Geração TrisTherezina emerge, desde 2015, como um coletivo voltado para criação artística. Preocupados com a precariedade da produção de arte na cidade, alguns artistas (músicos, escritores, fotógrafos e quadrinistas) revolveram unir forças para materializar arte independente e variada. O coletivo faz uma leitura aguda do contexto artístico local,

identificando a dificuldade em se ter livros, discos e material no geral. Pensando nisso, o coletivo atua como uma rede, fazendo contatos foras do estado e dando visibilidade ao que é feito pelos artistas. Aliás, esse é um dos principais pontos do conceito central do TrisTherezina: produzir para fora, já que o contexto local não dá abertura ou recurso suficiente.

> Em 2013 eu e alguns amigos começamos a Geração TrisTherezina, coletivo formado por artistas visuais, escritores e músicos do Piauí. Nosso principal ponto de atuação são os lançamentos anuais, de discos, EPs a livros, quadrinhos, clipes e até realização de eventos. O coletivo proporcionou uma estruturação/organização desses lançamentos sempre buscando o máximo possível de profissionalismo, planejamento, visibilidade, alcance e público fora do estado. Nunca pensamos em lançar e divulgar para a galera aqui de Teresina ou do Piauí, seria morte certa, até porque isso seria feito no automático, só não era o foco principal. Exportando nossas produções para fora, nossas músicas já tocaram em rádios internacionais, nossos discos ganharam destaque e resenhas em sites culturais nacionais como O Inimigo, Scream & Yell, Billboard, New Yeah Music, outros (CALIXTO, 2017).

Uma característica interessante do coletivo é que ele é um híbrido. Geralmente em Teresina a ação de coletivos de arte passa muito ao lado do contexto acadêmico. A Geração TrisTherezina tenta quebrar com esse estereótipo e tenta trazer para junto artistas que estão fora da lógica universitária e dos estudos formais de arte. A grande maioria dos artistas do coletivo, por exemplo, fazem ações (e são) nas periferias da cidade. Assim ele ocupa uma lacuna importante entre aqueles que conseguem ter acesso à universidade para fazer arte e os que não conseguem. A leitura aguda da realidade artística local vem muito dessa experiência de fora que seus integrantes carregam.

Além da produção de material físico, como livros e discos, o coletivo tem uma organização sistemática: na internet, buscando cada vez mais mostrar os trabalhos fora da realidade local; com as instituições, tentando inscrever os artistas em editais e festivais do calendário oficial da cidade (no Salipi os escritores participaram da programação oficial e no Teresina É Pop desse ano duas bandas do coletivo foram para o *line-up* oficial do evento, Cianeto HC e Cidade Estéril) e produzindo e organizando eventos (Hotel Ferrugem), reuniões em lugares públicos, sarais e produzindo material de divulgação robusto (um documentário sobre o próprio grupo está previsto nos planos).

A ação do TrisTherezina talvez seja ainda mais perceptível no próprio conteúdo criado pelos próprios, principalmente na figura de um dos artistas mais prolixos do TristeTherezina: o músico Valcian Calixto. O som do Calixto é uma osmose de música popular e indie em todos os sentidos e tensões possíveis dos termos. Uma mistura de swingueira, rock e Chico Buarque. Batuque de atabaque com guitarra pesada e lírica de brega. É exatamente esse o

sentimento que o contato com as obras do coletivo passa, de que é possível agenciar uma alternatividade num espaço outro, num entre. No choque entre a periferia e a elite universitária.

Até agora falei muito sobre agenciamentos e relações com locais citadinos físicos, com localização geográfica. Acontece que existe uma outra dimensão na qual não posso deixar de falar mesmo que rapidamente. Muitos desses agenciamentos ocorrem na dimensão virtual da vida, nas redes sociais, principalmente. Toda movimentação que ocorre na rua, ocorre paralelamente lá, com fluxo intenso de informações e troca de afetos possíveis. Nas redes, alguns meios informativos ocupam um lugar importante no tensionamento da malha alternativa. Não é exatamente a minha preocupação de pesquisa, mas funciona como um dado consequente que não pode ser deixado para trás, precisando ser minimamente relatado e descrito.

O Diretório Literário é um site independente que se dedica a falar de como funciona a cultura alternativa do estado. Sem banner do governo, é com uma pegada ampla de cultura, voltada pro pop, envolvendo textos livres sobre vários assuntos. O resumo da sua proposta pode ser visto logo na aba "sobre" do site:

> O Diretório Literário surgiu alguns anos atrás com a premissa de trazer discussões subversivas e não convencionais sobre cultura. O espírito de tais discussões foi aceso em Agostinho Torres pelas obras do escritor W. S. Burroughs que através de sua literatura fragmentária e desafiadora, tinha o desejo de destruir as máquinas de controle da realidade. É daí que surge o nome Diretório, instituição que na obra de W. S. Burroughs dirige o Estúdio da Realidade e tenta destruir todos aqueles que não se conformam com a mesma (DIRETÓRIO LITERÁRIO, 2017).

O Diretório Literário sofre de um problema de desatualização constante. Só que na aba de "sobre" existe uma justificativa para tal (e a promessa de que tal realidade mudará daqui em diante). Fato que tem sido cumprido até então. Um dos últimos textos é uma análise de um jogo indie americano que vem fazendo muito sucesso entre gamers do mundo todo: *Cuphead*.

> Esse intuito de trazer um olhar desafiador para a cultura permanece no site, no entanto mudanças serão vistas de agora em diante. Não é novidade que o site está a mais de um ano parado… Com novos colaboradores isso vai mudar e voltaremos a ter posts semanais, assinados por: Edison Mineiro, Weverson Oliveira, Lucas Pessoa e Gabrielle Alcântara, sendo esta última eu mesma, que assumo o editorial e a administração do site. Além do auxílio e colaboração mensal do criador, Agostinho Torres (DIRETÓRIO LITERÁRIO, 2017).

A alternatividade teresinense funciona em rede, numa malha, como já falei. Por exemplo, alguns dos integrantes do Diretório Literário são do coletivo Geração TrisTherezina. Repetição que gera diferença. Os personagens e as situações estão sempre se repetindo e dessa

fricção se cria o novo.

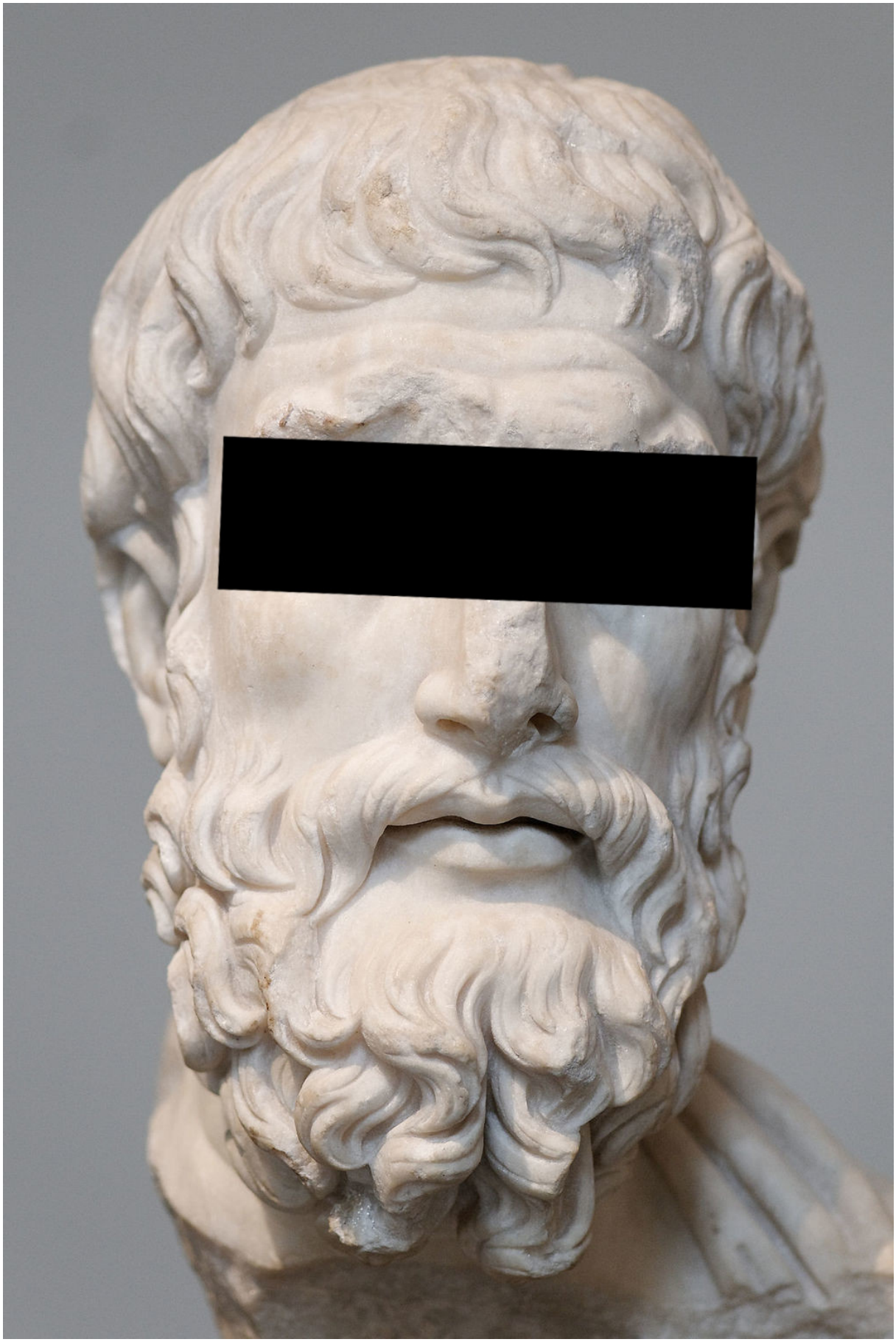
Recentemente o Diretório Literário fez uma belíssima matéria levantando dados e falas sobre uma série de calotes e cancelamentos de shows nacionais que iam ocorrer na cidade. É um longo levantamento de um histórico de práticas abusivas de produção cultura. A matéria teve muitos acessos e foi muito bem compartilhada nas redes.

A revista Revestrés talvez seja o caso de maior força entre os meios que agenciam alguma alternatividade na cidade. Trata-se de uma revista física de cultura, com uma equipe grande e publicação bimestral. O fator exceção já aparece no fato de ser uma revista física, uma vez que meios assim são caros e precisam de consumo suficiente para se manter. Ainda assim, a Revestrés já está há alguns anos existindo, com um cardápio muito variado de matérias (que vão de temas como Rio Parnaíba ao pixo na cidade) e colaboração de vários artistas do Brasil.

A revista é pensada e mantida por um núcleo intelectual que tem experiência com a realidade cultural local. São jornalistas, pesquisadores e artistas que pensam o formato e agenciam contatos para que o projeto permaneça por tanto tempo ativo. Além da existência física, existe também um site com notícias, prévias das matérias, galerias de imagens e blogs variados. A revista também aparece como parceira de vários eventos locais como o Salipi e a equipe também organiza pequenos eventos ocasionais sobre arte e cultura.

Um dado importante que relaciona a presente pesquisa e a revista é que muitas vezes ela funcionou como uma importante fonte de dados e falas, adquirindo um lugar semelhante a um de informante para mim. A edição de maio e junho de 2015 foi a que ocupou lugar de destaque, por trazer uma pesquisa surpreendente (infelizmente no sentido negativo) com dados e estatísticas sobre o consumo de arte na cidade de Teresina. Os dados são decrépitos e graves: 18% de teresinenses com hábito de ir ao cinema, hábito de ler apenas 28%, mais da metade da população que não conhece nenhum museu ou espaço de arte e 94% da população que acha que a cidade precisa de mais espaços de arte e cultura. A situação da pesquisa se torna ainda mais grave quando a revista relata que a pesquisa foi a primeira feita no sentido de mapear dados sobre o consumo local. Nunca antes nenhuma instituição ou mesmo o estado se debruçou sobre a necessidade de um diagnóstico assim. A decrepitude da intimidade entre a maioria da população da cidade e um contexto cultural mínimo reforça a necessidade dos encontros e da sede por resistência que tanto acompanha as alternatividades em Teresina. É daí que surge a já falada força de vida na aridez. Além de tudo que já foi citado, atualmente existe um acontecimento que polariza todos esses fatores largados até aqui: o Salve Rainha.

Falar do Salve Rainha é travar uma batalha contra a mera conceituação. Na página oficial da organização no Facebook, lugar onde toda divulgação e mobilização é feita, existe a descrição: “Tecnologia Social de Valorização do Patrimônio Cultural de Teresina”. De fato, sem questionar a simplicidade da autodenominação, o evento surgiu dessa inquietude bastante presente nos dias atuais: é preciso preservar o patrimônio citadino. Um pequeno coletivo de amigos se juntou para ocupar nas tardes/noites dos domingos lugares historicamente importantes, mas abandonados de Teresina. A ideia foi usar os espaços para fazer de tudo um pouco: vender artesanato, comida, bebida, expor obras de arte (e vendê-las também), colocar música com discotecagem e, de quebra, agregar pessoas para se divertir protestando sobre o estado de alguns lugares da cidade.



Começou tudo muito pequeno e simples, ocupando o prédio abandonado da Fundação de Humor que ficava na Praça Ocílio Lago, na zona leste de Teresina. Eu estive presente nessa primeira excursão. Não como pesquisador, apenas como um curioso e entusiasta da iniciativa. Lembro muito bem como foi aquele domingo. Acho que compareceram de 30 a 40 pessoas. Havia um pequeno bar montado em pallets do lado de fora do prédio da Fundação de Humor vendendo cerveja e um mojito delicioso. No lado de dentro, num espaço único, algo que parecia uma sala abandonada, umas luzes simples iluminavam duas exposições de arte paralelas frontais. Cerca de cinco quadros para cada lado da parede. Entre um espaço e outro havia também uma caixa de som mecânico em volume mediano. Além disso, as pessoas ficavam em rodinhas conversando, circulando ou sentadas na grana observando tudo. Uma plaquinha pintada dizia: Salve Rainha, Café Sobrenatural. Esse segundo nome permanece até hoje, assim como todas as características desse pequeno acontecimento: uma mistura indiscernível de coletivo independente, posicionamento político, feira de economia criativa, festa, show, ocupação e galeria de arte.

Mas tudo se tornou maior, mais elaborado e com maior alcance. Da Praça Ocílio Lago, a ocupação passou a ser no calçadão da rua Simplício Mendes, no centro comercial da cidade. Apesar do já reconhecimento da prefeitura cedendo segurança em um lugar absolutamente desocupado aos domingos, a partir daí a consolidação foi se tornando inevitável. Além disso, também ficou clara a retificação do caráter e do papel político do fenômeno, uma vez que a revitalização do centro comercial da cidade sempre foi uma reinvindicação permanente de boa parte dos cidadãos, artistas, intelectuais e historiadores junto ao poder público. Depois disso, em outro momento, ocuparam a parte de baixo da Ponte Juscelino Kubistchek. Aí o evento atingiu proporções inimagináveis. Um dos domingos, por exemplo, cerca de cinco mil pessoas compareceram ao local. Um feito considerável para um evento totalmente independente e alternativo. A ocupação já chamava a atenção das mídias, alternativas e de massa, e de artistas e/ou comerciantes que passavam a fazer filar para expor suas artes ou produtos.

Então a organização revolveu ocupar o trecho que envolve a Rua Climatizada de Teresina, a Praça da Bandeira, a Rua Barroso e o antigo prédio da Câmara Municipal de Teresina, ex-sede também de um Banco do Brasil. Esse prédio foi prometido há anos como local de um Museu da Imagem e Som do Piauí cujo projeto jamais saiu do papel. Depois ocuparam outros lugares como o antigo sanatório da cidade (de nome Meduna) e a Praça Saraiva. O evento ocorre da seguinte forma: durante um mês do ano, os domingos são usados para a ocupação. O mês inteiro é chamado de temporada, e cada dia costuma ter um tema,

uma chamada, que pressupõe uma proposta mais geral nunca levada ao pé da letra totalmente. O coletivo tem uma composição rotativa e aberta, trabalhando com alguns membros que permanecem por mais tempo e outros que comparecem para colaborar de alguma forma por uma só temporada ou não. A atuação do Salve na cidade se tornou tão forte que um dos últimos feitos do coletivo foi ter conseguido um espaço físico (um quiosque café) dentro do Parque da Cidadania. Eles continuam na ativa e, inclusive no momento em que este texto sendo redigido, uma das temporadas acontece aos domingos.

Acontece que os acontecimentos e a contingência são o motor conceitual e afetivo dessa pesquisa. Eles são infinitos, ocorrem de múltiplas formas, de forma totalmente descontrolada e ao acaso. Não é possível citar todas as experiências que aconteceram de alguma forma durante o período em campo, antes ou depois. Demorei um tempo a perceber que essa era a característica mais impactante da experiência alternativa. Entretanto, quero reservar a parte final dessa travessia sobre encontros e política dos corpos para falar de um acontecimento em especial: que foi desprogramado, inesperado e brutal, provocando mudanças em todo o planejamento e ideia de ordem que eu tinha até então. Um choque de realidade completo. No dia 30 de junho de 2016 eu perdi meu principal informante e inspiração na pesquisa. Francisco das Chagas Júnior Araújo era o idealizador do Salve Rainha e, assim, uma das figuras centrais daquilo que optei de chamar por força alternativa em Teresina. Era também um amigo, tendo participado muitas vezes de trabalhos e ações comigo. Um amigo de zona, inclusive. Ambos somos da zona sul. E então ele foi assassinado, com 30 anos, sem chance de defesa. Uma morte estúpida, desnecessária, inesperada e simbólica. Infelizmente, tudo o que poderia falar sobre uma batalha por existir de modo outro por aqui estava ali, de frente com aquela tragédia que chocou a cidade inteira. E eu, visando uma ética dessa mesma existência outra, inteiramente materializada na figura do Júnior, não poderia terminar meu relato de pesquisa sem detalhar a força e a tristeza desse acontecimento.

3.6 Um fim e a continuação de tudo

Dia 27 de junho de 2016 era pra ser um dia normal. Era uma segunda feira. Para quem tem um trabalho regular, as segundas sempre são normais. E ruins. Quando acordei já estava bem claro, antes do horário que normalmente acordo todos os dias úteis. Estranhamente acordei com um gosto muito amargo na boca. Cogitei ficar mais um tempo deitado, me atrasar propositalmente das atividades da vida ordinária. Optei pelo não. Quando levantei fui direto

para o banheiro, junto com um maldito celular na mão.



No primeiro toque, entrei no grupo dos meus amigos do bairro. A primeira frase não era boa: um amigo meu dizendo que o Brunão, um colega nosso de colégio de bairro e parceiro nos jogos de basquete nos finais de semana, havia morrido de acidente. “Caralho”, pensei. E completei: “deve ter sido de moto, ele andava de moto, essas merdas são perigosas demais aqui em Teresina”. Todo o grupo de alguma forma já comentava lamentando, o Brunão era um cara conhecido e muito gente boa. Educado e tranquilo, divertido e feliz. O aumentativo não era à toa, acho que ele tinha dois metros de altura. De puro carisma. Pivô indiscutível no basquete. Perguntei onde tinha sido o acidente. Meu amigo respondeu: “Não sei, cara. Acho que foi na BR”. Larguei o celular, fui banhar e tomar café.

Com o gosto ainda amargo na boca, peguei o celular mais uma vez junto com a chave do carro. Indo rumo ao carro, uma parada e uma frase. Meu amigo reapareceu com mais uma mensagem ruim: “Rapaz, eu acho que o Júnior tava no acidente também. Parece que tava”. Era grave, era sério. Mas nada havia sido confirmado ainda. “Vamos esperar”, pensei. Entrei no carro e dirigi sem música, aéreo. Olhando pro celular que sempre deixo em cima do painel do carro. O gosto amargo na boca não cessava, aliás, tinha aumentado até então.

Quando chego no trabalho, a situação ruim é confirmada. Katya, minha amiga e parceira de trabalho na assessoria de imprensa, estava com cara de choro. Abracei-a e ela disse logo: “O Júnior sofreu um acidente, tá muito mal no hospital, muito mal mesmo”. Eu não tive nem cara para perguntar o que houve. Fui direto ao computador, procurar alguma notícia. Era pior do tinha pensado. Na madrugada do dia 26 para o dia 27, próximo da meia-

noite, Júnior e Brunão (e mais um amigo), que eram irmãos, estavam voltando de um evento no Parque da Cidadania, num fusca, quando foram colhidos brutalmente por um Corolla em alta velocidade. Bruno morreu na hora, Júnior e o amigo, Jader, estavam no hospital em estado gravíssimo. As primeiras informações davam conta que o Corolla avançou o sinal em alta velocidade. Depois mais algumas informações da mídia disseram que testemunhas viram que o condutor estava embrigado e foi pego pela política. Pouco antes de voltar para casa, por volta das 15 horas, tudo já era oficial: o cara estava bêbado, foi pego pela polícia, pagou fiança e liberado; testemunhas disseram que ele avançou o sinal e Júnior estava em estado muito grave com um traumatismo craniano de alto grau.

O Júnior era um amigo meu de longa data, nunca formos muito próximos, mas sempre ocupamos os mesmos espaços. Primeiro por estarmos na mesma área de trabalho: o jornalismo. Depois por causa da forma como enxergávamos a Teresina: como uma cidade em que era possível fazer algo de interessante, fora da aridez comum das falas e das ações. Ele tinha sido fotógrafo da minha banda uma vez. As fotos foram para o jornal. “É um projeto ótimo”, ele dizia. Depois, trabalhamos juntos em eventos sobre a nossa área, a comunicação. Nesse dia, há alguns anos, ele me deu carona. Aí eu descobri que ele era irmão do Bruno, meu brother de basquete. E também descobri que a gente estudou no mesmo colégio de bairro quando adolescente, embora não lembrasse de jeito nenhum da feição dele. Nos últimos tempos, a sede do Júnior tinha aflorado com força total. Ele tava no comando de um coletivo de arte e cultura, o Salve Rainha, que tinha a preocupação em ocupar espaços esquecidos na cidade e aí fazer acontecer qualquer coisa que fosse. Eu estava lá na primeira dessas investidas, no prédio abandonado da Fundação do Humor de Teresina, na praça Ocílio Lago, na zona leste da cidade. Nos falamos, ele me beijou no rosto e disse que tinha certeza que eu apareceria. Estava certo. Depois, conheci o cachorro dele (que foi a atração da noite, aliás), o Mojito, nome do drink que depois ficaria conhecidíssimo como a bebida cargo chefe do Salve.



A partir de então o Salve Rainha ganharia uma força inesperada em Teresina. Sendo o acontecimento alternativo dos domingos fantasmas. A ocupação numa das principais ruas do centro da cidade me marcou muito. Foi logo depois da ocupação na praça, acho. Convivia naquele universo havia muito tempo e nada tinha vivido de parecido. A imagem mais marcante é dos tecidos coloridos colados no teto entre os estabelecimentos comerciais fechados. E o gosto mais marcante era da hortelã dos seguidos mojitos consumidos. O centro é um lugar importante pra mim. Apesar de morar no subúrbio, estudei a vida toda ali. Fora do tempo capital aquela vida toda morria e nada mais acontecia. Agora era diferente. E era novo, pelo menos eu nunca tinha visto. A gente podia ir para o centro no domingo à noite.

Com o coletivo e seus eventos estabelecidos, minha banda tocou lá, duas vezes. O Júnior dizia que a gente precisava tocar, sem pestanejar. E, como até o momento não havia pagamento para as bandas, ele sempre demonstrava uma preocupação extrema com o nosso bem-estar. “Vocês querem algo?, Tão precisando de algo?, Tão bem?, Tão gostando?, Vou trazer água pra vocês” eram as frases repetidas com uma insistência bonita e agradável. Então veio o meu mestrado em Antropologia e eu optei por estudar todo aquele movimento, não só do Salve Rainha, mas de tudo, de norte a sul da cidade, que tentava criar algum tipo de cultura fora do circuito imposto. A falta de opção nunca foi uma escolha nossa, mas nem por isso significava o fim. Ele foi uma das primeiras pessoas que relatei o motivo da minha pesquisa. Adorou, como sempre. Isso aumentou minha frequência de ida ao Salve, trocávamos alguns minutos de conversa sobre e acabei decidindo que ele seria o último da minha lista de

informantes a ser entrevistado. A ideia era ter uma conversa longa, de horas, sobre a vida e as coisas do mundo.

E aí ele morreu. Dois dias depois do acidente, teve morte encefálica declarada, no dia 29 de junho de 2016. Pior, foi assassinado por um imbecil inconsequente. Sem que a gente tivesse a nossa conversa. Mais que um dos meus principais informantes de pesquisa, eu tinha perdido um amigo e, a cidade, um cara que era bem à frente do tempo dele, apesar da simplicidade. No dia do acidente, Júnior tinha conseguido sua maior vitória na briga por cultura em Teresina, depois d'O Salve atingir um tamanho difícil de não ser percebido, a prefeitura tinha dedicado um quiosque no recém-inaugurado Parque da Cidadania para o coletivo. Funcionaria como um café, com bebida, comida, às vezes eventos dentro do parque e a possibilidade de encontrar os amigos, ver uma exposição local e ouvir música legal. Na volta da inauguração, o pesadelo tinha se materializado. Que merda.

Os dias que se passaram após o acidente foram pesados. Eu não consegui fazer nada direito. A angústia na espera de uma melhora foi o pior dos sentimentos. Confesso que nem lembro direito dos acontecimentos. O velório do Brunão aconteceu e eu não tive coragem de ir. A cidade estava mobilizada com aquela tragédia. Só se falava disso. Saiu em todos os jornais de todos os meios. O choque e a tristeza eram tão grandes que não conseguiam dar força e velocidade para a indignação. Até que então veio a tão temida notícia de morte. Felizmente, o boletim médico informou que o Jader estava fora de perigo.

Na indecisão de onde seria o velório, terminou por acontecer no Clube dos Diários de Teresina, no complexo do Teatro 4 de Setembro. Um lugar historicamente importante da cidade, talvez o mais importante, onde passaram muitos do que fizeram arte ou lutaram por ela de alguma forma. A História não brinca em serviço, ela sempre te mostra como o mundo é. Me lembro que cheguei lá por volta das 15 horas e havia muita gente. Gente de todos os tipos. Pessoas de todos os cantos da cidade foram sensibilizadas de alguma forma. Aquele era o mundo que o próprio Júnior acreditava, o mundo da diferença, da convivência e da resistência. Ele estava todo vestido de branco, com um turbante e uma saia longa que viraram a marca registrada dele e do Salve Rainha. A família lado a lado com os amigos do coletivo. As pessoas mais próximas, aliás, estavam absolutamente sem reação. Era compreensível. Ninguém esperava. Em determinado momento, as pessoas soltaram balões azuis e brancos para o céu. Fiquei por lá até por volta das 20 horas e simplesmente o número de pessoas não diminuiu.



No outro dia pela manhã foi o enterro, bem cedo. Fui com a minha amiga do trabalho. Eles já se conheciam antes d'eu e ela nos conhecermos no trabalho. Uma vez nós três nos encontramos no Salve Rainha e passamos uns 30 minutos fofocando sobre o jornalismo local. Na espera antes do enterro, encontrei um amigo, outra figurinha carimbada do meio, DJ e organizador de uma festa que dava prêmios para os melhores da noite alternativa da cidade. O Júnior tinha ganho vários desses prêmios. Eu também tinha um. Sempre que olho para o prêmio na estante do meu quarto ainda lembro dessa confluência. Nosso amigo ficou contando mil históricas de como a Chaguinha (assim ele era mais conhecido no íntimo, o nome de batismo dele era Francisco das Chagas de Araújo Júnior) tinha uma sensibilidade sobrenatural. Acho que a sobrenaturalidade era a principal característica dele. Ficamos por ali por um tempo até que o corpo chegou.

O enterro foi triste, como toda despedida é. Estava todo mundo muito abalado com tudo. As reações eram mínimas. Os companheiros de coletivo todos usavam saia e turbante, como ele. A ficha ainda não tinha caído, nem cairia tão cedo. Ninguém precisaria aceitar aquilo. Era uma situação a ser combativa para sempre, uma ética de vida. Em determinado momento comecei a sentir sensações, de incômodo, sobretudo. Fazia um sol de rachar a moleira. O calor me abraçava com insistência. O céu estava tão azul que os olhos doíam. O incômodo fez parceria com a tristeza e o luto. E aí acabou. Tudo aquilo era real. O enterro havia acontecido de fato. E restava a nós segurar as pontas e continuar de alguma forma reinventando a memória dele e de tudo que ele fazia.

Alguns meses depois, entendi exatamente o incômodo que havia sentido na hora do enterro. Numa pequena entrevista de perguntas e repostas que havia sido publicada postumamente na revista *Revestrés*, Francisco das Chagas Júnior foi indagado sobre seu

principal incômodo. A resposta foi: “A inércia da grande maioria da população que continua seguindo o rebanho – que não questiona, não muda, aceita as imposições sociais, políticas, religiosas que suicida vidas preciosas por pura intolerância – Eu sonho com a revolução de todos e transformação geral da nação!”. Era isso, ele estava certo. E vivo.

4 O RITUAL DO DESCANSO: A DEFESA DA DISSERTAÇÃO

Quinta-feira

Sem a ferocidade do acordar comum. Dos últimos meses, principalmente. Sinto calor entrando pelo quarto. É o conhecido mormaço de Teresina (mesmo estando em dezembro). O quarto está abafado, fechado, escuro, exceto pelas frestas de luz da manhã que arrombam sem medo os espaços livres. O levantar, contudo, é suave. Sem a pressa dos dias ordinários, estou de férias. Sem trabalho, sem estudo. Ser vagabundo é muito bom. Os últimos meses foram absolutamente cruéis no quesito aproveitamento de sono. Estava finalizando minha dissertação de mestrado, aos trancos e barrancos, com os prazos estourando. Fui o último da minha turma a entregar o texto, vinte e cinco dias atrás. E hoje é o dia da etapa final, dizem: a defesa da dissertação.

Logo penso: “acho que devem ser umas nove horas”. Erro completo, já são onze da manhã. “Hoje é o dia, finalmente. Estou livre”, é o pensamento que vem em seguida. Faço o meu movimento de sempre, apesar da atipicidade do dia. Pego meu celular, olho rapidamente os grupos no Whatsapp, nada de interessante como sempre. Mando um bom dia em dois grupos de amigos de infância e vou direto ao meu aplicativo preferido. Spotify, playlist Afrobeat essentials, tocar. Estou ouvindo afrobeat com constância para me atualizar no estilo, já que com tempo livre, posso voltar a brincar de DJ nas minhas festas e quero fazer um set de afrobeat. Deus Fela Kuti reina, bro. Enquanto banho, uma música chama muito minha atenção. Assim que termino, me enxugo, pego logo o celular e vejo o nome do artista: Iconili. Não conheço, interessante. Adiciono na minha playlist pessoal de selecionadas para dissecar com mais calma depois. Vou para a cozinha e felizmente minha mãe fez um café reforçado. “Tá frio”, ela diz. “Só precisa esquentar, usar o micro-ondas aí”, completa. “Tá bom, mãe”, digo. Ela me pergunta se estou nervoso e respondo prontamente que de forma alguma: não. De fato, sou muito frio com essas situações. Ansiedade nenhuma, medo nenhum.

Tomo meu café rapidamente e volto para o quarto. Pego um texto impresso de três páginas que está em cima da minha bagunçada mesa de estudo, deito na cama e dou uma olhada. É a minha apresentação que escrevi e imprimi um dia antes. Estranhamente os papéis já estão amassados. Na releitura que percebo que a apresentação está muito boa. Não há mais o que fazer, agora é só esperar a hora do veredito final. Faz parte do jogo e nele a gente costuma perder. Fico deitado na cama bagunçada zarpando de um canal para outro na TV. A

atenção totalmente esvaziada. Estou de férias, ou quase. De repente, acordo assustado. Dou um cochilo rápido enquanto nada fazia. A TV continuou ligada, em algum programa esportivo. Não lembro de ter colocado na SporTV antes de adormecer. Minha mãe passa no quarto e avisa que o almoço já está pronto. Retruco que ainda não estou com fome, pois tomei café tarde. Completo dizendo que vou arrumar o quarto, é o tempo que a fome chega.

Depois do almoço, continuo deitado na cama pensando na vida, na caminhada do mestrado e no que pretendo fazer de agora em diante. “Nem foi tão difícil assim”. “Não quero doutorado agora”, penso logo em seguida. Depois percebo as precipitações quase alucinatórias e esqueço a angústia prontamente. Não faz sentido pensar nisso agora. Na verdade, nem sei se vou ser aprovado hoje. Quem liga? Entre um pensamento e outro, o tempo passa rapidamente. Olho para o relógio e já são quase duas da tarde. A defesa está marcada às quinze horas. Tomo um banho rápido enquanto continuo ouvindo a playlist de afrobeat. Dessa vez, em decorrência de uma ansiedade leve, não presto tanta atenção nos sons. Eles vão somente me atravessando, servindo de trilha incidental e não como tema principal. A situação me lembra o meu filme preferido: Onde Os Fracos Não Têm Vez. Por alguns anos achei que era um filme sem trilha. Um dia qualquer, revendo a película, simplesmente percebi e descobri uma fina trilha sonora que a conduz, embora de forma quase imperceptível e sensual.

Na hora do vestuário, o ritual maior. Coloco minhas roupas de ente alternativo. A estética é o conteúdo, é sobre isso que a dissertação fala o tempo inteiro. Na estética há tudo o que se precisa saber. Camisa regata preta, mostrando o máximo possível de tatuagens. Tênis All-Star preto inteiramente destruído pelo tempo. É uma relíquia, tenho ele desde adolescência. Só uso em situações especiais. Brinco com um pingente que é o tridente de Exú, meu Pai (comprei inspirado no brinco com espada de Ogum que o Djonga usa), um lenço laranja amarrado no punho e um calção da Adidas também preto. É hora da batalha. Ponho na mochila apenas uma garrafa de água gelada, meu pequeno moleskine estilo japonês (meu novo caderno de campo) e o texto impresso da apresentação. Não quero usar data show. Sem multimídia, sem nenhum dos recursos tão usados por jovens acadêmicos.

Chegando na universidade, vou direto para a sala da coordenação. O secretário não está mais lá, se dirigiu à sala de vídeo onde ocorrerá a defesa. Parte dela vai ocorrer via Appear.in, já que a universidade inteira sofre com uma escassez brutal de recursos e praticamente não existem mais verbas para trazer professores nas defesas de pós-graduação. Me dirijo para a sala de vídeo do CCHL atrás do Nathanael, o secretário. Vários anos que não

entrava nessa sala de vídeo. Na minha graduação em Comunicação, anos atrás, participava muito da exibição de filmes em um projeto chamado Tela Sociológica. Acho que ainda hoje esse projeto existe. Boas lembranças dos filmes do Buñuel que vi.

O Nathanael é um dos caras mais legais e importantes de todo o departamento de pós-graduação em Antropologia. Sabe de tudo, todos os trâmites, com muita educação e paciência também explica tudo, agiliza qualquer pendência de qualquer aluno interessado. Meus amigos de outras pós-graduações têm inveja do secretário que a Antropologia-UFPI tem. Grande cara. E ainda é baixista. Na sala, ele já está com quase todo o equipamento organizado. Dou bom dia erroneamente (talvez já esteja sendo tomado pelo nervosismo, a contragosto), pergunto dos professores. Ele responde que viu os professores Alejandro (orientador) e Márcia (parte da banca) já zanzando pelos corredores. Uma coisa me assusta logo de início: algumas pessoas que não conheço estão sentadas esperando a defesa começar. Particularmente, apesar de toda defesa ser pública e divulgada pela própria instituição, eu não convidei ninguém a não ser duas amigas bem próximas.

Logo chegam os professores, meu orientador e a professora Márcia. Conversamos rapidamente sobre, pasmem, doutorado. Mudo completamente o discurso de outrora (algumas horas antes) e digo que vou buscar fazer um doutorado fora do país, mas que pretendo passar um tempo me preparando, principalmente no quesito língua e grana. A professora Márcia, uma jovem mulher indígena que já leu tudo e todos no quesito antropologia, concorda. Ela diz que pensa em fazer um pós-doc na Austrália, já que é etnóloga. “Sabe escolher”, penso. Digo que talvez dê um rolê no Canadá, já que eles têm facilitado os estudos para imigrantes. Ela responde que talvez seja interessante, pois não conhece ninguém da antropologia no Brasil que tenha estudado por lá. O aval dela me dá uma paz de espírito imediato. “Talvez eu não esteja nem sonhando demais e nem tão equivocado assim”, reafirmo para mim mesmo, enquanto ouço distante professor Alejandro dizer que está na hora.

O Nathanael tenta se conectar com o outro professor da banca, o professor da Universidade Federal de Alagoas, João Batista de Menezes Bittencourt. João é um punk que conheci num evento lá em Alagoas mesmo, no primeiro ano do mestrado. Ele trabalha com subjetividade e agrupamentos urbanos, exatamente “minha área”. Tive muita sorte em achar ele logo no início da minha jornada. De certa forma, meu instinto sempre me disse que seria ele o convidado para a banca um ano e meio depois. Inclusive, usei muito o seu livro como aporte na minha pesquisa, uma etnografia com os punks straight edge da cidade de São Paulo. Para mim, era importante demais que um intelectual do nordeste fizesse parte do meu

trabalho. Não tinha outra, era pra ser ele.

Quando o Nathanael consegue o primeiro contato com ele via computador e sistema de som, tomo um susto. João está completamente barbudo. Confesso que achei bem melhor que outrora, cara de punk completa. Punk contemporâneo. Testes se seguem, às vezes o áudio trava, às vezes a imagem para. Fico preocupado, embora o ritual já esteja iniciado. Dou oi para todos, apresento os professores Alejandro e Márcia ao professor João, todos se cumprimentam. Dou boa tarde para os desconhecidos na plateia. Aí o professor Alejandro toma a palavra, agradece a todos, elogia prontamente o meu trabalho, que chama logo de cara de "diferente". Diz que vai começar por mim. Replico que fiz um texto e vou ler rapidamente para que entendam a minha proposta, mas não quero me estender pois entendo que a discussão é mais importante que minha inflexão sobre algo já escrito (impressionantes cento e setenta páginas só de texto, sem as imagens). A leitura do texto ocorre de forma rápida e sem maiores problemas. Ao terminar, percebo de relance que as pessoas prestaram atenção na leitura. Então, professor Alejandro toma a palavra mais uma vez e diz que o professor João pode começar com suas considerações.

Logo em seguida iniciam também os problemas. Ergo a cabeça e vejo que uma amiga minha, Gigi, encontra-se sentada observando. Dou uma risada e aceno. Ela devolve na mesma moeda. A internet cai. O professor João mal tinha começado a falar. Alguns minutos se passam, o Nathanael volta da coordenação para resolver. A conexão é reestabelecida. Só dá tempo o professor João agradecer o convite, relatar rapidamente como me conheceu, perguntar se eu ainda toco post rock e finalizar dizendo que ontem postou no Instagram parte do meu texto falando como era gostoso ler uma dissertação com trilha sonora. No momento que todos rimos disso, a conexão cai novamente e dessa vez não volta mais. O Nathanael volta novamente para a sala de vídeo. Começo a ficar tenso de verdade e achar que não seria possível continuar. Tentamos pelo Facebook, via perfil do próprio Nathanael, resultado nenhum. Sinceramente, o equipamento que a UFPI disponibiliza é velho. A internet é fraquíssima. Taí uma pedra cantada. De repente recebo uma mensagem no celular, uma notificação do Facebook. É o próprio João me adicionando na rede e em seguida pedindo para fazer uma chamada de vídeo. É o jeito. E usando o meu 4G da Vivo, bom frisar. Coloco o celular deitado em cima do computador da coordenação, ligo o cabo de som para amplificar, todos nós nos aproximamos ainda mais para nos vermos. Quem está só acompanhando de longe, passa a não ver mais de jeito nenhum, só ouvir. "Acontece", penso.

"Acho que agora vai", comenta o professor Alejandro com seu costumeiro humor

estranho. A professora Márcia ri. O professor João, com muita paciência, retoma mais uma vez o que mal começou. “Eu queria dizer primeiramente que por mim, o Caio já está aprovado. O que vou fazer aqui agora, são considerações sobre o que considero que pode melhorar e, principalmente, sobre pontos em que o Caio vai ter que estudar mais e refletir mais, na minha concepção”, assim abre a exposição. Pego meu caderno japonês comprado no Instituto Moreira Sales do Rio de Janeiro na viagem que fiz dias antes, logo que entreguei a dissertação. Para minha surpresa, apesar de ser um punk, João é muito metódico e detalhista, características que considero como não sendo de forma alguma o forte do meu trabalho. Nem minhas. Ele começa criticando o resumo. “Está muito aquém do texto”, fala. Eu concordo perfeitamente. Quando escrevi o resumo já não tinha mais forças nenhumas para pensar em nada. Aliás, acho resumos uma grande chatice. Depois ele atenta para o fato da própria formatação que parece irregular. Concordo prontamente mais uma vez. Essa foi uma decisão conjunta com o orientador. Vamos deixar a revisão e a formatação profissional para a entrega final do texto.

As críticas continuam. Muito embora concorde com todas, me sinto estranhamente afetado. De certa forma, eu já sabia que quase todas elas apareceriam daquela forma. Foi um risco que sabia que poderia correr, sem ser tão calculado, uma vez todo o sentido das colocações diminuíam consideravelmente a qualidade da pesquisa. É um risco cego, como Nabokov falando do berço que paira sobre um abismo. Entre uma consideração e outra, um elogio interessante. “Me parece uma dissertação máquina, um texto máquina, no sentido deleuziano mesmo”. É isso, é isso. É exatamente assim. A máquina produz algo, sem que queira abordar o mundo inteiro com as pernas e os braços. O jeito como coloco os conceitos não passa impune, João confessa que os considera jogados de forma apressada, dificultando a leitura de quem não é ambientado com eles. Definitivamente não é uma preocupação minha. Mas a crítica, assim como todas as outras, permanece pertinente.

Um ponto me incomoda bastante: o professor coloca que na introdução eu coloco o termo juventude de forma essencializada ao citar o comportamento do rapper XXXTentacion. De fato, “ficou bastante tosco”, penso. Faço um movimento assertivo com a cabeça. Isso é algo a ser mudado urgente. Toda a dissertação é feita justamente para bater de frente com qualquer noção de essência ou identidade. Em determinado momento o tão esperado “sentir falta” aparece na fala do professor. “Senti falta de uma problematização em torno da expressão cena, acho que você conhece Straw, pode usar ele para contextualizar bem que tipo de cena você está falando, talvez como nota de rodapé, ok?”, diz, sempre com elegância. Já

conheço Straw, na minha cabeça simplesmente não coube uma contextualização da palavra cena. Talvez seja bom que destine dois parágrafos a isso. O uso de rodapés no texto, para mim, é estritamente proibido. Pensei nele como uma obra sonora, estética, sensorial. Colocar nota de rodapé travaria completamente a experiência mínima que proponho, seria como dar pause no meio de uma música numa festa.

Uma inserção cômica e injusta aparece. João pede que não seja tão duro com a atividade antropológica. Talvez o tom manifesto da escrita deixe a entender isso, mas certamente não é uma intenção minha. Pelo contrário, tudo que aprendi com rigor e consistência nos últimos anos eu devo ao meu contato com as infinitas formas de se fazer antropologia. Sou realmente um apaixonado por tudo que a cerca. Saí da comunicação social e não esperava me sentir tão acolhido em meio a estudos sobre michês, indígenas, quilombolas, cientistas e boleiros. Fica aqui meu registro, ainda que estabanado, do meu reconhecimento por todo corajoso que opta por fazer antropologia num mundo que erroneamente tenta apagar as diferenças.

Uma outra colocação que já esperava aparecer. O professor João diz que faltam mais descrições sobre os marcadores sociais dos grupos alternativos estudados. Essa também não foi uma preocupação minha em momento nenhum. Jamais me propus a fazer um mapeamento do que chamei de “cena alternativa de Teresina”. Inclusive, considero que talvez essa seja uma atividade que beira o impossível, do ponto de vista técnico e de efetividade. Para alguém preocupado com o fazer científico, a colocação de João é necessária, mesmo com meu aviso prévio. Essa anotação eu faço com um destaque maior do meu caderno. “Talvez no futuro eu tenha que fazer uma pesquisa com essa pegada mais tradicional”, reflito.

Finalizando, um pouco apressado por conta do atraso e de um aviso do professor presidente da banca, o professor João pede que eu leia alguns trabalhos da etnóloga tunisiana Favret-Saada sobre etnografia dos afetos e afetação. Para ele, minha etnografia é fruto de uma profunda afetação pessoal (balanço a cabeça afirmando de novo). Talvez seja isso mesmo. Ironicamente, um desses textos da Saada eu já li na disciplina da professora Márcia. Enquanto o professor João fala, olho para ela rindo e ela capta minha mensagem respondendo ao riso com o outro riso. Por último, a consideração que acho mais séria e que também colocava como alto risco de aparição: a etnografia contém muito pouco conflito. É uma crítica absolutamente pertinente. Não existe vida social sem conflito. Quiçá talvez o conflito seja até o que existe de mais básico e geracional em qualquer fenômeno. A tal da controvérsia que o Bruno Latour tanto bate na tecla. Eu sabia disso, na minha escrita tentei algumas vezes

descrever de situações de conflitos. Elas não estão ausentes na experiência alternativa em Teresina. Talvez minhas descrições calculadas não tenham sido suficientes. Eis aí um erro grave do meu texto, ele é feliz demais (embora termine com uma morte trágica). Quando professor termina a colocação, agradece mais uma vez e me parabeniza, tenho a certeza de que foi certo chamá-lo para fazer considerações. Era um contraponto que necessitava, mesmo eu tendo a certeza que minha proposta era absolutamente fora do esperado. Muito obrigado, professor João. Te devo uma dose de cachaça se um dia voltar a Alagoas.

Um silêncio rápido paira na sala, finalmente consigo relaxar um pouco e ao levantar a cabeça, enxergo minha outra amiga Rayo sentada me assistindo. Uma garota de suma importância no trampo. Foi com ela que fiz infinitas discussões sobre a estética adotada na pesquisa. Foi ela também que me apresentou a principal influência espiritual da dissertação: Jim Jarmursch. A Rayo me entende pra caralho. Eu fico feliz que ela tenha aparecido, mesmo atrasada como sempre. Ela está atenta na discussão. Professor Alejandro sobe o tom de voz e avisa que a professora Márcia vai fazer suas colocações. É uma participação esperada, uma vez que considero a professora como sendo a melhor que tive durante o período de disciplinas. Era um desejo pessoal tê-la como minha examinadora.

Ao começar a falar, a professora Márcia parece estar muito empolgada. Ela diz que vai fazer apenas considerações sobre tudo. “Assim como é o trabalho, acho mais interessante não seguir uma linha ortodoxa de fala, acho que pode diminuir o valor da coisa. Vou falar de forma livre de acordo com algumas anotações que fiz aqui”, inicia. “Ótimo”, retruco. “Eu gostei muito da etnografia, de verdade”, completa. “Pronto, pra mim, o trabalho valeu”, penso de imediato. “Eu pensei muito na música, na trilha que você construiu para acompanhar a leitura. E pensei muito num pesquisador que gosto, que fala de paisagem etnográfica sonora, já fica aqui a indicação de leitura. O nome dele é Steven Feld”, continua. “A música ficou muito atrelada a mim”, diz. “Eu comecei a ler sem muita força, a noite, botei a trilha que você enviou para tocar e abri um vinho. Só terminei quando terminou e o texto e vinho”, arremata, rindo. É exatamente o tipo de sensação que desejo causar no leitor. A professora falar isso é de suma importância pra mim. Puta merda, viu.

Ela continua falando do quão interessante é pensar numa etnografia da percepção, já que esse parece ser um aspecto colocado em segundo plano na criação de etnografias. “Como se a vida não tivesse uma dimensão que escapa, um subjetivo escorregadio que só o inexplicável é capaz de perceber”, completo mentalmente. A explanação da professora não segue uma linha e tudo que consigo fazer é ir anotando as várias indicações largadas por ela a

cada minuto. “Eu gostaria muito que você lesse os trabalhos da professora Strathern sobre a antropology at home e os limites de uma auto antropologia”, diz com entusiasmo. O brainstorm continua com algumas colocações sobre a característica metafórica do texto e o número quase ilimitado de referências. “Olha, eu vou ter que discordar um pouco do professor João no que toca a inserção de rodapé. Acho que o Caio fez isso de propósito para não matar o andamento do texto. Fica um dilema entre pesquisar do que trata a referência ou continuar embalado pela leitura”, crava. Ao mesmo que a etnografia fala de uma vida viva que povoa a cidade de alguma forma, também revela uma aridez do capital e do estado. É um bom ponto para ser explorado. Acho que praticamente todos os meus informantes já foram atravessados por tal sentimento.

“Eu gostei da ideia de rolê, do caminho, do percusso pessoal. E o texto vai perdendo fôlego no final, vai anunciando o seu final. Imagino que assim as pessoas que estão sendo retratadas nele também se sintam. É importante que uma etnografia repasse essa espécie de sentimento, essa coisa que eu nem sei denominar direito”, fala a professora Márcia. Incrivelmente já são quase dezoito horas da tarde. Caralho, já se passaram três horas. A sala está mais fria. Olho ao redor e a maioria das pessoas que estavam lá antes já foram embora. “Compreensível”, penso. Estou gostando da minha defesa mas confesso que no geral acho um tipo de acontecimento muito estéril.

Volto dos pensamentos distantes no exato momento em que a professora Márcia faz sua consideração última, também alegando tempo. O comentário derradeiro é o que, no momento, considero como sendo o mais importante da defesa. Márcia diz que é etnóloga e que leu a dissertação com os olhos dos espíritos indígenas que rodeiam os trabalhos da área. A etnologia foi minha principal influência no decorrer da pesquisa, sem dúvidas. Minha ideia primeira, boba até, era fazer um relato selvagem, um caderno de campo do próprio outro, alternativo, uma vez que eu era ao mesmo tempo o estudante e o estudado. O sujeito e o objeto juntinhos. Queria fazer a dissertação soar como um indígena falando da sua própria realidade. “Por ser etnóloga, e não uma antropóloga das cidades, eu consegui entender bem cada insegurança do Caio e, principalmente, a emoção que ele colocou em cada momento da etnografia. Isso é bom”, finaliza.

Um silêncio meio constrangedor, meio cômico se instala no recinto. Olho para a Rayo e ela está rindo. Eu sei o que significa o sorriso dela, ela entendeu tudo o que a professora Márcia falou. Ela sabe que a leitura da professora Márcia é exatamente o que eu queria de um leitor. “Porra, nem acabou ainda e acho que está bom demais”, penso. “Não é um trabalho tão

ruim assim, eu acho", complemento, no exato momento em que o professor Alejandro toma a palavra. Ele faz um comentário rápido, diz que não tem intenção de falar sobre o trabalho, coisa que fizemos muito e muito. Diz que me considera uma rara surpresa no meio, uma vez que venho de uma área outra, o jornalismo. Em seguida diz que talvez meu trabalho esteja numa categoria chamada antropologia da reflexão e da percepção. "A percepção é uma política poderosa, disse Deleuze em algum lugar que não lembro", completa. Deleuze é certamente um dos meus musos. "Eu acho que agora o Caio pode falar um pouco sobre as observações, vou dar apenas 15 minutos para ele, já que estamos muito atrasados e percebo que estamos todos cansados", finaliza.

A minha fala é breve. Eu começo dizendo que a intenção sempre foi tencionar de alguma forma o fazer científico. Não sabia como, na verdade ainda não sei, mas a tentativa está aí. "Foi uma pesquisa feita com o processo exposto o tempo inteiro", digo. "Talvez o processo seja mais importante que o resultado final. Inclusive acho que se eu for ler o texto agora, vou achá-lo aquém da experiência que vivi todos esses anos e que tentei retratar aí. É como diz o Bataille, é uma experiência interior", falo com um pouco de timidez. Começo a comentar cada um dos pontos anotados e que relatei aqui acima. Não foi uma defesa, foi uma conversa. As críticas foram pertinentes, os elogios também. No momento só consigo sentir alívio. Foi mais legal do que imaginava, apesar do caráter hermético do debate para quem não leu o trabalho (esse é o problema de quase todas as apresentações de trabalhos acadêmicos).

"É isso, encerro aqui. Espero que tenham gostado, eu só tenho a agradecer pela paciência e por todos os comentários. Anotei tudo. Vou refletir sobre tudo e fazer todas as mudanças necessárias. Muito obrigado mais uma vez. Obrigado", finalizo. Está acabando. "Então é isso", diz também o professor Alejandro, e complementa com um: "não acaba aqui, aqui é começo, pode ter ficado alguma coisa fora, sim, mas não acaba aqui. Todos nós ainda vamos pensar bastante sobre o trabalho do Caio. Obrigado a todos, quero liberar vocês, sobretudo os professores João e Márcia que já estão aqui há mais de três horas. Agora vamos pedir para todo mundo se retirar que vamos discutir aqui a aprovação do Caio". Vem a salva de palmas pequena e verdadeira, seguido de um silêncio que faz o som do ar concionado parece um grito. Dou risada com essa declaração final, tinha esquecido completamente que é o momento final de toda defesa, a tensão especulativa do jogo.

Todos saímos. Lá fora, dou um abraço na Gigi e na Rayo. As duas dizem que gostaram bastante da apresentação. Gigi diz que já "esperava". A Rayo faz o comentário em cima das falas dos professores: "Não gostei do que o professor do computador falou, não. Acho que a

professora foi mais esperta. Ela captou". A Gigi diz que talvez ele tenha se preocupado com aspectos importantes em qualquer trabalho de antropologia. Não consigo racionar muito, só digo que achei legal e que acho que atingi o esperado, tanto no sentido crítico como no aspecto elogioso. Todo mundo ri. Professor mete a cara dele risonha para fora da sala de vídeo: "Bamos". Nesse intervalo, um acontecimento curioso, a única pessoa estranha que ainda estava na sala vem falar comigo. Lembro dela de imediato, é uma ex aluna da minha mãe, professora de ensino básico. Ela diz: "tudo bom, Caio? Gostei muito do trabalho, peguei na metade mas achei muito interessante e criativo. Parabéns". Cumprimento e agradeço ela, sem por dentro deixar de achar inusitado o fato.

A moça vai embora. Entramos, sentamos e o presidente da banca, meu orientador, é curto e grosso: "Trabalho aprovado com absoluto sucesso. Parabéns". Outra pequena salva de palmas. Mais uma roda de agradecimentos gerais. Me levanto, faço cara de "ufa" para a professora Márcia que ri elegantemente. Nos minutos finais, professor Alejandro conversa com o professor João sobre como entregar a ata de defesa. Estamos todos cansados e enfadados, essa é a verdade. Tinha pensado em chamar todos para tomar uma cerveja depois mas a possibilidade está descartada ao término do ritual. Desfaço a chamada com o professor João. Alejandro comenta que o Nathanael já deve ter ido embora (são mais de seis da tarde) e que ele vai fechar a sala de vídeo e a coordenação. A professora Márcia agradece o gesto de generosidade. Na saída da sala, ela faz um comentário espirituoso: "Finalmente, férias. Foi a última defesa da turma. Agora vou desligar o celular e a minha internet". Isso provoca uma risada sincera em mim. "É o comentário que eu faria", penso. Me despeço das meninas. "Tchau, baby. Muito obrigado", digo para Gigi. Dou um abraço forte na Rayo e agradeço. "A gente se vê logo, precisamos conversar", alerto. Ela diz: "Tá bom, eu vou ensaiar agora, já tô até atrasada". Eu retruco: "azilada".

Vou caminhando em silêncio com o Alejandro até a coordenação. Ele abre a sala, põe todos os equipamentos na mesa da secretaria, checa tudo, apaga todas as luzes. Espero do lado do fora.

"Deu certo, né", comento. Ele não responde. Me dá um abraço e dois beijos no rosto. "Tchau, bichinho. A gente se fala", ele fala e sai caminhando cambaleante rumo ao fim do corredor do CCHL. "A gente se fala", respondo. O que vem em seguida é um grande clarão na minha memória. Não lembro de quase nada. Amanhã é sexta. Antes de entrar no carro, um pouco menos tonto, lembro de mandar uma mensagem dizendo que tudo correu bem para uma paquerinha que está nas brenhas do Mato Grosso, sem internet. "Ela deve ver mais tarde",

concluo.

A viagem de carro voltando para casa foi lenta e silenciosa. Talvez seja a viagem mais lenta que já fiz desde que aprendi a dirigir. No caminho, uma mulher muito bonita e inteiramente vestida de preto corre na Marechal Castelo Branco. Um descuido e quase bato meu carro na traseira de outro. Os vidros estão abaixados. Não estou ouvindo música. O clarão na memória aparece de novo. Em casa, antes de dormir, deitado na cama, assisto um anime que queria ver há meses. Não termino nem o segundo episódio. Um clarão na memória de novo. Um sono tranquilo. Um acordar zumbificado no meio da madrugada parar beber água e curar a ressaca. Nenhum barulho mundo afora, exceto um cachorro latindo distante.

Sexta-feira

O despertador não toca feroz. Não agora, não dessa vez. Talvez depois.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Faz quase um ano que defendi minha dissertação de mestrado. Só agora estou entregando a versão final, eternizada, espero, nas bibliotecas da instituição na qual me formei. Muito tempo, eu sei. Um ato de absoluta irresponsabilidade minha demorar tanto tempo para entregar a versão final na coordenação do curso (minhas sinceras desculpas sobretudo aos coordenadores que sofrem com tais atrasos). Não tem defesa (sem trocadilhos, sem ironia). Esse buraco no espaço-tempo, no entanto, me fez refletir sobre pontos que considero vitais e que considero importantes de serem colocados aqui. O primeiro diz respeito ao próprio atraso na entrega. Não deixa de ser uma atitude política, ironicamente. Meu orientador me falou várias vezes, e eu não esqueço, que só consegui fazer essa pesquisa da forma que fiz por causa do esquecimento que o Piauí ocupa no cenário de produção intelectual nacional. Verdade dura e quase absoluta. Como ninguém olha para nós, podemos ousar e não seguir corrente de ensino nenhuma. Nesse sentido, o atraso não deixa de ser um ato rebelde (infantil também, bom frisar), mostrando melancolicamente uma realidade onde muita gente prega no deserto. Mesmo assim, a existência do trabalho em si comprova também a força viva de tudo que temos por aqui. É justamente por causa do atraso que ela tem essa forma final. Não fiz nenhuma mudança proposta pela banca, ela está exatamente como foi escrita primeiramente, com todos os erros e inconsistências. Ao invés disso, revolvi adicionar dois textos anexos: este de agora e um outro usando da metodologia do trabalho para contar como foi a defesa da dissertação. Tal ideia só tive recentemente, o objetivo primeiro era fazer todas as mudanças. Sem atraso minhas ideias jamais teriam amadurecido para tal arremate. Do jeito que está agora, acho mais de acordo com a proposta principal. Entregue aos trancos e barrancos e disponível enquanto saber autenticado. Isso é importante, ponto.

A outra reflexão é sobre a qualidade do trabalho. Hoje, não o acho bom. Pelo contrário, enxergo um sem número de falhas e indecisões que dificultam bastante a sua leitura. Definitivamente, se o leitor espera um mapeamento de uma realidade alternativa da cidade de Teresina, com certeza ele não vai encontrar. Tudo falado aí, em termos de dados concretos, passa muito longe da profundidade que a urbe proporciona. Isso não há o que se discutido. Eu fico bastante aliviado de pensar que alguém jamais vai usar esse texto para extrair algum dado sobre alguma manifestação cultural da minha cidade natal. Isso é

ingenuidade, para não dizer loucura. São apenas rastros, indícios de algo. Eu diria que inclusive o objeto foi construído e certificado de forma errônea. Talvez (e a professora Márcia falou isso na defesa e só me atentei meses depois) fosse mais interessante eu trabalhar somente com o conceito de rolê. O que faço é uma etnografia do rolê alternativo. O rolê seria a minha categoria nativa. Infelizmente não foi assim, paciência. Deleuze diz que a aula boa é aquela que os alunos ficam calados e semanas depois interpelam o professor com dúvidas e provocações. Assim me sinto com relação a meu próprio trabalho. Mediano sim, mas com virtuais desdobramentos interessantes.

E justamente tal desembocar o outro ponto reflexivo que quero abarcar aqui. Talvez (e já tenho quase certeza disso), a característica mais interessante da pesquisa seja ter criado uma metodologia etnográfica. O diário que se repete dia após dia no capítulo 3. Ali está a consistência do que propus. A execução foi péssima. A ferramenta criada, no entanto, é bela. Recentemente, trabalhando durante a campanha política de 2018 como fotógrafo, viajei quase 50 mil quilômetros Piauí adentro, num intervalo de três meses. Numa madrugada qualquer, na primeira viagem que fiz a trabalho, dentro de uma Hilux SW4 indo para uma cidade ainda desconhecida por mim, tive um insight. E se eu escrevesse sobre o que estou vivendo e a política piauiense usando o método que usei na dissertação? Bingo. A partir de então passei a fazer um caderno de campo extenso daquela "experiência interior". Acho que tenho material para um livro sobre Piauí, sua política e seu povo. Tudo usando a "autoficção etnográfica" que comecei a desenvolver durante a materialização da minha dissertação. É só o começo, mas confesso que acho que existe muita consistência no que pretendo propor num futuro próximo. O país passa por uma crise sociopolítica de níveis assustadores (o candidato Jair Bolsonaro foi eleito presidente do país hoje). Uma brutal escassez criativa nos assola. Nossas subjetividades estão povoando o deserto do real. Livro (sobre política) é tudo que precisamos. Quem sabe tal ideia não seja inclusive meu futuro doutorado (sim, um ano depois estou decidido que vou encarar esse desafio)?

Por fim, queria apenas dizer que por isso denominei esse momento final de considerações iniciais. Para mim, está só começando. Me sinto finalmente seguro para pensar antropologia e, mais importante, criar antropologia. A dissertação serviu. Valeu o clichê de alguns professores que dizem descompromissadamente que "no mestrado você aprende e no doutorado é que você faz". Ok, aceito o clichê. Talvez tenha sido isso mesmo. A citação que mais gosto de todo o texto é uma de Walter Benjamin, que uso logo na introdução, dizendo que "a obra é a máscara mortuária do processo". O livro que estou lendo no momento (e no

qual estou totalmente apaixonado) é o Testo Junkie, do filósofo espanhol Paul B. Preciado (na minha humilde opinião o pensador mais revolucionário do mundo de hoje). Na obra, Preciado, que é transsexual, relata como foi ter injetado testosterona no próprio corpo. E é sobre isso que ela escreve e do que trata o livro. Na abertura da obra, ela diz que “se o leitor percebe no presente texto uma série de reflexões filosóficas, relatos de aplicações de hormônios e detalhamentos de práticas sexuais, sem as devidas soluções que a continuidade fornece, é simplesmente porque é deste modo que se constrói e se desconstrói a subjetividade”. Então, faço das palavras dela as minhas considerações finais (que na verdade são as iniciais) sobre este relato que derramei aqui durante mais de duzentas páginas. Muito obrigado.


klaus nomi
encore!

REFERÊNCIAS ALTERNATIVAS

VHS; *A Clockwork Orange*; Stanley Kubrick; DVD, Blu-Ray; Stooges; 1969; punk; Iggy Pop; *Marquee Moon*; Television; 1976; Ornette Coleman; caos; *Free Jazz:* A Colletive Improvisation; 1961; Jackson Pollock; *Farenheit 451*; Ray Bradbury; Vera Paz, Mario Quintana; Samuel Beckett; caralho; Jim Jamusch; vampiro; Deleuze; cachaça; *Drácula*, Bjork; doida; *Only Lovers Left Alive*; Iniciantes; Raymond Carver; Old School Kids; Hugo dos Santos/Tupi Machine; Falange; Disney; *Cinderela*; *Alice no País da Maravilhas*; A Espada Era a Lei; Rocky Balboa; *Karatê Kid*; Sessão da Tarde e Cinema em Casa; *Matrix*; *Clube da Luta*; *Dançando na Chuva*; Chaplin; *O Grande Ditador*; Pink Floyd; Apocalipse Now; La Strada, La Dolce Vita; Pasolini; Saló; *O Evangelho Segundo Mateo*; Nani Moreti; Il Caimano; Antonioni; Bertolucci; La Grande Belezza; comédias românticas; Antes do Pôr do Sol; *Game of Thrones*; Breaking Bad; Marvel; Roberto Carlos; Raul Seixas; Elton John; Engenheiros do Hawaii; O Rappa; Los Hermanos; Radiohead; Pink Floyd; produção musical independente; *O Meu Pé de Laranja Lima*; *O Grande Mentecapto*; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; *As Portas da Percepção*; Thiago E; Validuaté; *Neuromancer*; Willian Gibson; distopias; 1984; Um Pouco de A;, Por Favor!; *A Revolução dos Bichos*; *Frankstein*; Mery Shelley; Verdade Tropical; Multidão; Antonio Negri; Michael Hardt; Geração TrisTherezina; Os Donos da Rua; John Singleton; Era Uma Vez Na América; Sérgio Leone; Coração de Luto; Teixeirinha; Um Passo Por Vez; Jair Naves; *Saga de Um Vaqueiro*; Rita de Cássia; *Os Miseráveis*; Victor Hugo; *Palha de Arroz*; Fontes Ibiapina; meu irmão; Marciano Calixto; Frank Farias; Ana Cristina César; L7; Hole; Paulo Machado; Sandra Pesavento; Certeau; caminhadas; Alice in Chains; Patti Smith; Nirvana; Anarcóticos; Foucault; Narguilê Hidromecânico; Quintal do Kilito; Salipi; Praça Pedro II; UFPI; UESPI; lugares; abraço; Roberto Piva; Hilda Hilst; Sylvia Plath; Neil Gaiman; Chagall; Magrite; Dalí; Amaral; avó, Renata Sorrah, Heleninha Roitman; Beatriz Preciado, pré-socráticos; Virginia Woolf; Chagas; Madonna; paquitas; Perduvoyage; Benício Ben; Lady Gaga; Linn da Quebrada; Saramago; Cortázar; Bioy Casares; Macedonio Fernández; Manoel de Barros; Borges; Carlos Drummond de Andrade; Roberto Drummond; Gabriel García Márquez; Patrícia Portela; Matilde Campilho; Deleuze, Hannah Arendt; Sartre; Didi-Huberman; Foucault; Gilbert Durand; Zizek Pierre Soulages; Tomie Ohtake; Franz Kline; Antoni Tápies; Hans Hartung; Adriana Varejão; Philip Roth; Kendrick Lamar; Maria do Socorro Silva; nada; interminável; continua.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. São Paulo: Autêntica, 2013.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: UFMG Editora, 2010.

ANTELO, Raul. Poética do saber e arqueologia do cotidiano. In: LEITE, Ilka Boaventura (Org.). *Ética e estética na antropologia*. Florianópolis: UFSC/CNPq, 1998, p. 47-58.

AUGÉ, Marc. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 2004.

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BECKER, Howard. Conferência: A escola de Chicago. *Mana*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, n. 2, p. 177-188, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*: obras escolhidas. v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. *Sóbrios, firmes e convictos*: uma etnografia dos straightedges em São Paulo. São Paulo: Annablume, 2015.

BYRNE, David. *Como funciona a música*. Barueri, SP: Amarilys, 2014.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade*: a invasão dos bandos sub**.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Aventura das cidades*: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CALINESCU, Matei. *A cinco faces da modernidade*. Lisboa: Vega Editora, 1999.

CAPRA, Fritjof. *Ponto de mutação*: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1986.

CÉLINE, Louis Ferdinand. *Vida e obra de Semmelweis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade*: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2014.

DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.

ESPINOSA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

EUGÊNIO, Fernanda. *Hedonismo competente*: antropologia de urbanos afetos. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 2009.

EVELIN, Marcelo. Entrevista com Marcelo Evelin. *Revista Revestrés*, Teresina, Piauí. Disponível em: <http://www.revistarevestres.com.br/entrevista/o-cabeca-de-cuia-contemporaneo/>. Acesso em: abril de 2017.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GOLDMAN, Márcio. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

_____. Antropologia Pós-Social, perspectivas e dilemas contemporâneos. Entrevista com Márcio Goldman. *CAMPOS*, Revista de Antropologia Social, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 93-108, 2012.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. As três ecologias. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. *Confrontações*: conversas do Kunichii Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2016.

HEMPEL, Carl Gustav. *Filosofia da ciência natural*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996.

JARMUSCH, Jim. Entrevista com Jim Jarmusch. *MovieMaker Magazine*, Seattle, EUA, n. 53, 2004.

LAPOUJADE, David. *William James, a construção da experiência*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LATOUR, Bruno. Entrevista com Bruno Latour. *Revista Cult*, São Paulo, n. 132, jul., 2010.

_____. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Reagregando o Social*: uma introdução à teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço*: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo social*, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

_____. O circuito: proposta de delimitação teórica. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 15, 2014.

MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel; ALMEIDA TRACY, Kátia Maria de. *Noites nômades*: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NODARI, Alexandre. *Limitar o limite*: os modos de existência. São Paulo: n-1 edições, 2016.

PELBART, Peter Pal. *O avesso do niilismo*: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. *O negócio do michê*: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ANPOCS, v. 8, n. 22, p. 137-144, 1993.

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie:* Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAHLINS, Marshall. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SALEM, Tatiana Levy. *A experiência do fora*: Blanchot, Foucault, Deleuze. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.

SLOTERDIJK, Peter. *A mobilização infinita*: para uma crítica da cinética política. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

THOMPSON, Hunter S. *A grande caçada aos tubarões*: histórias estranhas de um tempo estranho. São Paulo: Conrad, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. *Metafísicas canibais*: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WILLER, Claudio. *Os rebeldes*: Geração Beat e anarquismo místico. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

Entrevistas

BEN, Pedro. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, março de 2017.

BTMN, B. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, março de 2017.

CALIXTO, Valciãn. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, maio de 2017.

CASTELO BRANCO, Fernando. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, fevereiro de 2017.

DRADE, Sam. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, maio de 2017.

EVOLET, Frida. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, fevereiro de 2017.

FLAVIA, Renata. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, abril de 2017.

LUWAG, L. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, maio de 2017.

PIAUÍ, André. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, março de 2017.

REBORDOSA, Luciana. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, abril de 2017.

VASCONCELLOS, Abraão. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, maio de 2017.

VELOSO, Regina. *Entrevista cedida a Caio Bruno Silva do Carmo*. Teresina, PI, junho de 2017.

Obras visuais do artista contemporâneo vanguardista

Rony Reis